

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS:

PERCEPÇÃO DE ESTAGIÁRIOS DA
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA FAFIDAM

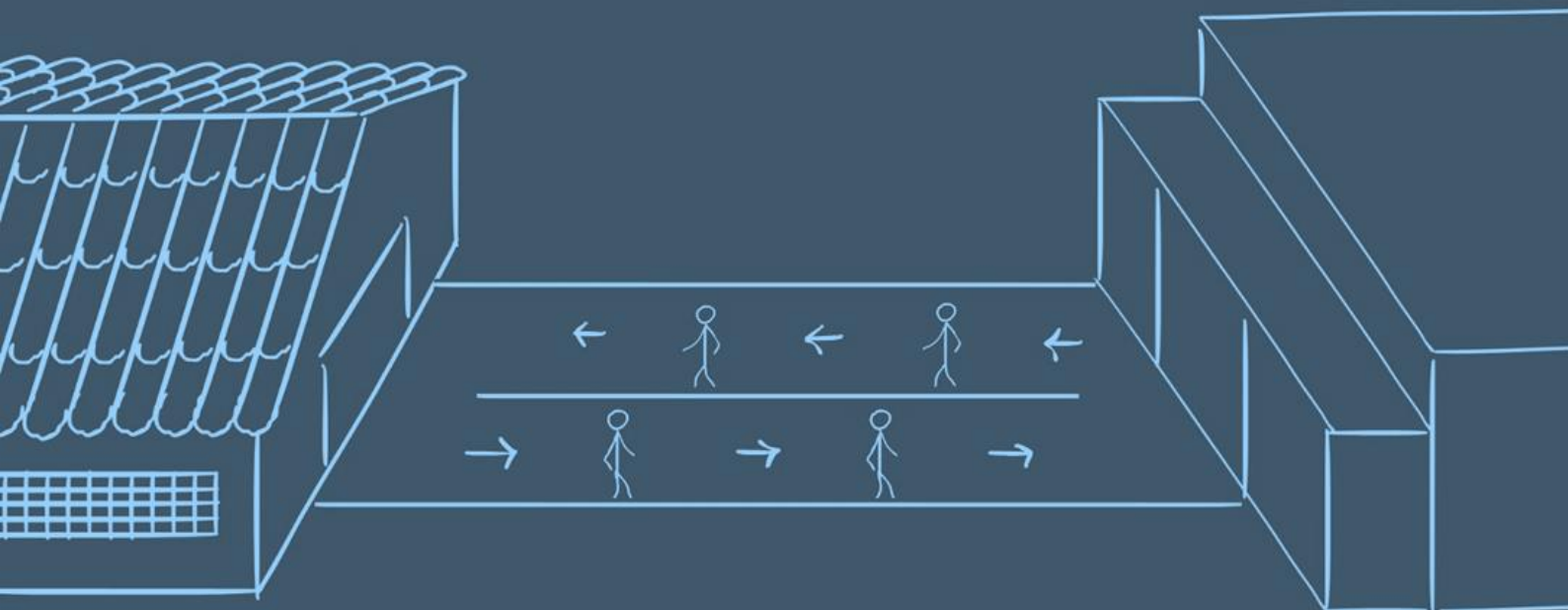
ORGANIZADORES

Francisco Wagner Soares Oliveira

Maria Cristiane Magalhães Brandão

Wanderley de Oliveira Pereira

Ana Carolina Costa Pereira



ESCOLA

UNIVERSIDADE

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS:

PERCEPÇÃO DE ESTAGIÁRIOS DA
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA FAFIDAM

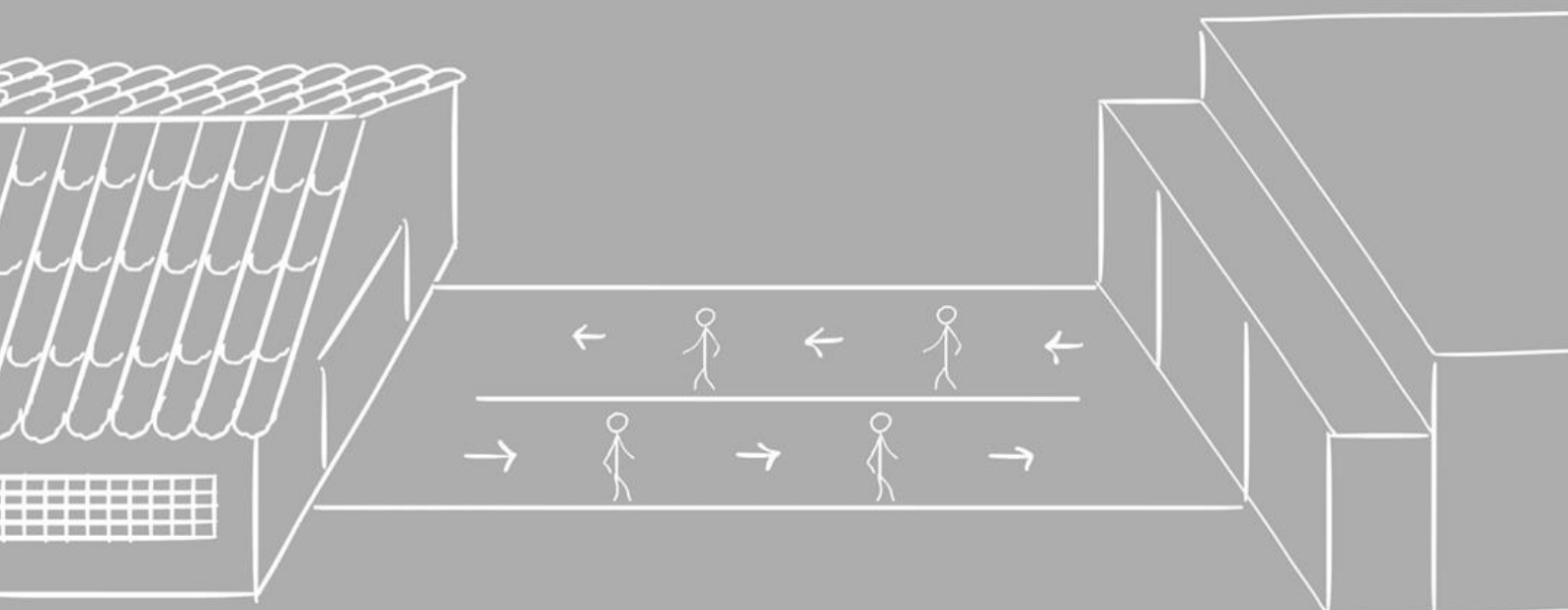
ORGANIZADORES

Francisco Wagner Soares Oliveira

Maria Cristiane Magalhães Brandão

Wanderley de Oliveira Pereira

Ana Carolina Costa Pereira



ESCOLA

UNIVERSIDADE

2024 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Organizadores

Francisco Wagner Soares Oliveira

Maria Cristiane Magalhães Brandão

Wanderley de Oliveira Pereira

Ana Carolina Costa Pereira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Autores/ Organizadores

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Me. Elaine Freitas Fernandes, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Me. Laurinaldo Félix Nascimento, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Oliveira, Francisco Wagner Soares
O48f Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Finais: percepção de estagiários da Licenciatura em Matemática da FAFIDAM / Francisco Wagner Soares Oliveira; Maria Cristiane Magalhães Brandão; Wanderley de Oliveira Pereira; Ana Carolina Costa Pereira (organizadores). – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2024. 276 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5492-051-3

DOI: 10.5281/zenodo.10608120

1. Estágio Supervisionado. 2. Educação Básica. 3. Ensino Fundamental. 4. Universidade. 5. Escola. I. Oliveira, Francisco Wagner Soares. II. Brandão, Maria Cristiane Magalhães. III. Pereira, Wanderley de Oliveira. IV. Pereira, Ana Carolina Costa. V. Título.

CDD: 370.71

CDU: 37

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/no-ensino.html>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.uniesmero.com.br/2024/02/estagio-supervisionado-no-ensino.html>



PREFÁCIO

É sempre gratificante participar de trabalhos, que trazem como enfoque o componente curricular: Estágio Supervisionado. Integrar este coletivo de profissionais, unidos na busca da superação das dificuldades inerentes ao seu fazer docente, nos revela compromisso com a formação dos novos docentes.

Os professores Francisco Wagner Soares Oliveira, Maria Cristiane Magalhães Brandão, Wanderley de Oliveira Pereira e Ana Carolina Costa Pereira no empenho da organização desse livro, nos apresentam as possibilidades de uma vivência efetiva do compromisso com a formação dos novos profissionais do Magistério.

O trabalho de integração entre a Escola e a Universidade, muitas vezes percorre trajetórias marcadas por desencontros burocráticos e institucionais. Acompanhar esta publicação se constitui uma alegria e a esperança de renovadas possibilidades nos caminhos do Estágio Curricular Supervisionado.

Maria Socorro Lucena Lima
Universidade Estadual do Ceará - UECE
Janeiro de 2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO7

Francisco Wagner Soares Oliveira

Maria Cristiane Magalhães Brandão

Wanderley de Oliveira Pereira

Ana Carolina Costa Pereira

CAPÍTULO 1.....18

Do medo ao sonho: rompendo barreiras com o Estágio

Supervisionado no Ensino Fundamental

Letícia de Souza Castro

CAPÍTULO 2.....46

**Desafios e experiências: um relato de uma mãe da educação
de primeira viagem**

Maria Solene Pereira de Oliveira

CAPÍTULO 3.....70

**Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: uma
experiência calorosa**

Francisco Narcélio Nunes dos Santos

CAPÍTULO 4.....89

**Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: descobrindo
o papel da escola na formação inicial do professor de
matemática**

Talita Medeiros Mendes

CAPÍTULO 5.....113

Um olhar heurístico sobre o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental

Alan Goiana Maia

CAPÍTULO 6.....145

Nas entrelinhas da vivência de uma educadora em formação: o enigma intrigante no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental

Laisa Moura Chaves

CAPÍTULO 7.....171

Uma volta no tempo: novas perspectivas e olhares sobre o espaço escolar a partir do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental

Maria Janikelly da Silva Maia

CAPÍTULO 8.....193

Do lixo ao luxo: a pura transição de um estagiário desmotivado à integração no ambiente escolar

Leandro Costa Moura

CAPÍTULO 9.....215

Trilhando caminhos no Estágio: entre desafios e satisfações de uma jornada sem fim

Isabel Silvânia de Lima

CAPÍTULO 10.....238

Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: um laço de união capaz de proporcionar experiências necessárias para o início de uma identidade profissional

Tamiris Paula de Moura

APRESENTAÇÃO

Francisco Wagner Soares Oliveira

Maria Cristiane Magalhães Brandão

Wanderley de Oliveira Pereira

Ana Carolina Costa Pereira

Este livro é fruto da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Finais, a qual foi ofertada no segundo semestre do ano de 2023 pelo curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM. Essa instituição está situada no município de Limoeiro do Norte, na região do Vale do Jaguaribe, no estado do Ceará. Diante dessa localização, a FAFIDAM recebe discentes de todas as cidades do vale.

Sob a supervisão do professor orientador da disciplina e escrito pelos estagiários, o livro tem como objetivo apresentar as percepções dos estagiários da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental sobre as vivências experienciadas na universidade e nas escolas campo. As escolas parceiras que receberam os discentes dessa disciplina de estágio localizam-se nos municípios de Jaguaruana, Russas, Limoeiro do Norte e Tabuleiro do Norte.

Em relação ao Estágio obrigatório presente no currículo de cursos de graduação, sabe-se que, principalmente pelas atividades e práticas de ensino experienciadas, ele se torna um eixo central para impulsionar o desenvolvimento profissional, em especial, de professores em formação inicial (Lima, 2008).

Consciente desse fato, a FAFIDAM, já há 55 anos de resistência, ensino, pesquisa e extensão vem dando importância ao Estágio obrigatório em seus cursos de formação de professores.

A relevância dada pela FAFIDAM ao Estágio, possivelmente tem contribuído para que ela tenha se configurado como uma instituição reconhecida pela excelência na formação de professores, a qual atualmente conta com 8 (oito) cursos de licenciatura, distribuídos nas áreas de linguagens, matemática, ciência da natureza e ciências humanas.

Sobre essa excelência na formação de professores, quando se olha, em específico, para o Estágio supervisionado, nota-se que o projeto formativo desenvolvido pela FAFIDAM está pautado na Resolução Nº 4441/2019 – CEPE, de 05 de agosto de 2019, a qual regulamenta o Estágio obrigatório e não-obrigatório dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Ceará. Nesse documento norteador, verifica-se que o Estágio é visto como o momento propício “[...] para exercitar as atividades próprias de sua profissão, visando ao seu desenvolvimento para a vida cidadã e para o trabalho e à compreensão da realidade social de forma crítica” (Ceará, 2019, p. 3).

Nesse sentido, entende-se que o Estágio é visto por esse documento regulatório como um campo de conhecimento, o qual vai possibilitar experiências, vivências e reflexões sobre o exercício da profissão docente. Esse conceito de Estágio como campo de conhecimento vai ao encontro do que defende Lima (2008), segundo a autora, isso se justifica pelo fato de o Estágio envolver “estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções para o ensinar e o aprender e compreende a reflexão sobre as práticas pedagógicas [...]” (Almeida; Pimenta, 2014, p. 29).

Foi diante desse conceito de Estágio que se buscou desenvolver a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental do curso de Licenciatura em Matemática da FAFIDAM, no segundo semestre de 2023. O curso oferta essa

disciplina para alunos do 7º (sétimo) semestre, contudo, ela também pode ser cursada por estudantes de semestres anteriores, desde que já tenham concluído a disciplina de Didática Geral do 3º semestre.

Sob um total de 8 (oito) créditos, os quais totalizam 136 horas/aulas a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, tal como prevê o projeto pedagógico de curso, tem sua carga horária distribuída igualmente em atividades na universidade e em outras a serem desenvolvidas nas escolas campo de estágio. Essa dinâmica se justifica pelo fato de compreender que, no Estágio, universidade e escola são ambas coformadoras dos discentes em formação inicial.

Nessa perspectiva, entende-se que, no decorrer da disciplina de estágio supervisionado, não bastaria solicitar aos estudantes o desenvolvimento de atividades práticas nas escolas campo, pois, como aponta Fiorentini (2004), a prática em si ela não é formadora. Desse modo, compreende-se que também é importante incorporar durante o processo da disciplina outros momentos na universidade. Assim, pode-se, no ambiente universitário, instigar os discentes a refletirem sobre as situações vivenciadas na escola.

Essa dinâmica, possivelmente pode favorecer para que os estagiários compreendam que o Estágio supervisionado não é só prática, mas que também é teoria, que teoria e prática andam juntas, ou melhor, que na nossa atividade docente elas não se separam (Pimenta, 2009; Lima, 2008, 2012). Essa concepção, vai ao encontro da ideia de práxis destacada por Lima (2012) onde a teoria é concebida como a intenção e a prática é entendida como a ação, pelo que destaca a autora, compreende-se que a práxis pode ser vista como um processo constante de ação e reflexão do professor, que o leva a uma ação-ressignificada.

No que se refere agora, em particular, à carga horária destinada aos momentos vivenciados na universidade, é válido destacar que, em linhas gerais, ela foi distribuída em 4 (quatro)

momentos, a saber: 1) encontros voltados à discussão de alguns textos acadêmicos e diálogo sobre as vivências nas escolas campo de estágio; 2) encontro voltado ao diálogo com um professor da Educação Básica, sobre as principais demandas, desafios e potencialidades da atividade docente na atualidade; 3) regências dos estagiários sobre conteúdos trabalhados nas turmas de Ensino Fundamental – Anos Finais; e 4) encontros voltados às orientações e discussão sobre a escrita do relatório final.

Em todos os encontros do primeiro momento da disciplina na universidade, inicialmente, era dada voz a cada um dos discentes para que pudessem compartilhar as vivências experienciadas durante o contato com a escola campo, após a fala de um estudante, outros comentavam. Essa prática permitia constantemente um diálogo e reflexão, os quais eram endossados e direcionados pelo professor orientador da disciplina. Posteriormente, ainda nessa mesma perspectiva dialógica, os discentes compartilhavam suas inquietações e observações provocadas pela leitura de um dos textos previstos para a disciplina. Nessa última etapa dos encontros, os estagiários também buscavam aproximar a experiência nas escolas com alguma consideração apresentada nos textos. Desse modo, compreende-se que esses encontros se aproximam, mesmo que superficialmente, da proposta de construção de comunidades de investigação, tal como propõem Lima (2012) e Fiorentini (2004) ao falar do estágio como pesquisa.

Os textos trabalhados foram:

- Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores de Lima (2008);
- A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica de Dauanny, Lima e Pimenta (2019);
- Estágio e docência: diferentes concepções de Lima e Pimenta (2006);

- Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores de Santos e Garms (2014);
- Criar uma forte cultura escolar de Lemov (2011).

Os três primeiros, respectivamente, foram trabalhados com a finalidade de caracterizar a disciplina de estágio supervisionado, assim como, ainda, evidenciar que o estágio se constitui como um campo de conhecimento. Também discutir sobre a ideia de um professor intelectual crítico reflexivo, o estágio como atividade teórica e prática, a possibilidade de aproximar a pesquisa do estágio, entre outros pontos.

O quarto texto, teve como finalidade discutir sobre o método autobiográfico como possibilidade para narrar trajetórias e experiências profissionais. A ideia foi que os discentes pudessem compreender que a construção das narrativas autobiográficas promove uma constante reflexão que pode favorecer para a construção de sua identidade docente. A intenção também foi que reconhecessem que o método também dá abertura para escrita em primeira pessoa, e que existem diferentes tipos de narrativas, sendo que as que mais se aproximam da proposta do relatório são as narrativas de práticas reflexivas e as narrativas sobre trajetórias, na qual se deve refletir sobre o passado e projetar o futuro.

O último texto, como criar uma cultura escolar forte, entrou em cena como forma de elucidar discussões sobre alguns princípios da cultura escolar, a saber: disciplina; gestão; controle; influência; e engajamento. O texto também propiciou diálogos sobre as técnicas propostas, rotina de entrada, faça agora, breves transições, controle do material, posso, em suas marcas, comunicação por sinais e a técnica do vivas.

Como destacado anteriormente, o segundo momento da disciplina de estágio na universidade, o qual esteve voltado ao diálogo com um professor da Educação Básica, sobre as

principais demandas, desafios e potencialidades da atividade docente na atualidade. O foco foi possibilitar os discentes terem um contato com um professor que experienciou os desafios do ensino remoto, impulsionado pela pandemia de Covid 19, que também está vivenciando as adaptações ocorridas no ensino de matemática mediante a tentativa de cumprimento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC e, em especial, no contexto cearense, do Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC. Compreende-se que com esse diálogo, ampliam-se as possibilidades de os estagiários perceberem “[...] as marcas do tempo que estamos vivendo, das políticas de educação, da legislação vigente, das atuais tendências pedagógicas e da ideologia” (Almeida; Lima; Silva, 2002, p. 15).

O terceiro momento dos encontros da universidade, esteve dedicado ao desenvolvimento de regências dos estagiários sobre conteúdos trabalhados nas turmas de Ensino Fundamental – Anos Finais. Nessa etapa, foram discutidos tópicos relacionados à dinâmica de sala de aula, à elaboração de planos de aula, ao posicionamento/postura do professor durante uma aula, à BNCC e ao DCRC como documentos norteadores. Esses momentos se fizeram necessários para dar suporte aos discentes para poderem dialogar com mais propriedade junto aos professores supervisores das escolas campo de Estágio.

Em relação à quarta e última etapa da disciplina desenvolvida na universidade, como dito anteriormente, ela foi dedicada para orientações e discussões sobre a elaboração e escrita do relatório final. Os discentes recebiam orientações, traziam dúvidas e textos escritos por eles para leitura e discussão, no sentido de favorecer o aprimoramento da escrita, não só sobre o padrão da língua portuguesa, mas também sobre posicionamentos e uso de abordagens teóricas sobre o estágio supervisionado.

Dito isso, cabe, ainda, mencionar os diferentes momentos em que os discentes tiveram para desenvolver as atividades na escola campo de estágio, a saber: 1) reconhecimento da escola e entrevista com o professor; 2) estágio de observação; 3) elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor; 4) auxílio ao professor; e 5) regências de sala e aplicação do projeto didático.

Com essa divisão, espera-se possibilitar aos estagiários adquirirem diferentes lições durante o desenvolvimento do estágio, as quais os situem no contexto, no ambiente e na realidade ao qual o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve. Dentre as lições que podem ser elucidadas, Lima (2008) sinaliza as lições aprendidas na localização da escola, lições aprendidas na chegada, lições aprendidas entre o dito e o feito, entre o escrito e o vivido, lições do projeto político pedagógico da escola, lições decorrentes da interação de saberes, lições dos procedimentos de investigação, lições da escola em movimento, lições da observação e atuação na sala de aula.

Na primeira etapa do estágio, vivenciada na escola, durante o reconhecimento, os estagiários tiveram que buscar conhecer alguns elementos da escola campo de estágio, por exemplo, os espaços de sua estrutura física, assim como o quadro de funcionários e projetos didáticos desenvolvidos. A entrevista com o professor supervisor, teve como uma de suas finalidades aproximar o docente do estagiário. Dentre os temas abordados no questionário, tem-se: experiências com o magistério, estratégias de ensino e aprendizagem, planejamento e alguns elementos a considerar na elaboração de planos de aula.

A segunda etapa, estágio de observação, como o próprio nome sugere, foi o momento de o estagiário observar a escola em movimento, agora não mais com um olhar de aluno, mas sim, um olhar pedagógico que deve ter um professor. Contudo, foi dado um maior direcionamento a observação do trabalho do professor supervisor em sala de aula, as estratégias e recursos

didáticos usados para o ensino, à dinâmica e à rotina de sala de aula e à interação dos estudantes durante as aulas.

Chegado o momento da terceira etapa, os estagiários, juntamente com o professor, tiveram que elaborar o plano de estágio, o planejamento das regências e projeto didático com o professor. Nesse período, foi valorizado o planejamento das regências, o qual elucidou discussões sobre os objetos de conhecimento, as habilidades, a definição de objetivos, metodologias, procedimentos de avaliação, entre outros elementos.

Na quarta etapa, a qual esteve voltada ao auxílio ao professor, os estagiários foram orientados a ajudar o professor supervisor durante todos os momentos das aulas. As contribuições foram, por exemplo, na elaboração e aplicação de recursos didáticos, ajuda aos alunos com dúvidas durante a resolução de exercícios, auxílio na montagem de equipamentos de cunho técnico e resolução de exercícios na lousa.

A última etapa, regências, foi o momento de os estagiários vivenciarem o exercício da profissão docente. Essa vivência, ao contrário do que recorrentemente se tem pensado, ela é, em essência, teórica, pois os discentes apenas se aproximam da realidade de uma regência em sala de aula, é apenas uma preparação, em outras palavras, é instrumentalizadora da práxis do professor em formação inicial (Pimenta, 2009).

Diante dessas etapas experienciadas pelos estagiários na escola campo e das outras vivenciadas na universidade, eles produziram o relatório de Estágio. Para a estrutura do relatório, buscou-se valorizar categorias apontadas pelos textos trabalhados na primeira etapa da disciplina, por exemplo, o estágio e pesquisa, o estágio como momento de formação da/ e para a prática, articulação entre teoria e prática.

Os capítulos expostos no decorrer desse livro, são um recorte do relatório produzido pelos discentes como requisito para aprovação na disciplina. A estrutura dos capítulos

contempla 5 (cinco) seções. Na primeira trazem uma introdução, onde eles dedicam-se a apresentar o estágio, destacam a escola campo e alguns momentos que julgam relevantes da trajetória. Posteriormente, na segunda, falam do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, onde buscam contemplar as etapas do estágio. Na seção seguinte, expõem um relato reflexivo sobre uma das atividades desenvolvidas no estágio. Na quarta seção, eles trazem algumas contribuições do estágio para a formação e, por fim, expõem as considerações finais.

Como já assinalado, considerando o que trazem Santos e Garms (2014), entende-se que a escrita dos discentes vai na direção de trabalhos que se aproximam do método autobiográfico e da metodologia de narrativas. Desse modo, compreende-se, ainda, que cada capítulo pode ser fonte de aprendizado e de inspiração para licenciandos e professores, pois os estagiários trazem as tensões, as experiências, as reflexões, as angústias e as contribuições do estágio. Diante dessas percepções, os leitores podem verificar elementos que sinalizam para o estágio enquanto atividade instrumentalizadora da práxis do futuro professor de matemática.

Mesmo cada capítulo contemplando as mesmas seções, percebe-se que, ainda assim, eles nos provocam sensações e reflexões diferentes. Isso se justifica pelo fato de cada um trazer o modo como o autor/estagiário “sentiu” e foi “impactado” com as vivências experienciadas no decorrer da disciplina. Nos capítulos, podem-se observar, portanto, *insights* do movimento de construção da identidade dos professores de matemática em formação inicial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de, LIMA, M. S. L, SILVA, Silvina Pimentel. **Dialogando com a escola**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs.). **Estágio supervisionado na formação docente**: educação básica e educação de jovens e adultos. São Paulo: Cortez, 2014.

CEARÁ, Universidade Estadual. **Resolução Nº 4441/2019 – CEPE, de 05 de agosto de 2019**. Regulamenta o Estágio obrigatório e não-obrigatório dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Ceará. Ceará/Fortaleza: UECE, 2019.

DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. (2019). A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, (3). 2019. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4274>

FIORENTINI, Dario. A didática e a prática de ensino mediadas pela investigação sobre a prática In ROMANOWSKI, J., JUNQUEIRA, S. (Orgs). **Conhecimento local e conhecimento universal**: pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat, 2004. v. 1, p. 243-257.

LEMOV, D. Criar uma forte cultura escolar. In: LEMOV, D. **Aula nota 10 - quarenta e nove técnicas para ser um professor campeão de audiência**. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Poíesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 8 ago. 2023.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2008, vol.08, n.23, pp.195-205. ISSN 1981-416X. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 ago. 2023.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Héllen Thaís dos; GARMS Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: **II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores**, 2014. p. 4094-4016.

CAPÍTULO 1

Do medo ao sonho: rompendo barreiras com o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental

Letícia de Souza Castro

INTRODUÇÃO

Este relatório tem o objetivo de assinalar todas as experiências que vivenciei durante o período de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, onde pude fazer uma associação entre a teoria vista na Universidade com as práticas realizadas na escola, atuando enquanto estagiária.

Da minha infância até a adolescência, sempre tive uma imensa vontade de ensinar crianças, mas, durante o período na faculdade, tive a oportunidade de substituir, pela primeira vez, meu ex-professor de Matemática em uma escola de Ensino Médio, e ali me encontrei. Ensinando nessa etapa da Educação Básica, pude notar o baixo nível de conhecimento dos estudantes sobre conceitos básicos da Matemática, reconhecendo, como o próprio nome diz, o Ensino Fundamental como essencial na vida dos alunos, e essa exigência de tamanha responsabilidade me gerou um receio em ensinar crianças, o que antes era o meu sonho, se tornou um medo muito grande e o estágio veio para romper essa barreira.

Assim, aqui serão descritas emoções e experiências vividas em duas turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais da Escola de Ensino Infantil e Fundamental José Alves de Moura, localizada na zona rural da cidade de Limoeiro do Norte - CE, escola de uma comunidade vizinha à minha, na qual cursei do 3º ano ao 8º ano do Ensino Fundamental, motivo que me fez escolhê-la para realização do estágio.

O estágio, foi realizado durante as tardes das segundas, quintas e sextas, nas turmas de 6º ano e de 7º ano, e foi dividido em cinco momentos, sendo eles, o reconhecimento da escola e entrevista com a professora, as observações de aulas, a elaboração do plano de estágio com o professor, o auxílio ao professor e, por fim, as regências. Durante a realização dessas atividades todos os membros da escola me trataram muito bem, disseram que teria muito a contribuir e que era uma honra e uma alegria ver retornando para ensinar, alguém que já foi aluna daquela escola, era como o retorno de um trabalho bem desenvolvido.

Da minha infância à vida adulta, sempre fui aplicada em todas as disciplinas, mas a Matemática me encantava. Quando cursava o 6º ano do Ensino Fundamental, uma professora me despertou ainda mais esse interesse e, com o tempo, outros professores fizeram com que me aproximasse mais ainda da Matemática. Embora, ao longo da vida, tenha tido ótimos professores, há dois professores de Matemática que tenho como inspiração, Selma Maria de Araújo e Cícero Roberto Daniel Filho, que perceberam e exploraram minha paixão pela matemática, despertando, ainda mais, meu sonho de, um dia, ensinar.

No 8º ano e no 9º ano, a professora Selma propôs a nós, alunos, formar um grupo para estudar conteúdos das aulas, onde ensinávamos uns aos outros, assim, pude desenvolver essa prática. Além disso, quando havia provas externas, ela me incentivava a estudar e me dava livros para ajudar nesse processo, me incluía até em trabalhos associados às outras disciplinas, por sempre ter me dedicado a todas elas, trazendo resultados não só para a escola, mas, principalmente, para minha formação.

Do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, o professor Cícero desempenhou esse mesmo papel, a diferença é que, nos anos iniciais, ele era professor apenas do meu irmão e veio a ser meu professor somente no último ano do

Ensino Médio, mas isso não o impediu de estar sempre colaborando com meus estudos. Tanto é que, embora tenha concluído o Ensino Médio, ele acompanha meu processo até hoje. Então, esses dois professores foram fundamentais para me tornar quem sou hoje, principalmente o Cícero, que me adotou quase como uma filha.

Quando concluí o Ensino Médio, tinha a ideia de que, embora fosse apaixonada pelo ensino da Matemática, em qualquer profissão que desejasse seguir, me daria muito bem, pela facilidade em se adequar às diferentes situações. No entanto, a realidade foi outra, na época, ainda não tinham sido ofertadas vagas para o curso de Matemática, então procurei algo com cálculos, ingressando no meu primeiro curso superior, Mecatrônica. No início, foi muito bom, mas, conforme os dias iam passando, me arrependia desta escolha, foi quando descobri que maior do que a paixão pela Matemática era a minha paixão pelo ensino, tanto é que ainda fiquei indecisa se cursaria Pedagogia, Matemática, Biologia ou Português, mas segui o sonho de criança e aqui estou, cada dia mais apaixonada pelo ensino da Matemática.

Na graduação, de início, minha maior dificuldade, por ser muito comunicativa, foi iniciar uma faculdade online, por conta do momento pandêmico que enfrentamos, conhecendo poucas pessoas da turma, mas, ainda assim, consegui criar vínculos com muitos colegas, o que me ajudou e motivou bastante. No decorrer dessa fase, decidi que, de fato, ensinar no Ensino Superior não é o que desejo para minha vida, até consegui me identificar com algumas disciplinas, mas, com outras nem tanto. Tive algumas dificuldades em determinados conteúdos, mas sempre tive pessoas, tanto dentro como fora, que contribuíram para que me adaptasse ao curso. Estabeleci ótimas relações com alunos e professores, dos quais, inclusive, teria muitos a citar como sendo alguém de quem desejaria adquirir características e, pelo fato de estarmos em constante aprendizado, acredito que,

somos compostos de características de nossos antigos professores que ficaram na gente e que, muitas vezes, sequer percebemos.

Dessa forma, este relatório está distribuído da seguinte maneira: há um tópico falando sobre o Estágio Supervisionado em Matemática no Ensino Fundamental, relatando os meus momentos vividos na escola, enquanto estagiária, relato reflexivo de uma atividade exitosa desenvolvida durante as regências, contribuições do Estágio Supervisionado em Matemática no Ensino Fundamental, e considerações sobre o estágio e perspectivas de futuro.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Como já destacado anteriormente, a Escola de Ensino Infantil e Fundamental José Alves de Moura está localizada em uma comunidade chamada Sítio Arraial, zona rural de Limoeiro do Norte, em frente à CE-358, e pertence à Rede Pública Municipal.

O momento de reconhecimento da escola foi um grande desbloqueio de memórias. Andar e fotografar todo o ambiente no qual estive inserida por seis anos me fez passar por uma espécie de viagem no tempo, onde pude recordar o sentimento de estar em cada parte daquele lugar, ver pessoas que há muito tempo não via, e sentir falta de outras que já não estavam mais ali, mas que contribuíram grandemente para o meu desenvolvimento enquanto aluna. Pude, ainda, notar algumas modificações na estrutura pessoal e física da escola e nos objetos pertencentes ali. E, embora os tempos tenham passado e tenha havido muitas mudanças, muitos aspectos ainda são os mesmos,

continua sendo uma escola de pessoas humildes, mas que podem crescer na vida através do estudo.

Durante a conversa para o preenchimento do questionário do reconhecimento da escola, pude ver a escola não mais sob um olhar de aluna, mas como de professora, podendo observar as preocupações e os interesses da escola, desenvolvendo e participando de eventos que contribuem para o aprendizado dos alunos. Além disso, pude ver também a dificuldade que a coordenadora enfrentou para conseguir finalizar uma conversa, pelo fato de sempre ter que sair para resolver algumas questões ou de ter que atender algum aluno em sua sala, o que demonstra todo o trabalho e o esforço para cumprir os objetivos escolares.

Na entrevista com a professora, me identifiquei com ela em diversos momentos, pois me senti representada em muitas de suas palavras a respeito do seu envolvimento e da sua paixão pelo ensino, principalmente quando ela mencionou que, antes mesmo de fazer a licenciatura, ela já se sentia professora por ensinar aos seus colegas de classe, o que era algo semelhante à minha realidade, pois, além de ensinar colegas de classe, familiares mais novos, e amigos, também passei três anos sendo professora particular de reforço de todas as disciplinas de séries do Ensino Fundamental. Conversando com a professora, fui capaz de ver seu amor pela profissão e, embora aquele não fosse o seu sonho, a maneira como, mesmo estando sempre muito atarefada, tentava diversificar a aula, a preocupação se determinada metodologia contribui, de fato, para o entendimento dos alunos, transpassam a ideia de carinho, responsabilidade e de cuidado pela profissão e pelos seus alunos, e isso, com certeza, é algo que quero deixar transparecer aos meus futuros alunos.

Desta forma, esta etapa do estágio é de extrema importância, visto que, aflora no estagiário alguns dos sete conhecimentos apontados por Shulman (2015) que todo professor deve ter. Neste sentido, durante este período foi

possível perceber as características da escola, sua história e o contexto na qual está inserida, além de entender seus objetivos, sua organização e as limitações dos professores nas metodologias utilizadas na sala de aula por conta da estrutura escolar.

Além disso, é importante ressaltar que o reconhecimento da escola, associado à entrevista com o professor-supervisor, possibilita ao estagiário, que é recém-saído da sala de aula, como aluno, retornar ao ambiente escolar e ter uma nova visão sobre a escola, vê-la sob uma perspectiva diferente, ocupar espaços e obter informações que antes não eram de acesso do aluno. No meu caso, embora tenha passado anos ali, retornando como estagiária ainda não me sentia confortável o suficiente em estar na sala dos professores, beber água na diretoria, usar o banheiro dos funcionários e entrar na secretaria, o que acredito que seja a realidade de muitos, assim, explorar e conhecer o ambiente a ser realizado o estágio pode contribuir, também, neste aspecto de familiarização com o espaço e as pessoas.

Estágio de observação

Confesso que o período de observação não se restringiu apenas ao tempo destinado a ele, pois durante todo o processo do meu estágio, seja dentro ou fora da sala de aula, sempre pude fazer novas observações e perceber algo novo que me fazia refletir.

Fora da sala de aula, podia observar a entrada dos alunos, dos que iam sozinhos aos que iam acompanhados de seus responsáveis, o carinho dos alunos para com os funcionários, e vice-versa, entre outras situações. Já dentro de sala, pude perceber a rejeição de alguns dos alunos em relação à disciplina de Matemática, o que já era de se esperar, já que é algo muito comum em grande parte dos ambientes em que se menciona o termo “matemática”. Mas, embora haja essa rejeição, algo que me chamou atenção foi, em todas as aulas, a vontade de participação

dos alunos, seja para ler em voz alta ou para escrever no quadro, o que sempre era instigado pela professora, pois, segundo ela, desenvolve a autoconfiança deles. No entanto, no quesito de fazer as atividades em casa, percebi que poucos tentavam, os alunos não demonstravam tanto interesse em realizá-las, por vezes falavam que esqueciam, ainda que fossem trabalhos que eles deveriam entregar na aula seguinte.

Com relação à dinâmica da professora em sala de aula, por vezes, pude perceber a professora deixando agir o seu lado mais compreensivo e amigável, como forma de ganhar a atenção dos alunos, mas também presenciei muitos momentos em que ela parava a aula para dialogar e conscientizar sobre algo que ela não considerava correto, mas que estava ocorrendo repetidas vezes em suas aulas.

Nos momentos de explicação, achei bastante interessante o fato de ela usar elementos do cotidiano dos alunos para ensinar determinados conteúdos, como, por exemplo, a respeito de ângulos de triângulos, ela foi no corredor à frente da porta da sala e pegou emprestada uma das bicicletas para que os alunos pudessem notar os triângulos que ela continha e classificá-los quanto aos ângulos. Um outro exemplo foi a ideia de explicar o assunto de volume medindo as dimensões da sala. O que mostra que, nem sempre, precisam-se de jogos e brincadeiras para conduzir uma aula satisfatória e se fazer entender, apenas de recursos que temos ao nosso redor. Isso me remete, inclusive, a lembrar de um ex-professor meu, que sempre diz que, para que um aluno entenda melhor, devemos usar exemplos nos quais eles tenham acesso, que não há por que medir um reservatório em São Paulo se temos reservatórios tão próximos de nós.

Dessa forma, o período de observações foi fundamental, pois me permitiu muitas reflexões acerca de diferentes ocasiões, fazendo-me pensar sobre como agir e qual decisão tomar em determinadas situações. Durante essa fase, pude compreender como se dava o comportamento dos alunos nesse processo de

aprendizagem e alguns motivos para que agissem assim, consegui entender, também, as ações da professora e sua relação com os alunos, além de suas estratégias usadas nas aulas para conseguir reproduzir a aula em que se planejava.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor

A etapa de elaboração dos planos de estágio foi uma das que me deixou bastante insegura, pois as regências eram simultâneas a elas e, como mencionado anteriormente, ainda era algo que me deixava receosa.

Durante esta fase do estágio, eu tinha sempre o pensamento de querer mudar algo, mas havia um bloqueio no momento de apresentar a ideia à supervisora, não sei se pelo fato de saber que eu estaria sendo avaliada ou se me sentia insegura, no sentido de algo não dar certo. No entanto, essa vontade de tentar diversificar a aula, considero que seja algo positivo, pois pode me ajudar bastante no futuro. Sendo que aulas diversificadas tendem a ser de maior interesse dos alunos, sendo possível, assim, conseguir melhores resultados. Claro que não devemos abolir para sempre o método tradicional de aula, mas é sempre bom ter um plano diferente para aplicar determinado conteúdo que o professor ache que seja mais viável.

Sempre que nos reuníamos para planejar e observar qual conteúdo seria ministrado, refletíamos sobre como determinado conteúdo poderia ser mais bem compreendido, se usando algum recurso diferente ou o método tradicional de aula, assim, fui capaz de perceber que a maior preocupação dela estava na forma que seria mais viável, ainda que exigisse um pouco mais do professor. Além disso, também havia muitas limitações que não nos permitia usar qualquer recurso que desejássemos, seja por parte dos materiais disponíveis na escola, ou até pelo perfil da turma que não se encaixava em qualquer atividade, que era algo que ela sempre buscava me fazer perceber.

Dessa maneira, planejar com a supervisora me fez ver, algo que eu já tinha em mente e que também foi debatido nas aulas do estágio, que é, que nem sempre o que parece funcionar na teoria, funcionaria em qualquer sala de aula de qualquer escola, pois são perfis diferentes de turmas e as escolas também dispõem de materiais e espaços diferentes. Além disso, ela também me orientou o fato de a quantidade de conteúdo por aula também ser separada observando o desenvolver da turma e o comportamento dos alunos.

Auxílio ao professor

Assim como o período de observação, o momento de auxílio à professora também não se restringiu apenas aos horários destinados a ele. Lá, pude auxiliar a professora e a escola em diversas atividades, como o desfile cívico do 7 de setembro, as pesquisas, os preparos e a execução da Feira do Conhecimento, a elaboração, aplicação e correção de trabalhos e de provas, colaboração no momento de tirar as dúvidas de alunos durante as atividades, entre outros meios de auxílio.

Em sala de aula, os auxílios foram momentos muito bons, pois, a todo instante, os próprios alunos me chamavam para ir até eles, isto é, ali, já era uma forma de me aproximar deles e de me sentir menos nervosa durante as regências. Além disso, foi notório o desenvolver da turma na resolução de atividades, pois havia atenção e explicação mais particulares, o que, em minhas práticas, percebi que ajuda bastante os alunos, no entanto, muitas vezes, o professor não tem tanto tempo para destinar a esse ensino individual, ou seja, aquilo que ele vê que é dúvida de muitos, ele opta por explicar de forma coletiva, o que faz com que muitos não consigam entender da mesma forma que entenderiam com um ensino individual. Desta forma, pretendo, para minha futura profissão, estar sempre mesclando essas duas formas de ensino, o particular e o coletivo, na tentativa de que todos os alunos compreendam.

Essas diversas atividades permitiram que pudesse ver e entender um pouco do trabalho que os professores têm para realizar algo que planeje, me proporcionaram também a compreensão das diferentes atividades que são desenvolvidas pela escola, as maiores dificuldades e as limitações. Deste modo, pude concluir que o professor tem um papel que vai muito além de ministrar aulas, já que são inúmeras tarefas que são entregues em suas mãos para serem realizadas em conjunto com os outros membros da escola, dentro dos padrões e das limitações impostas.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

Quando, finalmente, chegou o período de regência, passei por um misto de emoções, havia o medo em ensinar séries menores às que eu estava adaptada, a questão de estar sendo avaliada e, principalmente, o olhar de uma turma cheia de crianças ansiosas por aquele momento, já que, desde as observações, eles me cobravam as regências.

Assim que informei que ministraria algumas aulas, eles ficaram muito felizes e ainda mais agitados. No entanto, eu ouvi uma frase vinda de um dos alunos, em que pude sentir o tom de voz um pouco triste ao falar que “quando o outro estagiário deu aula pra gente, ele foi embora, não quero que a tia Letícia vá embora também”. E, ali, percebi que, às vezes, mesmo com tão pouco tempo, somos capazes de marcar a vida das pessoas.

Ouvi de um professor uma vez que o primeiro passo em uma sala de aula é a conquista dos alunos, pois, sem ela, torna-se muito difícil trabalhar em uma turma e, quando você tem o aluno do seu lado, tudo parece caminhar mais facilmente. E acredito que, de fato, consegui conquistar meus alunos nas duas turmas em que realizei o estágio, pois, eles, embora muito agitados, contribuíram bastante em todas as aulas.

Para as regências, tentei fazer uma associação entre os meus próprios atributos e as características que eu havia

observado na minha supervisora que vi que os alunos se identificavam e respeitavam. Além disso, também procurei manter o padrão de aula que eles estavam acostumados, que era um padrão mais participativo e auxiliar em diversos momentos da aula, sempre corrigindo os erros que cometiam, mas sem envergonhá-los, e elogiando a cada acerto, fazendo com que se sentissem realmente engajados.

Em todas as regências, fui recebida por abraços apertados e boas palavras, não de todos os alunos, claro, mas ser acolhida daquela forma já passava uma energia maravilhosa e me motivava cada vez mais a tentar oferecer a eles o meu melhor enquanto professora e enquanto amiga também. Além disso, os alunos sempre queriam aproximar as cadeiras da minha mesa, me ajudar com a frequência e as correções das atividades, atos simples, mas grandiosos para quem está iniciando. E, por falar em carinho, também recebi uma cartinha de uma aluna, com desenhos e uma frase, o que me deixou muito feliz.

Figura 1 - Cartinha de aluna



Fonte: Acervo da autora.

Mas, o momento que me senti, novamente pronta para ser professora do Ensino Fundamental foi quando uma aluna PcD (pessoa com deficiência), veio até minha mesa e disse que não sabia fazer uma atividade que direcionei, e pude ir explicando de uma melhor forma para ela. Ao explicar essa atividade, notei que ela sabia contar, ou seja, na minha cabeça, muitas barreiras foram quebradas, pois o alerta que recebi era que ela não conseguia aprender, mas, a meu ver, se ela estava conseguindo contar, ela poderia aprender muito mais, mesmo que em um ritmo diferente. Neste momento, fiquei feliz por descobrir isso, mas triste quando lembrei que era meu último dia naquela sala e que todos olhariam para ela como sempre olharam. O fato de ela ser a primeira aluna a me abraçar quando foi dito que aquele era o meu último dia foi muito gratificante. Também me senti muito realizada quando, no 6º ano, por iniciativa dos próprios alunos, eles começaram a me aplaudir, me abraçar e pedir minha permanência na escola. E, no 7º ano, escreveram e desenharam algumas coisas na lousa e pediram também para que eu ficasse.

Assim, este momento contribuiu bastante para que pudesse fazer uma associação entre as minhas próprias características, o aprendizado durante as aulas teóricas de estágio, as observações das aulas com a professora supervisora e os saberes do professor. Além disso, ministrar aulas nessas turmas, sob orientação, supervisão e avaliação, pôde me desenvolver um novo perfil de professora, me fazer estabelecer vínculos com os alunos e a professora, e entender melhor os processos associados à execução do plano de aula, exigindo a formação da minha própria metodologia de ensino.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

Este era o momento que nós, estagiários, tínhamos com o professor da disciplina de Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental para debatermos textos e outros aspectos associados à disciplina. De início, líamos, em casa, textos

selecionados pelo nosso professor, que apresentavam aspectos teóricos importantes para o estágio e o ensino em geral. Lembro que, no começo, costumava sempre reclamar dessa etapa, no entanto, quando iniciei, a parte prática do estágio, pude fazer associações entre os textos lidos e os momentos vividos na escola e, assim, compreendi o quão importante eram todas as leituras e reflexões sobre cada um daqueles textos nas diferentes fases de realização do estágio.

Além disso, em todos os encontros, fazíamos uma roda de conversa para refletirmos sobre o texto da semana, mostrando nossos diferentes pontos de vista acerca dos assuntos trabalhados. Nestes encontros, apresentávamos, também, aos nossos colegas, os nossos diversos relatos de experiência do estágio. Mas, muito mais importante do que falar sobre as nossas experiências, era poder ouvir e ter conhecimento de como estava sendo o estágio dos outros, pelo fato de estarmos em fases diferentes no estágio, já que, embora tenhamos iniciado a disciplina juntos, uns iniciaram o período de estágio antes dos outros, uns tinham mais horas na semana destinadas a essas atividades, então o momento se tornava muito legal e repleto de aprendizado, pois se tratava de olhares, escolas e contextos diferentes.

Inclusive, como estávamos na tentativa de exercer essa função da melhor forma possível, levávamos algumas inquietações sobre o estágio para serem debatidas em sala de aula, na intenção de refletirmos sobre como deveríamos agir diante de determinada situação, como realizar uma atividade sob determinada circunstância, obtendo diferentes opiniões, tanto dos colegas como do professor. Então, além de ser um momento de combinarmos conhecimentos, era também a forma de o professor acompanhar o nosso estágio, fazer críticas construtivas, dar opiniões de forma a contribuir para esse processo.

Ao longo dos nossos encontros, recebemos, também, a visita do professor e coordenador de uma escola de Ensino Fundamental de uma comunidade do nosso município, que falou um pouco sobre a organização dessa etapa escolar, da cobrança feita sobre a escola, da preocupação com o desenvolvimento dos alunos. Falou também do Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) e de sua importância, da rotina de ser coordenador, e de ser professor. Recebê-lo e ouvi-lo contribuiu bastante para a nossa aproximação à realidade do Ensino Fundamental, fazendo-nos entender o papel e trabalho do professor e, também, da escola como um todo e não apenas da sala de aula.

Além disso, como muitos de nós, alunos, nunca havia ministrado nenhuma aula, o nosso professor propôs, antes do período de regências, que fizéssemos o planejamento de uma aula, acerca de um dos conteúdos a serem ensinados na nossa regência, para que pudéssemos realizar essa aula para os nossos colegas. De início, a ideia não pareceu tão boa, pois achávamos que era algo desnecessário, mas conforme foram acontecendo, recebíamos críticas construtivas, opiniões do professor e da nossa turma, tirávamos dúvidas sobre como agir e encontrávamos falhas na nossa própria metodologia, o que contribuiu para que, quem já ensina, pudesse melhorar cada vez mais sua desenvoltura enquanto professor e, no caso de quem ainda não tinha a prática, seria uma preparação.

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação

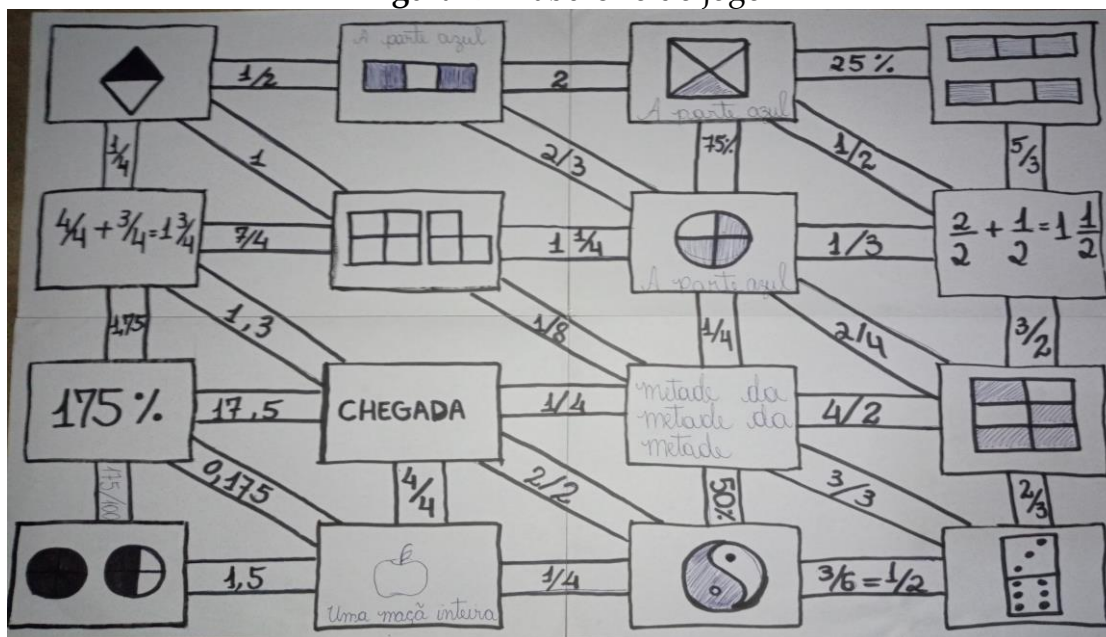
No 7º ano, estávamos estudando a respeito de razões e o próximo conteúdo a ser trabalhado era acerca das diferentes representações de uma razão. Dessa forma, a atividade foi dividida em três momentos, o primeiro seria a correção da

atividade da aula anterior, sobre razão e proporção, o segundo seria a explicação do novo conteúdo, que se deu mais como uma revisão, visto que já é um conteúdo que os alunos veem no 6º ano, e o terceiro, que foi a aplicação de um jogo como forma de envolver a turma e exercitar o que foi abordado na explicação.

No primeiro momento, realizei, junto aos alunos, uma correção voluntária e participativa na lousa, onde eles interagiam e todos se ajudavam para que a atividade pudesse ser corrigida corretamente na lousa. No segundo momento, como dito, a explicação foi semelhante a uma revisão, mas alguns ainda apresentavam dificuldades, então eu explicava de forma mais detalhada. Já o terceiro momento, se deu com uma atividade exitosa, que foi a disputa, em equipe, em um jogo de tabuleiro, que foi escolhido após muitas pesquisas que fiz sobre formas interativas de como explicar as diferentes representações de razões, de modo que pudesse favorecer a fixação do conteúdo pelos estudantes.

Podemos observar na Figura 2 o tabuleiro que foi utilizado para a realização do terceiro momento da atividade:

Figura 2 – Tabuleiro do jogo



Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, como podemos perceber, o jogo utilizado consiste em um tabuleiro com 16 casas que possuem desenhos representando frações, existem, ainda, caminhos distintos para chegar às casas vizinhas, no entanto, cada um desses caminhos possui frações escritas em diferentes formas, assim, os alunos deveriam seguir o caminho em que a fração dele fosse equivalente à fração da casa em que ele se encontra. A primeira equipe que chegasse até o final, ganhava o jogo.

Em cada rodada, apenas um dos peões podia se locomover, a vez de tentar avançar o peão, em todas as rodadas, era dada pelo maior número obtido no lance do dado por cada equipe. O tabuleiro era o mesmo, então quem saía na frente tinha vantagem por estar na liderança, mas o outro jogador tinha vantagem pois podia seguir o mesmo trajeto do que saiu na frente, ou de ter uma nova tentativa caso o da frente errasse. Além disso, também havia desvantagens para ambos, o jogador mais à frente teria que ter o cuidado de responder corretamente, mas o de trás também corria o risco de esquecer o caminho traçado e ter que agir por conta própria.

A escolha de uma atividade mais dinâmica se deu por conta do pedido dos alunos por uma aula diferenciada, que não englobasse apenas aulas teóricas, atividades e correções. E, como as representações de razões era o próximo assunto a ser ministrado, a atividade deveria girar em torno desse conteúdo.

Assim, pesquisei por ideias de como trabalhar esse assunto de uma forma diferente, encontrando o tabuleiro usado, então reproduzi o tabuleiro utilizando folhas, pincel e fita adesiva.

Elementos que nortearam a atividade

Como forma de expor a atividade desenvolvida, no quadro 1, a seguir, pode-se observar elementos do plano de aula utilizado para a sua execução:

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano		7º ano.
Unidade temática		Álgebra; Números.
Objeto de conhecimento		Problemas envolvendo grandezas diretamente proporcionais e grandezas inversamente proporcionais; Fração e seus significados: como parte de inteiros, resultado da divisão, razão e operado.
Habilidade		(EF07MA17) Resolver e elaborar problemas que envolvam variação de proporcionalidade direta e de proporcionalidade inversa entre duas grandezas, utilizando sentença algébrica para expressar a relação entre elas (Ceará, 2019, p. 439). (EF07MA08) Comparar e ordenar frações associadas às ideias de partes de inteiros, resultado da divisão, razão e operador (Ceará, 2019, p. 437).
Objetivos	Docente	Explicar o conceito de proporção; Ensinar a verificação de proporcionalidade entre duas razões; Auxiliar na resolução de problemas envolvendo proporção; Explicar as diferentes representações de uma fração.
	Aluno	Entender a ideia de proporção; Calcular se duas razões são proporcionais; Resolver problemas de proporcionalidade; Entender as diferentes representações de uma fração.
Materiais necessários		Pincel, quadro branco, apagador, livro didático, tabuleiro do jogo (feito com folhas de ofício, fita adesiva e pincel), dado e peões.
Conhecimentos prévios		Multiplicação e divisão.
Procedimentos/ instrumentos de avaliação		Será dada a partir da participação no momento da correção, da explicação oral e do jogo proposto.
Duração		2 horas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como o terceiro momento da atividade era como uma revisão de conteúdos simples de séries anteriores, fez com que

necessitasse de conhecimentos prévios apenas sobre multiplicação e divisão, já que, durante a aula eles já estavam aprendendo sobre razões.

Embora a atividade como um todo tenha sido bem sucedida, considero que a questão do tempo tenha sido um empecilho, pois eu não sabia exatamente quanto tempo eles levariam para realizar cada um dos momentos da atividade, isso foi um pouco preocupante, o medo de não dar tempo concluir e, ao mesmo tempo, de o tempo ser suficiente e acabar sobrando, que foi o que ocorreu, restaram, em média, 10 minutos e, como eles já estavam agitados devido o jogo, propus que fizéssemos, ainda com as mesmas equipes, uma força matemática, o que foi bastante interativo.

Desenvolvimento da atividade

Iniciamos com a correção da atividade das páginas 214 e 215, do livro de José Ruy Giovanni Júnior e Benedicto Castrucci, *A Conquista da Matemática*, do 7º ano, onde os alunos se ofereceram para realizarem a correção no quadro, de forma alternada, sendo que, aqueles que não gostavam de escrever no quadro, ajudavam de seus lugares.

Após a correção, pedi para que eles abrissem o livro didático nas páginas 207 e 208, para explicar as diferentes representações de uma razão, ou seja, a forma decimal e a percentual, ou em frações. A explicação ocorreu detalhadamente, mas era um assunto rápido de se trabalhar, pelo fato de já ser do conhecimento deles.

Ao fim da explicação, questionei se preferiam uma atividade do livro ou uma outra atividade e eles optaram por não utilizar o livro. Assim, para iniciar a terceira parte da atividade, pedi que dois alunos “tirassem ímpar ou par” e fossem formando suas equipes, cada um desses dois escolhia um aluno por vez, dos alunos restantes. Conforme eles iam entrando nas equipes, uma das alunas anotava os nomes dos integrantes na lousa. Os

grupos foram montados duas vezes, pois ao final da primeira, muitos queriam desistir de brincar pela equipe em que estavam inseridos, quase cancelei o jogo e parti para a atividade do livro que abordava o mesmo assunto que seria trabalhado no jogo, mas eles entraram em um acordo de que deveriam separar as equipes novamente, o que foi apoiado pela maioria deles.

Após os grupos montados, expliquei a ideia do jogo na lousa, desenhando, com o pincel, exemplos diferentes dos que havia no jogo, antes de mostrar a eles o tabuleiro do jogo, para que eles não tentassem responder antes de iniciar.

Antes de cada rodada, era decidido qual das duas equipes movia o peão, a vez de tentar avançar o peão, em todas as rodadas, era dada pelo maior número obtido no lance do dado por cada equipe. Ou seja, um membro de cada equipe lançava o dado, se uma equipe conseguisse um número maior, ela tentava avançar o peão para a casa certa, em seguida, iniciava uma nova rodada e decidia-se quem avançaria o peão, repetindo sempre esse processo.

O tabuleiro era o mesmo, então a equipe que saía na frente apresentava certa vantagem em relação à outra, pois, como estava na liderança, havia maior probabilidade de chegar ao final em primeiro lugar. No entanto, a outra equipe também tinha suas vantagens se, por acaso, isso acontecesse, pois como o trajeto era o mesmo, a equipe deveria apenas seguir o mesmo caminho do peão da equipe que saiu na frente, ou, ainda, de ter a tentativa de alcançar o peão da frente caso a outra equipe errasse e não avançasse.

Além disso, também havia desvantagens para ambas as equipes, o jogador mais à frente teria que ter o cuidado de responder corretamente, mas o de trás também corria o risco de esquecer o caminho traçado, tendo que agir por conta própria.

Assim, expliquei as regras do jogo e coloquei o tabuleiro na mesa, permitindo que fosse iniciado. Conforme as dúvidas iam surgindo ao longo do jogo, eu ia sanando. Muitas vezes,

durante o jogo, era necessário que a professora, junto comigo, controlasse o barulho, pois eles se empolgaram muito.

Quando o jogo iniciou, a sorte parecia estar apenas de um lado, o que gerava muitas risadas, mas nenhum aborrecimento, mas, em algum momento, a equipe que estava à frente errou uma das questões e a outra equipe estava conseguindo obter números maiores no lançamento dos dados e, assim, o final do jogo foi muito legal, pois a equipe que iniciou na frente acabou perdendo.

No geral, todos os alunos que estavam nas equipes participaram ativamente, pois eles acreditavam que a sorte estaria em quem lançasse os dados, então testavam entre eles quem tinha mais sorte. Além disso, embora a equipe tivesse certeza da resposta, os membros combinavam entre eles para que a resposta fosse do acordo entre todos. Embora muitos tenham participado, uns três alunos não quiseram entrar em nenhuma das duas equipes e nem acompanhar o desenvolvimento do jogo.

Reflexões sobre a atividade

No momento da aplicação do terceiro momento da atividade, percebi que uns três alunos não quiseram participar de forma alguma, o que me deixou, de certa forma, chateada. No entanto, optei por não os forçar, pois perderia a essência da aula, então, apenas segui com a atividade, já que muitos estavam ansiosos por isso. Durante todas as jogadas, algo que achei muito bom, e que era a minha intenção desde o início, mas não acreditei que eles fossem fazer, foi ter a participação de todos da equipe, era notória a preocupação deles em combinar em equipe os movimentos que seriam executados, mesmo quando, para eles, a resposta parecia óbvia.

Outro fator negativo que observei durante a realização é que, mesmo parecendo grande e todos que estavam nas equipes conseguiram ter acesso e participar do jogo, considerei o tabuleiro pequeno para que todos ficassem tão próximos quanto quisessem. Além disso, ao final do jogo, sobraram, ainda, cerca

de uns dez minutos da aula, o que eu vi como um ponto negativo do planejamento, já que eles estavam muito agitados por conta do jogo, então seria inviável tentar acalmá-los e exigir que fizessem alguma atividade. Em contrapartida, também era muito tempo para que eles ficassem sem fazer nada. Esse último ponto acredito que decorreu do número de momentos da atividade, pois não tinha total controle da duração.

Perspectivas para futuras aplicações

Eu vejo a aplicação desse jogo como uma excelente atividade prática, visto que, além de poder ser feito com materiais muito simples, também é de fácil manuseio e entendimento por parte dos alunos, podendo, assim, ser mais atrativo para eles. Então, se, por acaso, eu fosse explicar novamente esse assunto em uma outra turma, eu optaria pelo mesmo recurso e manteria as regras. No entanto, para aplicações futuras, o professor poderia tentar pensar em desenvolver alguma atividade, ainda que não fosse escrita, mas que pudesse ser feita individualmente e que tivesse o mesmo princípio do jogo, para aqueles que optarem por não trabalhar em equipe, como forma de incluí-los nas atividades propostas.

Além disso, o aplicador poderia tentar levar um tabuleiro de maiores dimensões, afastar as cadeiras, estender o tabuleiro no chão, permitindo que todos tivessem acesso a alguma parte do tabuleiro, possibilitando mais ainda a interação que a turma demonstrou muito bem, mas que, em outra turma, poderia ser uma falha a ser corrigida.

Como forma de melhorar o tempo gasto na atividade, uma sugestão seria repartir o jogo em três fases, onde para cada fase haveria um tabuleiro diferente, ou seja, seriam desenhados dois novos tabuleiros, então, de certa forma, o jogo triplicaria o tempo gasto, já que seriam três tabuleiros e a equipe ganhadora seria aquela que se saísse melhor em uma maior quantidade de fases.

O professor aplicador dessa atividade, caso deseje, poderia, inclusive, organizar algo como premiação.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

De acordo com Lima (2008), a universidade e a escola, embora desejem formar o professor, apresentam culturas e características que diferem, o que dificulta a aproximação entre elas. Simultâneo a isso, o estagiário, ao mesmo tempo em que cumpre papel de aluno, deseja aprender sobre sua futura profissão. Há, portanto, um encontro de culturas, regras, ações e contextos diferentes que podem e são modificadas com a convivência, estabelecendo uma nova organização para se trabalhar em conjunto.

Neste encontro de diferentes culturas, adquiri muitos aprendizados que vieram para agregar em minha formação e moldaram-me para a futura profissão, construindo minha própria identidade profissional, assim, compreendo que a profissão docente não é como uma “receita de bolo”, é algo que se ensina e se aprende por meio da união entre as teorias estudadas, as vivências, as relações estabelecidas no ambiente, as observações e as regências, podendo ser, todas elas, de forma individual, ou em conjunto, auxiliando sempre na construção da identidade profissional.

Durante minhas experiências em diferentes salas de aula, inclusive no estágio, sempre gostei muito de interagir com todos do ambiente escolar e também de observar ao meu redor, principalmente como se portavam os alunos e os demais funcionários, independente da função que exerciam, mas, no começo, eu não tinha noção da imensidão de aprendizados que tudo isso era capaz de proporcionar, nem, tampouco, de quantas

coisas mais poderiam ser observadas de forma a agregar na minha formação.

Agora já tenho um olhar diferente, percebo que a forma como atualmente me porto dentro do ambiente escolar é consequência de uma série de lições que surgiram de ensinamentos em sala de aula, e das práticas desenvolvidas na escola, ou seja, elas me possibilitaram construir a minha própria forma de ser e de agir como professora.

Durante o estágio, surgiram muitos questionamentos que foram levados adiante e que, provavelmente, só serão respondidos quando novas indagações já tenham surgido, o que forma um ciclo. Ao longo da vida toda, escutei meus professores dizendo frases do tipo “estamos aqui para aprendermos juntos”, “não sei de tudo, iremos compartilhar conhecimentos”, e lembro que, nos anos iniciais, nós, alunos, não víamos tanto sentido, mas, aos poucos, fomos percebendo que não aprendíamos apenas o conteúdo didático ali e, de fato, o professor não era apenas um transmissor, era também um receptor, desde os ensinamentos escolares até conselhos e experiências sobre a vida, então, embora os professores já fossem formados e com a idade mais avançada, eles aprendiam conosco, todos os dias, algo novo.

Da mesma forma, nesse período de estágio, em todos os dias eu aprendia algo, por mais simples que fosse. E, vale ressaltar que, mais do que com a supervisora, aprendi com os alunos. Claro que, com a professora, aprendi muitas coisas sobre o ensino, mas ali, na prática, os alunos me ensinaram a como ensinar eles, a como guiar uma aula satisfatória, a como prender a atenção deles mesmo em algo tão simples, então, o estágio foi um grande contribuinte no meu processo de formação, construindo e moldando a minha prática para a minha futura profissão, já que, o que lá aprendi irá servir para toda uma vida.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

O estágio é um campo de conhecimento que estuda e reflete sobre o professor e sua profissão, teoria e prática. Corroborando com as ideias de Dauanny, Lima, e Pimenta (2019), sobre a questão da não separação entre a teoria e a prática, no que diz respeito à formação do professor intelectual crítico reflexivo, a meu ver, independente do professor que deseja se formar, elas, de fato, não devem separar-se, pois, compreendo que a teoria “nasce”, justamente, a partir da observação de alguma prática, ação ou acontecimento, que podem vir a gerar outras práticas, ou seja, uma está sempre complementando a outra. Assim, há sempre essa ligação entre a teoria e a prática.

Entretanto, podemos observar o Estágio sob dois pontos de vista, isto é, observá-lo destacando os aspectos teóricos ou os aspectos práticos, pois, assim, podemos visualizar melhor cada uma dessas perspectivas e entender que, diferente do que pensava inicialmente, o estágio não é apenas ir para a sala de aula e ministrar aula. Ele é uma forma de promover a reflexão e a investigação e de aproximar, por meio de pesquisas, vivências e teorias, nós, estagiários, das situações e de etapas que podemos presenciar no ambiente educacional futuramente.

Destacando os aspectos teóricos do meu estágio, posso afirmar que ele me possibilitou refletir a realidade, ou seja, trabalhar atividades como conhecimento, embasamento e intervenção na realidade. Já nos aspectos práticos, pude observar a pesquisa como um método para formar um futuro professor. Assim, nós, estagiários, somos sujeitos da aprendizagem.

O Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental visa preparar e contribuir na formação dos professores para o Ensino Fundamental e para a atuação no sistema e unidades educacionais e, por meio dele, compreendi as práticas institucionais e lidei com diversos casos que me situaram no cenário da profissão.

Assim, no ponto de vista prático, como dito anteriormente, pude desenvolver questionamentos, propiciados

pelas teorias, visto que elas “explicam” a realidade. No entanto, muitas dessas indagações obtidas através da atuação na escola, me fizeram realizar pesquisas para entender o comportamento dos alunos, com base no que observei ao longo desse período.

Além disso, do ponto de vista teórico, nas nossas aulas de Estágio, estávamos sempre fazendo pesquisas, para que pudéssemos entender as experiências do estágio e as ideias trazidas pelo professor à sala de aula, para que, posteriormente, pudéssemos associar às experiências vividas no estágio e discutirmos uma variedade de questões do estágio, mostrando suas dimensões formativas e sua relevância.

Assim, no estágio, a pesquisa se aproxima da prática, no sentido de que se procura entender os problemas trazidos pelos professores da disciplina de Estágio, professores das escolas e pelos questionamentos que nós mesmos adquirimos durante o estágio, de modo a solucionar dúvidas e dificuldades sentidas por nós, estagiários, contribuindo para nossa formação docente.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

Segundo Lima e Pimenta (2006), geralmente, ouvimos que o estágio é prático, que a profissão se aprende na prática, que, na prática, a teoria é outra, mas também, que a teoria não se separa da prática, esta última premissa que vai ao encontro à minha linha de pensamento atualmente. Tomando como exemplo, há pessoas que pensam que saber matemática é o suficiente para conseguir ensiná-la, o que não é verdade, é preciso saber, também, proporcionar o meio pelo qual diferentes alunos, de diferentes realidades, possam construir seu próprio conhecimento. No entanto, apenas ter habilidades também não é suficiente, pois apenas elas não funcionam sem os conhecimentos teóricos necessários para as profissões. Assim sendo, não existe prática e teoria completamente disjuntas.

Portanto, é necessário alinhar os conhecimentos teóricos aos práticos.

A docência, assim como outras profissões, é prática, pois se aprende uma ação, mas, sabemos, também, que qualquer profissão é técnica, pois utiliza técnicas para executar as ações.

Embora seja dito que na docência se aprende uma ação, esse processo não ocorre como uma imitação de padrões já estabelecidos, ou seja, não é que o modo tradicional do professor seja simplesmente repassado, já que a realidade da escola e os alunos não são imutáveis. Às vezes, um mesmo professor ensina duas turmas diferentes e nelas age de formas completamente distintas, por já conhecer e saber não exatamente o que fazer, mas ter ideia do como fazer, sabendo que está sujeito, a qualquer momento, a alguma mudança, visto que a prática docente está em constante mudança, não só por conta do comportamento dos alunos, mas pelos avanços tecnológicos que criam sempre novos contextos.

Dessa forma, na Universidade, além de estudar o conteúdo que irei ensinar futuramente, na disciplina de Estágio Supervisionado aprendi, tanto na teoria como na prática, as diferentes formas de como repassar o que aprendi ao longo do curso, entendendo os diferentes contextos em que os alunos estão inseridos, e seus comportamentos, como pensam e agem, configurando o conteúdo e o método da educação. Assim, o estágio é uma forma de aprender na prática e gerar teorias que expliquem práticas futuras, formando um ciclo entre o surgimento de novas teorias e de novas práticas, não sendo possível separá-las.

Durante meu estágio, pude observar quais alunos sentiam mais dificuldade ou em que tipo de atividades se saíam melhor, podendo, assim, adaptar simples métodos, como, por exemplo, uma linguagem diferente, uma aula mais dinâmica, que eu via que trazia mais resultados a eles, ou seja, durante a prática, usei, na maioria das vezes, a teoria para configurar a

própria prática, a fim de que o conteúdo fosse entendido por todos.

Desta forma, prática e teoria andavam sempre lado a lado, articulando-se uma à outra, o que considero que seja de grande importância para o sucesso da docência. No meu caso, essa articulação permitiu que mais alunos entendessem e participassem da aula, muito provavelmente, se tivesse apenas seguido a aula adiante, sem a tentativa de me fazer ser entendida, poucos alunos saberiam o mínimo do que havia sido abordado na aula.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

O período de estágio me trouxe muitos aprendizados, pois, embora eu já atue ensinando, às vezes, em turmas do Ensino Médio, ainda há muito o que aprender e aperfeiçoar. Durante todas as etapas do estágio, pude refletir e entender sobre a importância de cada uma delas no meu processo de formação. A escola, como um todo, foi super companheira, acolhedora e muito presente desde o início, em todas as etapas, o que acredito que tenha simplificado o processo. Além disso, o nosso professor da disciplina de Estágio Supervisionado nos preparou muito bem para cumprir nosso objetivo, desde as rodas de conversa em sala para debater sobre textos e as etapas do estágio até as regências preparatórias que fizemos para ele e a turma. Desta forma, a união entre a Universidade e a escola foi de grande importância para que eu pudesse entender o perfil dos professores e dos alunos desta etapa da Educação Básica, sendo, assim, possível construir a minha própria identidade profissional.

Dessa forma, o Estágio me fez com que conseguisse romper a barreira, que acreditava existir, que me impedia de querer atuar no Ensino Fundamental, hoje o vejo como um possível público a se trabalhar. Embora, ainda não seja como

uma meta, pois desejo ser professora de escola de Ensino Médio, mas já deixou de ser algo a ser evitado, ao contrário do Ensino Superior, onde não me vejo atuando.

No entanto, ainda não sei exatamente o que pretendo fazer após a faculdade, sei o que almejo, mas não tenho muita ideia de qual caminho tentarei trilhar até que consiga. Porém, sei que algumas disciplinas na área da licenciatura ainda me cativam.

REFERÊNCIAS

CEARÁ. **Documento curricular referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. (2019). A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, (3). 2019.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. Poíesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2008, vol.08, n.23, pp.195-205. ISSN 1981-416X. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 ago. 2023.

SHULMAN, Lee S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec | Nova série**, v. 4, n. 2, 2015.

CAPÍTULO 2

Desafios e experiências: um relato de uma mãe da educação de primeira viagem

Maria Solene Pereira de Oliveira

INTRODUÇÃO

A etapa do estágio é a etapa mais aguardada e a mais temida por muitos estudantes de graduação, principalmente na área de licenciatura onde alguns dos alunos tem o estágio como sendo a primeira experiência em sala de aula. Como sou estudante de Licenciatura em Matemática, encarar a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Finais foi algo que não poderia ser adiado e, embora eu soubesse das dificuldades e desafios que um estágio proporciona, eu sabia que precisava enfrentar a realidade de uma sala de aula, pois só após minhas primeiras experiências em sala é que eu saberia qual rumo seguir como futura docente.

Um dos primeiros desafios de ingressar em um estágio é escolher uma escola, principalmente quando não se é da cidade e não se conhece as escolas e os professores do lugar. Para muitos, essa questão não seria um impasse, mas como diz Lima (2008, p. 200):

Há grande necessidade de que o estagiário encontre o seu lugar na escola, dentro das relações de que participa e que o Estágio inclua no seu projeto uma proposta de mudança de enfoque, sugerindo que os alunos reconheçam sua própria presença e o seu papel no local do estágio, em vez de focalizarem suas atenções apenas nos fracassos encontrados. Dessa forma, o período do Estágio/ Prática de Ensino, mesmo que transitório, pode tornar-se um exercício de participação, de conquista e negociação sobre as aprendizagens profissionais que a escola pode

proporcionar.

Então, escolher uma escola com profissionais que me acolhessem e me incentivassem era uma preocupação. No entanto, após conversar com algumas pessoas do município, me indicaram a escola E.M.E.F. Evaldo Holanda Maia e, sem perder tempo fui conhecer o ambiente e a gestão que por sua vez me deu a atenção e a confiança que eu precisava para iniciar o estágio. Ao conhecer a professora que me supervisionaria, minha certeza de que aquela era a escola em que eu precisava estar aumentou e, sendo assim logo combinamos que a turma onde eu exerceria a função de estagiária seria a do 7º ano D sempre no segundo período da tarde todas as terças, quartas e quintas, totalizando uma carga horária de 5 h semanais.

Desde que terminei o Ensino Médio, nunca mais havia entrado em nenhuma escola de ensino básico e, embora tenha passado toda minha Educação Básica sem nunca ter pensado na possibilidade de ser professora, retornar para uma sala de aula agora como uma professora em formação inicial foi algo estranho e satisfatório ao mesmo tempo. Além disso, observar como cada aluno se comportava, trouxe várias lembranças da minha época de escola, me identifiquei com algumas alunas e enxerguei em outros meus antigos colegas. Com isso, relembrei as estratégias dos meus antigos professores e pude observar com cautela as estratégias da supervisora para disciplinar os alunos e assim, pude começar a moldar as minhas próprias estratégias.

Ademais, em meio a essas observações também pude compreender o que dizem Lima e Pimenta (2006, p.6):

os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, sequer pode-se denominá-las de teorias, pois constituem apenas saberes disciplinares, em cursos de formação que, em geral, estão completamente desvinculados do campo de atuação profissional dos

futuros formandos.

Ou seja, nós licenciandos em matemática, por exemplo, vemos na universidade cálculos extraordinários em várias disciplinas, mas não temos nenhuma outra disciplina que ensine como devemos lidar com uma turma de alunos que vem de diferentes contextos familiares e de diversas culturas diferentes. Temos disciplinas que tentam mostrar como é a gestão escolar, mas não temos uma que mostre as dificuldades que vamos enfrentar com os alunos, tornando assim o estágio um desafio ainda maior.

Contudo, em meio a esse aglomerado de informações, mostrarei mais adiante, de forma detalhada e organizada toda a trajetória do meu estágio supervisionado na escola E.M.E.F. Evaldo Holanda Maia. Relatarei todas as minhas experiências como estagiária, desde o reconhecimento do ambiente escolar até as experiências vividas nas aulas de regências.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Fazer o reconhecimento da escola foi um processo interessante pois tive que conhecer tudo do início, desde o trajeto que eu teria que percorrer da minha casa para chegar na escola até conhecer a gestão da concedente. Nas primeiras horas, busquei explicar para a coordenadora as horas que eu teria que cumprir e mostrar a documentação que eu teria que preencher para dar início ao estágio. Com essa primeira conversa, entreguei minha carta de apresentação e consegui obter algumas informações que eram necessários para o preenchimento do termo de compromisso.

Em um outro momento, fui para conhecer a professora supervisora e expliquei que primeiramente precisaria pegar

algumas informações dela para colocar no termo de compromisso e que precisaríamos marcar um dia para fazer uma entrevista. Após explicadas essas informações, foi a hora de combinar com a supervisora em qual turma eu poderia ficar e quais os dias e os horários os quais eu compareceria nas aulas. Com tudo bem delimitado, decidimos dividir a entrevista em duas partes, ou seja, faríamos a entrevista em dois dias, então no primeiro dia fiz metade das perguntas e no segundo dia fiz a outra metade das perguntas.

Para finalizar o meu reconhecimento, dei uma explorada no prédio da escola e registrei alguns espaços com fotos. O prédio da escola E.M.E.F. Evaldo Holanda Maia é composto por seis salas de aula, uma sala de informática, uma sala multifuncional (usada para atender alunos com condições especiais), uma sala para a coordenação, uma sala para diretoria, uma sala para a secretaria, uma sala dos professores, um banheiro para os funcionários, banheiros masculino e feminino para os alunos, uma cantina, pátio e uma quadra esportiva.

No que diz respeito a essa etapa, de fazer o reconhecimento de um novo ambiente escolar não mais como aluna e sim como uma futura profissional docente foi algo inspirador, pois pensar que em breve poderei ser colega dos meus antigos professores é uma grande conquista. Além disso, conhecer a gestão da escola me fez perceber que o mundo da Educação é cheio de questões que não se resumem apenas a levar conhecimento aos alunos, mas tem todo o cuidado para que as pessoas que estão inseridas ou que visitam o ambiente, encontrem um lugar limpo e acolhedor. Acrescento ainda, que com a entrevista realizada com a professora supervisora pude perceber que ainda tenho muito o que aprender sobre o que realmente significa ser professor e com isso, minha curiosidade e ansiedade em começar as atividades em sala aumentaram.

Estágio de observação

Terminado o período de reconhecimento e entrevista com o(a) professor(a) supervisor(a), iniciei minhas observações na turma. Assim, meu processo de observação iniciou-se fazendo o reconhecimento da turma do 7º Ano D. Em meu primeiro dia fui apresentada para a turma pela minha supervisora e fui convidada a dizer algumas palavras para os alunos. Usei esse tempo para dizer meu nome, falar um tempo estimado para o acompanhamento na sala e entre outras informações buscando sempre passar empatia para que eles me enxergassem, não como uma estranha, mas como uma pessoa amigável.

No decorrer dos dias em que fazia minhas observações pude perceber como era o comportamento de cada aluno e, com isso pude enxergar uma sala repleta de pessoas incríveis que precisavam apenas de um empurrãozinho para serem cada vez melhores. Além disso, com essas observações pude refletir e criar formas de como lidar com os alunos nas outras atividades que eu teria que desempenhar como estagiária, tomando sempre como base a forma como a professora supervisora lidava com eles, buscando esclarecer todas e quaisquer dúvidas dos alunos dando atenção de forma igualitária e demonstrando empatia.

Contudo, nesse processo de observação, pude enxergar perspectivas sobre a Educação Básica no Ensino Fundamental. Entre estas perspectivas está o fato de que um professor dessa etapa precisa ter muita paciência e uma capacidade enorme de interatividade para conseguir lidar com os pensamentos dos alunos e conseguir ajudá-los. Isso, pois cada aluno vem de uma vivência diferente e, por vários fatores, essa vivência pode gerar uma indisciplina fazendo com que o professor tenha que desempenhar um papel muito além do que apenas ensinar. Com isso em mente, terminei minhas observações já buscando ideias de como desempenhar um bom trabalho quando chegasse o período das regências e, futuramente, como professora.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e

projeto didático com o professor

O processo de planejamento com a professora supervisora fez com que meu horário de estágio passasse de 5 horas para 7 horas por semana isso, pois o horário que tinha compatível com o da professora era nas sextas-feiras pela manhã. Com isso, combinamos que nós encontraríamos por quatro sextas-feiras seguidas no horário das 9h:10min às 11h para que pudéssemos planejar aulas e elaborar planos que funcionassem na turma do 7º Ano D.

A cada encontro planejávamos as aulas para os dias de terça, quarta e quinta as quais, terça e quinta, seguiam os conteúdos do livro didático e as quartas seguiam o conteúdo de um material complementar que continha questões do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica (SPAECE) e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). No entanto, o conteúdo contido no livro didático nem sempre tinham informações suficientes para que os alunos conseguissem responder as atividades que estavam contidas no próprio livro, com isso, procurávamos informações e até mesmo outras atividades para complementar a aula e termos uma aula mais completa. No que se refere ao material complementar, tínhamos que ver e rever as questões para corrigi-las pois havia algumas incoerências no decorrer do conteúdo.

Com os encontros de planejamento, foi possível que a professora me desse dicas de como explicar algumas partes dos conteúdos para que os alunos conseguissem compreender melhor. Com essas dicas, eu pude criar e levar materiais que ajudassem para uma melhor visualização e compreensão dos alunos para com os conteúdos abordados. Dessa forma, levando atividades impressas e materiais os quais os alunos pudessem manusear, foi possível montar planos de aula completos e coerentes.

Contudo, as horas de planejamento com a professora supervisora me trouxeram muitos aprendizados, entre eles veio

o de conseguir compreender que para tornar-me uma boa professora, dominar o conteúdo, não é suficiente se eu não souber moldá-lo e explicá-lo de forma que seja possível a compreensão de todos. Além disso, nesses momentos também pude entender que planejar aulas é o momento de exercitar a criatividade, ou seja, é o momento de pegar todo o conhecimento que temos e imaginar como aplicá-lo em sala de forma agradável, chamativa e compreensível para assim ministrar uma boa aula.

Auxílio do professor

Nas terças e quartas eram registradas duas horas aulas onde a primeira aula era explicação de conteúdo e a segunda aula era reservada para aplicação e correção de atividades. Por esse motivo, a professora supervisora decidiu mesclar minhas horas de observação com as horas de auxílio, assim eu observava a primeira aula e na segunda aula eu ficava andando pelo meio da sala tentando conversar com aqueles alunos que não queriam resolver a atividade e ajudava aqueles que me pediam ajuda.

Além de ajudar os alunos individualmente a supervisora uma vez ou outra me pedia para corrigir uma ou duas questões na lousa para que eu fosse me adaptando com a escrita no quadro. Com isso, no decorrer das aulas os alunos foram se acostumando com a minha presença e com minha ajuda e, algumas vezes, os próprios alunos pediam para a supervisora “tia, deixa a outra tia corrigir” ou ficavam me chamando para fazer perguntas do tipo “quando você vai da aula?” ou “você vai ajudar a gente hoje?”. Essas perguntas e intervenções dos alunos de querer minha ajuda me deixou motivada para ajudá-los e, a cada nova aula, eu buscava novos métodos para explicar as questões e ficava sempre atenta as atividades que a supervisora passava, pois queria auxiliá-la da melhor forma possível.

Nessas horas de auxílio eu pude conhecer a turma individualmente, abrindo espaço para conversar com aqueles alunos mais indisciplinados, na tentativa de fazê-los se

interessarem pela matéria ou pelo menos tentarem fazer o máximo da atividade proposta. Além disso, essas horas me fizeram perceber quais eram as dificuldades de cada um e quão grande era o esforço e a vontade de aprender de cada um. Assim, tendo essa percepção pude pensar em aprimorar a minha linguagem para conseguir explicar com clareza tudo que os alunos perguntassem e assim, conquistar ainda mais a confiança deles em me ter como professora.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

Embora nas aulas de auxílio eu tenha tentado buscar conquistar a confiança dos alunos, o fato de eu não dar ordens diretas para os alunos fez com que eles ficassem um pouco agitados em relação as minhas primeiras regências, no entanto desde o período das observações eu pensava em formas de como conseguir controlar os alunos e assim, no decorrer das aulas, eu busquei colocar essas ideias em prática para ver quais funcionavam e quais precisavam ser aprimoradas.

Minhas aulas de regência, as quais era usado o livro didático, eram relacionadas a unidade temática de geometria que se encontrava na unidade 6, página 164 do livro didático. Com isso, os capítulos foram abordados em ordem sendo eles: 1. ângulos; 2. Retas; 3. Triângulos; 4. Polígonos regulares; e 5. Circunferências. No que diz respeito as aulas onde eram usados o material complementar, vimos questões relacionada a frações, números racionais e equações (que estava dividido em dois capítulos, um com conceitos iniciais sobre variáveis e outro comentando sobre lei de formação).

Contudo as aulas de regência foram, para minha formação, um desafio cheio de obstáculos e controvérsias, isso ocorreu pelo simples fato de eu nunca ter entrado em sala e, conseqüentemente nunca ter colocado um plano de aula em prática. Outro fator que dificultou minhas aulas foi o fato de minha voz ser baixa e eu ter sempre que força-la para tentar falar

mais alto para que a turma toda conseguisse me ouvir. No entanto, embora esses fatores tenham complicado minhas regências, considero que esses momentos de ministrar aulas e estar à frente de uma turma foi satisfatório, foi uma experiência que me deu motivação e que me deixou curiosa, será que todas as turmas são assim? Será que existe alguma turma que eu vou conseguir controlar melhor? Será que algum dia eu vou ser uma professora amada pelos alunos? Bem, tais perguntas só serão respondidas futuramente.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

Em nosso estágio supervisionado, além das atividades nas escolas também tínhamos encontros na universidade, os quais tinham como uma de suas finalidades servir para que nós universitários pudéssemos expor como estava nosso andamento nas atividades na escola e relatarmos como estavam sendo nossas experiências. Além disso, nas primeiras cinco semanas tínhamos como atividade fazer a leitura de um texto, fazer uma síntese sobre esse texto e fazer uma crítica sobre ele. A partir dessa crítica, fazíamos discussões em sala sobre o texto a fim de demonstrar nossas reflexões e opiniões sobre os assuntos lidos.

Outrossim os momentos em que discutíamos sobre os textos, acabavam sendo bem demorados pois as opiniões sempre geravam mais opiniões que faziam as falas se prolongarem cada vez mais. Porém, embora demorados, esses eram os momentos mais divertidos dos encontros, pois por muitas vezes, as opiniões expostas eram trazidas de forma extrovertida acarretando sempre muitos risos e tornando assim a aula um pouco mais tranquila.

Ademais, terminadas as leituras dos textos, fomos desafiados a criar miniaulas que correspondessem a algum plano de aula de alguma de nossas possíveis regências. Com isso, poderíamos pegar as metodologias e técnicas dos nossos colegas como exemplo para aplicarmos determinados conteúdos em

nossas regências. Além disso, ao fim das apresentações de cada semana, as pessoas que apresentavam recebiam críticas construtivas do professor orientador do estágio as quais tinham como objetivo melhorar nossa metodologia e aguçar nossas técnicas e assim, fazer com que nossos planos de aula ficassem mais coerentes e completos.

Contudo, esses encontros na universidade foram bem interessantes, o fato de escutar os relatos de como meus colegas estavam se saindo na escola me fez perceber que cada um está vivendo uma experiência diferente pois era notório perceber que cada um de nós pegou uma turma com comportamentos diferentes, algumas turmas mais calmas e outras mais agitadas.

Além disso, assistir as miniaulas também trouxeram pontos positivos, pois o fato de ver as ideias dos meus colegas de como ensinar determinados conteúdos de alguma forma me conduziram a pensar em novas formas e métodos de como planejar uma aula. Acrescento ainda que as questões discutidas a respeito dos textos se fizeram realmente necessárias pois no decorrer das horas vivenciadas na escola era possível associar algumas passagens dos textos. Com isso, vivenciar esses momentos de estudo e reflexão na universidade me fizeram perceber que inevitavelmente “[...] o processo reflexivo proporciona estabelecer as relações entre o que acontece na prática educativa e os seus determinantes externos” (Dauanny, Lima; Pimenta, 2019, p. 5).

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação

Nesse tópico veremos uma experiência relacionada a uma das regências que ministrei na escola campo de estágio. O conteúdo escolhido para ser aplicado nessa regência seguiu o cronograma de aulas o qual a professora deveria contemplar.

Esse cronograma, segue à risca os conteúdos que estão presentes no livro didático e por esse motivo a regência aqui relatada será sobre uma atividade aplicada na turma do 7º ano D da escola E.M.E.F. Evaldo Holanda Maia que consistia em alguns conceitos sobre triângulos tais como, a condição para a existência de um triângulo e a soma dos seus ângulos internos.

Elementos que nortearam a atividade

Obviamente planejar uma aula não é uma tarefa fácil, pois escolher formas de como ensinar determinado conteúdo, adaptar a linguagem para melhor compreensão do aluno, criar materiais apropriados para o nível da turma e pensar em mil formas diferentes de como explicar uma única coisa é algo que exige tempo e paciência. No entanto, quando se trata de um conteúdo onde você consegue levar um material palpável para que os alunos interajam e construam ideias sobre o assunto, fica mais fácil de imaginar como planejar uma aula que funcione e que seja produtiva. No quadro abaixo está exposto alguns elementos do plano de aula aplicado em uma das minhas regências.

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano		7º ano
Unidade temática		Geometria
Objeto de conhecimento		Triângulos: construção, condição de existência e soma das medidas dos ângulos internos.
Habilidade		(EF07MA24) Construir triângulos, usando régua e compasso, reconhecer a condição de existência do triângulo quanto à medida dos lados e verificar que a soma das medidas dos ângulos internos de um triângulo é 180° (Ceará, 2019, p. 440).
Objetivos	Docente	Explicar a condição de existência de um triângulo; Ensinar que a soma das medidas dos ângulos internos de um triângulo é igual a 180° ; Mostrar as condições para que um triângulo seja: equilátero, isósceles, escaleno, retângulo isósceles e retângulo não isósceles.
	Aluno	Identificar se dadas três medidas elas formam um

		triângulo; Encontrar a medida de um ângulo interno de um triângulo dados outros dois; Reconhecer e diferenciar triângulo equilátero, isósceles, escaleno, retângulo isósceles e retângulo não isósceles
Materiais necessários		Para a realização do experimento é necessário ter Pincel, quadro branco, apagador, caderno com anotações e livro didático, régua, folhas azuis em formato de triângulo e canudos feitos com folha A4 azul.
Conhecimentos prévios		Conceito de triângulo e Ângulos.
Procedimentos/ instrumentos de avaliação		A avaliação será dada a partir da resolução das questões da atividade e da participação na correção.
Duração		1h e 50min

Fonte: Elaborado pelos autores.

Foi a partir desses pontos e materiais, que eu consegui desenvolver uma metodologia que me rendeu uma aula que teve um andamento melhor em relação as outras, ou seja, o conteúdo foi bem trabalhado e foi possível desenvolver todas as atividades planejadas para o dia.

Para que a atividade fosse desenvolvida, primeiramente passei pela fase do planejamento. Nesse momento, foi elaborado a atividade e confeccionado os materiais que seriam necessários para a aula. Traçado toda a trajetória da aula, confeccionei triângulos com folha A4 na cor azul para que fossem distribuídos aos alunos e eles pudessem acompanhar o pensamento junto comigo. Depois da confecção dos triângulos, veio a elaboração dos comandos e a escolha das questões que seriam trabalhadas em sala.

Desenvolvimento da atividade

Partindo para o momento de colocar o plano em prática, iniciei a aula explicando aos alunos como funcionaria nosso

encontro, destacando que iniciariamos vendo uma parte do conteúdo na lousa e que eles precisariam copiar, pois as informações que seriam fornecidas não estavam no livro, e que em um segundo momento de explicações eles iriam receber comandos e me ajudariam a construir uma informação. Ao ouvirem a segunda parte, os alunos tiveram uma reação de surpresa e ficaram fazendo comentários como “tia eu não vou saber fazer”, “tia eu não vou conseguir”, “tia não quero fazer” e claro que, com calma, eu respondi que não seria nada demais e que todos tinham a capacidade de fazer, que não era difícil e bastava que eles me escutassem, observassem e desenvolvessem da forma que eu fizesse.

Em seguida, comecei a copiar na lousa anotações sobre as condições de existência de um triângulo e a todo tempo percebia a inquietação e ansiedade dos alunos em saber como seriam esses comandos. Terminadas as anotações, expliquei fazendo demonstrações sobre a existência de um triângulo utilizando pedaços de canudos feitos com folha A4 cortados em medidas de 4cm, 5cm, 9cm e 12cm e, além disso sempre encaminhava perguntas para fazer com que os alunos participassem. Feito isso, iniciei a segunda parte da explicação e distribui os triângulos confeccionados e reforcei que a partir deles daria comandos para que eles cumprissem. Esses comandos eram:

1) Marquem os ângulos do triângulo:

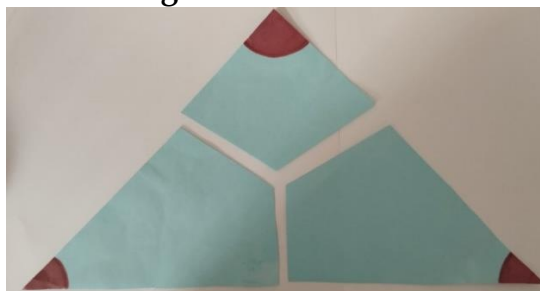
Figura 1: Comando 1



Fonte: acervo da autora.

2) Cortem as duas pontas dos triângulos:

Figura 2: comando 2



Fonte: acervo da autora.

3) Agora juntem as três pontas.

Figura 3: comando 3



Fonte: acervo da autora.

Alguns alunos não acompanharam muito bem, outros não tentaram fazer, uns rasgaram outros amassaram, mesmo assim eu lancei a seguinte pergunta “juntando esses três ângulos, que ângulo formou?”, os alunos que conseguiram olharam para o que fizeram e rapidamente responderam “ 180° ” e o restante da turma mesmo que não tenham conseguido fazer, quando eu coloquei o passo a passo na lousa do processo que fizemos, outros alunos deduziram que a soma dos ângulos internos do triângulo é 180° .

Por fim, encaminhei a atividade do livro didático e determinei um tempo de 20min para que eles tentassem responder o máximo de questões que conseguissem. Nesse meio tempo, alguns alunos me pediram ajuda para responder, outros

ficaram conversando e eu chamei atenção, conversei com outros até que chegou a hora da correção. Fiz a correção, sempre procurando fazer perguntas, fazendo sempre o passo a passo na lousa e pedindo participação na hora dos cálculos. A participação, não foi da parte de todos, mas consegui controlar a sala e mantê-los calmos. Com tudo, por todos esses acontecimentos considero essa regência como uma das minhas aulas exitosas.

Reflexões sobre a atividade

É notório que quando se está à frente de uma turma, torna-se perceptível também que ter um domínio sobre um assunto não é suficiente. Levar os triângulos e fazer com que os alunos participassem e refletissem sobre o que estavam fazendo me fez perceber que devemos sempre inovar, buscando novas formas de levar a compreensão, ou seja, devemos nos preocupar em fazer com que os alunos entendam o conteúdo. Além disso, outro fator interessante de se destacar é que quando se está em sala atuando como docente se faz necessário conquistar os alunos antes mesmo de começar a ensinar. Isso, pois após a conquista, ou seja, quando o aluno começa a enxergar que somos pessoas que se importam com eles é possível influenciá-los para que possam favorecer com o desenvolvimento da aula.

Segundo Lemov (2011, p. 169), “[...] influenciar os alunos é inspirá-los a acreditar, a querer dar certo e a querer estudar por razões intrínsecas às tarefas diante deles”, ou seja, meu dever como professor é influenciar ou pelo menos tentar ser uma influência para que os alunos despertem a vontade de aprender a disciplina. Com isso, ter levado os triângulos também foi uma forma de tentar ascender nos alunos a vontade de participar e aprender e, dessa forma, foi possível notar que os alunos foram influenciados, isso pois muitos ficaram comentando que não iam conseguir realizar meus comandos, mas a todo momento eu tentava convencê-los do contrário a fim de fazer com que eles

enxergassem e acreditassem no potencial deles. Contudo, após essas tentativas de incentivo, muitos dos alunos realizaram a atividade, me fazendo refletir que para que uma aula flua é necessário paciência e determinação, pois uma aula boa não é uma aula perfeita, mas sim uma aula que induza a compreensão.

Em síntese, quando se é um professor novato, ter uma aula frustrada é algo que te deixa desmotivado, no entanto é preciso ter em mente que nem sempre os planos vão funcionar perfeitamente e que cada turma tem um comportamento diferente ocasionando diversas possibilidades para o funcionamento de uma aula. Sendo assim, é necessário moldar-se de acordo com cada turma, procurando observar o que funciona e o que não funciona e criar ou até mesmo recriar técnicas para elaborar uma aula que funcione.

Perspectivas para futuras aplicações

Embora considere que a referida regência tenha sido uma boa aula, sempre é possível melhorar, pois como dito anteriormente, nenhuma turma é igual a outra e a cada aula devem ser feitas adaptações para que o conteúdo seja bem trabalhado. Para esse plano ser aplicado novamente, primeiro passo seria observar como é o comportamento da turma e, a depender disto tornar-se-ia interessante que para demonstrar a existência de um triângulo fossem levados canudinhos de plástico para que os próprios alunos recortassem e tentassem montar seus triângulos e assim, tirassem suas próprias conclusões. Além disso, também seria viável que, ao invés de levar os triângulos já prontos, fossem distribuídas folhas para que cada um dos alunos fizesse seu próprio triângulo dessa forma eles enxergariam ainda melhor que não importa o tamanho ou as medidas dos lados dos triângulos a soma dos ângulos internos sempre será igual a 180° .

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM

MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

O Estágio Supervisionado é uma etapa da formação educativa que possibilita a nós graduandos uma aproximação da nossa futura realidade como docente, tornando-se assim, para muitos, nossa primeira experiência prática e profissional dentro de uma sala de aula. Com isso, podemos pensar em prática como sendo uma habilidade adquirida com treinamento, no entanto, em decorrência de minhas experiências como estagiária, pude entender que o estágio não é uma disciplina prática, ou seja, não é um momento em que vamos apenas exercitar uma atividade, mas sim, em que vamos aprimorar nosso pensamento para conseguirmos atuar como professor.

Assim, o estágio como um momento de formação da prática por muitas vezes é visto equivocadamente como um processo que vai nos ensinar a como desenvolver técnicas e habilidades instrumentais que possibilite um treinamento em situações experimentais que nos conduza a um bom desempenho como futuro docente. Todavia, “a despeito da importância dessas atividades, elas não possibilitam que compreenda o processo de ensino ao seu todo” (Lima; Pimenta, 2006, p. 9).

Nesse contexto posso destacar, pelas experiências que vivenciei como estagiária, que apenas observar e idealizar técnicas não é suficiente para que aprendamos a ser professores. Isso ocorre, pois embora as técnicas vistas teoricamente tenham o intuito de nortear uma atividade em sala de aula, se apenas tentarmos aplicar esse conhecimento sem saber o nível e o comportamento da turma pode ocasionar de o andamento da aula não ser tão efetivo e acabarmos nos frustrando. Sendo assim, cabe a nós futuros docentes buscarmos um aprimoramento de nossos conhecimentos, tentando compreender que nosso

processo de formação vai muito além de uma prática, por esse motivo não devemos nos firmar apenas no que é dito ou observado, temos que ser capazes de inovar técnicas e/ou aperfeiçoá-las para só assim aprendermos o que é ser professor.

Contudo, o estágio como momento de formação da/e para a prática contribuiu para que eu enxergasse o mundo da Educação Básica com outros olhos, desconfigurando uma visão errada sobre como era atuar nessa área. Dessa forma pude refletir que a prática de ser professor é mutável, ou seja, muda de acordo com a escola e com a cultura em que cada aluno está inserido e, sendo assim, o comportamento e o nível de cada turma vai se diversificando fazendo com que eu tenha que me adaptar a cada atuação como professora. Com isso, enxergando o estágio como um momento que gera experiências, pude concluir que minha vida profissional como docente será um estágio constante, pois a cada turma e escola as quais eu passar terei sempre uma nova experiência e novos desafios.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

O estágio como pesquisa é visto por muitos autores como uma estratégia e/ou uma possibilidade de formação para professores. Segundo Lima e Pimenta (2006, p. 14):

A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam.

Isso significa, que nós estagiários podemos nos aprimorar como pesquisadores buscando informações que nos possibilite compreender nosso ambiente de trabalho e assim, ajudar a

melhorá-lo. Além disso com o estágio como pesquisa podemos ampliar nossos conhecimentos não só científicos, mas também de mundo.

Outrossim, Santos e Garms (2011, p. 4104) traz o método das narrativas como pesquisa para o estágio destacando que:

As narrativas como metodologia de pesquisa valorizam e exploram as dimensões pessoais dos sujeitos, seus afetos, sentimentos e trajetórias de vida, e levam à percepção da complexidade das interpretações que os sujeitos pesquisados fazem de suas experiências e ações, sucessos e fracassos e dos problemas que enfrentam. Por sua vez, a investigação narrativa recorre às explicações dadas pelos indivíduos para entender as causas, intenções e objetivos que estão por trás das ações humanas.

Dessa forma, segue-se que com a pesquisa advinda de narrativas podem acrescentar em nossas experiências novas formas de enxergar nosso mundo de trabalho. Além disso, com as narrativas, podemos criar nossa própria concepção como profissional e construir uma identidade única como professor.

Em minhas experiências nos encontros realizados na universidade pude enxergar o método das narrativas como pesquisa, pois embora nesses encontros a pesquisa não fosse algo explícito, se buscarmos o conceito da palavra encontraremos que pesquisa é a descoberta de novos conhecimentos. Dessa forma, os momentos na universidade, a meu ver, proporcionava exatamente uma troca de aprendizados, pois inevitavelmente a cada experiência relatada pelos meus colegas eu podia refletir sobre a diversidade das escolas e dos alunos.

Assim, escutar relatos de meus colegas fez com que eu não ficasse presa a minha primeira experiência, ou seja, fez com que eu entendesse que nem todas as turmas eram iguais a que eu estava inserida e, assim pude refletir que nós como futuros docentes podemos nos moldar e sempre buscar novas técnicas para sermos bons profissionais.

Ademais, no tocante de minhas atividades na escola, foi possível observar que a pesquisa é de suma importância para nós estagiários. Isso, pois como a turma era composta por alunos que vinham de diversas vivências diferentes e tinham comportamentos diversos, fez-se necessário, além de observar a supervisora, fazer perguntas a outros professores para saber a melhor forma de interagir com esses alunos. Além disso, no que diz respeito aos conteúdos, a pesquisa também prevalece, pois para minhas regências também foram necessárias algumas buscas para saber que materiais usar para facilitar o entendimento da turma e tornar a aula mais proveitosa. Contudo, o estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática me fez considerar que no mundo profissional de um professor a busca por informações será necessária em muitas ocasiões, pois sempre iremos nos deparar com novas situações que exigirão uma pesquisa para conseguirmos encará-la.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

Quando falamos na disciplina de estágio muitos associam-na a parte prática do curso sendo ela a responsável pelas nossas primeiras experiências como docentes. Obviamente isso não deixa de ser verdade, entretanto podemos destacar que na realidade o estágio é uma disciplina onde aprendemos a teoria para desenvolver a prática, ou seja, é a disciplina que tem o intuito de desenvolver nossa capacidade de reflexão e aprimorar nossas técnicas de ensino para só então as colocarmos em ação. Com isso, considerando que não existe prática sem teoria podemos salientar que para nós graduandos de licenciatura o estágio vem como uma forma de capacitação para o melhoramento da nossa base teórica advindas das disciplinas pedagógicas cursadas (didática por exemplo) anteriormente.

Segundo Lima e Pimenta (2006, p. 14):

[...], o estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá.

Isso significa, que é por meio das nossas vivências e aprendizados teóricos que a práxis acontece, ou seja, a prática não está apenas no fato de aplicar nossos conhecimentos ela acontece quando conseguimos aprimorar e desempenhar habilidades fundamentadas anteriormente.

Nesse viés, em virtude das minhas experiências como estagiária pude refletir sobre a necessidade de existir uma teoria por trás da prática. Isso, pois é evidente que nós como futuros professores não poderíamos apenas entrar em sala sem ter um aporte de como é estar à frente de uma turma, assim os encontros de estágio na universidade, bem como as disciplinas pedagógicas anteriores cursadas, proporcionaram que nós conseguíssemos ter uma base de como nos portar e agir em sala e, a partir disso, ser possível nos aprimorarmos para exercer a função de professor.

Ademais também pude perceber nas atividades realizadas na escola, como por exemplo, a observação e o auxílio, que na função de estagiária eu também estava aprendendo uma teoria, pois enquanto eu observava eu idealizava técnicas de como aplicar algum conteúdo para aquela turma, em outras palavras, enquanto estudava a turma eu criava uma teoria de como eu poderia ministrar uma boa aula. Dessa forma, nos auxílios pude praticar algumas das técnicas pensadas no período de observação e assim, consegui aprimorar-me um pouco para conseguir exercer a ação docente.

Sendo assim, pude enxergar que o estágio como possibilidade de articulação entre a teoria e a prática reflete o processo de formação de um professor como algo que não depende apenas da teoria, mas também não depende somente da

prática, ou seja, ambas estão relacionadas. Isso pode ser explicado da seguinte maneira: eu como professora tenho que levar conhecimentos para meus alunos e para que isso ocorra precisarei da prática, em contrapartida, para que essa ação aconteça eu precisarei dos conhecimentos os quais são adquiridos na teoria. Veja que, nesse caso para que as ideias tenham sentido precisamos aplicá-las, mas para isso é necessário termos conceitos em mente, com isso torna-se evidente que a teoria e a prática caminham juntas, sendo elas complementares e indissociáveis.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Para muitos o estágio é apenas uma etapa da graduação que é cumprida no intuito de finalizar o curso. No entanto, em meio as minhas experiências, pude perceber que é a partir do estágio que o aluno vai ter uma primeira noção se vai identificar-se ou não como professor e assim, conseguir construir sua identidade profissional. Dessa forma, o estágio torna-se essencial, visto que, além de ser um primeiro aprendizado para aqueles que desejam ser professores, também é uma forma de fazer com que os alunos reflitam sobre seu futuro profissional.

Ademais, estagiar na escola E.M.E.F. Evaldo Holanda Maia me fez perceber que estar em um lugar onde você recebe apoio e é acolhido como alguém da equipe, pode desconfigurar a visão errada que muitos tem da Educação Básica. Isso, pois grande parte dos licenciandos enxergam essa área como lugares que acolhem alunos que podem ou não ser indisciplinados, além de muitos outros fatores. No entanto, é evidente que a Educação Básica é um nível essencial e de suma importância para o contínuo aperfeiçoamento de todas as profissões inclusive, a de professor.

Outrossim, o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental - Anos Finais fez com que minha mente entendesse

que embora as dificuldades e os desafios sejam muitos, ser professora da Educação Básica pode ser uma grande experiência. Apesar de, no estágio, eu ter enfrentado muitos obstáculos foram eles que me motivarão a continuar, pois compreendi que sendo professora estarei sempre em um constante duelo que me proporcionará muitas novas vivências.

Além disso, posso destacar que o estágio supervisionado contribuiu muito para que eu conseguisse perceber minha capacidade como docente, pois com os encontros na universidade e as atividades realizadas na escola minha mente passou por um constante processo de percepções e reflexões, que aflorarão em minha compreensão uma nova forma de enxergar o mundo da educação.

Contudo as experiências que vivenciei na escola desencadearam algumas curiosidades: “Como é ser professora titular do fundamental – Anos Finais?”, “Como é a gestão de outras escolas?”, “Como são os outros professores?”, “Como são outras turmas?”. Obviamente que essas perguntas só serão respondidas futuramente, mas tê-las em mente contribui para que eu decida que rumo tomar em minha vida acadêmica. Com isso, término meu estágio com a percepção de que posso sim me moldar e me reinventar para atuar como professora da Educação Básica, pois meu intuito em ser professora é levar conhecimento e inspiração para meus futuros alunos.

REFERÊNCIAS

CEARÁ. **Documento curricular referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. (2019). A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica.

Revista Interdisciplinar Sulear, (3). 2019. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4274>.

LEMOV, D. Criar uma forte cultura escolar. In: LEMOV, D. **Aula nota 10** - quarenta e nove técnicas para ser um professor campeão de audiência. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Póiesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>.

Acesso em: 8 ago. 2023.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2008, vol.08, n.23, pp.195-205. ISSN 1981-416X. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 8 ago. 2023.

SANTOS, Héllen Thaís dos; GARMS Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: **II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores**, 2014. p. 4094-4016.

CAPÍTULO 3

Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: uma experiência calorosa

Francisco Narcélio Nunes dos Santos

INTRODUÇÃO

Desde cedo tive facilidade na disciplina de matemática e não demorou muito para que ela se tornasse minha matéria favorita. No terceiro ano do Ensino Médio decidi que queria entrar na Universidade e escolher Licenciatura não foi minha primeira opção, muito menos o primeiro curso que eu adentrei. No entanto, um conjunto de fatores, tais como a facilidade de ajudar meus colegas na disciplina de Matemática e a proximidade da Universidade com a localidade em que eu morava (não era necessário passar horas viajando de ônibus para chegar lá), me levou à Licenciatura em Matemática.

Já na segunda metade desse curso, falo neste relatório do primeiro estágio supervisionado do curso de matemática. Escolhi fazer o estágio na Evaldo Holanda Maia EMEF por conta de saber que o professor João Paulo ensina lá. Conheci na universidade e, por gostar do trabalho dele, imaginei que seria interessante trabalhar com ele. O estágio durou quatro meses, de agosto a novembro de 2023 e ocorreu principalmente nos dias de segunda e terça, embora, ocasionalmente, eu frequentava durante outros horários. Acompanhei as aulas do professor João Paulo, que era o responsável por duas turmas de 9º ano. Ele me orientava sobre como planejar as aulas, como usar os recursos didáticos, como avaliar os alunos e como lidar com as dificuldades e os desafios da sala de aula.

O estágio supervisionado no Ensino Fundamental está

dividido entre 5 etapas, sendo elas: Reconhecimento da escola e entrevista com o professor (12 horas); Estágio de observação (16 horas); Elaboração do Plano de Estágio, Planejamento das Regências e Projeto Didático com o Professor (08 horas); Auxílio ao professor (12 horas); e Regências de Sala e aplicações de Projeto Didático (20 horas) totalizando 68 horas.

O estágio foi uma experiência muito enriquecedora e gratificante. Me senti realizado ao ver o progresso dos alunos e o reconhecimento do professor João Paulo. Confirmei a minha vocação para ser professor de matemática e me inspirei para seguir essa carreira. Eu agradeço à escola Evaldo Holanda Maia EMEF por me acolher e proporcionar essa oportunidade de aprendizado e crescimento profissional.

Na sequência deste trabalho abordarei detalhadamente cada etapa do estágio, assim como irei fazer um relato reflexivo de uma atividade exitosa desenvolvida em uma regência. Por fim, farei uma breve contextualização sobre as contribuições dessa experiência na minha formação.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Em primeiro momento foi necessário fazer uma atividade de reconhecimento na escola, onde pude conhecer com detalhes o ambiente onde iria passar esses quatro meses de estágio. Cheguei na escola pouco após o início das aulas pela manhã e falei para o porteiro que gostaria de falar com alguém da direção, pois estava buscando uma oportunidade de estagiar na escola. Fui recebido por uma das Coordenadoras Pedagógicas. Me surpreendeu a forma como fui tratado por ela, pois não estava esperando ser tão bem acolhido. Ela explicou que a escola funcionava em tempo integral e me convidou para a sala da Coordenação Pedagógica para que a gente pudesse debater

melhor as etapas do estágio. Me levou ainda para conhecer uma das salas de aula e outros ambientes da escola. No intervalo das aulas, pude observar os alunos. Notei que, assim como em qualquer escola, havia uma grande variedade de alunos, alguns mais quietos, alguns mais agitados.

Depois do intervalo, fui para a sala dos professores, onde iria entrevistar o professor João Paulo, um dos professores que lecionava Matemática para o 9º ano. Iniciei a entrevista fazendo perguntas e tirando dúvidas sobre os desafios em sala de aula. Ele me explicou sobre os desafios da profissão e falou que a cada sala de aula é um novo desafio. Compreendo que a entrevista foi produtiva e esclarecedora.

A partir da entrevista, saí da escola com uma boa impressão e uma grande expectativa. Além disso, adquiri uma nova perspectiva a partir dessa etapa, a perspectiva de quem ia entrar na escola agora como alguém que iria contribuir na formação de outras pessoas, e não mais como apenas aluno. Essa atividade foi muito importante, no entanto não foi suficiente, pois “trata-se do estagiário aprofundar os conhecimentos teóricos e práticos sobre a escola, não mais de forma descomprometida, mas com o olhar de professor” (Lima, 2008, p. 202).

Essa etapa enriqueceu as minhas experiências como estagiário pois a entrevista com o professor proporcionou uma troca de conhecimentos, de experiências e de expectativas, que ajudaram a enriquecer o meu campo de conhecimento sobre o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, reconhecer a escola permitiu que me familiarizasse com a rotina da escola, conhecesse alunos e professores, e entendesse melhor o ambiente de trabalho. Também me ajudou a identificar as necessidades e desafios da escola, fazendo com que pudesse me preparar melhor para o estágio.

Estágio de observação

Os momentos de observação foram muito importantes para o meu aprendizado como universitário de Licenciatura em Matemática. Pude acompanhar as aulas do professor João Paulo e ver como ele planejava, executava e avaliava as suas atividades. Além disso, também pude observar os alunos e ver como eles se comportavam, interagiam e aprendiam. Nos primeiros momentos em que estive em sala, percebia que alguns alunos eram muito curiosos quanto a minha presença e logo alguns começaram a me fazer perguntas, tanto no quesito acadêmico quanto pessoal. Alguns deles se identificaram bastante comigo, pois notaram que as nossas realidades eram bastante parecidas e começaram a me ver como uma inspiração.

Fiquei observando a sala de aula durante um período de 16 (dezesseis) horas/aula, variando entre duas turmas e intercalando entre manhã e tarde, de acordo com minha disponibilidade de horários na semana. Sentava-me perto da lousa, mas de modo que não atrapalhasse a visão de nenhum aluno. Dessa forma, poderia avaliar os alunos de forma frontal, observando suas expressões faciais durante a explicação e o comportamento deles. Com um caderno e uma caneta fiz as minhas anotações. Registrei tudo o que achava relevante, como o tema da aula, os objetivos, os recursos, as estratégias, as dificuldades, as soluções, as intervenções, as perguntas, as respostas, as dúvidas, os elogios, as críticas, os *feedbacks* etc.

Essa fase do estágio foi bastante complicada e desafiadora, pois pude ver, na prática, o que acontecia dentro de uma sala de aula, agora na visão de quem ensina. Ser professor é um tanto quanto desafiador e observei vários momentos que comprovam isso. O professor quase sempre tinha que se esforçar para que conseguisse até mesmo fazer a chamada, algo que deveria ser tranquilo de ser feito. Boa parte do tempo de aula era destinado a tentar controlar a sala e isso certamente influenciava no aprendizado dos alunos.

Aprendi muito com os momentos de observação, pois tive

a oportunidade de ver na prática como era o ensino e a aprendizagem de Matemática nessa escola de 9º ano em tempo integral. Eu pude conhecer melhor o professor João Paulo e os seus alunos, além de ter a oportunidade de observar a metodologia usada por ele, podendo aprender e aprimorar a minha própria metodologia. Além disso, tive a oportunidade de refletir sobre o meu papel como futuro professor de Matemática.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor

Depois de concluir o período de observação, no qual acompanhei as aulas do professor da turma, tivemos uma reunião para planejar as próximas etapas do estágio. Nessa fase, discutimos sobre vários aspectos do trabalho pedagógico, tais como os objetivos que pretendíamos alcançar, a carga horária que eu deveria cumprir, o cronograma que iria orientar as atividades, os conteúdos que seriam abordados, as metodologias que seriam utilizadas, os recursos que seriam necessários, as avaliações que seriam aplicadas, etc. Foi um momento muito produtivo e esclarecedor, pois o professor deu muitas orientações e sugestões para o desenvolvimento do estágio.

Nesse momento de encontro, também definimos como iria ocorrer a fase de auxílio ao professor e como iríamos planejar as regências. Na etapa de auxílio ao professor, ficou acordado que eu iria assumir um papel mais ativo e participativo durante as aulas. Iria auxiliar os alunos que tivessem dúvidas na resolução de questões e/ou no entendimento do conteúdo. Além disso, também iria resolver questões na lousa, demonstrando os procedimentos e as estratégias utilizadas. Eu também iria colaborar durante as aplicações de prova, tirando as dúvidas dos alunos e ajudando o professor a fiscalizar a turma.

Quanto às regências, planejamos, em parte, como elas aconteceriam. Estabelecemos uma data para o início das regências e os conteúdos que eu iria ministrar. A intenção foi que

preparasse as aulas com antecedência, buscando diversificar as formas de ensinar e de aprender, No entanto, o nosso planejamento não saiu exatamente como esperávamos, pois, houve alguns imprevistos que fizeram com que a data do início das regências fosse adiada, nos obrigando a replanejar as regências, adaptando-as à nova realidade.

Auxílio ao professor

A etapa de auxílio ao professor foi uma fase muito desafiadora do estágio. Ela demandou uma maior dedicação de tempo e de estudo da minha parte, pois tinha que dominar os conteúdos que seriam abordados nas aulas e me preparar para as eventuais dúvidas que poderiam surgir dos alunos. Tive que me reinventar como educador e buscar formas de explicar o conteúdo a partir de várias perspectivas, utilizando exemplos, analogias, recursos visuais, etc. Percebi que cada aluno possui vivências e experiências distintas, que influenciam na sua forma de aprender e de se relacionar com o conhecimento. Por isso, era necessário adaptar o conteúdo à realidade do aluno, tornando-o mais significativo e compreensível.

Nessa fase também comecei a me aproximar mais dos alunos, o que fez com que alguns desses se sentissem mais confortáveis com a minha presença e comessem não apenas a tirar mais dúvidas, mas também fazer mais perguntas sobre minha rotina, vida acadêmica e social. A partir desses momentos comecei a observar que eles estavam se identificando comigo. Por conta disso, eles criaram um respeito ainda maior por minha pessoa, o que certamente deixou a minha relação com eles bastante leve.

A cada dia me deparava com novas dúvidas, novos aprendizados e novas experiências que enriqueceram o meu estágio. Pude interagir mais com os alunos, conhecer suas dificuldades, seus interesses, suas potencialidades. Também pude aprender com eles, pois eles me ensinaram novas formas

de ver e de entender o mundo. Me senti mais próximo e mais integrado à turma, o que facilitou o desenvolvimento das minhas futuras regências.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

Quando estava na fase de regência, me deparei com alguns dos maiores desafios da minha carreira. Já não era a minha primeira experiência como professor de uma turma, por isso não sentia mais aquele nervosismo inicial, mas isso não quer dizer que fosse fácil. Pelo contrário, tive que enfrentar muitas dificuldades e superar vários obstáculos para cumprir o meu papel de educador. Na regência é hora de relacionar os conhecimentos teóricos com a prática, pois, como afirma Lima (2012):

[...] a teoria não leva à transformação da realidade (e) a prática (por sua vez) também não fala por si mesma (ela precisa da teoria), o que leva ao conceito de *práxis*, entendida como a ação transformadora do natural, do humano e social. (Lima, 2012, p. 104)

Embora já tivesse alguma experiência em sala de aula, enfrentei um grande desafio quando entrei em uma sala de Ensino Fundamental como professor pela primeira vez. Foi muito difícil manter a disciplina e o interesse dos alunos, que nem sempre estavam dispostos a aprender. Graças ao tempo que passei com os alunos antes de começar as regências, consegui estabelecer um vínculo com alguns deles, que se mostraram mais participativos e atentos durante as aulas. Percebi que eles estavam progredindo mais rapidamente do que os outros. Porém, eu não podia me limitar a esse grupo seletivo, pois eu era responsável por toda a turma. Por isso, busquei formas de envolver e motivar o maior número possível de alunos.

A minha chegada à sala era sempre bem-vinda e alguns alunos me auxiliavam a acalmar os demais. Em algumas

aulas, eles se tranquilizavam logo e eu iniciava a aula sem demora. Outras vezes, era mais complicado começar a aula e tinha que interromper a aula várias vezes para chamar a atenção de algum grupo de alunos que estavam conversando na hora da explicação.

Mesmo com todas as dificuldades e desafios que enfrentei, a fase de regência foi a mais importante e a que mais me fez crescer profissionalmente. Pude aperfeiçoar as minhas formas de ensinar, melhorar a minha comunicação, aprender novas formas de ver a educação e contribuir para o desenvolvimento dos alunos.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

Toda semana, nas quartas-feiras, eu participava de encontros presenciais com o professor da disciplina de estágio e os outros estagiários que também faziam parte do projeto. Esses encontros eram muito importantes para nós, pois nos permitiam compartilhar as nossas experiências no estágio durante a semana e também debater sobre textos reflexivos que o professor nos indicava para ler antes.

Os textos tinham tudo a ver com o estágio, pois abordavam temas relevantes para a nossa formação, como teorias pedagógicas, metodologias de ensino, recursos didáticos, avaliação, planejamento, entre outros. Alguns textos eram mais conceituais e outros eram mais práticos, dando dicas de como lidar com as situações que enfrentávamos no estágio. Os textos nos ajudavam a melhorar as nossas práticas e a ampliar os nossos conhecimentos.

Nos encontros tínhamos dois momentos principais. No primeiro, conversávamos sobre o que tínhamos feito no estágio durante a semana, contando as nossas dificuldades, as nossas conquistas, as nossas dúvidas e as nossas sugestões. Nós nos ajudamos mutuamente, trocando ideias, experiências e soluções. Aprendemos uns com os outros e nos sentimos apoiados. No

segundo momento, nós discutíamos sobre o texto reflexivo da semana, dando as nossas opiniões, os nossos aprendizados, as nossas críticas e as nossas perguntas. O professor mediu as discussões, esclarecendo as nossas dúvidas, complementando as nossas informações, questionando as nossas posições e estimulando o nosso pensamento crítico. Ele também nos elogiava, nos orientava, corrigia e motivava.

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação

Durante o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, na turma de 9º ano no turno da manhã, uma aula mostrou-se exitosa e destacou-se entre as demais. O conteúdo abordado nessa aula foi Teorema de Pitágoras. Juntamente com o professor supervisor, desenvolvemos uma atividade que contribuiu fortemente no aprendizado dos alunos.

Elementos que nortearam a atividade

Faremos aqui uma breve exposição sobre os fundamentos que nortearam a aula, expondo os objetivos a serem atingidos, a habilidade que foi trabalhada e os materiais usados na execução. Além disso, apresentamos a forma utilizada para avaliar o nível de compreensão dos alunos.

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano	9º ano
Unidade temática	Geometria
Objeto de conhecimento	Relações métricas no triângulo retângulo; Teorema de Pitágoras: verificações experimentais e demonstração; Retas paralelas cortadas por transversais: teoremas de proporcionalidade e verificações experimentais.
Habilidade	(EF09MA13) Demonstrar relações métricas do triângulo retângulo, entre elas o teorema de

		Pitágoras, utilizando, inclusive, a semelhança de triângulos (Ceará, 2019, p. 45).
Objetivos	Docente	Explicitar o Teorema de Pitágoras algebricamente e geometricamente; Explicar a diferença entre um triângulo retângulo e os demais; Revisar resolução de equações do segundo grau incompletas.
	Aluno	Compreender o Teorema de Pitágoras; Reconhecer a diferença entre um triângulo retângulo e os demais; Resolver de forma correta equações do segundo grau da forma incompleta.
Materiais necessários		Apagador, quadro, pincel, isopor e cubinhos de papel.
Conhecimentos prévios		Operações básicas; equações; Triângulos.
Procedimentos/ instrumentos de avaliação		Participação dos alunos na resolução dos exemplos propostos.
Duração		50 min

Fonte: Elaborado pelo autor.

Inicialmente o quadro apresenta a série da turma e a unidade temática do conteúdo abordado, no caso, a Geometria. Essa unidade temática envolve o estudo da exploração do espaço (figuras, formas e relações espaciais) e de procedimentos necessários para resolver problemas do mundo físico e de diferentes áreas do conhecimento. Também apresentamos o objeto do conhecimento, que nada mais é do que o conteúdo da área da disciplina.

A aula foi ministrada durante 50 minutos e foi avaliada a participação dos alunos na resolução dos exemplos propostos.

Desenvolvimento da atividade

A aula em questão ocorreu no dia 14/11/23, durante uma de minhas últimas regências. Como estava se aproximando a prova do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica

do Ceará - SPAECE, que iria acontecer dia 28/11/23, os conteúdos trabalhados visaram a preparação dos alunos para a prova. Iniciei a aula por volta de 10h40min, fazendo uma pequena revisão sobre triângulos. Fiz questionamentos aos alunos, pedindo para me falarem como se caracterizava um triângulo equilátero e quais as diferenças entre triângulo isósceles e triângulo escaleno. Notei que boa parte deles ainda lembrava desses conceitos, o que foi um ponto positivo, pois iria ajudar na compreensão do conteúdo da aula.

Eu e o professor João Paulo também falamos um pouco sobre ângulos, dando ênfase ao ângulo de 90° (noventa graus), pois era muito necessário saber identificar esse tipo de ângulo, tendo em vista que iríamos trabalhar com triângulos retângulos. Também recordamos outras características do triângulo retângulo, tais como a hipotenusa e os catetos. Após essa breve revisão e após nos certificarmos que as dúvidas estavam respondidas, iniciei a explicação formal do conteúdo, tomando como base o livro “A Conquista da Matemática 9º ano” (Júnior; Castrucci, 2018). Enunciei o teorema de Pitágoras, desenhando um triângulo retângulo na lousa, enfatizando seus elementos. Em seguida, pedi a ajuda de João Paulo para usarmos um material manipulativo para mostrar um exemplo do Teorema de Pitágoras. O exemplo apresentado foi o do famoso “triângulo 3, 4 e 5”. Segue abaixo uma imagem do material utilizado durante a aula:

Figura 1 – Material utilizado na demonstração do Teorema de Pitágoras



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O material consistia em um retângulo feito de isopor que continha um triângulo retângulo colado, feito também de isopor. Esse triângulo retângulo foi colado de modo em que cada um de seus lados era lado de um quadrado. Também utilizamos 25 cubos feitos de papel. Pedimos a um aluno para pegar cubos e preencher o quadrado de um dos catetos do triângulo. Ele utilizou 9 cubinhos, percebendo que era um quadrado de lado 3 cubinhos. Analogamente, pedimos a um aluno para usar cubinhos para preencher o outro cateto.

A turma notou que ele utilizou 16 cubinhos, sendo um quadrado de lado 4 cubinhos. Consequentemente, os catetos desse triângulo mediam 3 e 4 cubinhos. Por fim, pedimos para um aluno pegar os 25 cubinhos utilizados e movê-los para o quadrado da hipotenusa, verificando o que acontecia. Notamos que no quadrado da hipotenusa coube exatamente os 25 cubinhos. Os alunos notaram que o quadrado da hipotenusa era exatamente a soma dos quadrados dos catetos.

Reflexões sobre a atividade

Podemos nos referir a material didático como sendo “qualquer instrumento útil ao processo de ensino-aprendizagem” (Lorenzato, 2006, p. 18). A utilização desse material didático enriqueceu e deu uma nova dinâmica para a aula. Os alunos se mostraram ainda mais engajados e todos queriam contribuir de alguma forma. Um dos pontos positivos de utilizar um material didático assim foi permitir que os alunos visualisassem melhor os conceitos matemáticos e fizessem conexões entre a teoria e a prática. Além disso, a utilização desse material pode ter ajudado os alunos a entenderem melhor o Teorema e a visualizarem melhor as aplicações desse resultado em diferentes contextos.

No entanto, também observei pontos negativos da utilização desse tipo de prática. Essa aula, apesar dos benefícios apresentados, acabou distraindo bastante os alunos, deixando o

processo de aprendizagem mais lento. Além disso, preparar um material assim exige mais tempo e organização do professor. Por fim, um artifício assim pode não representar todos os aspectos do Teorema de Pitágoras, podendo deixar a aula incompleta, além de tornar mais difícil de avaliar o desempenho dos alunos.

Perspectivas para futuras aplicações

Para aplicações futuras, indico que o professor deve dedicar pelo menos uma aula de revisão de todos os pré-requisitos para uma boa compreensão do Teorema de Pitágoras, tais como uma revisão sobre triângulos e ângulos, pois foi preciso dedicar alguns minutos da aula com essa revisão, tendo em vista as dificuldades dos estudantes. O professor também deve ficar instigando a participação dos alunos e sempre atento às dificuldades deles. O professor pode elaborar um material utilizando recursos mais resistentes que o isopor, visando a durabilidade do material para aplicações futuras. Também cabe ao professor avaliar se a utilização desse material contribuiu positivamente no aprendizado dos alunos ou tornou-se um momento de distração.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

A escola é um espaço de formação não só para os alunos, mas também para os professores. Durante o estágio, pude vivenciar momentos que me fizeram refletir sobre a minha prática docente e sobre os conhecimentos necessários para exercer essa profissão. A escola me possibilitou observar, interagir, planejar e executar atividades pedagógicas que me aproximaram da realidade escolar e dos desafios que ela apresenta.

Um dos aspectos que mais me chamou a atenção foi a questão da disciplina, pois “Ensinar com disciplina implica investimento inicial em ensinar seus alunos a serem alunos” (Lemov, 2011, p. 167). Segundo o mesmo autor, disciplina é “o processo de ensinar a alguém a maneira certa de fazer algo” (Lemov, 2011, p. 166). Isso significa que o professor precisa estabelecer regras, rotinas, expectativas e consequências para o comportamento dos alunos, de forma clara e consistente. O professor também precisa monitorar e corrigir as atitudes dos alunos, usando técnicas como o elogio, a advertência, o contato visual, o tom de voz, o gesto, entre outras.

Além disso, é necessário ter controle na sua sala. Segundo Lemov (2011, p. 168) “Controle é a capacidade de levar alguém a fazer o que você pede, independentemente das consequências”. O professor que tem controle sobre a sua turma consegue manter a atenção, o interesse e a participação dos alunos, além de prevenir e resolver conflitos. O controle também favorece a aprendizagem, pois cria um ambiente propício para o ensino e a avaliação.

A escola, portanto, foi um espaço de formação para a prática, pois me permitiu desenvolver habilidades e competências relacionadas à disciplina e ao controle, entre outras. A escola também foi um ambiente que me mostrou alguns dos conhecimentos necessários para ser um professor, tanto os conteúdos específicos da minha área, quanto os conhecimentos pedagógicos, didáticos, metodológicos, éticos, etc.

Assim, a escola e a universidade, cumprem a função de me formar como professor, pois ambas me oferecem oportunidades de aprender, de refletir, de experimentar, de avaliar e aperfeiçoar a minha prática docente. A escola e a universidade são, portanto, espaços complementares e indispensáveis para a minha formação profissional.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

O estágio é uma atividade fundamental na formação de professores, pois permite que os estudantes tenham contato direto com a realidade educacional e possam desenvolver competências profissionais e acadêmicas. Nesse sentido, o estágio não é apenas uma prática, mas também um espaço de pesquisa, que visa compreender, analisar e problematizar os contextos, as situações e os processos que envolvem a educação.

Segundo Lima e Pimenta (2006), o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Dessa forma, o estágio pode ser visto como um campo de conhecimento, que possibilita a articulação entre a teoria e a prática, entre a universidade e a escola, entre o professor e o aluno. O estágio, portanto, é um espaço de aprendizagem, de reflexão e de intervenção pedagógica.

Para que o estágio se constitua em uma atividade de pesquisa, é preciso que os estagiários desenvolvam uma postura e habilidades de pesquisador, que lhes permitam questionar, investigar e transformar as realidades educacionais. Nesse sentido, Lima e Pimenta (2006) afirmam que a pesquisa no estágio se traduz pela mobilização de pesquisas que ampliem e analisem os contextos em que os estágios se realizam, mas também e, em especial, pela possibilidade de os estagiários elaborarem projetos que lhes permitam compreender e problematizar as situações que observam.

Assim, o estágio como pesquisa é uma forma de aproximar a formação de professores da prática educativa, contribuindo para a construção de uma identidade profissional crítica, reflexiva e comprometida com a qualidade da educação.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

O estágio é uma oportunidade de aproximar os

conhecimentos teóricos adquiridos na universidade com os conhecimentos e situações práticas vivenciadas na escola. É um momento de aprender a fazer, mas também de refletir sobre o que se faz e por que se faz.

A articulação entre teoria e prática foi fundamental para a etapa do estágio, pois me permitiu planejar, executar e avaliar as atividades com base em fundamentos pedagógicos e didáticos. Utilizei o conhecimento teórico sobre alguns assuntos de matemática, em especial tópicos de Álgebra, que envolvem conceitos, propriedades, relações e resolução de problemas algébricos para elaborar as atividades que estimulam o raciocínio lógico, a criatividade e a resolução de problemas dos estudantes.

No entanto, não foi possível utilizar todo o conhecimento teórico sobre o tema, pois havia limitações de tempo, espaço e recursos na escola. Além disso, os estudantes apresentavam diferentes níveis de conhecimento prévio, interesse e motivação pelo tema. Por isso, tive que adaptar as atividades às condições e às necessidades dos estudantes, buscando respeitar o seu ritmo e o seu processo de aprendizagem.

Os estudantes tinham dificuldades para aprender a álgebra, principalmente por causa da falta de familiaridade com o tema, da abstração dos conceitos e da linguagem matemática. Para minimizar as dificuldades, utilizei estratégias e recursos variados, tentando relacionar os problemas abordados com a realidade dos alunos, mostrando aplicações desses conceitos. Esses recursos facilitaram a visualização, a manipulação, a representação e a exploração da Álgebra, tornando o aprendizado mais significativo, lúdico e contextualizado.

Acredito que esse momento de articular teoria e prática foi necessário e enriquecedor no curso, pois me proporcionou uma experiência real e desafiadora de atuação como professor. Também me possibilitou uma reflexão crítica sobre a minha prática, sobre o papel do professor e sobre a educação

matemática. Concordo com Lima e Pimenta (2006, p. 7) quando afirmam que “o exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer ‘algo’ ou ‘ação’.”

A profissão de professor também é prática. No entanto, também concordo com as autoras quando alertam que “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática.” (Lima; Pimenta, 2006, p. 9). Por isso, acredito que a articulação entre teoria e prática deve ser constante e dialética, buscando sempre a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

O estágio foi essencial para o meu crescimento pessoal e profissional. Aprendi muito com as diversas experiências que me ajudaram a desenvolver habilidades técnicas e sociais. Aperfeiçoei a minha forma de ensinar e de enfrentar adversidades e desafios, pois cada dia era uma nova oportunidade de me reinventar. Além disso, desenvolvi habilidades sociais como a humildade de reconhecer que estou sempre aprendendo, e que cada aluno tem algo a me ensinar, a paciência de lidar com pessoas com diferentes níveis de conhecimento e ritmos de aprendizado e a criatividade de buscar formas alternativas de ensinar cada novo conteúdo e aplicações práticas dos conceitos, visando tornar a matemática mais significativa para os alunos.

A experiência em sala de aula me mostrou muitos aspectos que não são abordados na Universidade. Durante o curso de Licenciatura, percebi que aprendemos muito sobre os conteúdos, mas pouco sobre como ensiná-los e como lidar com a prática pedagógica. Apesar do professor ser um mediador entre o conhecimento e o aluno, apenas os saberes técnicos não são suficientes. Ser professor não é ser um acumulador de conteúdos.

É necessário se adaptar a cada aula, tentando motivar os alunos, lidando com as diferentes realidades na sala de aula e, ainda assim, ter excelência nos saberes técnicos, respondendo às eventuais dúvidas dos alunos.

A profissão de professor, apesar de exigir o conhecimento da teoria e das técnicas que podem facilitar a vida na sala de aula, não pode ser aprendida de forma passiva. Você nunca está totalmente pronto para ser professor, pois os alunos não são padronizados. O que é mais fácil para um, será mais difícil para outros e você precisa buscar formas de atender a todos os perfis.

Apesar de não almejar ser professor da Educação Básica - tenho a intenção de ser professor do Ensino Superior, seguindo para o mestrado após o término da graduação – reconheço que o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental foi muito importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, pois, apesar de ter tido outras experiências em sala de aula, pude conhecer novas realidades e novos desafios, sempre aprendendo com cada aluno.

REFERÊNCIAS

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/02/DCRC_2019_OFICIAL.pdf. Acesso em: 30 out. 2023.

JÚNIOR, Giovanni José Ruy; CASTRUCCI, Benedicto. **A conquista da matemática: 9º ano: ensino fundamental: anos finais**. - 4. ed. - São Paulo: FTD, 2018.

LEMOV, D. Criar uma forte cultura escolar. In: LEMOV, D. **Aula nota 10** - quarenta e nove técnicas para ser um professor

campeão de audiência. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba , v. 08, n. 23, p. 195-205, abr. 2008. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 out. 2023.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Poíesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 12 nov. 2023.

LORENZATO, Sérgio. Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis. In: LORENZATO, Sérgio. **O Laboratório de Ensino de Matemática na formação de professores**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-38.

CAPÍTULO 4

Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: descobrindo o papel da escola na formação inicial do professor de matemática

Talita Medeiros Mendes

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental ao qual se refere o presente relatório, ocorreu na Escola de Ensino Fundamental Padre Joaquim de Meneses, localizada no centro de Limoeiro do Norte – CE, uma das primeiras escolas do município e referência na educação local. O espaço foi reformado recentemente e conta com nova estrutura e professores capacitados, dentre eles o professor supervisor, José Luís Nunes de Freitas, que foi também meu professor de matemática durante dois anos do Ensino Fundamental, o que contribuiu para a escolha da escola para o estágio. Às segundas, durante a manhã, o estive acompanhando em turmas de 8º e 9º ano, durante as aulas de matemática.

O estágio supervisionado apresenta o seguinte cronograma: 12 horas de reconhecimento da escola e entrevista com o professor, 16 horas de observação, 12 horas de auxílio ao professor, 08 horas de elaboração do plano de estágio e planejamento das regências e 20 horas de regências e aplicação do projeto didático, finalizando os trabalhos realizados na escola. Somam-se a isso, outras 68 horas a serem cumpridas na universidade.

Em minha primeira visita à escola, conheci a direção e a coordenação pedagógica e o professor supervisor me apresentou os espaços da escola. De certa forma, estávamos conhecendo as

turmas juntos, pois ele havia sido realocado para a escola em questão há pouco tempo.

Durante o tempo em que fui aluna da Educação Básica, enfrentei dificuldades em frequentar a escola, principalmente durante a educação infantil, pois sempre fui bastante tímida e não conseguia fazer amigos, com isso, se desenvolveu um sentimento de aversão ao ambiente escolar. Apenas no 2º ano do Ensino Fundamental comecei a frequentar a escola regularmente, porém, já sabia ler, escrever e conhecia os números, pois havia aprendido em casa. Ao longo dos anos, não me destacava como uma das melhores da turma, eu apenas gostava de ler. Durante o 5º ano, todos os dias levava um livro para ler à tarde e devolver no dia seguinte, era como passava o tempo. Apenas a partir daí que despertei o real interesse em estudar, e no 8º ano descobri que gostava de matemática, depois de alcançar as melhores notas da turma na disciplina, ao longo do ano.

A partir de então, mantive uma ótima relação com a matemática, o que me levou a cursar o Ensino Médio integrado ao curso técnico em edificações, pois havia recebido informações de haver relação com a disciplina e pelo interesse em cursar engenharia. Porém, durante os estágios, percebi não me identificar nem um pouco com o ambiente de trabalho de tal área, foi quando me senti um pouco perdida. A menina que não gostava de estudar e planejava abandonar a escola ao fim do Ensino Fundamental não havia percebido, mas já tinha desenvolvido grande afeição pelos estudos e pela educação em si, percebendo que isso poderia transformar a realidade da sua vida e o histórico de sua família. Unindo o interesse pela educação e pela matemática, decidi prestar vestibular para cursar Licenciatura em Matemática. Eu nunca havia pensado em ser professora antes, mas refletindo sobre isso, eu sempre tive um professor que admirava e em quem eu me espelhava. Me enxergar profissionalmente como um deles era motivo de grande

orgulho.

Durante o início da graduação, de forma remota, foi difícil estabelecer uma boa relação com os professores e até com os demais colegas, pois não havia o contato a não ser através das telas. Eu gostava das disciplinas, mas comecei a realmente me identificar no retorno das aulas presenciais. Gostar de matemática e manter uma boa relação com ela é fundamental para estar neste curso, mas para aprender a ser professor é necessário um pouco mais que apenas a grade curricular ofertada. Aliás, ensinar é algo que não conseguimos aprender apenas com a teoria no curso de formação.

As experiências oferecidas pela universidade, monitorias, seminários, provas didáticas, e principalmente, o estágio supervisionado, nos auxiliam a desenvolver habilidades para tal e mais, nos permitem repensar a escolha de curso, pois, como citado por Lima (2008, p. 198), “é no efetivo exercício do magistério que a profissão é aprendida de maneira sempre renovada”. A autora reflete, ainda, acerca da brevidade do período de estágio, o que impede que todas as dúvidas e questionamentos sejam sanados. Logo, novos períodos virão e novas dúvidas e questionamentos, nos levando a enxergar-nos a nós mesmos como eternos estagiários da vida, em contínuo aprendizado e experiência que nos formam melhores profissionais.

Afirmo que o estágio ao qual se refere este trabalho foi uma experiência rica que me permitiu enxergar coisas jamais vistas em todo o período já cursado da graduação, bem como definir algumas escolhas e interesses para meu futuro acadêmico. Porém, os próximos estágios, certamente me trarão ainda novos aprendizados, bem como todo o percurso, pois somos sempre estagiários da vida como aponta Lima (2008).

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Durante as 12 primeiras horas do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, é realizado o reconhecimento da escola e a entrevista com o professor. Na primeira visita à escola, fui apresentada à gestão escolar, à diretora e aos coordenadores pedagógicos. Todos foram bastante receptivos e me direcionaram a realizar uma volta pela escola para conhecer os espaços, juntamente com o professor supervisor. A escola passou por uma reforma recente e conta com uma ótima estrutura, carteiras novas e bastante espaço, pois a escola recebe alunos de várias turmas do 5º até o 9º ano do Ensino Fundamental.

Em outro momento, estive com a diretora realizando o levantamento do quantitativo de professores por área de atuação, ela me auxiliou a descrever algumas atividades culturais e científicas realizadas na escola para o cronograma de 2023, como também as avaliações externas realizadas na escola este ano e os impactos causados por elas. Além disso, a diretora me explicou alguns dos projetos realizados pelos professores da escola e também pelos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) da universidade, seus objetivos e resultados.

Por fim, a questioneei sobre como o estagiário pode contribuir com a gestão para o desenvolvimento de atividades e melhoria na qualidade de ensino na escola. A diretora afirmou que o estagiário deve ser proativo, estar presente nos eventos da escola e auxiliar os alunos e os professores da escola da maneira que lhe for possível. Pode oferecer opiniões de melhorias e trazer ideias inovadoras tanto diretamente para a diretora e a coordenação, como em sala de aula, durante as regências. Além disso, o estagiário deve contribuir para que os valores da escola sejam mantidos, sempre reforçando-os dentro e fora dela, buscando compreender seus objetivos e contribuir para que sejam alcançados.

Finalizando a parte inicial do estágio, realizei a entrevista

com o professor José Luís. Foi um momento rico de troca de experiências em que pude aprender com as repostas dele e ainda criar mais duas de meu interesse. Além da entrevista, perguntei um pouco sobre a metodologia do professor em sala de aula, ele me mostrou algumas das ferramentas e dos livros que ele mais utiliza para pegar questões interessantes que ele utiliza em suas aulas e trazem resultados.

Estágio de observação

Nas 16 horas que seguem no cronograma de estágio, cumprimos o estágio de observação. Na turma do 8º ano, o livro utilizado é da coleção “A conquista da matemática – 8º ano”. No início do período de observação, o professor estava ministrando a unidade de geometria – triângulos. Em meu primeiro contato com a turma, fiquei com a impressão de serem um pouco agitados, mas todos muito receptivos e curiosos. Por ser alguém diferente no ambiente, eles interagiram bastante comigo, perguntaram sobre minha vida pessoal, faculdade e outras coisas. Acreditei que, conquistando-os, podia manter uma boa relação, talvez influenciá-los para a realização das atividades planejadas e incentivá-los durante a aula.

Durante as aulas do professor, ele fazia a exposição do conteúdo, realizava um pequeno resumo na lousa, resolvia alguns exemplos e passava uma atividade para ser realizada em sala. No início da aula, os alunos ficavam atentos, mas iam se dispersando no decorrer. Durante a atividade, percebi que nem todos abriam o caderno para tentar resolver, alegavam não conseguir, nem demonstravam o interesse em tirar dúvidas. Ao longo dos dias, alguns deles vinham até eu trazendo a atividade e pedindo ajuda, mas não queriam buscar entender a resolução da questão e sim a resposta para mostrar ao professor. Ele utiliza a metodologia de dar o visto no caderno dos que concluem, mas somente se fizerem os cálculos, e não apenas a resposta pronta. Isso era o que eles buscavam, quando solicitavam ajuda.

Dessa maneira, busquei usar estratégias para guiá-los na resolução das questões, instigando seu pensamento, pois demonstravam preguiça de pensar. Alguns realmente conseguiam chegar em uma resposta, outros estagnavam. Fiquei feliz em ver alguns tentando resolver e buscando ajuda para isso.

A turma do 9º ano utiliza o livro da mesma coleção “A conquista da matemática – 9º ano”. Quando iniciei as observações, eles estavam focados nos descritores do SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará), então não estavam seguindo o conteúdo programático do livro. A turma é considerada mediana em resultados. O professor utiliza a metodologia de explicar o conteúdo, resumir na lousa, resolver exemplos e passar uma atividade. A turma, provavelmente por ser composta por adolescentes, é menos receptiva e interativa, percebi que daria um pouco mais de trabalho para me aproximar deles. Durante as atividades, ninguém tinha a iniciativa de pedir ajuda ou tirar dúvidas, demonstravam pouco interesse em resolvê-las. Pude perceber também grande diferença de interesses e assuntos entre as duas turmas que estava observando. O 9º ano sempre apresentava assuntos mais sérios, em relação ao 8º, que ainda gostavam bastante de brincadeiras e piadas. A turma do 9º, tem seus interesses majoritariamente voltados para as redes sociais e para a tecnologia.

O professor supervisor se esforça bastante para que todos entendam o conteúdo que está sendo ministrado, em algumas aulas utilizou projetor na lousa para mostrar figuras e questões, liberava para que um voluntário fizesse a resolução na lousa, entre outros recursos. No geral, pude presenciar a realidade da Educação Básica na rede pública e refletir sobre estratégias que poderiam ser utilizadas para modificar as circunstâncias atuais.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor

Durante as horas reservadas para a elaboração do plano de estágio, estive na escola durante os horários de planejamento do professor supervisor para decidirmos como seriam realizadas as regências. Inicialmente, ele cedeu um livro didático utilizado na turma do 8º ano, da coleção “A conquista da matemática” para que eu utilizasse nas regências. Recapitulamos os assuntos propostos pelo livro e ele me mostrou o planejamento das aulas de cada um deles, assinalando aqueles que já tinham sido ministrados. Também me mostrou um levantamento dos resultados das avaliações parciais e bimestrais da turma, analisando os resultados e a situação atual de cada aluno.

O professor sugeriu seguir a metodologia utilizada por ele nas regências, confessou a dificuldade de acesso a outros recursos e de realizar aulas diferentes, como com a utilização de um projetor, então recomendou que eu pensasse em recursos simples ou utilizasse o quadro, como ele costuma fazer.

Mapeamos os assuntos que seriam ministrados a partir de então e ele me orientou sobre o que aconteceria em cada aula, conteúdo novo, correção de atividade, resolução de questões ou revisão para a prova. A turma havia encerrado a unidade de geometria e iniciaria a unidade de álgebra, começando por expressões algébricas até polinômios, finalizando com uma revisão para a realização da avaliação parcial.

Na turma do 9º ano, seguiríamos o que já havia sido planejado pelo professor: em cada aula, estudaríamos um descritor do SPAECE, faríamos a resolução de algumas questões, e passaríamos uma atividade para eles resolverem sozinhos. Ao final da aula, utilizaríamos alguns para a correção da atividade. Ao final das regências, eles resolveriam uma atividade avaliativa para a nota parcial. Buscávamos, assim, seguir o cronograma proposto para o ano letivo, continuar o foco no SPAECE na turma do 9º ano, que sempre traz bons resultados em avaliações externas, e contribuir para melhorar o aprendizado dos alunos do 8º ano, de maneira a elevar suas notas no quarto bimestre,

vista a dificuldade de alguns em atingir a média.

Auxílio do professor

Seguindo a carga horária do estágio, cumprimos 12 horas de auxílio ao professor supervisor. No início desse período, os alunos estavam em semana de provas, então auxiliei ao professor na distribuição das avaliações e dos gabaritos, a fiscalizar os alunos a tirar algumas dúvidas no momento da prova.

Nas aulas que se seguiram, fiquei responsável pelo auxílio dos alunos na resolução das atividades passadas pelo professor. Durante a resolução, alguns deles solicitavam ajuda ou mesmo a resolução das questões. Afirmava para eles que poderia explicar como eles chegariam nelas sozinhos. Durante esse período, consegui me aproximar um pouco mais de alguns alunos, muitos daqueles que sentavam no fundo da sala, conseguiram passar a formular perguntas e questionamentos na hora da resolução das questões, o que foi gratificante. Além disso, pedi ajuda aos alunos que estavam compreendendo as questões para auxiliar aos demais colegas.

No restante das aulas de auxílio, o professor me solicitou que levasse algumas questões do conteúdo para resolver com eles no quadro como forma de revisão. Enquanto fazia isso, instigava sempre os alunos a me acompanharem e me guiarem para o próximo passo da resolução. Cheguei a convidar alguns a resolverem a questão comigo no quadro, apenas um aluno se prontificou a isso, mas resolveu tudo corretamente e ainda explicou a resolução com maestria para os colegas.

Esse período de auxílio ao professor se resumiu em momentos de tirar as dúvidas dos alunos durante a resolução das atividades e resolver exemplos e questões problema no quadro para recapitular os assuntos ao final das aulas. Foi bastante simples e nada fora do comum, mas creio ter funcionado bem na maioria das aulas, pois percebi a atenção de alguns alunos, além de que muitos me afirmaram ter conseguido

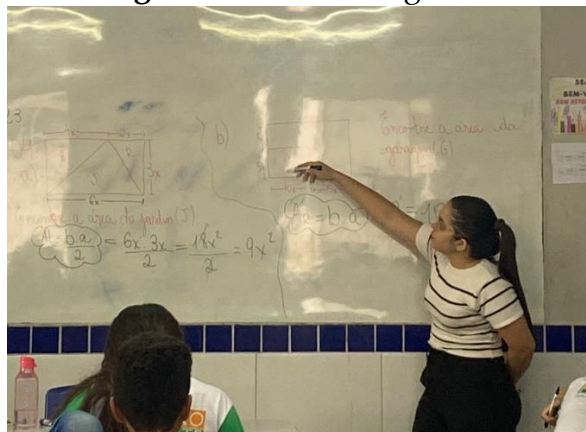
compreender e dessa forma estabeleci um contato e vínculo mais próximo com eles.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

Para finalizar as horas de estágio na escola, realizamos 20 horas de regência em sala de aula. Particularmente, considero esse o momento de maior aprendizado do estágio, pois percebemos o quanto a realidade vivida como professor em sala de aula é diferente daquilo que imaginamos ao elaborar um plano de aula pela primeira vez, e do que aprendemos na universidade.

Apesar de ficar apreensiva quanto à chegada do momento das regências, a minha experiência foi muito boa. Temia não conseguir a atenção da turma, não conseguir explicar o conteúdo de uma maneira que eles entendessem e ainda de não conseguir construir uma boa relação com eles, mas tudo ocorreu ao contrário disso. A experiência da observação e do auxílio foram muito válidas e cheias de aprendizado, mas, foi no período das regências que realmente me identifiquei na sala de aula. Em algumas aulas anteriores, os alunos estavam bastante empolgados e me perguntavam a todo momento quando ministraria para eles. Juntamente com eles, fiquei empolgada também, apesar de um pouco receosa.

Nas primeiras aulas, pude receber a completa atenção deles, pois havia alguém diferente dando aulas de matemática. Ficaram atentos a tudo o que falei e perguntei, participaram bastante e realizaram as atividades. Nas aulas que se seguiram, percebi que eles começaram a se acostumar comigo e se sentirem mais à vontade. Algumas vezes o professor me ajudou a retomar o controle da sala e a chamar a atenção deles para a aula. Esses episódios me ensinaram bastante e enfatizaram a importância de uma experiência prática, pois não levamos esses detalhes em consideração, no momento do planejamento da aula.

Figura 1 – Aula de regência

Fonte: Acervo da autora

No 8º ano, entramos na unidade temática de álgebra, algo novo para eles. Introduzimos expressões algébricas e ministramos até o conteúdo de polinômios. Na turma do 9º ano, seguimos ministrando os descritores do SPAECE, um em cada aula, e trabalhando-os em atividades para fixação. Durante as aulas, pude observar alguns alunos mais calados participando e conseguindo expressar suas dúvidas, além daqueles alunos mais bagunceiros e menos interessados que desenvolveram a coragem de responder que não entenderam quando eu perguntava e de pedir para explicar novamente. Como eu estive observando as aulas por um tempo, sei que esses mesmos alunos não costumavam fazer isso e considero uma evolução. Como resultado, após as últimas regências, eles realizaram a avaliação parcial e, esses alunos, que costumavam tirar notas baixas, conseguiram melhorar um pouco suas notas, enquanto os alunos que já tinham notas altas, as mantiveram.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

Os momentos citados nos pontos anteriores somam metade da carga horária do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental. A outra metade da carga horária, como dito na seção introdutória é designada aos momentos que, uma vez por semana, tivemos na faculdade com o professor orientador da

disciplina e a turma.

No primeiro encontro, nos foi ministrada uma aula introdutória de apresentação do plano de ensino da disciplina, seus objetivos e a distribuição da carga horária, bem como os documentos a serem preenchidos. Nas aulas que se seguiram, foram realizadas discussões, inicialmente sobre as experiências que cada aluno estava vivenciando nos primeiros dias de estágio, o primeiro contato com os alunos, as percepções e expectativas futuras. Esses momentos foram muito interessantes e ricos pela troca de vivências, foi possível perceber as diferenças entre as turmas ou entre as escolas e até entre os municípios de cada estagiário. Tivemos a oportunidade de ver os colegas se identificando com o processo e com a experiência, se encontrando em determinada área da docência, enquanto outros estavam tendo dificuldades e mudando completamente seus planos para o futuro. Para alguns, foi um momento para reafirmar a escolha que haviam feito, para outros, um momento de repensá-la. Mas para todos, foram experiências válidas e decisivas, que levaram à reflexão e a uma visão mais próxima da realidade da educação no Brasil.

Ainda nas aulas de discussão, compartilhamos nossas considerações e críticas acerca dos textos propostos para a leitura, pelo professor. Foi possível perceber a evolução da aceitação da turma, em relação ao material proposto. Inicialmente, a maioria dos alunos refletia, em maior parte, apenas na estrutura em si do texto, e menos no que ele propunha. Ao longo das aulas, os comentários foram refletindo mais acerca do conteúdo do texto, críticas e apreciações aos pensamentos dos autores, e isso consolidou em nós uma criticidade mais assertiva. Pudemos obter novas ideias, aprender novos conceitos e ainda discordar de alguns pontos, enfatizando o que já conhecemos acerca da educação.

Na segunda parte dos momentos na universidade, planejamos a primeira regência e ministramos em sala para o

professor e os demais colegas. Foi a oportunidade de ministrar a primeira aula, para alguns discentes. Esse momento nos possibilitou “treinar” para o início das nossas regências na escola, testar os recursos e fazer correções a partir das considerações do professor orientador da disciplina. Além disso, alguns alunos tiveram o primeiro contato com a construção de um plano de aula e seus elementos, tais conhecimentos nos auxiliaram nos planos de aula das regências.

Um ponto interessante foi o fato de o professor sempre contar com o auxílio de outro discente para a avaliação da aula do colega. Isso nos permitiu estar no lugar dele por um instante, nos ajudando a compreender a necessidade de algumas correções e ainda aprender observando os erros e acertos dos colegas. Pude refletir e aprender bastante não só com a minha experiência, mas um pouco com a ministração de cada colega. Os momentos na universidade se encerraram com as orientações individuais para a escrita do relatório final de estágio.

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação

A atividade escolhida foi uma dinâmica realizada na turma do 8º ano B da Escola de Ensino Fundamental Padre Joaquim de Meneses, após a revisão para a avaliação parcial, como forma de fechar a unidade. Metade da turma recebeu uma ficha com um polinômio escrito e, a outra metade recebeu esses polinômios de maneira simplificada ou reduzida. O objetivo era cada aluno encontrar a dupla que estava com a simplificação do seu polinômio e vice-versa. Os alunos da turma costumavam solicitar atividades práticas, e essa foi uma maneira de engajar e incentivar todos os alunos da turma a resolverem pelo menos um problema de fatoração de polinômios, além de despertar o interesse deles para a revisão realizada antes da atividade, pois

a dupla que primeiro concluísse o desafio, ganharia uma premiação. Ao final, todas as duplas que conseguiram solucionar o problema também foram premiadas.

Elementos que nortearam a atividade

A atividade foi realizada como forma de levá-los a praticar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo das aulas e na revisão, além de ser uma maneira prática de incentivá-los a resolver um exercício e despertar a competitividade saudável. Para realizá-la, o aluno precisaria dos conhecimentos prévios das propriedades da adição, subtração, multiplicação, divisão e potenciação algébrica. Os alunos utilizaram apenas caneta e a ficha entregue a eles inicialmente para encontrar a resolução, como materiais para a atividade.

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano		8º ano B
Unidade temática		Álgebra
Objeto de conhecimento		Polinômios: Propriedades da soma, subtração, divisão, multiplicação e potenciação.
Habilidade		Habilidade EF08MA06 - Resolver e elaborar problemas que envolvam cálculo do valor numérico de expressões algébricas, utilizando as propriedades das operações. (Ceará, 2019, p.450)
Objetivos	Docente	Atrelar conceitos teóricos já estudados com uma prática divertida e interessante na qual os alunos irão utilizar o conhecimento sobre a fatoração de polinômios, fatorar o polinômio dado e encontrar o colega que está com forma reduzida de sua expressão ou, encontrar o polinômio a que sua refere sua ficha.
	Aluno	Fatorar os polinômios ou de voltar ao polinômio original a partir da forma reduzida, além de exercitar o trabalho em equipe, pois ambos os colegas precisarão se esforçar para encontrar o correspondente.
Materiais necessários		Para a realização do experimento é necessário que os alunos tenham caneta ou lápis, e as fichas que o professor entregará.

Conhecimentos prévios	Expressões algébricas, monômios e polinômios, propriedades algébricas.
Procedimentos/instrumentos de avaliação	A avaliação da atividade foi feita a partir do tempo gasto por cada dupla para encontrar a ficha correspondente, a correta resolução da fatoração, bem como o retorno recebido pelos alunos ao final da atividade.
Duração	30 min

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para avaliar o desempenho dos alunos na atividade, observei aqueles alunos que conseguiram concluir sozinhos, bem como os que não conseguiram simplificar seus polinômios e precisaram de ajuda. Além disso, comparei os resultados para verificar se as resoluções estavam corretas e realizar a correção das que não estavam, afinal a avaliação seria realizada na aula seguinte.

Desenvolvimento da atividade

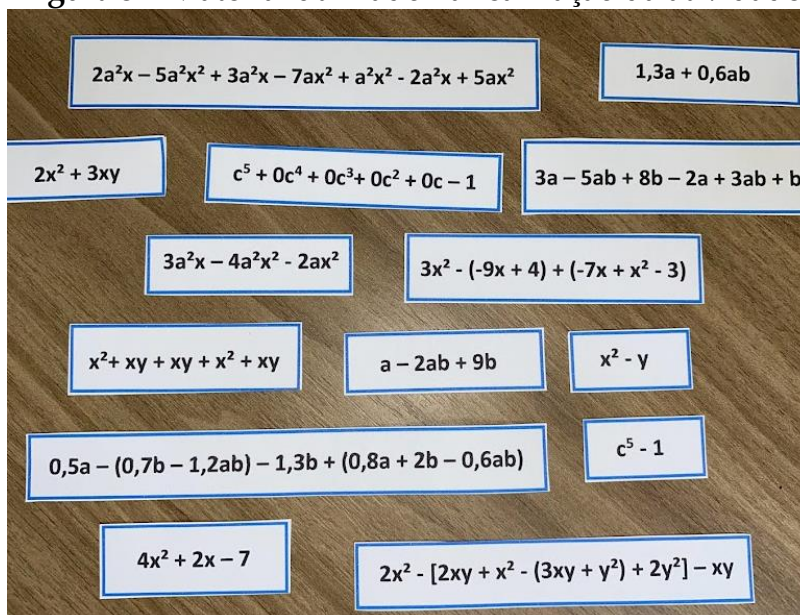
Durante as últimas regências, o professor supervisor José Luís informou da necessidade da realização de uma revisão de todo o conteúdo ministrado para reforçar o entendimento e tirar possíveis dúvidas para a resolução da avaliação parcial. Os assuntos cobrados na avaliação foram de monômios até as propriedades de polinômios, seguindo o roteiro do livro didático.

Sabendo disso, iniciei o planejamento da aula, e com o objetivo de descontraí-los antes da prova e de treinar um dos assuntos, pensei em realizar uma dinâmica. Iniciei, então, a confecção do material necessário para a atividade, que seriam as fichas com os polinômios. A atividade consistiria em, após dada a revisão, entregar a eles uma ficha contendo um polinômio em sua forma normal ou reduzida, dar um tempo para que pudessem entender, resolver seu polinômio e encontrar a dupla que lhe correspondesse.

Figura 2 – Aula de revisão antes da realização da atividade

Fonte: Acervo da autora

Antes do início da aula, chamei a atenção deles e expliquei que haveria uma dinâmica e uma premiação para quem conseguisse resolver o que seria pedido, reforçando a importância do que estava sendo explicado na revisão. Pude percebê-los mais atentos e buscando sanar todos os questionamentos possíveis.

Figura 3 – Material utilizado na realização da atividade

Fonte: Acervo da autora

Após isso, entreguei para cada aluno as fichas contendo polinômios e outras contendo as formas reduzidas destes mesmos polinômios, de maneira aleatória. Para obter êxito,

ambos os alunos da dupla precisariam utilizar os conhecimentos adquiridos para chegar a um resultado. Para a dupla que primeiro concluísse o desafio haveria uma premiação, que se estenderia para todas as duplas que conseguissem se encontrar corretamente.

Os alunos, inicialmente despertaram a competitividade e participaram bastante da revisão, com o desejo de completar o desafio e receber a premiação. Eles se empolgaram com o fato de haver algo diferente na aula, pois pediam isso desde o início. Durante a atividade, alguns tentaram com tudo de si resolver e encontrar a dupla, outros nem tanto. Mas muitas duplas conseguiram se encontrar corretamente, as poucas que não conseguiram, receberam minha ajuda e a dos colegas para conseguir também. Duas duplas erraram no resultado, por isso a importância em conferir os resultados. Em geral, os alunos obtiveram bons resultados e puderam treinar para a resolução rápida de problemas desse tipo na prova, além de tirar possíveis dúvidas dos cálculos.

Reflexões sobre a atividade

A atividade foi realizada nos últimos 30 minutos que restaram da aula após a revisão para a prova. Apesar de pouco tempo, conseguimos finalizá-la em cerca de 20 minutos, a maioria dos alunos conseguiu obter um resultado, alguns precisaram de ajuda, mas todos, ao final, encontraram seus respectivos correspondentes. Nos 10 minutos que restaram, recebi o parecer deles e suas considerações sobre a dinâmica realizada. Alguns gostaram bastante, outros disseram que poderia haver mais tempo para que pudessem chegar a uma resolução.

É importante, como professor, pensarmos em atividades diferentes e que fujam do comum, sempre atentando para o perfil da turma e do conteúdo trabalhado. Nesse caso, foi interessante a atividade ser realizada após uma revisão, para não

ocorrer uma “quebra” do andamento das aulas e do conteúdo. Além disso, a atividade tomou pouco tempo da aula, o que não atrapalhou o planejamento dos assuntos que precisavam ser ministrados e nem a revisão que precisava ser realizada. Em algumas escolas, há a dificuldade em se conseguir recursos para as aulas, até mesmo para a impressão de atividades, considero essa atividade uma boa opção também por exigir poucos e simples recursos, o que a tornou viável a ser realizada na escola em questão.

Perspectivas para futuras aplicações

Uma atividade como essa pode ser realizada ao final de uma aula, tomando pouco tempo desta, considero os 30 minutos restantes da aula suficientes. Acredito que, no caso em questão, o nível das expressões pode ser mediano, já que muitos exemplos foram resolvidos e poucos alunos ficaram com dúvidas. No caso de uma aplicação futura, acredito que acrescentaria mais algum recurso ou problema para o objetivo final da dinâmica, pois, ao passo que alguns alunos tiveram dificuldades, a maioria conseguiu concluir rapidamente, sobrando tempo para a realização de mais algum desafio. Indico atentar para a turma, acredito que em algumas turmas a atividade não obteria bons resultados, pois exige bastante movimento na sala, se deslocar, todos tentando encontrar sua dupla ao mesmo tempo. Pode ser difícil retomar o controle em determinadas turmas.

Ademais, acredito que essa dinâmica é uma boa opção para ser realizada como quebra gelo antes de uma avaliação, pois utiliza poucos recursos, o que era importante na escola em questão, e é bastante simples, exigindo apenas que os alunos tenham compreendido as explicações das aulas, agindo como forma de pré-avaliação.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A

MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

É importante observar o estágio não apenas como mero componente curricular do curso de formação de professores, mas entendê-lo como ambiente de reflexão e investigação tanto da prática como para a prática, visto que a prática, por si só, não é formadora (Fiorentini, 2004). Ao iniciar as vivências escolares como estagiário, nós discentes encaramos o choque de diferentes culturas, a escolar e a universitária, vividas mutuamente, levando à percepção de que, toda a teoria vista nas disciplinas programáticas na grade curricular não se faz suficiente, separada da experiência prática, para a formação completa do docente.

Ao se deparar com o ambiente escolar, toda uma visão imaginária e expectativas criadas sobre a educação atual são modificadas, ou seja, a realidade nas escolas e a profissão na prática não podem ser aprendidas apenas nas aulas da universidade, é necessário complementar o estudo com a experiência prática.

Durante o estágio de observação, pude enxergar com outro olhar a ministração de uma aula, sem estar no lugar de aluno ou de professor. Conseguimos perceber aspectos que poderiam ser diferentes ou que foram bem aplicados na aula, observamos melhor se os alunos estão ou não acompanhando o raciocínio do professor e conseguimos aprender com os erros e acertos dele. No auxílio, exercitamos a paciência de, às vezes, explicar a resolução de um mesmo exercício quantas vezes for necessário, observamos quais exercícios funcionaram bem ou se questões contextualizadas fixariam melhor o conteúdo. Durante o período das regências, quantas coisas aprendemos. Adequação da duração da aula, repensar a escolha de um jogo que não funcionou como planejávamos, uma atividade que não atingiu os objetivos esperados ou um recurso que não enriqueceu a aula como achávamos que faria. Essas observações se transformam na

bagagem que nos forma professores em constante aprendizagem e evolução.

A escola nos prepara e nos forma para a prática do exercício docente. É nesse ambiente que atuamos colocando em prática, refletindo e aprimorando tudo aquilo que aprendemos ao longo do curso de licenciatura. Nele, crescemos e nos aprofundamos naquilo ao qual ensinaremos, mas de que maneira ensinaremos? Como nos relacionaremos com os alunos? Como saberemos se estão ou não compreendendo o que está sendo ministrado? Como controlar a turma em momentos de extrema agitação e euforia? O estágio, de maneira isolada, não responde todos esses questionamentos, tampouco as disciplinas teóricas do curso de formação. Mas ele nos leva a, constantemente, refletir e investigar o ambiente em busca das respostas, que só serão sanadas no contínuo exercício da profissão, nos permitindo estar em constante evolução, enquanto profissionais.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

Diante dos fatos já expostos, vê-se que o estágio como disciplina obrigatória do curso de formação de professores atua mais do que, simplesmente, como uma disciplina prática ou a “parte prática do curso”, mas pode igualmente ser considerada uma disciplina também teórica. Uma possibilidade é a realização da pesquisa no ambiente de estágio, aproximando, assim, a pesquisa da prática. Pimenta e Lima (2010) afirmam que o estágio abre possibilidades para a mobilização de pesquisas, buscando ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas e nos sistemas de ensino. Além disso, possibilita que os estagiários desenvolvam postura e habilidades de pesquisador a partir das situações vivenciadas na escola, vista a chance de observar e problematizar a mais diversas situações.

Durante as vivências no ambiente de estágio, temos a possibilidade de realizar aplicações práticas da teoria vista

durante todo o curso de formação, o que torna possível avaliar os melhores métodos de aplicação, observar resultados e realizar adaptações, constituindo assim o estágio como um amplo ambiente para a realização da pesquisa. Em minha experiência, foi possível analisar comportamentos e individualidades dos alunos, condições especiais, relação aluno-professor, e também as diferenças entre os mais diversos contextos sociais, culturais e regionais. Essa experiência completa vivenciada e observada no período de estágio estabelece uma vivência tanto teórica quanto é prática, pois nem mesmo nas disciplinas didáticas do curso temos a oportunidade de tomar conhecimento de tais coisas.

Além disso, durante minha experiência foi possível acompanhar e observar a didática de um professor com 22 anos de experiência na Educação Básica. A maneira de conduzir as aulas, de lidar com os alunos e seus diferentes comportamentos, a maneira de avaliar, de contextualizar o conteúdo, de interagir, de analisar os resultados. Em minha opinião, esse é outro fator que constitui o estágio como excelente campo de pesquisa.

Nóvoa e Finger (2010) destacam que a metodologia de pesquisa das narrativas (auto)biográficas são úteis para avaliar a repercussão das experiências de vida e da formação nas práticas profissionais. As narrativas, sejam orais ou escritas, são utilizadas como recurso educativo e se constituem instrumento com grande potencial na estruturação de aprendizagens. Ao vivenciar o estágio, presenciamos constantemente as narrativas de professores com mais experiência que nós, de maneira que é possível refletir a partir da vivência e de seus relatos diários, desenvolvendo capacidade para analisar e para lidar com situações específicas.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

Durante todo o curso de formação, estudamos disciplinas específicas de nossa área de atuação, no caso, matemática, além

das disciplinas de formação geral de um professor em formação inicial. Aguardamos o momento dos estágios supervisionados, em que aplicaremos os conhecimentos adquiridos na prática. Porém, em algumas situações, durante todo o curso focamos apenas em aprender matemática, o que é muito importante, mas não consideramos desenvolver maneiras de como ensiná-la, tendo em vista que cursamos licenciatura. O estágio é indispensável para a formação de professores, pois, aprendemos matemática durante todo o curso de formação, mas nele, desenvolvemos habilidades de como ser um professor.

Diante disso, é válido salientar que, para o estágio, não deixa de ser indispensável construir uma base teórica sólida. Durante a experiência, é necessário estar preparado e dominar os conteúdos da turma em questão, pois nos deparamos com as mais variadas situações, o professor supervisor poderá necessitar da sua ajuda para resolver uma questão de imediato, ou para auxiliar a desenvolver um questionamento complexo dos alunos. Além disso, os livros didáticos podem conter erros, para perceber isso, é necessário ter conhecimento de conteúdo sobre a matemática.

No estágio, desenvolvemos e aprendemos formas de aplicar aqueles conteúdos vistos na teoria em sala de aula. Percebemos que, algumas vezes, precisamos seguir o caminho mais simples, utilizar figuras, objetos, recursos que facilitem a aprendizagem, pois nem todos os alunos aprendem da mesma forma que aprendemos na faculdade. Às vezes é necessário mudar todo um planejamento para obter resultados melhores ou até mesmo alcançar resultados, e isso, só aprendemos com a aproximação da teoria com a prática proporcionada pelo estágio supervisionado. Durante minha experiência, foi necessário adaptar algumas ideias que tive e percebi que não funcionaria, foi necessário utilizar linguagem simples, pois os alunos do Ensino Fundamental não compreendem termos matemáticos aprendidos no Ensino Superior, foi necessário utilizar questões

em forma de problemas práticos que eles viam no dia a dia, para chamar a atenção deles e conseguir que compreendessem a necessidade de aprender tal assunto.

Segundo Moreira (1992), a relação entre teoria e prática é uma das manifestações da aprendizagem significativa, visto que, para ao autor, a aprendizagem significativa ocorre quando uma nova ideia se relaciona aos conhecimentos prévios do aluno, ampliando e atualizando as informações anteriores, atribuindo novos significados aos seus conhecimentos. Assim, o estágio estabelece uma articulação entre teoria e prática que possibilita a relação entre conhecimentos anteriores e experiências novas, promovendo conhecimentos aprimorados ao professor em formação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Diante do exposto, torna-se evidente que o estágio atua como um dos principais componentes para a formação de professores. É um momento crucial da formação da prática e para a prática, de articulação entre a teoria e prática e ainda, de enxergar a indissociabilidade entre as duas. Considero que, os conhecimentos adquiridos na universidade são a chave para a nossa formação, toda a teoria aprendida é indispensável para a construção de bons profissionais da educação, mas nada substitui a vivência prática na escola para que a experiência seja completa.

Durante todo o curso ficamos alheios à realidade escolar atual, apesar de ter vivido vários anos de sala de aula como alunos, é totalmente diferente a experiência de voltar como professor, mesmo que em formação. Durante os anos de faculdade nós planejamos, imaginamos o que faremos em determinadas situações, acreditamos saber lidar com diversos comportamentos, cremos que nossa didática funcionará perfeitamente, mas ao chegarmos na escola, várias dessas ideias

são repensadas.

Não sei como me sentirei a respeito dos próximos estágios, mas posso afirmar que esse contribuiu bastante para a minha formação, para reformular minhas ideias e conceitos e até minhas opiniões sobre a Educação Básica. Estive um pouco receosa antes de iniciá-lo, como alguns alunos do curso de matemática, a única certeza que havia era que eu não tinha pretensão de ser professora de Ensino Fundamental. Mas esse estágio foi uma ótima experiência, consegui me conectar bem com os demais professores da escola e principalmente, com os alunos. É incrível, mas, eles conseguem nos ganhar bem mais facilmente do que imaginamos. Eles são atenciosos, gostam de interagir, de conversar, de fazer piada, perguntam como estamos nos sentindo, nos pedem para ficar mais tempo. Esse contato e muitas outras experiências, eu particularmente não conseguiria viver nas salas de aula da universidade.

Após concluir a graduação, pretendo ingressar em um mestrado e seguir prestando concursos na área da educação. A pretensão é ser professora universitária, mas hoje, após a experiência do estágio, não descarto a possibilidade de ensinar na Educação Básica. É um nível da educação que realmente carece de professores capacitados e mais humanos, que incentivem e impulsionem as crianças e adolescentes a transformar suas histórias, através da educação.

REFERÊNCIAS

CEARÁ, Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

FIORENTINI, Dario. A didática e a prática de ensino mediadas pela investigação sobre a prática In ROMANOWSKI, J., JUNQUEIRA, S. (Orgs). **Conhecimento**

local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat, 2004. v. 1, p. 243-257.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2008, vol.08, n.23, pp.195-205. ISSN 1981-416X.

Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 ago. 2023.

MOREIRA, Marco Antônio. **Organização sequencial do conteúdo com base na teoria de aprendizagem de David Ausubel.** Melhoria de Ensino. Porto Alegre, N° 19, jul/dez, 1992.

NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CAPÍTULO 5

Um olhar heurístico sobre o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental

Alan Goiana Maia

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um relato descritivo e reflexivo da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental nos anos finais, do curso de Licenciatura em Matemática, da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM.

O estágio supervisionado é a disciplina da licenciatura que fornece aos licenciandos um contato com o magistério. Geralmente, os estágios são oferecidos nos últimos semestres do curso, o que pode ser considerado um contato tardio. As licenciaturas de modo geral possuem entre três e quatro estágios e estes são destinados ao Ensino Fundamental e médio (Rodrigues, 2013).

O curso de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade Estadual do Ceará – UECE, campus de Limoeiro do Norte, oferta os estágios, respectivamente, nos últimos três semestres, sendo que dois são destinados ao Ensino Médio e o outro ao Ensino Fundamental.

O Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental foi dividido em cinco momentos, cabemos citar: o reconhecimento da escola e a entrevista com o professor, com a carga horária de 12 horas; o momento de observação, cuja carga horária foi de 16 horas; a elaboração do plano de estágio e planejamento com o professor, que durou uma carga horária de 8 horas; o auxílio ao professor com a carga horária de 12 horas; e os momentos de

regências com a duração de 20 horas.

O estágio foi realizado na escola EMEF Evaldo Holanda Maia, no município de Limoeiro do Norte – CE, sob a supervisão do professor Fernando Freire da Silva, nas turmas de 9º ano C, E, cuja modalidade é em tempo integral. A escolha da instituição Evaldo Holanda deve-se a proximidade com relação a FAFIDAM-UECE e com a moradia do estagiário.

É válido destacar também que outra das razões pela escolha da referida escola, diz respeito a presença de turmas de 9º ano em tempo integral, pois facilitaria a dinâmica dos horários e também pela carga horária que poderia ser realizada durante o dia. O estágio teve início no mês de agosto de 2023 e foi realizado predominante nas segundas e terças-feiras durante os turnos matutino e vespertino.

O primeiro encontro com o professor supervisor da escola deu-se no dia 14 de agosto de 2023. Este ocorreu na visita inicial do estagiário à escola. Após a conversa com a coordenadora, ela apresentou os professores de matemática disponíveis e logo em seguida me apresentou em específico o professor Fernando, fiz a solicitação de sua supervisão, e depois da aceitação, comecei a realizar a entrevista e o reconhecimento da escola, cuidei ainda em selar o termo de compromisso coletando as concessões e assinaturas necessárias.

No que concerne ao interesse pela matemática, segundo uma de minhas professoras da Educação Básica, surge desde o Ensino Fundamental I, pois neste período eu demonstrava excelência nas atividades e nas soluções de cálculos aritméticos e de expressões numéricas. Todavia, devido a uma péssima experiência com uma professora do Ensino Fundamental – anos finais fiquei afastado da disciplina, o que desencadeou uma série de lacunas.

Contudo, no 9º ano do Ensino Fundamental, voltei a ter um contato mais sólido nas aulas de matemática, principalmente com o Teorema de Tales e a semelhança de triângulos, isto

possibilitou a percepção de quanto a matemática era interessante e como ela me surpreendia.

Logo depois, no Ensino Médio, dispus de professores que me instigaram a estudar cada vez mais a matemática e esta aptidão começou a tomar forma no primeiro ano do Ensino Médio, principalmente nas aulas do professor de matemática Francisco Guimarães das Chagas, e posteriormente com o professor Davi Lopes Oliveira, egresso do curso de Licenciatura em Matemática da FAFIDAM-UECE.

Após o Ensino Médio prestei vestibular para o curso de matemática da FAFIDAM, ciente do que queria cursar e qual o profissional ser na sociedade. Posteriormente a aprovação no vestibular, que se aconteceu em 2020, não pude cursar presencialmente devido à pandemia de covid-19, o que causou o início do período da universidade de forma remota.

Todavia, com todas as adversidades deste tempo pandêmico, gozei de um bom desempenho no ensino remoto e após o retorno das atividades acadêmicas de forma presencial continuei tendo um bom aproveitamento com uma formação sólida nas disciplinas específicas e pedagógicas, o que consequentemente me levou a ser bolsista de monitoria e de iniciação científica da FAFIDAM.

Na terceira seção desse relato, é dado o destaque a uma atividade desenvolvida no momento de regência, a qual foi realizada na primeira regência do estágio sobre o tema volume e capacidade. Nesta aula foram utilizados materiais como garrafas pet e seringas para a investigação dos sólidos geométricos e também a obtenção e percepção da relação entre volume e capacidade.

Diante deste contexto, o presente relatório tem como objetivo apresentar as atividades de observação, auxílio e regência desenvolvidas na disciplina de estágio supervisionado. Para tanto, nos propusemos a apresentar relatos de observação, auxílio e regência com o intuito de fornecer elementos de atuação

aos leitores, além de um esboço teórico em torno do estágio supervisionado.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Abordaremos nesta seção as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Finais e destacamos o percurso do licenciando em matemática nos períodos de observação, auxílio, planejamento e regência.

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Como dito anteriormente, o estágio foi realizado na escola municipal EMEF Evaldo Holanda Maia situada no município de Limoeiro do Norte - CE. Esta instituição possui sua unidade física compreendida em dois locais distintos na referida cidade. Basicamente, ela é composta pela sede, localizada na rua Padre Vicente e por um anexo denominado bloco II, situado na rua Cel. José Nunes.

A escola EMEF Evaldo Holanda Maia oferece de forma gratuita o Ensino Fundamental – Anos Finais, isto é, dá acesso aos estudos do 6º ano ao 9º ano a população de Limoeiro do Norte. Para as turmas do sexto ao oitavo ano, a modalidade de ensino é em tempo normal, isto é, apenas um período do dia os alunos permanecem na escola, seja matutino ou vespertino. No entanto, as turmas de 9º ano estão na modalidade em tempo integral e para estas turmas é destinado um ambiente exclusivo que atenda às necessidades deles.

Este ambiente é o anexo da sede, o qual é denominado bloco II, nele temos apenas a presença de turmas do 9º ano. É válido destacar que a escola Evaldo Holanda é a única das instituições da Educação Básica de Limoeiro que oferta o Ensino Fundamental em tempo integral.

A EMEF Evaldo Holanda Maia possui 600 alunos

matriculados onde estes são distribuídos nos turnos matutino e vespertino e do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Quanto ao corpo docente podemos destacar que a escola se encontra com 32 professores ativos.

No que concerne a estrutura da escola, podemos citar que ela apresenta algumas salas de aula em bom estado de funcionamento. Observa-se a presença de laboratórios de ciência, informática, quadra poliesportiva, pátio, refeitório, biblioteca, recepção, direção, sala dos professores, coordenação entre outros ambientes.

A biblioteca da escola tem um acervo de livros quase que exclusivamente composto por livros didáticos recebidos pelo PNLD. Os laboratórios carecem ainda de equipamentos e materiais para um funcionamento mais efetivo.

O professor supervisor é graduado em licenciatura plena em matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE e especialista em metodologia e práticas de ensino. Trabalha na escola Evaldo Holanda Maia há um ano, ministrando o currículo de matemática principalmente nas turmas de 9º ano. Especificamente no magistério atua há cinco anos. Na entrevista, mediante perguntas feitas e no qual o objetivo é apresentar apenas algumas considerações, o professor se posicionou sobre algumas questões. Inicialmente, foi realizada uma pergunta sobre a comparação acerca da escola pública e privada no sentido do acompanhamento da escola e da participação dos alunos.

Outro questionamento realizado foi em torno do planejamento escolar, o professor supervisor destacou que este planejamento consiste em um processo no qual os professores definem, por exemplo, objetivos de ensino, conteúdos, métodos de ensino e estratégias de avaliação do progresso do aluno.

O professor supervisor foi interrogado ainda sobre a elaboração de um plano de aula e quais os elementos fundamentais. O professor destacou alguns elementos e

explicitou que o plano deve ter objetivos claros; conteúdo e habilidades, ou seja, especificar o que vai ser ensinado; metodologia; recursos; e também a consideração da adaptação às necessidades dos alunos e gerenciar o tempo.

Quando questionado ao professor supervisor sobre os procedimentos metodológicos que ele costuma utilizar em suas aulas, comentou que geralmente explica os conceitos matemáticos de forma clara e direta, frequentemente usando quadro ou recursos visuais, apresenta problemas desafiadores para que os alunos apliquem conceitos matemáticos na busca por soluções.

No quesito da avaliação, o professor comentou que sua prática avaliativa tem como base a participação dos alunos na sala de aula, trabalho em grupo, comunicação, tarefas que compreendem a avaliação formativa e também aplicação de testes, simulados e provas objetivas com o intuito de verificar aquisição de conhecimentos dos alunos.

O professor supervisor foi indagado ainda sobre como se dá o processo de aprimoramento no exercício do magistério. Respondeu nos informando que busca constantemente o aprimoramento da prática na área da educação, dedicando-se à participação de cursos específicos voltados para a formação continuada.

Na visão da carreira profissional, o docente comenta que no início foi extremamente difícil enfrentar uma sala de aula, um desafio, pois de acordo com ele, a insegurança tomava o controle, pois não sabia o que encontraria pela frente. O professor relata que a sensação de estar diante de alunos, prontos para aprender, é assustadora. No entanto, à medida que o tempo passou, comentou que essa experiência só reforçou seu profundo amor pela educação.

Quando interrogado pelas contribuições do estagiário para os desenvolvimentos das atividades do professor e melhorias na qualidade de ensino, ele destaca que o estagiário

contribuiu auxiliando nas tarefas administrativas, oferecendo apoio personalizado aos alunos com dificuldades, pesquisando e preparando recursos, participando ativamente em sala de aula, fornecendo *feedback*, integrando tecnologia, colaborando em projetos de pesquisa e promovendo um ambiente de aprendizado envolvente.

Estágio de observação

O período de observação foi o segundo componente da disciplina de estágio supervisionado, durou um total de 16 horas e foi conduzido com um professor responsável pelo ensino do currículo de matemática dos 9º anos C e E na escola EMEF Evaldo Holanda Maia. O estágio foi realizado nas turmas do 9º ano C e 9º ano E em tempo integral. Devido à oportunidade limitada de permanência na escola, o estágio de observação foi condensado em um período relativamente curto, com uma duração total de cinco dias, iniciando em 21 de agosto e encerrando em 25 do mesmo mês.

Durante esse período, foi possível acompanhar as duas turmas observadas simultaneamente em apenas dois dias, devido às limitações de tempo e recursos. Apesar disso, o estágio de observação ofereceu uma rica experiência, permitindo uma compreensão mais profunda do ambiente escolar e da dinâmica dos alunos.

O período de observação proporcionou *insights* valiosos sobre o comportamento dos alunos e estratégias para lidar com situações de desrespeito em relação ao professor. Ficou evidente que as turmas observadas exibem uma variedade de perfis de alunos, identificáveis com base em seus comportamentos. Alguns alunos demonstram interesse em conversas paralelas e brincadeiras que podem ser disruptivas para o ambiente de aprendizado. Outros adotam uma abordagem semelhante, mas com mais foco nas atividades da sala de aula. Além disso, observou-se um grupo de alunos que se mostraram mais

envolvidos na sala de aula, participando ativamente das atividades e demonstrando atenção às aulas. Esses alunos tendem a ocupar assentos próximos aos professores.

No primeiro dia de observação das aulas do professor supervisor, a turma, talvez devido à novidade da presença do estagiário, apresentou um comportamento surpreendentemente diferente em comparação aos dias subsequentes do estágio de observação. Durante essa primeira aula, houve notavelmente menos distrações e conversas paralelas excessivas. Além disso, os alunos que normalmente demonstravam desatenção e falta de interesse nas aulas anteriores mostraram uma participação mais notável durante a explicação do supervisor.

Uma possível explicação para esse fenômeno pode estar relacionada à dinâmica da sala de aula e à percepção dos alunos sobre a presença do estagiário. É possível que, inicialmente, os alunos tenham percebido a presença do estagiário como uma espécie de ameaça à sua zona de conforto, o que os levou a adotar um comportamento mais atento e menos disruptivo. Eles podem ter se sentido constrangidos em relação ao estagiário, o que resultou em uma mudança temporária no comportamento.

Nos dias seguintes à observação, à medida que os alunos se tornaram mais familiarizados com a presença do estagiário, voltaram a adotar o comportamento que havia sido observado anteriormente pelo supervisor. Isso incluiu o ressurgimento de conversas paralelas e brincadeiras que, por vezes, desviavam o foco dos demais alunos. Essa dinâmica adversa continuou a prejudicar o andamento das aulas, uma vez que, uma parte significativa do tempo de ensino precisou ser direcionada para o controle dos alunos e a restauração da dinâmica na sala de aula.

No último dia do estágio de observação, tornou-se evidente que a dinâmica da sala de aula havia mudado significativamente em relação ao primeiro dia. Os alunos estavam mais dispersos em relação às orientações do estagiário, seja quando era necessário que retornassem às suas carteiras

após se levantarem ou quando as conversas paralelas se intensificavam. A autoridade e autonomia que o estagiário parecia ter no início do estágio de observação haviam sido prejudicadas.

Essa mudança na percepção da autoridade do estagiário pode ser atribuída a vários fatores. Os alunos podem ter se acostumado à sua presença e, conseqüentemente, se tornaram menos responsivos às suas instruções. Além disso, a falta de experiência do estagiário e sua posição temporária na sala de aula podem ter contribuído para o fato relatado.

Essa transição ilustra os desafios que muitos estagiários e professores iniciantes enfrentam ao estabelecer uma presença na sala de aula. É um processo contínuo de desenvolvimento de habilidades de gerenciamento de sala de aula, construção de relacionamentos com os alunos e a conquista da confiança deles. A experiência adquirida durante o estágio de observação pode servir como um lembrete da importância de uma abordagem equilibrada e consistente no estabelecimento de uma postura que promova um ambiente de aprendizado respeitoso e produtivo. Além disso, ressalta a necessidade de apoio contínuo e orientação por parte de professores experientes na formação de futuros educadores.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor

O planejamento das regências foi realizado em três encontros com o professor supervisor. O primeiro encontro iniciou-se no dia 29 de agosto e o último foi realizado em primeiro de setembro de 2023. Os encontros tiveram como objetivo a elaboração dos planos de aula e discussão de estratégias de ensino para contornar os desafios vivenciados no estágio de observação.

Com base nas experiências vivenciadas no estágio de observação e visando minhas futuras regências, elaborei em

conjunto com o supervisor um plano de ensino. Este planejamento serviu como guia nas minhas regências, com o objetivo de aprimorar continuamente minhas habilidades como educador e oferecer um ambiente de aprendizado eficiente e inclusivo para um número maior de alunos com necessidades variadas.

No segundo encontro com o supervisor tratamos especificamente do planejamento das futuras regências na EMEF Evaldo Holanda Maia. O encontro ocorreu na escola e durou aproximadamente duas horas. O professor orientador sugeriu que utilizássemos uma abordagem baseada em problemas para engajar os alunos. Isso envolveria a apresentação de situações do mundo real e seria uma forma de incentivar os alunos a resolverem esses problemas de forma colaborativa.

Conversamos sobre a importância de uma avaliação formativa para verificar o entendimento dos alunos durante a aula. Além disso, planejamos uma atividade prática em grupos, na qual os alunos resolvem problemas, e essa atividade seria usada para avaliar o aprendizado. Optamos por uma abordagem diversificada, combinando exposição teórica, atividades práticas e resolução de problemas. A intenção é manter os alunos envolvidos e proporcionar uma compreensão profunda dos conceitos.

Nos encontros subsequentes, tratamos do detalhamento do plano de aula, das responsabilidades específicas e compartilhadas para cada parte da aula e garantir que todos os materiais e recursos estejam prontos. Além disso, discutimos sobre estratégias para lidar com eventuais desafios que possam surgir durante a regência com a turma do 9º ano C e E da EMEF Evaldo Holanda Maia. O planejamento das aulas de regências foi satisfatório e com o apoio do professor orientador, acredito que essa experiência será enriquecedora tanto para minha formação e para os alunos.

Auxílio ao professor

Esta parte do estágio supervisionado teve duração de 12h e ela é compreendida como o momento de aproximação do estagiário da prática de regência. Não pode ser entendida com uma prática de regência propriamente dita, mas como um momento de reflexão e atuação do discente perante as adversidades da turma.

Neste período do estágio, percebi que o licenciando interfere no ambiente do aluno, ou seja, a função do estagiário não está ligada apenas a observação, mas também as possibilidades de articulação e o estreitamento da relação estagiário-aluno. Nesse momento, o estagiário se debruça sobre as vivências das situações que o professor perpassa quando os alunos têm dúvida sobre determinado assunto.

O auxílio é o momento que o estagiário assume algumas características do profissional do magistério. Sobre este horizonte, Libâneo (1994) discorre que o professor deve aprender a combinar severidade e respeito, pois na sala de aula, o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Nestas circunstâncias, os estagiários também deverão consolidar os aspectos citados por Libâneo (1994) no que concerne as interações socioemocionais.

Foi perceptível que o período de auxílio desenvolve relações de autonomia e autoridade, visto a ocupação de alguns dos papéis do educador em sala de aula. Assim, estive sujeito a conflitos e deformações, cabendo-me desenvolver meios para lidar com tais momentos e também contornar possíveis situações que ameacem a dinâmica e o respeito perante a classe.

O auxílio teve início no dia 25 de agosto de 2023 e foi realizado em três dias, nos dias 25, 28 e 29 do mesmo mês. O motivo para esta realização breve deve-se a escolha das duas turmas da escola EMEF Evaldo Holanda Maia no qual tem os 9º anos em modalidade de tempo integral, deste modo o acompanhamento acontecia durante a carga horária que as

turmas permaneciam na escola durante as aulas de matemática.

Essencialmente, as atividades do período de auxílio estiveram em torno do acompanhamento de alguns alunos com necessidades especiais de aprendizagem. Diante disto, a grande maioria das horas de auxílio foi destinada aos acompanhamentos destes alunos e também na solução de exercícios, atividades e apresentações.

Em alguns momentos do período de auxílio o professor supervisor solicitou ao estagiário a solução no quadro de alguns exercícios para a turma. Esses momentos contribuíram essencialmente na preparação das futuras regências, pois possibilitou ao discente do estágio o momento de experiência sem está com a responsabilidade de dirigir a aula.

Durante a realização do auxílio algumas percepções em relação ao ato de educar sobre a perspectiva do estagiário foram colocadas em pauta. Houve um reconhecimento dos diferentes perfis de alunos e suas capacidades de aprendizagem. Isso levou a uma reflexão das futuras práticas. Além disso, é importante ressaltar a superação de diversas barreiras no sentido da acessibilidade com os alunos com condições especiais que em rigor necessitaria de um atendimento especializado.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

Durante os momentos de regência no estágio, descobri que o licenciando tem a oportunidade de vivenciar a prática da docência de forma mais intensa e direta. É nesse momento que assumimos a responsabilidade de planejar, preparar e ministrar aulas, além de lidar com os desafios e imprevistos que surgem no ambiente escolar.

O período de regência é a última etapa do estágio supervisionado e consiste na ministração de aulas sobre conteúdos de matemática previsto no currículo escolar para as turmas selecionadas pelo estagiário. Neste instante, o discente assume o papel do professor, porém supervisionado por um

profissional da educação, nesse caso o professor da turma.

O período de regência proporcionou-me uma experiência enriquecedora na licenciatura no que diz respeito ao contexto da sala de aula. Foi o ponto de reflexão e escolha do projeto de carreira. Esta vivência das regências foi extremamente relevante para aquisição do espírito de professor. Portanto, este período do estágio foi significativo no que concerne a aquisição de habilidades que vão desde a importância dos objetivos educacionais até os conceitos de avaliações na sala de aula.

É claro que o estágio de regência não me moldou ao ponto de ser um professor apto a atuar em qualquer sala de aula, pois a profissão do magistério é o ato onde o docente está em constante aprendizagem (Piletti, 2004). Todavia, não há dúvidas que o estágio foi um momento de crescimento e superação dos desafios que vão desde a própria oralidade até o estado de avaliação das competências dos alunos.

Esta etapa do estágio não apenas me proporcionou a experiência de ministrar aulas, mas também permitiu-me aprofundar o entendimento sobre a importância dos objetivos educacionais. Aprendi a definir metas claras para o processo de ensino e a adaptar meu planejamento de acordo com as necessidades e características dos alunos. A avaliação dos estudantes também se tornou uma parte fundamental desse processo, pois é por meio dela que pude verificar o progresso e identificar lacunas que necessitam ser sanadas.

Além disso, durante as regências, tive a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais, como a capacidade de se comunicar de forma eficaz com os alunos, de gerenciar a sala de aula e de adaptar meu ensino a diferentes estilos de aprendizagem. Essas competências são valiosas não apenas para a minha carreira como professor, mas também para muitos outros campos, uma vez que a capacidade de liderança, comunicação e resolução de problemas são habilidades essenciais na contemporaneidade.

Durante as regências, percebi que as turmas apresentavam um certo desinteresse, conversas frequentes e dificuldade em manter o foco. Após a observação deste comportamento nas turmas optei pela estratégia de tornar a aula mais envolvente e prática. Apesar das dificuldades iniciais, a abordagem prática pareceu cativar a atenção dos alunos, pelo menos momentaneamente. Utilizei perguntas abertas e estimulei a participação ativa dos alunos nas discussões. Apesar de alguns momentos de desatenção, notei uma melhora no envolvimento dos alunos à medida que a aula progredia.

Quando os alunos estavam mais engajados e focados, mesmo tendo algumas distrações e conversas paralelas, minha abordagem consistiu em uma combinação de explicação teórica e resolução de problemas práticos relacionados aos temas envolvidos. Os alunos demonstraram um nível moderado de interesse pelo conteúdo. Mantive a aula dinâmica, fazendo uso de recursos visuais e exemplos do cotidiano para tornar os conceitos mais tangíveis.

O planejamento e a forma como a regência foi ministrada, assim como evidenciado nos relatos, possibilitou que as aulas de regência fossem executadas com sucesso. Contudo, é válido destacar que houve também vários obstáculos principalmente aqueles voltados ao emocional, todavia foi possível a superação deles e assim o prosseguimento das regências.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

Basicamente, o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Finais foi dividido em duas partes. A primeira parte no contexto da sala de aula, obtendo experiências nos períodos de observação, auxílio e regência e a segunda parte realizada simultaneamente com a primeira parte através das aulas da disciplina de estágio na Universidade Estadual do Ceará, ministradas pelo professor da disciplina. Esta segunda parte é compreendida como um momento de reflexão sobre

algumas perspectivas envolvendo o estágio supervisionado.

Durante as aulas de estágios fizemos diversas discussões atreladas ao papel do estagiário na escola, as contribuições do estágio na formação do licenciando, o estágio e a relação entre teoria e prática e também o compartilhamento das vivências dos estagiários e as discussões surgidas deste contexto. Durante as aulas de estágio foram realizadas diversas leituras com direcionamento que contemplavam a dicotomia entre teoria e prática no estágio, ou seja, o entendimento da distorção da visão de que a teoria e a prática no estágio são dissociáveis. Além disso, nos encontros também foi abordado os aspectos que envolvem o estágio como momento de formação para a prática e como momento para aproximar a pesquisa da prática.

Durante os primeiros encontros realizados na universidade, era feita à leitura de um texto que envolvia alguns pontos de vista sobre o estágio supervisionado, a escrita de uma síntese e depois a dissertação de um comentário crítico a respeito do texto. Na aula posterior haveria a discussão da síntese e a leitura do comentário crítico e a apresentação de um novo texto com uma temática que nos fizesse refletir e nos auxiliasse na escola.

As discussões realizadas nas aulas de estágio foram importantes do ponto de vista da troca de experiências, pois todos os alunos que estavam realizando o estágio poderiam discorrer sobre suas atividades realizadas nas suas respectivas escolas de atuação. As vivências dos colegas da disciplina possibilitam reflexões acerca da própria prática e isto contribuiu no aprimoramento do perfil e nas relações estabelecidas no contexto da sala de aula do Ensino Fundamental.

Os ensinamentos do professor da disciplina foram essenciais para uma experiência mais enriquecedora do estágio. Os textos escolhidos e os comentários feitos bem como o espaço concedido pelo professor para as discussões tornaram a experiência do estágio mais enriquecedora. A partir das aulas de

estágio, foi possível a obtenção e o aprimoramento do conhecimento relativo à produção dos planos de aula e também no planejamento das regências e as várias facetas de entendimento do estágio.

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Este capítulo tem a finalidade de apresentar uma atividade desenvolvida no primeiro momento de regência no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Finais sobre o conteúdo de volume e capacidade. Destacando o processo da sala de aula e as percepções e aprendizagens dos alunos.

Apresentação

A atividade exitosa foi realizada no estágio supervisionado durante o período de regência, na turma de 9º ano E, em tempo integral, da escola EMEF Evaldo Holanda Maia. A atividade foi explorada em torno do conteúdo volume e capacidade e foi baseada na utilização de garrafas pet e seringas para estabelecer a relação entre o volume e a capacidade. A escolha desta atividade deu-se pelo custo-benefício do material e pela praticidade de sua utilização na perspectiva da sala de aula.

É importante salientar que durante o planejamento houve a cogitação de outras atividades para serem aplicadas, mas todas que foram citadas no planejamento do estágio, segundo o professor supervisor, não se adequavam às condições da turma, pelo motivo dela ser numerosa e também pelo fator econômico.

Outro motivo para a realização desta atividade está em torno das sugestões do professor supervisor do estágio, pois no período de planejamento tínhamos discutido sobre a realização de possíveis atividade práticas com o objetivo de estimular os alunos e deixá-los mais engajados nos estudos.

Durante os períodos de observação e auxílio, o supervisor

ministrou uma aula sobre o assunto relativo à geometria euclidiana, e segundo o supervisor, as minhas futuras regências seriam em temas da geometria espacial, principalmente volume e capacidade, então seria a hora propícia para o desenvolvimento de atividades práticas, pois segundo ele seria interessante para a minha formação. A atividade consistiu em duas etapas. A primeira na explanação teórica do conteúdo para a classe e a segunda na realização de um momento com os alunos onde houve a formação de grupos, e cujo objetivo era estudar a relação entre volume e capacidade através das garrafas pet e seringas. Na primeira parte foi utilizado o livro dos autores Iezzi, Machado e Dolce (2018) intitulado Matemática e Realidade voltado ao 9º ano.

Elementos que nortearam a atividade

Para fins de fixação das ideias e o entendimento da prática desenvolvida, o quadro a seguir trata dos elementos que nortearam a atividade, como dito anteriormente, desenvolvida na turma de 9º ano E da escola EMEF Evaldo Holanda Maia sob a orientação do professor supervisor Fernando Freire da Silva.

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano		9º ano
Unidade temática		Geometria
Objeto de conhecimento		Figuras geométricas espaciais: reconhecimento e relações com objetos familiares do mundo físico.
Habilidade		(EF01MA13) Relacionar figuras geométricas espaciais (cones, cilindros, esferas e blocos retangulares) a objetos familiares do mundo físico (Ceará, 2021, p. 397).
Objetivos	Docente	Definir primas, cubo e paralelepípedo; Definir volume; Demonstrar as fórmulas de volume para prisma, cubo e paralelepípedo e sua relação com a capacidade.

	Aluno	Resolver exemplos de cálculo de volume; Saber diferenciar os sólidos; Resolver problemas da realidade que se utilizem dos sólidos estudados.
Materiais necessários		Garrafas pet e seringas.
Conhecimentos prévios		Sólido, volume e capacidade.
Procedimentos/ instrumentos de avaliação		Participação e execução da atividade.
Duração		2 horas aulas

Fonte: Elaborado pelos autores.

É possível observar neste quadro os materiais utilizados durante a prática e a forma de avaliação utilizada. É importante notar que a avaliação utilizada tem um caráter formativo, pois de acordo com Caseiro e Gebran (2008, p.143) “a avaliação formativa pode ser entendida como uma prática de avaliação contínua que objetiva desenvolver as aprendizagens”. Além disso, podemos observar que os materiais utilizados na prática são de fácil manuseio e modestos do ponto de vista financeiro.

Desenvolvimento da atividade

Como já destacado, a atividade consistiu em duas partes. A primeira em um esboço teórico sobre o tema volume e capacidade e em seguida sobre a exploração de um momento prático que envolveu a temática abordada em sala.

A aula teve duração de 2 horas onde a primeira hora foi dedicada à apresentação teórica do tema e o restante foi dedicado ao desenvolvimento da atividade prática. A atividade foi desenvolvida na turma no período matutino. Havia neste dia cerca de 35 alunos, foi observado que todos os alunos participaram da realização dela. Inicialmente, comecei explorando em sala a temática, dando o embasamento necessário para a realização da segunda parte da aula.

Decorrido o primeiro momento, solicitei que os alunos fizessem grupos de sete integrantes para a realização da atividade. Na aula anterior fiz o pedido, em conjunto com o supervisor, aos alunos que trouxessem os materiais necessários, nos quais seriam uma garrafa pet, cuja capacidade poderia ser de um litro ou de dois litros e uma seringa, cuja capacidade seria a critério deles. Mesmo solicitando aos estudantes, certifiquei-me de trazer garrafas pet e principalmente seringas, pois poderiam ter alunos que não trouxessem o material desejado.

A atividade foi realizada no ambiente da biblioteca/sala de informática, pois neste local atendia as necessidades para a realização dela visto a presença de mesa longas e materiais como tesouras e papéis.

Antes de saímos para o ambiente de realização da atividade, o professor supervisor encaminhou uma série de informações para instruir os alunos e assim contribuir para uma melhor participação, evitando deste modo, possíveis conversas paralelas e comportamento mal desejado.

Após perpassadas as informações, nos dirigimos para o ambiente de realização da atividade. É importante frisar que mesmo com as regras enunciadas pelo supervisor e reforçadas pelo estagiário na sala de aula, os alunos apresentaram comportamentos que necessitaram da interação do supervisor e do estagiário para que eles se dirigissem ao ambiente de realização da prática.

Nos primeiros instantes no ambiente, os alunos destacaram um comportamento onde era notório a presença de conversas paralelas, risadas e desatenção. Contudo, foi possível centrar a atenção deles quando iniciamos a apresentação do que seria a atividade.

A atividade consistiu na percepção da relação entre volume e capacidade, ou seja, foi solicitado aos alunos o reconhecimento e quantização dos seguintes elementos: identificar o sólido que se aproxima da garrafa pet utilizada;

utilizar os tópicos descritos em sala para estimar o volume da garrafa pet; justificar matematicamente o modelo de aproximação; estimar a capacidade das garrafas e estabelecer um modelo de cálculo da capacidade; e trabalhar com os múltiplos e submúltiplos do litro. Cinco equipes participaram da atividade sendo que cada uma dessas equipes contou com 7 integrantes. Apenas três das cinco equipes conseguiram realizar todo o planejamento da atividade. Isto é, estas equipes conseguiram estabelecer os métodos e modelos matemáticos solicitados e ainda trabalhar com os múltiplos e submúltiplos do litro.

Uma das equipes que concluiu a atividade estabeleceu um método que relaciona à altura da garrafa pet e o volume de água ocupado no recipiente. Assim, através da altura da garrafa puderam determinar quantas seringas seriam necessárias a ser retirada da garrafa pet com o intuito de atingir determinada altura. Na imagem a seguir é destacado a solução dos problemas da atividade prática feita pela equipe II que concluíram a atividade completamente.

Figura 3: Solução completa da atividade prática pela equipe II

Matemática 04/03/2023
Equipe II

Altura: 20 cm; Diâmetro: 4 cm; Volume: 100 cm³

4) Qual sólido se aproxima da garrafa? Justifique pela equipe?

Podemos observar a presença de dois sólidos que se aproximam de uma garrafa: o cilindro e o cone. No fundo da garrafa, há um cilindro e, no topo, um cone invertido.

5) Determine o modelo do cálculo do volume?

Como temos um cilindro e um cone, podemos calcular o volume de cada um e somá-los para obter o volume total da garrafa.

Volume do cilindro: $V_c = \pi r^2 h$

Onde r é o raio do cilindro e h é a altura do cilindro.

Volume do cone: $V_{co} = \frac{1}{3} \pi r^2 h$

Onde r é o raio do cone e h é a altura do cone.

Volume total: $V = V_c + V_{co} = \pi r^2 h + \frac{1}{3} \pi r^2 h = \frac{4}{3} \pi r^2 h$

5) Desenhe um modelo que relacione o volume e a altura.

Se V é o volume do recipiente de altura h , então $\frac{V}{h}$ é o volume por cada unidade de medida da altura, então:

$$\frac{V}{h} = \frac{\pi r^2 h}{h} = \pi r^2 \Rightarrow \frac{V}{h} = \pi r^2$$

$$\frac{V}{h} = \frac{\pi r^2}{3} \cdot \frac{1}{h} = \frac{\pi r^2}{3} \Rightarrow \frac{V}{h} = \frac{\pi r^2}{3}$$

$$\frac{V}{h} = 10^6 \pi r^2 \text{ cm}^3 \rightarrow N = \frac{1}{3} \pi r^2 10^6$$

$$\frac{V}{h} = \pi r^2 10^6 \text{ cm}^3 \rightarrow N = \frac{1}{3} \pi r^2 10^6$$

Em que N é a quantidade de seringas por unidade de comprimento da altura da parte que se aproxima do cilindro.

Já N' é a quantidade de seringas por unidade de comprimento da altura da parte que se aproxima do cone.

Fonte: Acervo do autor (2023).

Com efeito, os demais grupos não conseguiram desenvolver a atividade, pois tiveram dificuldades em estabelecer os modelos solicitados pelo estagiário e pelo professor supervisor. Uma possível explicação para esse fato deve-se ao motivo destes alunos não terem compreendido os conceitos geométricos ministrados na primeira parte da atividade, outra explicação se sustenta na tese de que a atividade não despertou interesse neles nem motivação, o que possivelmente desencadeou um resultado negativo.

Durante a realização da atividade foi possível constatar, em alguns momentos, que os alunos estavam focados e atentos ao auxílio do estagiário e do supervisor para a solução dos questionamentos feitos.

Reflexões sobre a atividade

Sem dúvida há alguns pontos a serem melhorados na atividade, tanto no que concerne aplicação, acompanhamento e solução dos problemas utilizados.

Um ponto a ser discutido está em torno do tempo de realização dela, pois na segunda parte foi perceptível que os alunos não tinham amadurecido o suficiente para a realização dos problemas propostos, utilizando as garrafas pet e as seringas.

Este fato não é atípico, pois segundo Fiorentini e Miorim (1990) há várias dificuldades encontradas por alunos e professores no processo de ensino-aprendizagem da matemática, pois por um lado os alunos não conseguem aprender a matemática que é posta pela escola da Educação Básica, e isto faz com que o professor se utilize de meios do fazer pedagógico que não enriquece a aquisição de conhecimento para reverter a situação. Então torna-se interessante que a atividade seja realizada em duas aulas, uma destinada a apresentação do conteúdo e outra destinada a execução da atividade.

Outro ponto a se considerar envolve a parte disciplinar

dos alunos. Durante a realização tanto da primeira parte como da segunda houve uma considerável desatenção dos alunos perante a aula. A explicação para tal acontecimento deve-se ao estado de comportamento em que se encontra a turma, pois como o estagiário assumiu a sala, pode-se pensar que os alunos não deram o respeito necessário a postura do estagiário no contexto da aula. Neste caso, o licenciando deve desenvolver estratégias para superar estes obstáculos, visto que de acordo com Libâneo (1994), a autoridade em sala de aula é um dos pontos que o professor deve estar mais atento a desenvolver na interação professor-aluno.

Perspectivas para futuras aplicações

De fato, há alguns pontos a se considerar para o melhoramento da atividade. Podemos citar o tempo de realização, a adaptação ao nível da sala, estratégias de contorno para organização dos alunos e discussão dos resultados.

No que tange ao tempo de realização da atividade destacamos que a aplicação deve ser realizada no mínimo em duas aulas, pois os alunos terão tempo o suficiente para o amadurecimento do tópico de volume e capacidade ministrado na primeira parte da atividade. É interessante apenas uma aula de aplicação da segunda parte da atividade, uma vez que há necessidade de cumprir o currículo destinado aos alunos e também pelo fato associado ao ambiente de pressão que atividade pode causar no psicológico do aluno, visto que, o professor pode se utilizar dela para uma espécie de avaliação formativa e somativa.

É interessante que os modelos e os questionamentos que guiam o desenvolvimento da atividade sejam adequados ao nível e a cognição dos alunos da turma, isto é, não adianta o professor aderir a uma atividade complexa do ponto de vista matemático se os alunos não detêm o amadurecimento necessários para o pleno desenvolvimento da atividade no limite

de tempo estabelecido para sua execução.

Os resultados da atividade são condicionados pelo controle dos elementos citados nos parágrafos anteriores. Então o professor que se utilizará desta atividade só terá os resultados positivos se houver uma adequação ao nível da sala, estabelecimento de autoridade e controle do ambiente e uma mediação do tempo de aplicação. A partir da fusão destes elementos teremos a consolidação da atividade.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

Neste capítulo, abordamos diversos tópicos relacionados ao estágio e sua interação com prática, teoria e pesquisa. Discutimos a ruptura do paradigma da dicotomia entre teoria e prática no estágio e como isto é essencial para o desenvolvimento profissional. Destacamos também a importância da pesquisa aplicada durante o estágio e como a integração harmoniosa desses três elementos é crucial para uma experiência de estágio bem-sucedida e enriquecedora.

O estágio como momento de formação para a prática

A formação do profissional do magistério é amparada nas contribuições do estágio supervisionado e está intrinsecamente relacionado com a teoria e a prática. Nesse sentido, Lima e Pimenta (2006) evidenciam uma discussão sobre os modelos presentes no contexto da escola atual e suas implicações na formação técnica do licenciando, além de romper o paradigma da dicotomia entre teoria e prática no campo do estágio.

De fato, há na academia uma discussão sobre a ideia de que o estágio é apenas visto como uma parte cujo viés é essencialmente prático, no entanto as experiências vivenciadas no ambiente da sala de aula, através do estágio, contrapõem essa visão errônea e reafirma o ponto de vista de Lima e Pimenta

(2006).

Historicamente, o estágio supervisionado é taxado como parte prática da formação do profissional em geral, deixando a parte teórica à mercê das disciplinas “específicas” dos cursos. Diante disto, Lima e Pimenta (2006) relatam que os cursos não fundamentam teoricamente o profissional, pois o currículo é constituído como um aglomerado de disciplinas, sendo que a maioria delas não tem relação com a realidade concreta, promovendo assim, uma desvinculação do profissional com o seu campo de atuação, além de não fornecer elementos que trazem uma significação social, cultural e humana.

A visão das autoras corroborou com a experiência vivenciada no estágio supervisionado, pois me deparei com situações no contexto da sala de aula que requerem o conhecimento aprofundado em temas da didática e da psicologia, contudo devido a formação limitada do curso, no qual foi destinado quase que plenamente a elementos das disciplinas específicas da área de matemática, que em tese, não serão usufruídas em sua totalidade no ambiente da sala de aula da Educação Básica, não tive como enfrentar a solo as situações vivenciadas, havendo a necessidade de buscar suporte no supervisor.

A profissão do professor também é prática, mas esta prática deve ser medida na reelaboração dos modelos já existentes dando uma análise crítica do seu modo de saber, de saber ser e saber fazer docente. No entanto, há alguns empecilhos nesta análise, pois na maioria das vezes o aluno não dispõe de ferramentas ou experiências construídas para fazer a determinada crítica aos modelos utilizados, promovendo desta forma uma cópia fidedigna do modelo observado, no qual pode ser desvantajoso (Lima; Pimenta, 2006).

O estudante que se utiliza do modelo observado sem fazer uma determinada inferência crítica, poderá estar utilizando de uma abordagem tradicional da atuação docente, na qual a

concepção é baseada na realidade de um ensino imutável, além de não abordar os determinantes sociais e a luta de classe para a democratização do ensino. Nesta prática, a escola é entendida apenas como local para se ensinar e os alunos como objetos de captação de informação, a problemática da realidade, ou seja, voltada a seus problemas, a família e das sociedades ao seu redor é exclusivamente parte do aluno e não da escola.

Neste sentido, Lima e Pimenta (2006) defendem que a formação do professor dar-se-á pela observação, e por causa disto, a uma concepção de professores que não valorizam sua formação intelectual, deixando a atividade docente à mercê de apenas o fazer. Isto leva ao conformismo e conservação de hábitos, ideias e valores de uma cultura dominante. Assim, o estágio se resume a mera observação e reprodução de um modelo.

O exercício de qualquer profissão é técnico e o magistério não foge disso. Neste âmbito, a formação técnica do professor não é suficiente para os problemas que se defrontam na realidade de sua prática educativa e isto foi percebido no estágio supervisionado. Esta postura dicotômica trata a teoria e prática isoladamente, o que permeia o sentimento e a realidade de que a prática pelo simples emprego de técnicas sem a devida reflexão caracteriza-se por uma prática sem teoria ou uma teoria desvinculada da prática. Nesse sentido, os aspectos do estágio são limitados à prática.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

A partir das experiências do estágio, podemos situar o seu campo de investigação como sendo a crítica da realidade existente, os problemas estruturais, sociais e políticos que também são campos de estudo da didática e pedagogia.

A pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do futuro professor. Esse tipo de abordagem traz para o estagiário uma postura e habilidade de

um pesquisador, o que é necessário para saber problematizar as situações ao seu redor. Esta difusão entre pesquisa e estágio levou ele a ser fundamentado como atividade teórica instrumentalizada na *práxis*.

A teoria e a prática na estruturação do estágio são, por vezes, tratadas de forma dissociável, o que contribui para um empobrecimento da prática nas escolas, deixando-a apenas no instrumentalismo e no criticismo, contudo percebeu-se a partir da vivência no estágio que este pensamento é errôneo.

Percebi que o estágio deve ser entendido e trabalhado tanto na atuação como na formação com teoria e prática, ou seja, manifestações de uma mesma concepção. Paralelamente há uma dicotomia entre as atividades teóricas e práticas do estágio. Ele pode ser entendido com a análise dos contextos nos quais os estagiários estão inseridos e assim constitui-se de um espaço de investigação das práticas pedagógicas da escola.

Nesse sentido, a concepção de professor intelectual-crítico-reflexivo é oriunda da prática de pesquisa. Assim, a pesquisa favorece uma construção de uma atitude cotidiana de busca de compreensão dos processos de aprendizagem e a autonomia de interpretação da realidade (Dauanny; Lima; Pimenta, 2019).

A minha percepção da finalidade do estágio como atividade de pesquisa é desenvolver a análise das práticas educativas. No entanto, o termo estágio com pesquisa é entendido no cotidiano de maneira superficial, não tendo o significado de interpretação e autonomia, o que permeia na prática o termo de forma pejorativa (Piconez, 2013).

Foi perceptível que durante a realização do estágio, o desafio encontrado na vinculação do estágio à pesquisa encontra-se na dificuldade de estabelecer um núcleo de pesquisa entre a universidade e a escola básica.

As circunstâncias experimentadas no estágio possibilitaram que a percepção da relação entre o estagiário e

escola básica centra-se no processo formativo, pois situamos o professor da Educação Básica e o estagiário sujeito desse processo. E que essa relação deve ser tão estreita a ponto de superar os dilemas da escola atual.

Dauanny, Lima e Pimenta (2019) adentram na perspectiva sobre a experiência de estágio e sua influência na pesquisa, onde apresenta, relata e discute diversas dimensões formativas dessa relação, como, por exemplo, os aspectos histórico e político no processo de ensino-aprendizagem. Estes aspectos são essenciais para os licenciandos, pois evidenciam alguns determinantes que condiciona a escola atual.

Depreende-se, portanto, que a formação teórico-prática no campo da formação de professores passou por uma elaboração conceitual, no qual se situava como um professor técnico, logo em seguida reflexivo, e por fim intelectual-técnico-reflexivo. Nesse sentido, o estágio passa a ser considerado como uma aproximação da realidade, uma realidade teórica instrumentalizada na *práxis*, onde traz uma concepção de estágio como pesquisa e com a pesquisa. Essa discussão teórica leva o estágio a ocupar o papel central na formação do professor crítico, reflexivo e intelectual (Dauanny; Lima; Pimenta, 2019).

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

O estágio no contexto da formação do professor norteia-se na racionalidade técnica, onde reconhece o professor como sujeito do conhecimento, um sujeito consciente e crítico. Além disso, é válido ressaltar que há diferentes concepções de professores que possibilitam diferentes concepções de estágios e que necessitam de diferentes abordagens teóricas. Todavia, as autoras Dauanny, Lima e Pimenta (2019) admitem uma caracterização ao professor e configura ele na concepção intelectual-crítico-reflexivo.

Por outro lado, podemos identificar o estágio como uma

atitude de investigação que envolve a reflexão e investigação mutuamente. Nesse ambiente, o estágio é entendido como o “*locus*” da reflexão sobre o trabalho docente. Assim, o estágio torna-se um ambiente da produção do conhecimento sobre a profissão docente, situando-o como campo do conhecimento (Dauanny; Lima; Pimenta, 2019).

Segundo Dauanny, Lima e Pimenta (2019), o estágio é compreendido como um dos momentos em que o discente pode ter acesso às marcas do tempo no qual vivenciamos, políticas educacionais e emprego das tendências educacionais. O campo de aprendizagem dos estágios nas licenciaturas é situado na escola básica.

O estágio, segundo Dauanny, Lima e Pimenta (2019), é concebido com um espaço onde é aprendido o ofício do magistério relacionando-o ao conceito de trabalho e cujo ponto central é a discussão da prática pedagógica. A supervisão dos estágios deve ser realizada tanto na perspectiva da universidade como da Educação Básica e a forma como essa supervisão é feita influencia na formação do futuro professor.

Dauanny, Lima e Pimenta (2019) relatam que a dissociação entre a prática e teoria na escola básica, resulta no empobrecimento da prática educativa, o que promove o estágio como uma concepção de teoria ou prática. Contudo, as autoras ratificam essa noção e ressaltam que o estágio deve ser entendido como fenômeno ao mesmo tempo prático e teórico, ou seja, indissociáveis.

Ainda mais, a experiência do estágio me levou a concluir que ele deve ser o local de preparação do futuro professor, e por causa desse aspecto, a prática educativa deve ser totalmente relacionada com o que acontece com o âmbito na sociedade.

Assim, percebi que o futuro docente, tem o estágio como o local de refletir criticamente mediante as faces da sociedade. As autoras Dauanny, Lima e Pimenta (2019) relatam que o bom desempenho do discente depende também da formação teórica,

pois são objetos de reflexão e construção.

A perspectiva do estágio como forma de superar a dissociação da teoria e prática surge, historicamente, na década de 1990, pois a produção gerada nessa década possibilitou a definição do estágio como atividade prática centrada nas realidades sociais. Nesse cenário, o estágio ganha solidez na perspectiva enquanto pesquisa.

As experiências obtidas neste período de formação afirmam que o estágio se afasta apenas da compreensão de ser apenas uma parte prática da formação do professor.

Através deste cenário houve a necessidade do aprofundamento conceitual das atividades realizada no estágio, não só sua estruturação enquanto prática de pesquisa, mas na perspectiva das atividades realizadas (Piconez, 2013).

Observando a estruturação da formação dos professores em uma visão da dissociação entre teoria e prática no estágio, constatamos que historicamente, a formação do professor dava-se aligeirada e muitas vezes frágil teoricamente e praticamente (Dauanny; Lima; Pimenta, 2019). Portanto, o estágio abre possibilidades para o professor mobilizar pesquisas e ampliar a compreensão das situações vivenciadas. Neste âmbito, o estágio deixa de ser considerado apenas um dos componentes e apêndice do currículo, passando a integrar o corpo de conhecimento do curso de formação de professor (Dauanny; Lima; Pimenta, 2019).

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

A partir das experiências obtidas no estágio supervisionado, podemos concluir que ele se situa como campo do conhecimento pedagógico, assim como defendido por Dauanny, Lima e Pimenta (2019). Neste viés, o estágio se consolida com o momento de vivência da profissão do magistério. É o momento de descobertas, pois o licenciando tem

a oportunidade de consolidar o desejo de executar a profissão na sociedade.

No que diz respeito às experiências profissionais, o estágio supervisionado contribui na aquisição do saber no que concerne ao papel do professor na sociedade, na postura do licenciando dentro da sala de aula, no funcionamento da escola como um todo pedagógico e administrativo além de desenvolver no discente a oralidade e a representatividade, os quais são elementos fundamentais na formação do professor.

Durante o período de estágio tive a oportunidade de participar de diversos eventos escolares que de certo modo contribuíram para o aperfeiçoamento da prática docente durante a vivência do estágio, por exemplo, a feira de ciência realizada na escola, tive a oportunidade de participar na banca de avaliação de projetos, dá notas e averiguar as habilidades desenvolvidas pelos discentes. Esta experiência para um licenciando, é de extrema importância, pois, permite a aproximação com a realidade da sala de aula, que de uma certa forma só é possível vivenciar com a prática, além de possibilitar conhecer diferentes dificuldades enfrentadas pelos alunos da rede pública de ensino.

Através do estágio supervisionado, o discente é inserido no ambiente de aprendizagem, um ambiente de discussões em torno do aprimoramento das práticas, nesse momento o estagiário aprende a gerenciar vários aspectos da vida escolar, aprende a fazer o planejamento, plano de aula e o de ensino, tem experiência acerca do currículo e suas implicações na aprendizagem dos alunos.

Por outro lado, a experiência no estágio confirmou o meu interesse pela Educação Básica e acirrou também minha luta pela democratização da escola pública.

Percebi que a formação do curso de licenciatura não é suficiente para encarar o contexto da escola atual, deste modo pretendo aprimorar a formação através de cursos de pós-

graduação lato sensu (especialização) e stricto sensu (mestrado e doutorado). Pretendo atuar na Educação Básica e fornecer aos alunos uma formação científica sólida apta para atuação plena na sociedade e também contribuir para a redução da submissão das classes sociais menos favorecidas.

REFERÊNCIAS

CASEIRO, Cíntia Camargo Furquim; GEBRAN, Raimunda Abou. Avaliação formativa: concepção, práticas e dificuldades. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 15, n. 16, 2008.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/37/2020/02/DCRC_2019_OFICIAL.pdf. Acesso em: 1 set. 2021.

DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. (2019). A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, (3). 2019. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4274>.

FIorentini, Dario; Miorim, Maria Angela. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no Ensino da Matemática. **Boletim da SBEM**. SBM: São Paulo, ano 4, n. 7, 1990.

IEZZI, Gelson; Machado, Antônio; Dolce, Osvaldo. **Matemática e Realidade 9º Ano**. 9ª ed. São Paulo: Atual Editora, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. Poíesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 8 ago. 2023.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Papirus Editora, 2013.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. Ática, 2004.

RODRIGUES, Micaías Andrade. Quatro diferentes visões sobre o estágio supervisionado. **Revista brasileira de educação**, v. 18, n. 55, p. 1009-1034, 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/v18n55/v18n55a11.pdf>. Acesso em: 23 de nov. de 2023.

CAPÍTULO 6

Nas Entrelinhas da vivência de uma educadora em formação: O enigma intrigante no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental

Laisa Moura Chaves

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Finais se faz presente nos cursos de licenciatura para possibilitar os futuros docentes presentes na graduação, a vivenciarem a prática docente, é no estágio supervisionado que os graduandos conseguem ter a real ideia de como funciona uma instituição educacional, como o (a) professor (a) supervisor (a) se posiciona no atual cenário educacional, qual a verdadeira postura dos alunos em sala de aula e como está o processo educacional em relação aos principais envolvidos: aluno, professor e diretor.

O futuro professor que se faz presente no estágio supervisionado, se depara com técnicas de ensino, ideias de atividades lúdicas, ou seja, o estagiário entra em contato com modelos de ensino previamente prontos, propagados por seus supervisores. Isso está de acordo com o que aponta Lima e Pimenta (2006), em suas perspectivas da prática no estágio como imitação de modelos previamente prontos na vivência a partir da observação na prática. As autoras deixam claro que o estágio não pode se resumir na observação dos professores em sua devida sala de aula, com o objetivo de imitar tais modelos disseminados na sala de aula, ou até mesmo uma reelaboração de tais modelos, sem necessitar de uma análise teórica e fundamentada. Segundo as autoras, devemos fazer uma análise crítica e reflexiva sobre o observado, a fim de construirmos nossa identidade profissional.

A partir de tais argumentações, é possível definir que o objetivo principal deste trabalho é, principalmente, relatar experiências sobre a prática da docência, fundamentado nas devidas experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental em seus anos finais, deixando explícito os primeiros contatos com o ambiente educacional, e em particular com a sala de aula.

O estágio foi realizado em quatro meses, com o seu início em agosto de 2023 e finalizando em novembro do mesmo ano, com uma carga horária de 136 (cento e trinta e seis) horas, sendo divididas em aulas teóricas com o professor orientador da disciplina, e a vivência prática na escola recebedora. O estágio foi realizado nas turmas de 6º ano A e 7º ano A, no turno da manhã, com as aulas presenciais em uma escola situada na cidade de Tabuleiro do Norte - CE, na zona rural.

Tal escola foi selecionada por conta de experiências pessoais vividas no ano final do Ensino Fundamental – Anos Finais, em que a atual supervisora contribuiu de forma exitosa para o desenvolvimento crítico-social. Os estágios aconteciam nos dias de segunda-feira, terça-feira, quinta-feira e sexta-feira, com aulas das sete horas às nove horas, e durante nove e meia às onze horas da manhã.

Para iniciar o estágio, foi necessário conhecer previamente a rotina da instituição, quais horários das aulas de matemática, informações essas que foram repassadas pela professora supervisora, juntamente com o diretor. Com tais informações iniciais, pude iniciar o reconhecimento da escola, em que foi possível observar a quantidade de salas disponíveis, ambientes de lazer, dentre os demais espaços disponíveis na escola. Logo em seguida, iniciou-se as demais etapas do estágio, que foi a observação, o planejamento das regências, o auxílio em sala de aula, e por fim, as regências.

Por fim, através do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, foi possível relembrar de vivências anteriores à

graduação, como por exemplo as experiências vivenciadas na educação infantil, período em que os alunos compreendem a importância do brincar e do aprender. Em seguida, tem-se o Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, fase em que os alunos encaram a primeira formação básica do cidadão, observam quais as suas expectativas para o futuro, sem perder a essência do “ser criança”. Já no Ensino Médio, surge a preocupação excessiva com o futuro, quais metas devem ser alcançadas, qual faculdade cursar, entre outros questionamentos.

Portanto, o estágio supervisionado na Licenciatura em Matemática possibilitou uma visão crítica a cerca de como a educação está situada no cotidiano. Escolhi o curso de Licenciatura em Matemática pois sempre tive admiração pelo magistério e sempre tive vontade de conhecer essa realidade educacional, pois é nela que sabemos como os jovens estão, em relação a educação em si e aos seus relacionamentos em sala de aula, pois é com esse conhecimento teórico e observador, que o futuro professor pode estabelecer algumas medidas que devem ser tomadas em sua sala de aula.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

O primeiro contato com a escola recebedora se deu com o pedido de estágio na devida escola, o diretor responsável pelos tramites legais da instituição foi o encarregado por repassar todos os informes, qual horário a escola abria os seus portões, qual o horário de encerramento e os demais horários.

Segundo Lima (2008, p. 199) “é importante lembrar que cada escola tem um jeito especial, específico de conduzir o seu cotidiano e sua organização e de se posicionar diante das questões e desafios que surgem”. Com isso, é de extrema

importância dar ênfase para o momento de chegada na escola onde irá acontecer o estágio, pois será o momento em que o aluno terá a oportunidade de conhecer como funciona uma instituição, qual o seu endereço, se a escola possui alguma vizinhança, algum comércio próximo, algum posto de saúde, ou seja, conhecer a escola de uma forma completa.

A escola, como dito anteriormente, localiza-se em uma zona rural da cidade de Tabuleiro do Norte. Em primeiro momento, após a confirmação da realização do estágio, aconteceu a etapa de chegada à instituição, foi dado foco a observação da entrada da escola, verificando o estacionamento da instituição, a quadra poliesportiva e algumas zonas de lazer, para brincadeiras infantis ou demais atividades.

Após esse contato com a área externa da escola, aconteceu o momento da entrada à área interna da escola, nessa etapa pude ter contato com as salas de aula, com os murais informativos, com as alas para higiene pessoal e com a brinquedoteca presente no interior da instituição. Com esse momento de chegada na referida escola, foi possível notar um leque de possibilidades que poderiam ser alcançadas ao longo do estágio, como por exemplo, a oportunidade de conhecer diferentes culturas institucionais, diferentes regimentos, diferentes condutas.

Após o reconhecimento das áreas concretas da escola, partiu-se para reconhecer quais os professores, quais os projetos desenvolvidos pela escola, qual posição a escola toma no ambiente social da cidade, entre outros parâmetros.

Os alunos possuem uma vasta área de lazer e um espaço para as refeições, em que é notório a interação dos alunos de turmas diferentes, independentemente do nível, sendo possível observar a vasta troca de saberes, brincadeiras em conjunto e apoio até mesmo emocional.

Por fim, na etapa de reconhecimento da escola, foi possível ter acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, o qual contém informações relevantes sobre o número de funcionários

administrativos, o número de professores que se aposentaram, ou que ainda estão em atividade na instituição, dados sobre os diretores que já fizeram parte da gestão escolar, projetos culturais implementados pela escola, elementos históricos da instituição, dentre demais tópicos explanados no PPP.

Portanto, na etapa de reconhecimento escolar, foi possível perceber que uma instituição não é apenas um local repleto por alunos, professores e um diretor(a), ela na verdade é composta por uma comunidade que trabalha incansavelmente para proporcionar aos estudantes um local confortável e favorável para o seu amadurecimento e aprendizagem.

Após finalizar a etapa de reconhecimento da escola, partiu-se para conhecer mais a fundo a minha professora supervisora. A entrevista possui o objetivo de indagar a professora sobre a sua vida profissional, qual a sua formação, se possui alguma Pós-graduação, quantos anos está atuando em sala de aula, ou seja, são informações sobre a sua carreira na escola e quais as suas percepções acerca da educação em geral.

Na realização da entrevista, foi possível notar que a professora supervisora já vivenciou experiências diversas, tanto em sala de aula, sendo a professora titular, como na coordenação, sendo a diretora escolar. Ou seja, a entrevista com a professora me serviu como um acervo de conhecimento, pois a professora respondia às perguntas com base em tudo que viveu.

Portanto, a etapa de entrevista com a professora não foi somente um momento de conversa ou uma lista de perguntas que deveriam ser respondidas, foi, na verdade, um momento de conselhos, e principalmente de escutar uma docente que é responsável por ensinar diversos alunos por mais de 10 anos, e conseguir manter a dedicação e esforço. Então, a entrevista foi o momento em que pude perceber fatores que podem ser inseridos na minha futura rotina de professora titular em uma futura escola, pois foram conselhos que serviram para amadurecer o meu senso crítico e profissional, como por exemplo, a adaptação

em sala de aula e a dedicação com cada aluno.

Estágio de observação

A etapa de observação no estágio supervisionado foi uma das etapas que mais impactou e mais me trouxe aprendizados como docente em formação no curso de Licenciatura em Matemática. As observações foram os momentos em que pôde-se observar como a professora supervisora se posiciona em sala de aula, quais os seus comportamentos, qual a sua linguagem com os alunos, quais atividades lúdicas que podem ser implementadas em determinados conteúdos matemáticos, quais as propostas avaliativas usadas pela professora. Além disso, pude perceber como uma sala de aula funciona na prática, como os alunos se comportavam, quais eram os seus costumes, suas gírias, as amizades fortalecidas na escola, dentre demais aspectos observados.

Nas primeiras observações, os alunos achavam a minha presença estranha, acredito que pensavam que deviam se comportar para não serem prejudicados pela estagiária, apesar de ter sido esclarecido qual a minha real função na sala de aula. Os alunos eram curiosos, perguntavam qual faculdade eu fazia, o porquê eu fazia tal faculdade, quais os meus sonhos, perguntas essas que foram capazes de me aproximar deles, criar um laço que poderia ser classificado momentâneo, mas indispensável.

O período de observação durou exatas 16 horas, executadas nas turmas de 6º ano A e 7º ano A, ou seja, era possível ter uma dupla observação, uma dupla visão de como cada turma se comportava, de cada postura tomada pela professora, quais as diferenças entre o método avaliativo no sexto ano e no sétimo ano, dentre demais percepções. As observações ocorriam no horário da manhã, com 4 dias possíveis para efetuar as observações. Sentava-se no final da sala, assim, era possível observar quais deles efetuavam as atividades propostas, quais os alunos mais dispersos, etc. A sala é dividida

em 5 filas, pensadas estrategicamente pelas professoras e professores, ou seja, era realizado o mapa de sala, com o objetivo de posicionar cada aluno de forma estratégica, dificultando as possíveis conversas paralelas.

Com isso, pode-se notar que uma sala de aula mesmo possuindo regras e regimentos a serem seguidos, a educação no dia a dia tornou-se uma etapa desafiadora e cheia de obstáculos. Foi com a etapa das observações que percebi algumas ideias que instigam os alunos a prenderem a atenção no conteúdo repassado pela professora. Foi nessa etapa que pude compreender que uma sala de aula sempre vai possuir problemas inesperados, problemas esses que muitas das vezes tomam boa parte do tempo da aula, mas que devem ser resolvidos e nunca podem se repetir, para não gerar mais problemas futuros.

Portanto, a etapa de observação aumentou os meus conhecimentos no quesito da relação professor e aluno, notei como um aluno se comporta em sala de aula, quais os comportamentos da professora, e como os problemas podem ser solucionados.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor

Após efetuar a etapa de observação no estágio supervisionado, inicia-se o período de preparação para as futuras regências. Essa preparação nada mais é do que alguns horários que são destinados a planejamento de aulas juntamente com a professora supervisora. É nessa fase que discute-se alguns aspectos pedagógicos, como por exemplo os objetivos que se pretende alcançar, qual a turma escolhida para realizar a regência, quais os horários que a professora irá me designar para começar a prática docente, qual a carga horária da etapa das regências, quais as metas que queremos alcançar com o meu trabalho docente, dentre demais aspectos.

O momento da elaboração do plano de estágio serviu como amadurecimento, pois a professora orientou e mostrou algumas dicas de como iniciar as regências, quais metodologias seriam bem-vindas na sala de aula, etc.

Seguindo as orientações, foi definido que a turma à ministrar as regências seria a de 7º ano A, por conta do maior número de alunos em sala de aula, e por possuírem uma maior interação e afinidade com a estagiária. Após a definição da turma, partiu-se para conhecer e definir quais os conteúdos que seriam ministrados nas regências e quais os materiais manipulativos que poderiam ser utilizados nas aulas.

Portanto, na etapa de elaboração do plano de estágio e das regências, juntamente com o plano pedagógico, pôde-se vivenciar momentos enriquecedores e que foram capazes de contribuir com o senso crítico e reflexivo da estagiária. A professora supervisora repassou os seus conhecimentos, repassou as suas experiências com a turma, como também a sua experiência de anos no magistério, mostrando seus modelos de aulas, o que, a princípio, me parecia o modelo a seguir.

Contudo, segundo Lima e Pimenta (2006, p. 8) ao considerar o estágio desse modo, ele se reduz “a observar os professores em aula e a imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa”. Portanto, foi no planejamento que pude ter contato com tais modelos de aulas, e poderia imitá-los, mas com uma possível reformulação, mas sem perder a originalidade e a minha identidade própria da docência que estava ali sendo construída.

Auxílio ao professor

A etapa de auxílio ao professor pode ser definida como uma porta de entrada para as futuras regências. Será o momento em que os alunos da turma terão a liberdade de pedir orientação da estagiária sobre uma determinada questão, com algum

questionamento, dentro outros pontos.

Foi na etapa do auxílio a professora que me deparei com dúvidas matemáticas de diferentes conteúdos, de diferentes níveis de dificuldade, ou seja, me deparei com a responsabilidade de conseguir atender a dúvida de todos. No auxílio também tive de buscar formas e métodos de ajudar os alunos que não conseguiam compreender apenas com o método expositivo, ou seja, tive muitas vezes que desenhar uma situação problema, trazer exemplos do cotidiano, utilizar uma linguagem o mais simples possível para tornar a explicação matemática mais objetiva e de fácil entendimento. Ou seja, tornou-se necessário adequar-se ao nível da turma, perceber o que chama mais atenção e quais as estratégias que podem ser utilizadas para tentar ajudar o aluno que está com questionamentos.

Portanto, no auxílio ao professor foi possível criar um maior vínculo com os alunos, criar um maior aparato de ideias que prendam a atenção deles para melhor compreender a matemática. Percebi quais as dúvidas mais frequentes em determinados assuntos ensinados pela professora supervisora, também foi possível definir quais os alunos mais atentos, quais que possuíam uma maior facilidade em aprender o conteúdo, ou seja, foi possível enxergar a sala de aula com outros olhos, com uma visão mais ampla e com um embasamento maior, no quesito de quais técnicas de ensino funcionam mais.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

Por fim, o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental teve como última etapa as regências em sala de aula, juntamente com a aplicação do projeto didático estabelecido nos planejamentos realizados em momentos anteriores. Foi na etapa das regências que a teoria se concretizou, e se tornou práticas constantes em sala de aula, especificamente na turma de sétimo ano A.

As regências do estágio foram as primeiras experiências

como professora oficial em sala de aula, a pessoa responsável por acrescentar na vida dos alunos presentes na turma. Portanto, essa etapa se tornou memorável e de extrema importância para saber que, ser professor não é apenas ter uma vasta teoria em mente, é saber aplicar tais teorias e contribuir no cotidiano dos estudantes. Como Lima (2012, p. 104) afirma: “ [...] a teoria não leva à transformação da realidade (e) a prática (por sua vez) também não fala por si mesma (ela precisa da teoria o que leva ao conceito de práxis)”.

Com o andamento das aulas, posso afirmar que uma das maiores dificuldades do docente presente em uma escola de ensino básico é manter o interesse e o comprometimento da parte dos alunos. Contudo, observei que uma alternativa é utilizar métodos e materiais manipulativos que possuem o potencial de melhorar o entendimento dos alunos e proporcionar um ambiente interativo e repleto de conhecimento.

Nas regências, também foi possível criar um vínculo vitalício com os alunos, o qual trouxe benefícios nas aulas, como por exemplo, a melhor compreensão da parte dos alunos, no quesito de comportamento em sala de aula e também do respeito com os demais colegas.

Portanto, apesar das dificuldades enfrentadas no decorrer das regências, dos medos e do nervosismo, pude presenciar momentos que contribuíram para a minha construção profissional, como também para o pessoal, momentos esses que me fizeram ter certeza de onde quero estar.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

Durante as experiências vividas no campo de estágio, também possuíamos os momentos de estudo e reflexão na universidade, os quais aconteciam todas as quartas-feiras, de forma presencial. Os estudos na universidade se davam de formas distintas, mas sempre com um mesmo objetivo, compartilhar os saberes dos estagiários e as vivências até então

presenciadas nas escolas campo de estágio.

O professor orientador da disciplina, indicou desde o início da disciplina alguns textos reflexivos que falavam sobre o estágio supervisionado. Os textos contribuíam para a nossa formação, com algumas metodologias de ensino, teorias de como iniciar o processo de entrada no campo de estágio, dentre demais teorias a serem exploradas e refletidas pelos alunos presentes na disciplina.

Inicialmente, os encontros eram divididos em dois momentos importantes: o primeiro momento era destinado a relatar as experiências no estágio, ou seja, cada aluno contava um pouco sobre como estava o seu estágio, quais as novidades, quais as dificuldades até então enfrentadas, dentre outros comentários. O segundo momento era destinado a discutir sobre o texto direcionado pelo professor da disciplina, nesse momento cada discente falava um pouco sobre o texto, qual a parte que mais lhe chamou atenção, se acrescentariam alguma coisa, se haviam críticas, etc.

Portanto, o momento na universidade contribuiu principalmente para juntar a teoria com a prática, ou seja, os textos mostravam a teoria da formação de professores, o que poderia ser melhorado, dentre outros parâmetros que seriam colocados em prática no campo de estágio, evidenciando assim a importância entre a articulação da teoria com a prática.

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação

No cotidiano das regências ministradas em sala de aula, algumas delas possuem uma maior importância e uma vasta interação da parte dos alunos que estão tendo o contato com os materiais fornecidos pelo professor da sala, pois, a metodologia utilizada na aula ou até mesmo os recursos usados para a

explicação do conteúdo, tornou-se ativamente exitosa e com resultados positivos.

Dessa forma, durante o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, uma atividade desenvolvida em uma aula na turma de 7º ano no turno da manhã, retornou resultados positivos conforme o andamento do conteúdo nas regências posteriores. Os conteúdos abordados na aula ministrada foram potenciação em que a base é um número inteiro e raiz quadrada exata de um número inteiro. A regência foi planejada com o intuito de encerrar o conteúdo de potenciação e de raiz quadrada, para que, em seguida, seja realizado um simulado para averiguar, mesmo que momentaneamente, os conhecimentos dos discentes e, após isso, iniciar outro conteúdo.

O conteúdo de potenciação e radiciação foi selecionado por conta da sua importância em assuntos trabalhados em outros conteúdos matemáticos, assuntos esses que serão lembrados no 8º ano. A professora supervisora também foi a responsável por selecionar o conteúdo que seria ministrado na gincana elaborada.

Elementos que nortearam a atividade

Neste momento, será realizado uma exposição sobre como a aula foi fundamentada, quais os objetivos que se deve alcançar, qual habilidade será contemplada na realização da atividade, também é determinado os materiais necessários para a realização da aula. E, por fim, é exposto qual o método de avaliação utilizado para verificar se os alunos estão executando o trabalho de forma correta e favorável para o seu amadurecimento teórico.

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano	7º ano.
Unidade temática	Números.
Objeto de conhecimento	Potenciação e radiciação.
	(EF08MA02) Resolver e elaborar problemas usando a

Habilidade		relação entre potenciação e radiciação, para representar uma raiz como potência de expoente fracionário (Ceará, 2019, p. 444).
Objetivos	Docente	- Recordar os conceitos abordados nas aulas anteriores; - Relatar quais os pontos de maior importância presentes no conteúdo; - Localizar quais as dúvidas mais recorrentes entre os alunos; - Explicar as dúvidas dos alunos; - Descrever como funcionará a gincana e quais as regras; - Validar quais as respostas certas e qual grupo conquistou a vitória; - Valorizar o esforço dos alunos e parabenizar todos;
	Aluno	- Relembrar dos conteúdos passados nas aulas anteriores. - Associar conceitos posteriormente disseminados pela professora oficial da turma. - Interagir de forma ativa com os colegas presentes no seu devido grupo; - Verificar quais as dúvidas que ainda estavam presentes no conhecimento do conteúdo; - Participar ativamente da gincana;
Materiais necessários		- Quadro branco - Pincel - Apagador - Fita adesiva - Envelopes de papel - Impressões - Livro didático - Cronômetro
Conhecimentos prévios		- Operações básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão). - Noções básicas de geometria (área do quadrado).
Procedimentos/ instrumentos de avaliação		- Participação ativa dos alunos na gincana; - Respeito com os demais alunos que também competiam; - Interação dos alunos entre o seu grupo da competição;
Duração		50 min

Fonte: Elaborado pela autora.

Em um primeiro momento, o quadro exhibe a unidade temática da aula “números”, abordando o objeto de conhecimento, sendo ele potenciação e radiciação, conteúdo esse abordado em aulas anteriores à aula aqui exposta. Quando observamos a habilidade, vemos que se trata de uma habilidade do 8º ano do Ensino Fundamental, no entanto, o conteúdo foi abordado no livro didático “Araribá, matemática, 7º ano de Gay e Silva (2022). Agora no sétimo ano será tratado como uma forma de introdução, para preparar os alunos para o ano seguinte, 8º ano, o qual abordará o conteúdo de uma forma mais ampla e completa, esclarecendo todos os conceitos que não foram abordados previamente no 7º ano.

Desenvolvimento da atividade

A aula teve início às oito horas da manhã, sendo ela uma aula de 50 minutos. A aula iniciou com a acolhida aos alunos, perguntando como estavam, se tinham dúvidas sobre a atividade trabalhada na aula anterior, visto que o conteúdo da atividade envolvia radiciação. Os alunos não possuíam questionamentos, haviam relatado que a atividade foi efetuada de forma prazerosa e sem questionamentos excessivos.

Após essa acolhida, partiu-se para a lista de frequência dos alunos, na lista é observado quais os alunos faltosos, e quais os alunos que fizeram a atividade. É importante ressaltar que esses alunos que efetuaram a atividade de casa de forma satisfatória, ou seja, resolveram todas as questões selecionadas pelo professor, ganham uma bonificação ao final do bimestre.

Com a aferição na lista de frequência, pode-se notar uma melhora significativa na realização das atividades de casa, alunos que anteriormente não resolviam os exercícios propostos para casa, começaram a tentar resolver e compreender melhor o conteúdo com o uso das questões. Percebendo isso, houve a parabenização dos alunos por tal feito, e em seguida, partiu-se

para a correção da atividade.

Na correção das atividades propostas, os alunos eram participativos, a cada item das questões selecionadas, os estudantes demonstravam domínio de conteúdo, participação ativa e ajudavam os colegas que não compreendiam alguma questão.

Após a etapa de correção das questões propostas, partiu-se para a gincana, a qual foi realizada na própria sala de aula. A gincana teve o objetivo de verificar se os alunos realmente compreendiam o assunto de Potenciação e Radiciação ou se ainda restava alguma indagação que não foi realizada. A gincana era vista como um momento de descontração com os discentes, momento esse que gerou novas amizades, compreensão entre os alunos, respeito entre eles e o professor, dentre demais valores conquistados.

Para o desenvolvimento da gincana, separamos os alunos em 5 grupos, que foram respectivamente cada fila presente na sala de aula, para avaliar o desempenho de cada uma separadamente, algumas filas tinham 5 alunos, e outras 6 alunos. Com a definição dos grupos, partiu-se para a explicação das regras da gincana. As regras da gincana eram simples, os alunos não poderiam correr dentro da sala, teriam que se locomover de forma silenciosa e sem balbúrdia, para não atrapalhar a aula dos demais professores que estavam nas salas vizinhas, o respeito com os colegas se tornou o ponto mais importante da gincana, era observado se o aluno respeitava os colegas dos demais grupos, se houvesse desrespeito, o grupo seria desclassificado da gincana.

Agora, falando sobre a gincana em si, o quadro branco era separado em 5 partes, para simbolizar o número de grupos, sendo indicado por “grupo 1, grupo 2...” etc. Em cada repartição, eram colocados 7 envelopes pretos, contendo questões sobre potenciação e radiciação. As questões tinham níveis diferentes, algumas mais simples e mais rápidas de se solucionar, outras

mais complicadas, sendo preciso uma melhor observação e precisão nas respostas. As questões podem ser encontradas no link:

https://drive.google.com/drive/folders/1k556M9YCLqS3Jn6wcxi rG8VDfT56UcIB?usp=drive_link.

Havia um cronômetro que possuía a função de temporizar qual o grupo que terminava as 7 questões primeiro, sendo iniciado quando todos os estudantes pegavam a primeira questão do primeiro envelope. Após pegar a primeira questão, o grupo que a terminasse primeiro, já se locomovia até o quadro e retirava a outra questão no outro envelope que estava colado no quadro e em sua devida repartição. Na imagem a seguir, é exposto à disposição dos envelopes no quadro:

Figura 4 – Quadro branco com os envelopes das questões



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Como dito anteriormente, cada envelope continha uma questão ou sobre potenciação, ou sobre radiciação, assuntos esses que foram trabalhados nas aulas anteriores e selecionados em parceria com a supervisora. A gincana teve início por volta das 08:45 da manhã, cada grupo escolheu o seu representante, que seria a pessoa responsável por pegar a questão dentro do envelope presente no quadro branco.

O grupo 3 saiu com vantagem, respondeu a primeira

questão em menos de um minuto, saindo em vantagem dos demais grupos que ainda não haviam resolvido a primeira questão. Todas as 7 questões para cada grupo eram as mesmas, no entanto, estavam distribuídas de formas diversas, ou seja, o envelope com a questão 1 do grupo 3 poderia ser a mesma questão do grupo 1 ou poderia ser a próxima questão.

O primeiro grupo a terminar as 7 questões foi o grupo 3, com isso, os demais grupos paravam de resolver as questões e participavam da conferência das questões, caso o grupo 3 errasse uma questão, perderia a disputa. Após conferir as respostas do grupo, foi possível perceber que o grupo errou duas questões das 7, desclassificando-os da gincana, ou seja, permitindo aos demais uma nova chance de vencer.

O próximo grupo a finalizar todas as sete questões foi o grupo 1, então, os demais grupos paravam o que estavam fazendo e se atentavam a conferência das respostas do grupo 1. O grupo 1 finalizou a gincana com todas as respostas certas, com isso, tornou-se o campeão da gincana sobre radiciação e potenciação. A premiação do grupo foi uma caixa de doces, que era dividida entre os integrantes do grupo.

As questões dos demais grupos também foram conferidas, para saber como estavam as resoluções dos estudantes, se tinha algum erro, quais as dúvidas, dentre demais questionamentos. Os grupos que não conseguiram conquistar o primeiro lugar, receberam dois bombons como forma de incentivo, para continuarem se esforçando e se dedicando nos estudos.

Em relação a participação dos alunos entre o seu grupo e os demais, foi possível notar uma maior maturidade e compromisso da parte dos estudantes, os mesmos eram empolgados e com uma vontade incessante de vencer, mas sempre mantendo o respeito com os colegas, com a professora estagiária e com a professora supervisora que também estava presente na sala. Os discentes também mostraram respeito em relação as demais turmas vizinhas, conseguiram manter um tom

de voz baixo, sem prejudicar as aulas dos demais professores, mas sem deixarem as risadas e a diversão de lado.

E foi assim o desenvolvimento e término da gincana, os alunos se sentiram satisfeitos e felizes com a realização da gincana, pois se tornou um momento de descontração e me aproximou deles, tornando possível um melhor relacionamento, de professor e aluno.

Reflexões sobre a atividade

A gincana surgiu como um meio de refletir sobre como está o nível de aprendizagem dos alunos, qual os alunos que estão com mais facilidade, quais deles estão com dúvidas e quais são essas dúvidas, etc. Com a gincana, também pode-se verificar quais as filas que estão com déficit de aprendizagem por conta de conversas paralelas, causando assim uma mudança no mapeamento de sala, pois havia alunos que estavam prejudicando uma fila inteira, por conta dessas conversas.

A professora supervisora sempre teve esse costume de introduzir algumas gincanas ou de implementar alguns materiais didáticos nas aulas de matemática, para melhorar a compreensão dos alunos em determinado conteúdo a ser ministrado, ou seja, o estagiário que mantém o contato com tais culturas, se coloca no papel de responsável por continuar com essas gincanas que fazem parte do cotidiano dos alunos, como também, levar demais culturas aprendidas em sua vivência. Portanto, segundo Lima (2008, p. 203) se deve ter em consideração que a cultura do magistério está inclusa “cultura escolar e pode ser compreendida como jeito de ser e de estar na profissão. Dessa forma, precisamos entender melhor a realidade inserida nessa diversidade cultural.”

Com a realização da gincana, os alunos demonstraram gratidão e agradecimento, pois eles estavam apreensivos com as regências, acharam que não iria ser implementado as gincanas e os momentos de práticas, que sempre foram incluídos pela

professora supervisora. Portanto, com a realização da gincana, os alunos ficaram felizes e o medo foi deixado de lado, pois foi esclarecido que o meu trabalho é proporcionar a eles uma experiência satisfatória e que não mexa muito com o cotidiano de aula deles.

A aula exitosa funcionou de forma eficaz no aprendizado dos alunos, principalmente por conta dos diferentes níveis das questões, tendo níveis mais simples e mais complexos, fazendo eles pensarem de diferentes formas, ou seja, eles conseguiram sair do seu senso comum, conseguiram pensar fora da caixa.

No entanto, o tempo de execução da atividade poderia ser maior, podendo ser realizada de formas diferentes, ou seja, poderiam ser abordadas mais questões sobre potenciação e radiciação, a atividade poderia ter níveis, ou seja, o nível 1 poderia ser as questões já usadas, o nível dois poderia ser perguntas orais, dentre outros níveis, para aprofundar mais os conhecimentos dos alunos e tornar a gincana ainda mais atrativa.

Portanto, de modo geral, a gincana não possuiu erros significativos, erros esses que poderiam acarretar problemas com que a gestão escolar intervisse ou recomendasse o encerramento da atividade.

Perspectivas para futuras aplicações

Os futuros ministrantes da atividade devem ir cientes dos possíveis erros que possam acontecer naturalmente, como conversas paralelas, brincadeiras de mal gosto envolvendo cada grupo participante da gincana, erros esses que podem ser evitados sem muita intervenção brusca.

Deve-se também pensar no tempo de execução da atividade e qual o conteúdo que será abordado na atividade, será um conteúdo extenso? Será um conteúdo que terá uma performance adequada com o uso da gincana? O número de questões será o mesmo? São tais perguntas que devem ser levadas a sério antes de implementar a gincana.

Portanto, o futuro professor que tiver o interesse em colocar em prática a atividade exitosa descrita acima, deverá estar ciente de que, segundo Niles e Socha (2014, p. 84) “[...] a garantia do espaço da brincadeira na escola é a garantia de uma possibilidade de educação da criança em uma perspectiva criadora, voluntária e consciente”. Portanto, a gincana não se torna apenas um momento de risadas ou brincadeiras que possam ser vistas como desnecessárias, a gincana deve ser vista como um meio de melhorar cada vez mais o ensino e aprendizagem das crianças e adolescentes que terão o contato com a atividade, e também pode ser definida como um meio de tornar o ambiente educacional divertido, descontraído, mas deve-se implementar de forma consciente e ter certeza se a gincana pode ser inserida em sua sala de aula.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

A escola , proporcionou experiências que enriqueceram quem sou hoje, mostrou que o professor não é apenas uma pessoa que possui graduação e está ali para ensinar crianças e adolescentes de forma mecânica. O estágio como um todo, veio no papel de mostrar aos docentes em formação que a vivência em sala de aula deve ser única, significativa, deve ser o momento de divisões de opiniões, momentos esses necessários no processo de formação inicial do professor.

A vivência na faculdade torna-se o momento de formação do docente fomentada em uma perspectiva mais teórica, aprendendo teorias sobre a psicologia humana, aprendendo como a prática não anda sozinha, sem o auxílio da teoria, ou seja, os momentos na faculdade ensinam ao docente em formação, como encarar determinados obstáculos que ele(a) possivelmente

vai encontrar em sua jornada docente.

O estágio também me ensinou que cada turma tem o seu jeito de ser, cada turma possui a sua maneira de se expressar, as vezes a turma está bastante interativa, as vezes a turma está passando por uma situação delicada, seja por alguma nota baixa ou por algum fator externo, ou seja, existem dias e dias.

Pensando nisso, segundo Lemov (2011), deve-se buscar implementar para o aluno um processo de controle dentro de sala de aula, o controle nada mais é do que a capacidade de instruir o aluno a fazer o que você propõe em sala de aula, ou seja, não é o ato de impor algo utilizando de verbalismo agressivo, e sim colocar ele para realizar uma certa ação que você designou. Praticando esse processo de controle, os alunos conseguem compreender que eles precisam realizar uma determinada atividade, apesar de estarem em uma situação delicada.

Portanto, a universidade possui o papel de orientar os futuros docentes a compreenderem que o ensino surge da teoria, e a instituição recebedora do estágio possui o papel de permitir que essa teoria possa se transformar em prática no estágio supervisionado, com isso, ambas as instituições de ensino possuem o dever de formar os estagiários em professores, com as reflexões aprendidas em cada etapa.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

Os cursos de licenciatura, a partir do estágio, permitem que os alunos tenham o contato com a futura docência, possam conhecer a fundo como um magistério funciona, quais as diretrizes que fazem parte de um ambiente educacional, quais as medidas que podem ser tomadas no decorrer do curso, dentre demais aspectos aprendidos durante o curso.

E no decorrer do curso de licenciatura, o graduando se depara, na realização de seu estágio, com a realidade que a escola do seu estágio se encontra, quais os problemas de gestão, como

os alunos estão situados no quesito de sua aprendizagem, quais os maiores desafios que o professor enfrenta no decorrer de sua docência, dentre demais parâmetros que podem ser observados durante a etapa do estágio.

Pensando nisso, o estágio não se situa apenas na teoria e prática, também pode ser situada no campo da pesquisa, pois é nesse ramo que o futuro docente pode relatar as suas experiências no campo de estágio, ou seja, a pesquisa torna-se uma estratégia, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro docente. Pimenta e Lima (2011, p. 51) afirmam que:

O estágio abre possibilidades para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações ou estimularem, a partir dessa vivência, a elaboração de projetos de pesquisa serem desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio.

No entanto, para que a pesquisa faça parte do estágio, o discente estagiário deve possuir uma postura de pesquisador e investigador, pois o mesmo deve compreender a realidade que ele está inserido, questionar o porquê de tais eventos, analisar os contextos vivenciados, e conseguir proporcionar uma possível solução para os eventuais problemas educacionais que existem no campo educacional.

Portanto, o estágio como pesquisa proporciona ao estagiário uma experiência de poder relatar os problemas existentes na prática docente, e poder encontrar possíveis soluções, para que os demais docentes que tiverem o contato com a pesquisa realizada possam servir de inspiração ou até mesmo de apoio para fomentar o espírito reflexivo.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

O estágio supervisionado presente nos cursos de licenciatura, permite proporcionar aos graduandos uma possibilidade de concretizar a teoria aprendida na universidade junto as escolas selecionadas para a realização do estágio. No entanto, a teoria e a prática vivenciada no campo de estágio não devem caminhar separadamente, ou seja, a teoria é concretizada na prática, e para existir a prática, deve-se conhecer a teoria por trás da prática propriamente definida.

Além disso, a prática que o graduando em licenciatura presencia é a prática acompanhada de teorias, pois é no estágio supervisionado que o aluno aprende mais teorias que os seus supervisores repassam durante a sua experiência, ou seja, percebe-se que a prática não pode ser realizada sem antes conhecer teorias que são repassadas na universidade, como também, a teoria sem a prática, não passa de um verbalismo sem fundamentação explícita.

Então, posso dizer que enquanto o estágio não chegou ao fim, pude proporcionar aos alunos uma melhor experiência nas aulas de matemática das turmas que foi designada. Pude aproximar a teoria dialogada no campo universitário, e transformar em uma prática na sala de aula, pois era utilizado estratégias para transformar uma teoria, que muitas das vezes é abstrata para o entendimento dos alunos que estão tendo contato com ela, em uma prática enriquecedora, causando assim uma melhora na aprendizagem dos alunos, como na experiência em sala de aula.

Portanto, à docência não se trata apenas da prática em sala de aula ou de um amontoado de saberes teóricos, é, na verdade, a junção de ambos, como Lima e Pimenta (2006) afirmam, que, a prática pela prática e o emprego de algumas técnicas sem efetuar uma devida análise sobre o que irá empregar, só irá reforçar ainda mais que existe a prática sem a teoria, ou vice e versa.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS

DE FUTURO

A etapa de estágio na universidade e na escola recebedora proporcionaram momentos que jamais poderia imaginar em enfrentar e seguir adiante. Foram momentos mágicos, desafiadores, vivências em que foi possível aprender sobre como lidar com seres humanos que muitas das vezes enfrentam desafios maiores que o do(a) professor(a) que está disposto a ministrar conteúdos que causam exaustão ou vontade de desistir.

A vivência com os textos discutidos na universidade, como também a prática pedagógica que foi trabalhada em sala de aula, proporciona ao graduando uma sensação de estar no lugar certo, um direcionamento. Posso afirmar que o estágio pode ser considerado como um “divisor de águas”, um momento em que o licenciando em formação pode observar o que deseja do futuro, quais as suas expectativas, ou seja, o estágio vai servir como uma lupa, que serve para observar quais as melhores janelas em que o graduando pode investir.

Ser professor não é apenas entrar em sala com um pincel na mão e um amontoado de conhecimento na mente, é saber compreender o mundo ao seu redor, saber que cada aluno possui sua particularidade, e saber aprender a aprender, e não somente ensinar.

Sempre almejei entrar em sala de aula na Educação Básica, sempre tive a vontade de ser professora nos anos finais do Ensino Fundamental e, foi com o estágio que pude viver essa experiência, pude ver os desafios, os problemas, mas também tive contato com a parte gratificante de ensinar, que é ensinar ao outro como resolver problemas do dia a dia e a como saber se portar na sociedade.

REFERÊNCIAS

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará/Secretaria de Educação do

Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Versão Virtual.** Fortaleza: SEDUC, 2019. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2019/07/DCR-Vers%C3%A3o-Provisoria-de-Lan%C3%A7amento.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

GAY; Mara Regina Garcia; SILVA, Willian Raphael. **Araribá Mais Matemática: matemática, 6º ano – Manual do Professor.** 1ª Ed. São Paulo: Moderna. 2022.

LEMOV, D. Criar uma forte cultura escolar. In: LEMOV, D. **Aula nota 10 - quarenta e nove técnicas para ser um professor campeão de audiência.** São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente.** Brasília: Liber Livro, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. Poíesis Pedagógica,** Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 8 ago. 2023.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 08, n. 23, p. 195-205, abr. 2008. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 out. 2023.

NILES, Rubia Paula; SOCHA, Kátia. A importância das

atividades lúdicas na Educação Infantil. **Ágora: revista de divulgação científica**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 80–94, 2015. DOI: 10.24302/agora.v19i1.350. Disponível em: <http://ojs.unc.br/index.php/agora/article/view/350>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PIMENTA. Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**; revisão técnica José Cerchi Fusari, -6.ed- São Paulo: Cortez, 2011.

CAPÍTULO 7

Uma volta no tempo: novas perspectivas e olhares sobre o espaço escolar a partir do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental

Maria Janikelly da Silva Maia

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado foi realizado na escola de Ensino Fundamental e infantil Unidade Escolar NH-6, a instituição está localizada na comunidade do setor NH-4, na cidade de Limoeiro do Norte - CE, onde são matriculados alunos de todas as comunidades vizinhas. Foi escolhida esta escola para realizar o estágio pelo motivo de estar localizada na proximidade da minha residência, e pelo fato de ter cursado o Ensino Fundamental nesta instituição. Foi já nessa época em que começou a surgir o interesse por ser professora de matemática.

Durante as aulas de matemática quando estudava no 9º ano aconteceu uma aula que serviu como incentivo para ser uma professora da Educação Básica. A aula era sobre equação do 1º grau, foi um conteúdo que gostei e queria sempre estar ensinando aos meus colegas, após iniciei a “ministrar” reforço de matemática para os colegas que ficaram de recuperação. Desde então, sempre tive afinidade com a matemática e acabei ingressando na universidade para cursar Licenciatura em Matemática, e assim continuar aprendendo e ensinando esse componente curricular.

Em relação ao estágio, cabe destacar que optei por estagiar nas turmas de 6º (sexto) e 7º (sétimo) ano, visto que são turmas que não são avaliadas nas avaliações externas, tais como pelo Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará

- SPAECE e pelo Sistema de Avaliação Escolar Brasileira - SAEB. Os turnos e horários foram escolhidos na segunda-feira, quinta-feira e alguns horários pela quarta-feira e sexta-feira, ambos pelo horário da manhã na turma de sexto ano e a tarde na turma do sétimo ano, pois esses eram os horários das aulas de matemática.

Ao comparecer na instituição dialoguei com a professora supervisora sobre como iria funcionar o estágio, ao observar a postura adotada pela professora e as suas considerações, identifiquei que seria uma experiência válida acompanhar tal professora, a qual já tem um período longo dentro da sala de aula de turmas da Educação Básica, e que já lidou e vivenciou com inúmeras experiências diversas no âmbito escolar. Compreendi que teoria e prática devem estar sempre juntas, na universidade aprendemos a teoria e no estágio é colocar na prática o que foi estudado, articulando as duas.

É importante destacar que deve haver uma relação de parceria entre estagiária e a professora, pois será uma troca de conhecimento. Sem esse diálogo e parceria, e sem a concepção de as situações de ensino são mutáveis o estágio pode se reduzir em “observar os professores em aula e a imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa” (Lima; Pimenta, 2006, p. 08). Desta forma ao longo do estágio refleti sobre que tipo de professora quero ser.

Ao iniciar o estágio, a timidez foi um dos obstáculos, pois estar dentro do meu possível local de trabalho no futuro, isso após a formação, era algo intrigante e que começou a surgir interrogações: será que é uma boa escolha? Acrescentarei algum conhecimento na vida do aluno? Porém essas perguntas só serão respondidas após as vivências em sala de aula.

No presente relatório, trato sobre os seguintes tópicos, os quais foram sendo realizados ao longo do estágio, destaco que cada passo foi essencial e de grande importância para a concretização do estágio. Reconhecimento da escola e a

entrevista com o professor, aqui foram abordadas questões relacionadas a escola, regras que devem ser seguidas e como aconteceu a entrevista com a professora. Na sequência, fez-se o estágio de observação, onde tratei do meu ponto de vista ao estar observando e analisando a postura dos alunos e como se comportam. Na terceira etapa, me dediquei a elaboração do plano de estágio. Na quarta etapa realizei o auxílio ao professor, onde tirei dúvidas dos alunos e analisei o ensino do professor e a compreensão dos estudantes. Na quinta etapa foi o momento de realizar as regências, em que aconteceu momentos em que o plano funcionava e tinha êxito, mas já em outras aulas que não. Na sequência faço uma breve síntese de como foram os estudos dentro da universidade. Trago ainda o relato sobre uma aula, a qual considero que teve destaque dentre as regências que ministrei.

Foi na realização do estágio que pude ter a certeza de seguir a profissão de professor, pois ele me proporcionou momentos de reflexão.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Ao chegar na instituição foi observado que a escola é muito bem-organizada, é perceptível, por exemplo, o cuidado que a gestão tem com os alunos, pois em cada árvore existem frases de incentivo e está foi à primeira vista da entrada. Um ambiente acolhedor e tranquilo. Sabe-se:

[...] que a porta ou o portão da escola representa para o estagiário uma oportunidade de reflexão e questionamentos. Quais as marcas da sociedade atual estão na entrada da escola? Como é o prédio? Quem controla o portão e de que maneira? Como são os transeuntes que por aí trafegam? Quem passa, o que passa e deixa de passar pelo portão da escola? (Lima, 2008, p. 201-201).

Mas antes de observar os espaços da escola, é importante conversar com a gestão, entender e ter conhecimento das regras da escola, pois cada instituição exige uma organização diferente, para Farias (2002, p. 110) é na escola que “se fazem acordos, negociações e se estabelecem regras próprias que regulamentam tanto seu funcionamento burocrático, como as concepções, crenças e valores das pessoas”. É considerável que continue seguindo essas mesmas diretrizes, visto que cada ambiente escolar tem as suas instruções.

Por ser uma escola de zona rural e que está situada longe do centro de Limoeiro do Norte - CE, são matriculados alunos de todas as comunidades vizinhas (setor NH-4, Setor NH-5, setor NH-6, Sítio Ingarana, Açudinho, congo 1, congo 2, setor S, Gado bravo e danças).

Logo depois de informar-se sobre a cultura e entender a realidade da escola, foi necessário visitar todos os ambientes da instituição. De início foram as salas de aula, cadeiras confortáveis, sala de aula arejada, ambiente com diferentes cartazes de todas as disciplinas, principalmente a tabuada, planificações e fórmulas matemáticas haviam no âmbito escolar. Em seguida foi observado pátios para lazer, refeitório e auditório. Seguidamente a sala multifuncional. A instituição também dispõe de sala de informática, a qual dispõe de uma TI (técnica de informática). A instituição também conta com uma biblioteca.

Desta forma, executar o reconhecimento da escola foi importante para dar início as observações. Como conhecer as regras, se informar que só é permitido a saída para o banheiro e ir beber água somente a partir de 8 horas no horário da manhã e de 14 horas no horário da tarde. Relevante também para as filas que acontecem antes de entrar em sala. Contribuindo também para o mapeamento que a professora organiza antes da aula. Portanto realizar, conhecer e entender como funciona a

instituição foi importante para o estágio.

A entrevista com a professora aconteceu de forma remota. E foi a partir dela que pude conhecer um pouco sobre a experiência e prática pedagógica da professora supervisora.

Estágio de observação

No estágio de observação o estagiário também deve adotar uma postura de crítico reflexivo, ou seja, analisar as aulas, e questionar-se sobre a postura que está sendo adotada pelo professor e a dinâmica de sala de aula. Ainda a esse respeito, sabe-se que:

A formação do professor, por sua vez, dar-se-á pela observação e tentativa de reprodução dessa prática modelar; como um aprendiz que aprende o saber acumulado. Essa perspectiva está ligada a uma concepção de professor que não valoriza sua formação intelectual, reduzindo a atividade docente apenas a um fazer, que será bem-sucedido quanto mais se aproximar dos modelos que observou (Lima e Pimenta, 2006, p. 08).

Assim que iniciou a observação, identifiquei a metodologia aplicada pelo professor. Os estudantes estavam em muitos momentos atentos e quietos. Era uma sala de aula silenciosa, não havia conversas paralelas, porém cabe destacar que os estudantes não participavam tanto durante alguns momentos das aulas, talvez por medo de errar ou por vergonha.

Ao observar era notório as dificuldades que os alunos tinham em relação a equação do 1º grau, conteúdo abordado em uma das aulas, por este motivo, tinha-se que estar sempre retornando e tirando tempo do novo conteúdo.

Diante dos momentos vivenciados no estágio de observação, compreendo que elas contribuíram para o desenvolvimento da professora que quero me tornar, é perceptível que houve uma mudança, desde o momento em que realizei o reconhecimento da escola, até as observações. Com isso

ao estar sempre visualizando e assistindo as aulas, identifiquei que os alunos têm um melhor entendimento com as resoluções de exemplos na lousa e que a professora supervisora segue um roteiro proposto pela secretaria de educação, ter conhecimento sobre isto serviu para pensar os planos de aula e como funcionaria as minhas futuras regências.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor

Durante o planejamento juntamente com a professora, decidimos elaborar planos de aula, seguindo o roteiro dos conteúdos do livro didático e das propostas que eram preparadas pela secretaria de educação da cidade de Limoeiro do Norte. Esses planos de aula consequentemente serviriam para ter um roteiro durante o período das regências.

Mas planejar não é somente escrever no papel o conteúdo, mas conhecer a realidade da turma que está ensinando, por isso a importância das observações, ao observar pude notar dificuldades encontradas nos alunos e a falta de compreensão durante algumas explicações. Desta forma, ao estar com a professora realizando os planos de aula, estávamos sempre visando o aluno e como poderia ser a metodologia.

Planejar consiste em prever e decidir sobre: o que pretendemos realizar; o que vamos fazer; como vamos fazer e o que e como devemos analisar a situação a fim de verificar se o que pretendemos foi atingido.

Assim, planejar, para o professor Nelson Parra (1972) se trata, dentre outras coisas, de buscar decidir e prever sobre o que pretendemos executar, a forma como iremos fazer e como será avaliado a ação. Portanto ao estar realizando o plano de aula, foi pensando primeiramente no conteúdo, seguidamente como funcionaria o roteiro da aula e por fim qual seria o objetivo final.

Para as aulas não serem somente expondo o conteúdo, decidimos confeccionar alguns jogos para o período das

regências, pois quem sabe assim o aluno conseguiria uma melhor compreensão do que estava sendo ensinado. Por este motivo, propomos aulas dinâmicas e com jogos, os quais que serviriam de apoio para o conteúdo.

É importante destacar que o plano de aula, tem que atingir a todos os alunos e essa foi uma das dificuldades ao estar efetuando. Foi refletido diversas vezes como seria a dinâmica da aula antes de aplicar, pois é uma turma numerosa e que cada aluno possuía suas peculiaridades e dificuldades. Por isso o planejamento necessitava de tempo e do apoio da professora, pois por estar na turma desde o começo do ano, já tinha conhecimento do que funcionaria ou do que não seria uma boa proposta.

Auxílio do professor

Para o auxílio, inicialmente foi conversado com a professora, como funcionaria o auxílio em sala, se seria na ajuda com as atividades ou na confecção de algum material, foi dito, que poderia ajudar no momento que fosse passado alguma atividade.

Ao ajudar os alunos com as atividades, é fácil perceber que os estudantes estavam sentindo dificuldades em responder os exercícios propostos. Principalmente no conteúdo de equação, não sabiam para que serve e como iniciar a resolução. Portanto, comparecendo em todas as cadeiras dos alunos, perguntando se estavam com dificuldades e no que poderia ajudar, mas não demonstrando a resolução, porém atribuindo um caminho para conseguirem chegarem à solução.

Os alunos esperavam que falasse as respostas de imediato, sem a explicação. Nesses momentos, eles eram orientados a como deveriam fazer, ilustrando para eles um caminho e esclarecendo dúvidas. Sabemos que o erro na matemática é necessário para a construção do raciocínio lógico, por este motivo não se deve julgar a maneira que o aluno está

desenvolvendo tal problema, contudo, buscar compreender o que está sendo construído e como chegou aquele resultado é essencial para o professor.

Ao transitar a sala de aula, é observado maneiras diferentes da construção do exercício, mas ao invés de argumentar que poderia estar errado, foi questionado o porquê daquele processo. Logo, não existe apenas uma maneira de resolver a questão, são diversos caminhos que podem ser percorridos.

Desta forma, o auxílio em sala contribuiu para a preparação das regências do estágio, pois como todas as aulas, os alunos possuíam dúvidas e tinham vergonha de perguntar a professora, então era necessário ir até eles e tirar todas as dúvidas existentes, assim pude ver as dificuldades e potencialidades de cada aluno.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

Estar à frente de uma turma, com o plano de aula na mesa do professor e a professora supervisora ao lado observando e analisando a aula, é uma tensão que está subtendida aos diferentes tipos de sentimentos.

Ao entrar em sala durante o período do estágio, principalmente nas regências, o desespero surge de imediato, o frio na barriga, ao visualizar que o futuro de jovens e o aprendizado desses estudantes dependem da nossa abordagem em sala de aula. É muito peso para ser realizado por uma estagiária que está em formação para ser professora.

Durante o período das regências, no início das aulas, sempre era perguntado aos alunos como eles estavam? O que eles esperavam da aula do dia? Desse modo os estudantes ficavam mais à vontade, pois naquele momento uma pessoa, que não era sua professora titular estava ensinando e acima de tudo aprendendo o exercício da docência.

Após a acolhida era realizado a organização da sala de

aula, pois na escola existem regras e uma delas é o mapeamento da turma, e isso foi informado durante o reconhecimento, e para não contrariar as diretrizes da instituição, seguia o mesmo roteiro. Em seguida, de acordo com o conteúdo que seria apresentado, era fundamental indagar se eles tinham algum conhecimento sobre aquele assunto e onde eles poderiam encontrar e aplicar no seu cotidiano. Com isso permitia constatar que alguns tinham conhecimento prévio, já outros não sabiam nem mesmo o que estava sendo tratado. A pergunta ficava em aberto, pois os que não soubessem, iriam responder ao final da aula.

Com a turma do 7º ano, apenas explicações e exposições na lousa funcionavam, por este motivo ao observar as aulas da professora, era fácil denotar que explicações na lousa, contendo exemplos tem êxito. Portanto o conteúdo era exposto com resumos na lousa, explicando o passo a passo, mas que possuía diversos exemplos do dia a dia.

Para as aulas não serem monótonas, após a explicação, era trabalhado com eles um jogo matemático de acordo com o assunto, dentre os jogos utilizados, tem-se: qual a razão? Amigo secreto das razões; bingo das equações; e batalha naval dos ângulos. Visto que os jogos podem ser facilitadores para a construção do pensamento matemático.

As regências foram onde adquirir conhecimentos para se sentir preparada para estar dentro de uma sala de aula, me deparei com desafios diversos, mas que foi de extrema importância para o estágio e que contribuiu principalmente para a minha formação.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

Além dos momentos do estágio que aconteceram dentro da escola, foi importante os encontros que aconteceram na universidade. Portanto essas atividades ocorreram em leituras de artigos que foram essenciais para o desenvolvimento do

relatório e do estágio na prática. E também rodas de conversas para a discussão de como estava acontecendo o estágio de cada aluno, nas suas respectivas escolas, foi importante esses encontros com os demais estagiários para entender e conhecer a realidade, de como estava sendo o andamento de cada um.

Foi debatido sobre como estava sendo o estágio e quais as dificuldades enfrentadas por cada estagiário. Era um momento de descontração e perceber que é uma realidade não apenas de um, mas de outros que poderiam estar ali. E que se um estava encontrando dificuldade o outro poderia ter uma solução ou informação que pudesse ajudar a pensar em uma estratégia para enfrentar a situação vivenciada.

Portanto foi importante a troca de experiências com os demais estagiários. Discutir os planos de aulas que estavam funcionando e rendendo ótimos resultados, discutir outro, que pelo contrário não funcionavam de forma efetiva. Conhecer e saber que existem diferentes turmas, em diferentes ambientes e com escolas que possuíam regras distintas.

Em algumas aulas também aconteceu um momento em que os alunos estagiários deveriam elaborar um plano de aula e desenvolver uma aula para os demais discentes da disciplina de estágio na universidade. Essa aula foi importante, principalmente para experimentar uma vivência, que será empregada futuramente nas regências.

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação

A regência do conteúdo, sobre noções de razões, foi aplicada na turma do 7º ano, no dia 16 de outubro de 2023. A escolha deste assunto, deve-se à sequência didática do livro “A conquista da matemática, 7º ano”. A escolha por esse conteúdo também foi orientada pela professora supervisora.

Diante disso, elaboramos um plano de aula, que fosse possível contemplar algum recurso didático para favorecer o processo de ensino e de aprendizagem. Para a aula deste dia 16, pensamos em correção da atividade anterior, exposição do novo conteúdo, jogo didático e atividade para um aprofundamento do assunto.

Elementos que nortearam a atividade

Esta foi uma das regências que realizei na sala de aula da turma do 7º ano, pude observar que os alunos ficaram entusiasmado, teve alguns impasses, mas é compreensivo, pois o estágio se baseia nessa formação de erros e acertos.

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano		7º ano
Unidade temática		Números
Objeto de conhecimento		Fração e seus significados: como parte de inteiros, resultado da divisão, razão e operador.
Habilidade		(EF07MA09) Utilizar, na resolução de problemas, a associação entre razão e fração, como a fração $\frac{2}{3}$ para expressar a razão de duas partes de uma grandeza para três partes da mesma ou três partes de outra grandeza (Ceara, 2019, p. 437).
Objetivos	Docente	Aplicar e explicar o conceito de razão com exemplos e exercícios. Apresentar conceitos do cotidiano, e espera-se que o aluno responda como será a forma da razão.
	Aluno	Aplicar as noções de razão nos exemplos e no cotidiano e que desenvolva as habilidades propostas.
Materiais necessários		Lousa, pincel, apagador, Livro didático, e Jogo: qual a razão?
Conhecimentos prévios		Fração.
Procedimentos/instrumentos de avaliação		-Iniciar a aula com uma breve acolhida e a organização da sala de aula. - Correção da aula passada (oralmente e na lousa), com a participação da turma. - Em seguida perguntar aos alunos se eles sabem o que é uma razão? Onde é usado a noção de razão?

	- Seguidamente exploração do conteúdo, com explicação na lousa, contendo exemplos e inclusive exemplos do dia a dia. - Jogar o jogo qual a razão que será jogado em dublas. - Resolver a atividade da página: 205; questões: (1,3,4,5 e 6). A avaliação será observada a partir da compreensão e participação dos alunos durante a aula, se estão conseguindo resolver os exercícios na sala de aula.
Duração	2h/ a

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao longo da programação que foi prevista no plano de aula, é notório perceber que mesmo com o plano de aula que pensamos, previamente, estar perfeito, mesmo assim ainda requer mudanças. A esse respeito, há um melhor detalhamento nos tópicos abaixo.

Desenvolvimento da atividade

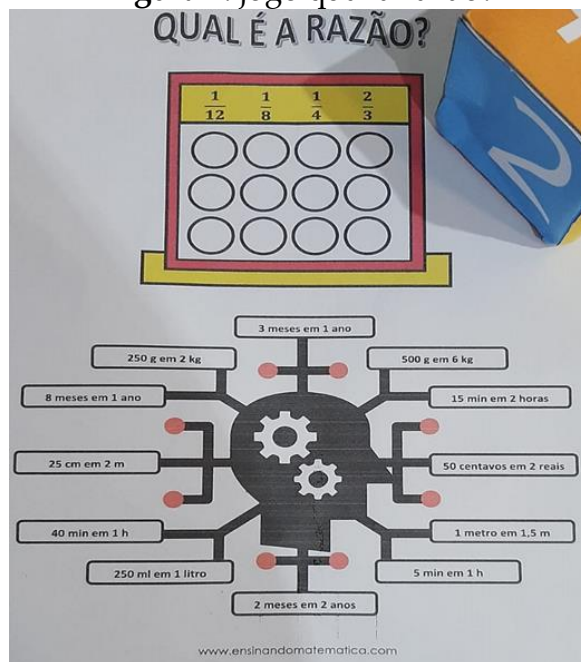
No início da aula, foi realizado primeiramente uma correção da atividade anterior, sobre o conteúdo de equação, inclusive um assunto em que os estudantes possuem dificuldades e, por esta razão é necessário sempre está retornando. Logo após foi questionado se sabiam o que era razão? Onde poderia ser aplicado no dia a dia? Ao observar a intervenção que foi realizada os alunos não sabiam responder e ficaram em silêncio, então as perguntas ficaram em aberto até o final da aula.

Após as correções e o esclarecimento de dúvidas, iniciou-se a nova temática, com explicação na lousa. Escrevi na lousa a definição de razão, que é dada pelo cociente de dois números, mas que deve ser respeitada a ordem. Em seguida pedir para que resolvessem o seguinte exemplo: a razão entre 3 e 4, 5 e 7.

Esperando o tempo em que eles conseguissem resolver o exemplo, notei que estavam com dúvidas, por isso voltei a definição e expliquei de outra maneira, mas desta vez com

desenhos e exemplos do dia a dia. Em seguida pedi para uma aluna ir até a lousa, e resolver o exemplo que foi dado, a estudante se sentia insegura, desta forma, incentivei, logo em seguida ela resolveu e seus colegas aplaudiram.

Figura 1: jogo qual a razão?



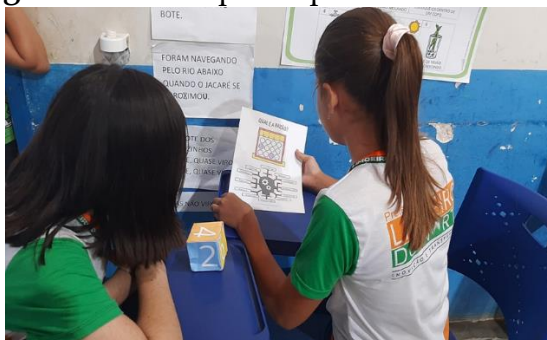
Fonte: Arquivo da autora.

Após, passei mais alguns exemplos na lousa, pois observei o nível de dificuldade apenas em estar no conteúdo de razão, perguntei novamente se haviam compreendido e os estudantes responderam que sim. Depois voltei para as perguntas que foram questionadas no começo. De primeiro surgiu um silêncio na sala de aula, mas eles sabiam responder apenas estavam com vergonha de errar, por isso expliquei que errar na matemática é normal e necessário para a aprendizagem e desenvolvimento matemático.

Logo após de ter terminado a fala, perguntei novamente, foi quando souberam responder e até ficaram eufóricos falando todos de uma vez, e até usaram de outros exemplos que não estavam sendo perguntado. Fiquei feliz ao observar que eles haviam entendido.

Posteriormente organizei os estudantes em duplas para a exploração do conteúdo de razão, optei por colocar em duplas diferentes para assim ter um melhor entrosamento e menos conversas durante a aplicação. Neste momento observei que a sala ficou apertada, pois são 38 alunos em uma sala de pouco espaço, mas como a aula já estava quase no final, preferi não ir para outro espaço, para não perder mais tempo.

Figura 2: Alunas participando da atividade



Fonte: Acervo da autora

Depois da separação das duplas, cada um recebeu uma folha com o jogo, com algumas perguntas de razão, era tirado par ou ímpar para ver quem iria começar, era jogado o dado o número que caísse era o tanto de casas que deveria andar. Exemplo, se o dado ficasse com a face de cima no número 3, o aluno que jogou andaria 3 casas e teria uma pergunta para responder.

Se caso acertasse pintaria a bolinha da razão correspondida que está acima da roleta de perguntas. Mas se o aluno já tivesse respondido aquela questão, era passado a vez. E assim era continuado o jogo, até o primeiro jogador preencher as bolinhas pintadas em uma coluna ou linha.

Durante o andamento do jogo, observei que alguns alunos estavam dispersos, por este motivo pedi para que eles se concentrassem e ajudassem o colega dele que estava querendo participar. Já outras duplas, estavam entusiasmadas, mas não sabiam resolver a razão que foi escolhida e para não acabar com

o suspense do jogo, forneci algumas dicas somente para encontrar a solução. Algumas duplas terminaram primeiro, pois já possuíam facilidade e outras estavam atrasadas. Um outro impasse foi o uso do dado, visto que, por muitas vezes tinha que ser lançado e caia no chão proporcionando barulho, por isso, os alunos perdiam a concentração.

O jogo trouxe bons resultados, porém aconteceu alguns “pontos negativos” que teriam que ser reavaliados em outra aplicação, além da demanda de tempo para o jogo, tive que chamar a atenção em alguns momentos por conta do horário. Seguidamente resolvi as questões do jogo na lousa, juntamente com eles e até se ofereceram para ir a lousa, a cada aluno que estava indo ao quadro resolver a questão, os demais batiam palmas. O que achei necessário para motivar os demais.

Após foi direcionada uma atividade do livro didático, para favorecer a aprendizagem do conteúdo. As questões eram simples. Nesta hora, os alunos reclamaram por estar sendo atribuída uma atividade, mas depois os estudantes se conformaram e iniciaram a resolução. Como o tempo da aula estava acabando, infelizmente a atividade teve que ser terminada em casa e corrigida somente na próxima aula, os alunos comemoraram pois já chegava a hora do intervalo. Ao sair da sala de aula, me despedi, pedi para que resolvessem em casa e trouxessem as questões resolvidas.

Decidi avaliar os alunos com a participação deles em sala de aula e com as resoluções das questões. Pois alguns alunos foram bem participativos, outros tive que convencer a também participar da aula.

Esta atividade exitosa foi escolhida, pois foi a que senti que eles gostaram e queriam estar participando. Além de ser uma atividade jogada em dupla, para ter uma melhor relação com os outros colegas e eles poderem ajudar uns aos outros.

Reflexões sobre a atividade

A atividade contava com um plano de aula, mas ainda assim, foram necessários uns ajustes. Durante a aula, parei alguns vezes a aula, para acalmar os alunos, por conta do barulho. Mas em outros momentos também teve bom êxito pois os estudantes haviam compreendido e executado bem o jogo.

É importante pensar também que ambientes e espaços adequados para o desenvolvimento faz necessário em algumas atividades do plano. Durante o desenvolvimento da atividade ocorreram algumas modificações, muitas vezes foi preciso improvisar e adotar uma outra postura, mas que serviu de incentivo, para as demais regências do estágio que seriam efetuadas.

Perspectivas para futuras aplicações

A otimização do tempo durante a aula deveria ser avaliada, pois dispunha de muitos recursos, correções, explicações e outra atividade. Logo foi planejado uma didática extensa para apenas duas horas aula.

Portanto, compreende-se que este plano de aula, poderia ter sido aplicado no dia da semana que são três aulas de matemática, ou que fosse deixado o jogo somente para a última aula da disciplina durante a semana. Isso como uma maneira de descontração, assim as aulas se tornam mais atrativas e, poderia ser uma forma de atrair aqueles alunos que faltam sempre as últimas aulas da semana.

Uma outra aplicação que deveria ser repensada é a organização da sala, pois foi desperdiçado, aproximadamente, vinte minutos da aula, ajeitando os alunos em seus devidos lugares. Uma estratégia que poderia ser usada, era deixar a sala de aula já aberta, com um mapeamento prévio onde os alunos já saberiam onde deveriam se sentar com a sua dupla.

Uma outra mudança que também deveria acontecer, seria o espaço apropriado para o jogo, principalmente se for uma turma numerosa, é recomendado que seja aplicada em um

ambiente com mais espaço e calmo, onde não tenha pessoas transitando para não distrair os alunos.

É aconselhável que os alunos possam ficar no chão ou em mesas, mas não nas cadeiras, pois ao jogar o dado, corriam o risco de virarem as cadeiras e caírem no chão, como aconteceu algumas vezes, e por conta disso, perdiam o raciocínio.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

Durante a formação em Licenciatura em Matemática, é comum pensar que, tudo que acontece na teoria, será da mesma maneira na prática. Porém ao iniciar o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, pensamentos e postura ganharam novos significados.

Estar no estágio foi de extrema importância para conhecer melhor a realidade em que vou estar inserida após a faculdade, me deparei no estágio com desafios e como funciona uma sala de aula.

Não pensei no estágio apenas como mais um componente curricular da grade, mas pensei no estágio como uma oportunidade de reflexão. Durante a formação foi necessário estar na universidade, mas também estar realizando o estágio dentro da escola, afinal estamos se formando professores, que devem em algum momento da formação ter o contato com a sala de aula.

Na escola é normal se deparar com desafios, mas existem os frutos bons, na Educação Básica, por exemplo, no infantil as crianças aprendem o simples, mas que faz a diferença para eles, atividade com tintas, o encaixe de números e as rodas de leitura com a professora. No fundamental anos iniciais, descobrindo o verdadeiro universo do aprendizado e no fundamental anos

finais onde adolescentes estão na escola para ter um futuro e imagine o professor ser a inspiração nessas duas etapas.

O estágio está sendo uma das disciplinas de maior desafio, mas que estou adotando uma nova visão sobre o Ensino Fundamental e que estar sendo de extrema importância para a minha formação como professora.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

Para Dauanny, Lima e Pimenta (2019) a pesquisa pode ser uma possibilidade de formação, onde seria uma análise de contextos vivenciados no estágio e a outra seria o estagiário adotar e desenvolver uma postura de pesquisador diante de situações que aconteceram durante o período da prática.

Assim o estagiário cria projetos, onde pode ser exposto problemas e possíveis soluções encontradas no estágio, ou seja, pode ser descrita como foi a vivência dentro da escola durante o estágio. O que possibilita a outros futuros estagiários, vivenciar uma prévia de como seria a prática, pois somente no estágio é que se vive a realidade. Assim:

A pesquisa pode ser também uma possibilidade de formação e desenvolvimento dos professores da escola na relação com os estagiários. De um lado, ela se traduz na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos em que os estágios se realizam. Por outro lado, traduz-se na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam, ao mesmo tempo, compreender e problematizar as situações que observam. Em outras palavras, o estágio constitui-se em espaço de investigação das práticas pedagógicas realizadas nas escolas. (Dauanny; Lima; Pimenta, 2019, p. 08)

É necessário compreender as atitudes que foram empregadas pelo professor supervisor e ter uma análise crítica diante do que foi observado, se concorda do que foi colocado ou

adotar uma postura crítica.

Assim, no estágio como pesquisa, o estagiário vai apontar suas vivências na escola, o que pode ser mudado, que postura deve ser adotada perante uma situação e como pode ser solucionada. Assim o estágio como pesquisa, pode ser uma construção do profissional que está se formando, analisando os pontos críticos e o que pode ser modificado.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

A teoria e prática são fundamentais, o que é aprendido na teoria se faz necessário na prática da mesma forma que a prática necessita da teoria.

“A teoria não leva à transformação da realidade, (e) a prática (por sua vez) também não fala por si mesma (ela precisa da teoria), o que leva ao conceito de práxis, entendida como ação transformadora do natural, do humano e social” (Lima, 2012, p.104).

Durante o período das regências, estar a frente de uma turma, com estudantes que possuem grandes dificuldades foi um desafio e com alunos que nem sempre estavam atentos. Para amenizar as dificuldades, com os alunos que tinham dificuldades, era realizado um estudo/acompanhamento individual, isso principalmente quando era proposta uma atividade mais complexa. Caso o aluno não conseguisse aprender de uma determinada forma, tentávamos ensiná-lo com aplicações e exemplos diferentes. E ao voltar a universidade as possibilidades de formas distintas, foram empregadas nas aulas de laboratório. Por isso a importância também de estar no âmbito de formação.

Algumas aulas dos planos de aula não saíram como no papel, as vezes a falta de tempo era o impasse, mas a mudança de metodologia deveria acontecer. Com a turma do 7º ano,

quando estão dispersos a atividade é o que faz com o que eles consigam se concentrar e aprender. Já na turma do 6º ano, o material manipulável é essencial. Ao observar as duas turmas, os planos de aula teriam que ser diferentes, pois as adversidades são contrárias.

Assim pude vivenciar durante o estágio a prática, mas acompanhada da teoria. O que foi aprendido na universidade, ensinei conteúdos relacionados as disciplinas que foram vistos no curso.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

O estágio foi uma redescoberta, durante a formação, deparei com desafios e soluções que nem mesmo sabia que poderia ser capaz de enfrentar e, principalmente de solucionar. Entrei com uma perspectiva no estágio e saí com decisões, inseguranças e até mesmo incertezas.

Mas, após a formação de licenciatura, pretendo sim continuar no ensino básico. Apesar do ambiente que muitos julgam ser “coisa de doido”, ao estar dentro da sala de aula, possibilitou novos desafios, porém me senti bem em estar ensinando e observando a evolução de aprendizagem dos alunos durante o período do estágio. Mas quando ingressei na universidade de Licenciatura em Matemática, já estava em mente ensinar o Ensino Fundamental.

Dentro do curso não é oferecido receitas de como controlar tal classe, existem diferentes turmas e alunos com suas particularidades. Mas cabe ao educador lidar e aprender com essas dificuldades. Por isso a importância do estágio, estar sendo supervisionado com um professor que já está há anos ensinando, escutar dicas de caminhos que podem ser considerados mais simples e como lidar com um determinado aluno. São experiências que são aprendidas somente se forem vividas na escola e no exercício da docência.

Ao entrar em sala de aula durante as regências, o sentimento era medo, pois, sabe-se que não é fácil ser educador e carregar o peso de conseguir que os alunos aprendam e tenham bons resultados. Dificuldades, serão achadas, mas a conquista vem em seguida. Idealize um aluno chegando para o professor e afirmando “você foi minha inspiração”, ou então, “entendi agora como calcular”.

O estágio confirmou uma certeza que já existia, que continuar na Educação Básica é gratificante e assustador a mesmo tempo, porém contribui para a formação do professor. Sim, foi pensado muitas vezes em desistir, mas pensei em dar uma chance para o Ensino Fundamental, pois não podemos acreditar que os alunos são o problema. Mas cabe ao educador que está em sala, se autoavaliar e averiguar se o problema não estiver na nossa forma de abordagem.

Para os estudantes chegarem no Ensino Médio e Ensino Superior, primeiramente, tem que estudar no Ensino Fundamental. E para isso acontecer são necessários os guerreiros educadores da Educação Básica, que lidam com adolescentes e ofertam o melhor do ensino durante a base.

REFERÊNCIAS

CEARÁ, Secretária da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. (2019). A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, (3). 2019. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4274>.

FARIAS, Isabel Maria Sabino. **Inovação e mudança: implicações**

sobre a cultura dos professores. 2002. 260 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Póiesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 8 ago. 2023.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2008, vol.08, n.23, pp.195-205. ISSN 1981-416X. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 nov. 2023.

PARRA, Nelson. Planejamento de currículo. **Revista Nova Escola**. nº 5. 1972.

CAPÍTULO 8

Do lixo ao luxo: a pura transição de um estagiário desmotivado à integração no ambiente escolar

Leandro Costa Moura

INTRODUÇÃO

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1979, p. 84). Essa frase do filósofo e educador Paulo Freire fala muito sobre o que quero discorrer neste relatório.

Segundo Pimenta e Lima (2004) o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia. O estágio surge como um processo fundamental na formação do aluno estagiário, pois é a forma de fazer a transição de aluno para professor.

Meu Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Finais aconteceu na Escola de Ensino Fundamental Evaldo Holanda, onde tive contato com a professora Maria Francinete e os alunos da turma de sexto ano nos dias de segunda-feira, quarta-feira e quinta-feira. Posso afirmar seguramente que o estágio foi um excelente meio de testar meu desenvolvimento verbal e corporal, minha comunicação, meu comportamento e ainda aprimorar meus conhecimentos matemáticos.

Afinal, hoje um adulto autista, que lembra da sua infância entre 3 e 10 anos, o qual era tratado com indiferença por meus colegas de classe e que hoje está cursando o último semestre da faculdade, pode-se dizer que estou vencendo na vida, pois venho a realizar um de meus sonhos. As pessoas da minha família e

meus amigos sempre me julgaram ser uma pessoa muito inteligente, e crescer ouvindo isso me deu muita confiança quando chego na idade adulta. O amor de minha mãe e alguns amigos genuinamente verdadeiros que fiz no decorrer do percurso me ajudaram fortemente a não desistir.

Terminei o Ensino Médio e mesmo sabendo que queria matemática desde o início, fui cursar engenharia de produção por ter perdido o prazo de inscrição do vestibular da faculdade. Felizmente, ou infelizmente, sempre fui também uma pessoa muito influenciável e três professores do curso de engenharia em particular me fizeram ter essa noção mais afluída de que realmente queria ser professor de matemática: três profissionais que lecionavam no dito curso de engenharia, mas eram graduados em matemática.

Cursei a minha vida inteira, exceto a faculdade, em escola particular então posso dizer que a realidade da escola em que o estágio foi realizado é bem diferente da escola que estudei, então de cara houve um choque cultural. A conversa com a professora também foi muito proveitosa, visto que, ajudou-me a situar-se na sala, ter controle com os alunos e ademais ela já sabia da minha condição de vivência no espectro e isso me ajudou bastante, tendo uma presença não repulsiva, mas sim acolhedora.

Minha graduação em matemática de fato, iniciou-se em junho de 2019 e de lá para cá houve altos e baixos: cultivei muitas amizades, que me dão conselhos e força para continuar na luta. Entretanto, em março de 2020, com o advento da pandemia, houve alguns momentos em que quis desistir. Mas isso não aconteceu, foco a partir de então na conclusão do curso e posteriormente no mestrado. Porque almejo ser professor universitário efetivo de algum órgão estadual ou federal.

O estágio foi uma forma muito efetiva de ficar cara a cara com a realidade das escolas brasileiras, mesmo que ser professor de faculdade seja o principal objetivo, mas esse processo é muito importante.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Na cidade de Limoeiro do Norte, as únicas escolas possíveis de Ensino Fundamental são as escolas municipais ou privadas, e é interessante que o estágio seja realizado em uma escola pública então eu tinha algumas opções para escolher. No entanto, eu resolvi escolher a escola Evaldo Holanda, por ser a segunda escola geograficamente mais próxima da minha casa e da universidade.

No primeiro dia eu cheguei à escola e conversei com a secretária escolar e o diretor da instituição. Em seguida, a secretária me indicou a docente que me acompanhou durante o processo. Ademais, eu pude realizar, por meio de videoconferência, a entrevista com a professora supervisora.

Durante meu estágio, tive o privilégio de lecionar na Escola de Ensino Fundamental Evaldo Holanda Maia em uma oportunidade de reconhecimento da instituição. Esta conquista validou meu compromisso com a excelência acadêmica e meu desempenho impecável durante meu tempo na escola.

Além disso, durante esse processo, tive a chance de conduzir uma entrevista enriquecedora com uma respeitada professora da instituição. Ela me proporcionou uma visão valiosa sobre as tendências educacionais, abrindo minha mente para novas perspectivas e ideias. Ela compartilhou sua experiência, orientação e a sua valiosa percepção acerca da minha futura carreira e áreas de interesse. A sua vasta experiência serviu para que com o decorrer da entrevista, a professora discorresse com segurança acerca de quatro tópicos que ela própria elencou e os nomeou como “imprescindíveis”.

O primeiro tópico são os desafios tecnológicos: muitos professores observam que a tecnologia desempenha um papel

cada vez mais importante na educação. Ela comentou sobre as ferramentas digitais, tais como calculadoras e softwares educacionais, afetam o aprendizado dos alunos. Citou também o período pós-pandêmico que ainda estamos vivendo e disse que isso afetou negativamente o rendimento escolar.

O segundo tópico é a variação de habilidades: ela frequentemente nota a ampla gama de habilidades matemáticas entre os alunos. Alguns têm uma base sólida, enquanto outros lutam com conceitos básicos. Isso pode ser um desafio para garantir que todos os alunos recebam a ajuda de que precisam.

O terceiro ponto é a abundância de provas externas: muitos professores de matemática mencionam que um dos principais focos da escola acabam sendo os testes padronizados, tais como Sistema permanente de avaliação da educação básica do Ceará (SPAECE) e Sistema de avaliação da educação básica SAEB.

O último ponto é a não reprovação: após a pandemia foi promulgado um decreto que não permite que o professor reprove os alunos com notas insuficientes e isso na opinião dela, poderá ocasionar um déficit na aprendizagem dos cidadãos no futuro.

Essas experiências não apenas me encheram de orgulho pelo reconhecimento da minha escola, mas também me inspiraram a continuar a minha jornada de aprendizado e crescimento, com uma apreciação ainda maior pelo papel fundamental que os educadores desempenham na formação de futuros profissionais. Estou ansioso para aplicar essas lições e conhecimentos em minha carreira futura.

Estágio de observação

O estágio de observação se deu a partir da segunda semana que frequentava a escola, visto que primeiramente era a fase de mapeamento escolar. Nessa fase, eu me sentava em uma carteira no fundo da sala e ficava lá só assistindo as aulas da

professora e anotando os relatórios diários à mão.

Segundo Maldaner, Schulze e Vescovi (2017), a observação no estágio supervisionado induz o estagiário a ter um contato mais real com a sala de aula, servindo também como uma forma de experiência para os futuros estágios que virão durante sua graduação. A observação desempenha um papel fundamental no estágio supervisionado, oferecendo uma oportunidade valiosa para os estagiários aprenderem e desenvolverem habilidades práticas em seu campo de estudo.

A observação me permitiu ver em primeira mão de que forma as teorias e conceitos aprendidos em sala de aula são aplicados na prática. Isso me ajudou a integrar o conhecimento teórico com a realidade do ambiente de trabalho. Além do mais, me permitiu também se familiarizar com o ambiente de trabalho e as expectativas profissionais. Isso é fundamental para uma transição suave da teoria para a prática.

Ao observar a profissional experiente, tive a oportunidade de desenvolver e aprimorar habilidades específicas necessárias para o exercício da profissão, e ademais modelar determinados comportamento pessoais. Isso incluiu habilidades técnicas, interpessoais e resolução de problemas.

Durante a observação, pude receber um *feedback* imediato da professora supervisora. Ele foi valioso para aprimorar o desempenho e corrigir qualquer equívoco ou má compreensão. A professora me permitiu construir relacionamentos com ela, com outros colegas de trabalho e com os alunos.

Em resumo, a observação no estágio supervisionado é uma ferramenta valiosa para a aprendizagem prática, o desenvolvimento de habilidades e a transição suave da teoria para a prática profissional. Ela contribuiu significativamente para a minha formação profissional e para observar e compreender os desafios do ambiente de trabalho real.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e

projeto didático com o professor

A professora supervisora não faz planejamento escolar na escola e eu não fui à casa dela para elaborar o plano de estágio junto com ela, então, novamente eu precisei recorrer à videochamada a fim de planejar as regências e o projeto didático. Na plataforma utilizada para as reuniões, fizemos cerca de 4 reuniões, onde planejamos cerca de 1 mês de regências.

Segundo Libâneo (1994):

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade social e a problemática do contexto social. A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isso significa que os elementos do planejamento escolar – objetivos, conteúdos, métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas reflexões e ações (Libâneo 1994, p. 222).

Nessa perspectiva, a elaboração do plano de estágio, o planejamento das regências e a criação de um projeto didático em colaboração com a professora foram aspectos muito importantes do meu estágio supervisionado. Cada um desempenhou um papel importante no meu desenvolvimento profissional e na experiência de aprendizado.

O plano de estágio proporcionou uma estrutura organizada para as minhas atividades durante o período de estágio. Isso incluiu a definição de objetivos e atividades específicas que foram realizadas ao longo do estágio. Ao colaborar com a supervisora, a elaboração do plano de estágio facilita uma compreensão mútua das expectativas, garantindo que tanto o estagiário quanto a supervisora estejam alinhados em relação aos objetivos do estágio.

O planejamento proporcionou-me a oportunidade de desenvolver habilidades pedagógicas, como o uso de recursos didáticos e a gestão da sala de aula. Durante as regências, recebi *feedbacks* reais sobre suas práticas de ensino. Isso foi essencial para o aprimoramento e a aplicação prática dos conceitos aprendidos na formação teórica. O planejamento das regências me permitiu se adaptar à dinâmica da sala de aula, compreendendo melhor as necessidades dos alunos e ajustando minhas abordagens de ensino conforme necessário.

Trabalhar junto com uma professora experiente na criação de um projeto didático proporcionou uma oportunidade valiosa de colaboração profissional. Essa colaboração permitiu trocar ideias, compartilhar conhecimentos e construir um projeto educacional mais rico. Ao criar um projeto didático, tive a chance de integrar diversas habilidades, como o planejamento de aulas e a avaliação do aprendizado dos alunos.

Em resumo, a elaboração do plano de estágio, o planejamento das regências e a criação de projetos didáticos em colaboração com a professora contribuiu significativamente para a minha formação prática e profissional, proporcionando uma base sólida para minha futura carreira na área educacional.

Auxílio ao professor

Essa fase de auxílio, foi uma fase que quase foi antecipada, visto que, durante as observações, eu já tirava algumas dúvidas pontuais de alunos, mas nada muito específico. No auxílio, eu tirei muito mais dúvidas, corriji muitas atividades no quadro e elaborei listas de exercícios para casa.

Nessa fase, eu pude conhecer mais os alunos e consegui extrair deles as dificuldades, a fim de que na regência eu pudesse abordar essas dificuldades de forma específica, visando diminuí-las o máximo possível e ainda não deixar dúvidas remanescentes.

O auxílio do professor desempenhou um papel crucial no

meu desenvolvimento e sucesso. A experiência da professora pôde fornecer orientações valiosas sobre a profissão, visto que me forneceu uma orientação valiosa sobre a profissão, compartilhando vivências sobre as práticas pedagógicas, o ambiente escolar e os desafios típicos enfrentados por ela. Isso me ajudou a se adaptar ao contexto educacional e a compreender as camadas da profissão.

A professora ofereceu experiências construtivas. Isso foi essencial para o desenvolvimento contínuo e permitiu que eu identificasse pontos fortes e áreas de melhoria. Além do mais, também ajudou a alinhar as expectativas e garantir um progresso constante. Compartilhar as experiências acumuladas foi inspirador, pois me proporcionou diferentes *insights* sobre abordagens pedagógicas, estratégias eficazes e superação de desafios.

Em resumo, o auxílio a professora foi fundamental para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Essa colaboração eficaz contribuiu para uma transição mais suave da teoria para a prática, e me preparando para os futuros desafios dinâmicos do ambiente educacional.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

Como foi mencionado anteriormente, durante a fase de auxílio a professora, pude extrair as dificuldades e os pontos específicos onde os estudantes tinham mais dúvidas. Aqui na regência, quando eu abordei os assuntos de maneira específica, sempre visando eliminar as dúvidas ao extremo. Eu pude perceber que ao abordar as questões e conteúdos de diferentes formas, o aprendizado foi mais fluido e menos mecânico.

A minha fase preferida foi a regência, visto que era o momento mais dinâmico e menos tedioso. Porque não havia nenhum momento de parada, o tempo todo era coisa para fazer e isso me motivou a sempre tentar incentivar, promover e fomentar o estudo e a eliminação das dificuldades.

Para Krasilchik (2005) o estágio de regência é aquele em que o estagiário tem a responsabilidade da condução da aula. O estagiário é encarregado de uma aula, uma discussão, uma atividade prática etc., pelo professor-supervisor.

A regência de sala e a aplicação de projetos didáticos são aspectos essenciais no contexto educacional e eles contribuem significativamente para o desenvolvimento dos alunos e a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

A regência de sala aprimorou a minha habilidade em organizar e gerenciar o ambiente de aprendizagem e criou um espaço propício para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos. A interação positiva entre eu e os alunos foi crucial. A regência me permitiu estabelecer relações construtivas, promovendo um ambiente de confiança e respeito.

Ao reger a sala, eu fui capaz de identificar as necessidades individuais dos alunos e ajustar minha abordagem para atender a essas necessidades, promovendo uma aprendizagem mais personalizada. A regência também incluiu a habilidade de mediar conflitos, promovendo um ambiente harmonioso onde os alunos se sentiram seguros para expressar suas ideias e resolver disputas de maneira construtiva.

Os projetos proporcionam a oportunidade de contextualizar o conteúdo, mostrando aos alunos como o que estão aprendendo se aplica ao mundo real. Isso aumentou a relevância percebida e a compreensão do material. Os mesmos puderam ser projetados para desenvolver habilidades específicas, como trabalho em equipe, resolução de problemas, comunicação eficaz e pensamento crítico e ainda permitiram que os alunos expressassem sua criatividade, explorando soluções para os problemas apresentados.

Algumas vezes os projetos didáticos simularam desafios do mundo real, preparando os alunos para enfrentar situações da vida cotidiana e futuros desafios profissionais. Ao integrar uma regência de sala eficaz com a aplicação de projetos

didáticos, eu tive a oportunidade de criar um ambiente educacional dinâmico e enriquecedor, favorecendo o desenvolvimento holístico dos alunos.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

O momento de estudo e reflexão durante o estágio supervisionado na universidade foi muito importante, pois foi uma oportunidade de integrar a teoria aprendida em sala de aula com a prática profissional.

Durante o estágio, os estudantes tiveram a oportunidade de aplicar na prática os conceitos e teorias aprendidos em sala de aula. Isso proporcionou uma compreensão mais profunda e contextualizada do conteúdo acadêmico. O estágio supervisionado é um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades práticas específicas da área de estudo. Essas habilidades muitas vezes não podem ser completamente adquiridas apenas por meio de aulas teóricas.

Os estágios me ofereceram uma imersão no ambiente profissional real, permitindo-me entender a dinâmica do mercado de trabalho. Isso me ajudou a construir uma ponte entre a vida acadêmica e a futura carreira profissional. Muitas vezes, o estágio envolveu a colaboração com outros profissionais, promovendo um aprendizado interdisciplinar. Isso ampliou a minha visão sobre como diferentes áreas se relacionam no contexto profissional.

A interação com colegas de trabalho e a professora supervisora durante o estágio ajudou no desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação. Aprender a trabalhar em equipe e lidar com situações do ambiente de trabalho foi essencial. O estágio proporcionou uma oportunidade para eu explorar diferentes aspectos da profissão, me ajudando a entender melhor minhas preferências e interesses.

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA

DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação

Uma criança que brinca ao se tornar um adulto aplicará suas habilidades nas situações diárias, em suma será um adulto seguro e terá relações saudáveis apresentadas pelos direitos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil, como nos revela a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017, p. 38):

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Esse trecho da BNCC assina-la que a a partir de brincadeiras o raciocínio da criança começa também a ser desenvolvido, embora esteja em sua fase inicial.

Diante disso, durante minhas regências, eu apliquei um jogo, de minha autoria, o qual foi denominado de “show do milhão das expressões numéricas”. O assunto de expressões numéricas é um assunto muito importante, pois estimula a fixação de todas as seis operações fundamentais da matemática. A atividade em questão, refere-se a uma aula ministrada no dia 06 de novembro de 2023.

Elementos que nortearam a atividade

No quadro 1 a seguir, expõe-se alguns elementos considerados no plano de aula:

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano	6º ano
Unidade temática	Números
Objeto de	Potenciação e radiciação

conhecimento		
Habilidade		(EF08MA02) Resolver e elaborar problemas usando a relação entre potenciação e radiciação, para representar uma raiz como potência de expoente fracionário (Ceará, 2019, p. 444).
Objetivos	Docente	Compreender e resolver expressões numéricas, desenvolvendo habilidades de simplificação e cálculo.
	Aluno	Identificar os elementos de uma expressão numérica. Realizar as operações básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão) em expressões numéricas. Simplificar expressões numéricas utilizando a ordem correta das operações. Resolver problemas do cotidiano envolvendo expressões numéricas.
Materiais necessários		Jogo elaborado no power point, computador, caixa de som, extensão, carregador de notebook, mouse, apagador, pincel, quadro branco.
Conhecimentos prévios		As seis operações básicas: adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação.
Procedimentos/ instrumentos de avaliação		Acertar as perguntas ou pelo menos alguns passos das questões.
Duração		100 min

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como sintetizado no quadro, optamos por incorporar um jogo para o trabalho com os conteúdos previsto. Essa escolha teve como finalidade despertar um maior interesse dos estudantes e consequentemente favorecer o processo de ensino e de aprendizagem.

Desenvolvimento da atividade

Na quarta-feira (01 de novembro), eu expliquei o assunto expressões numéricas, utilizando somente o quadro branco, o objetivo foi rever as 6 operações básicas da matemática, isso para que no dia 6 eu pudesse rever com um jogo. Na aula do dia 06, objeto dessa seção, inicialmente eu dividi os estudantes em duas

equipes de 20 alunos e cada uma delas escolhia um representante, por vez, para competir contra o representante da outra equipe.

Nessa regência tive a oportunidade de ministrar uma aula muito especial, onde trabalhei o jogo chamado "Show do Milhão" para ensinar expressões numéricas aos alunos. Na figura 1, pode-se observar a tela inicial do jogo:

Figura 1: Tela de abertura do jogo



Fonte: elaborada pelo autor.

A ideia surgiu da necessidade de tornar a aprendizagem da matemática mais dinâmica e envolvente. Percebi que muitos estudantes sentiam dificuldades em compreender e resolver expressões numéricas, e pensei que um jogo poderia ser a solução perfeita para tornar esse processo mais divertido.

Antes da aula, preparei cuidadosamente uma série de expressões numéricas desafiadoras. Como dito anteriormente, inicialmente, dividi a classe em equipes e expliquei as regras do jogo. Cada equipe escolheria um representante para responder às perguntas e acumular pontos para seu grupo.

Durante o "Show do Milhão das expressões numéricas", as expressões numéricas eram apresentadas de forma lúdica e contextualizada. Os participantes tinham que usar suas habilidades matemáticas para resolver os problemas em um tempo determinado. Adicionei um elemento de suspense, com

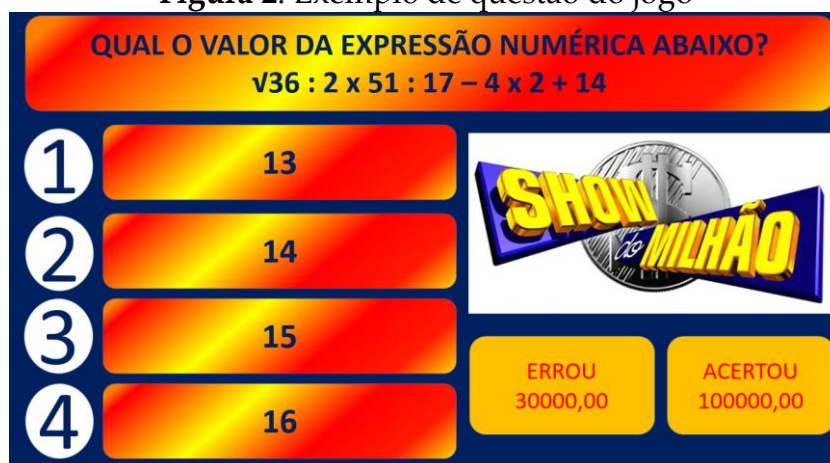
música e um cronômetro, para deixar o ambiente mais emocionante.

Expliquei as regras do jogo:

- 1) O membro da equipe que primeiro resolver a expressão correspondente, marca ponto para a mesma.
- 2) No final, a equipe que tiver mais pessoas com pontos marcados é a campeã e ganha o prêmio.

Ao longo do jogo, os alunos puderam aplicar conceitos aprendidos anteriormente, como ordem de operações, propriedades dos números reais e simplificação de expressões. Eu estava constantemente interagindo com eles, esclarecendo dúvidas e incentivando a participação ativa. Na figura 2, tem-se um exemplo de questão em que os alunos tiveram que responder:

Figura 2: Exemplo de questão do jogo



Fonte: elaborada pelo autor.

Uma das partes mais gratificantes foi observar a mudança na atitude dos estudantes em relação à matemática. O jogo transformou o ambiente da sala de aula em um espaço de aprendizagem colaborativo e divertido. Os alunos estavam entusiasmados, motivados e, o mais importante, compreendiam melhor as expressões numéricas.

Com o decorrer da aula, pude perceber que os alunos ficaram cada vez mais competitivos e querendo a todo custo

acertar para ganhar o prêmio (serenata de amor). Isso fomentou bastante o aprendizado.

Ao final da aula, realizamos uma breve discussão sobre os desafios enfrentados e os conceitos abordados. Recebi *feedbacks* positivos dos alunos, que expressaram sua satisfação com a abordagem. Fiquei muito feliz em ver que o jogo não apenas serviu para ensinar matemática, mas também promoveu o trabalho em equipe e a confiança dos estudantes em desenvolver suas habilidades.

No final, as duas equipes ganharam os bombons. Eu enfatizei que o objetivo principal era o aprendizado de todos os alunos.

Reflexões sobre a atividade

Durante a aula, como destacado abordei o tema das expressões numéricas com o intuito de proporcionar aos alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais uma compreensão sólida sobre os conceitos fundamentais relacionados a esse assunto. Segundo Brougère (1998), a gamificação é entendida como uma estratégia de aprendizagem que se torna possível diante de várias mudanças socioantropológicas relacionadas ao modo de viver, mas, sobretudo, com o avanço do conhecimento, das tecnologias de ensino-aprendizagem e da cultura lúdica.

Nesse contexto, como cita Gardner (1995), a teoria das inteligências múltiplas, foi considerada. Ela se caracteriza pelo fato de cada indivíduo possuir um pouco de cada uma de oito inteligências. Em algumas pessoas, sempre há um tipo que pode ser mais desenvolvido do que outras. É o que dá destaque em determinados campos ou áreas de atividade. A diversidade de exemplos visuais e práticos buscou atender às diferentes formas de aprendizagem dos alunos.

Podemos citar ainda a abordagem de Lev Vygotsky sobre a zona de desenvolvimento proximal, a qual foi considerada, incentivando a aprendizagem entre equipes:

I. Resultados Positivos:

- Os alunos demonstraram interesse e participação ativa durante toda a aula;
- A compreensão inicial dos elementos das expressões numéricas foi notável, sugerindo uma boa assimilação do conteúdo;
- A prática em sala de aula indicou que a maioria dos alunos conseguiu aplicar corretamente as regras aprendidas, evidenciando uma compreensão sólida.

II. Áreas de Melhoria:

- Algumas duplas (um aluno de cada equipe) apresentaram dificuldades na resolução de exercícios práticos. Isso pode indicar a necessidade de mais atividades colaborativas para fortalecer o entendimento;
- A aplicação de problemas do cotidiano pode ser ampliada na próxima aula para proporcionar contextos mais diversos e desafiadores.

Ao planejar e ministrar a aula, busquei incorporar as teorias de, Piaget, Gardner e Vygotsky para promover uma aprendizagem mais abrangente e adaptada às diferentes habilidades e estilos de aprendizagem dos alunos.

Perspectivas para futuras aplicações

Ao refletir sobre a aula de expressões numéricas e considerar as perspectivas para futuras aplicações, é possível identificar oportunidades de aprimoramento e inovação que podem enriquecer ainda mais o processo de aprendizagem dos alunos.

Considerando o mundo digital em constante evolução, a integração de tecnologia no ensino de expressões numéricas pode proporcionar experiências mais dinâmicas e interativas. Plataformas educativas online, jogos digitais e simulações podem ser incorporados para tornar o aprendizado mais

envolvente. Isso não apenas cativaria a atenção dos alunos, mas também ofereceria oportunidades para a prática autônoma.

Expandir a aplicação de expressões numéricas para contextos do cotidiano e integrar conceitos interdisciplinares pode tornar o aprendizado mais significativo. Problemas que envolvam situações reais, como finanças pessoais, estatísticas e ciências, podem demonstrar a aplicabilidade prática das expressões numéricas. Isso estimula os alunos a relacionarem o conteúdo com diferentes áreas do conhecimento.

Este planejamento visa não apenas aprimorar a experiência de aprendizado, mas também preparar os alunos para enfrentar desafios numéricos de maneira crítica e criativa, capacitando-os para situações do mundo real.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

O estágio é uma atividade curricular que existe para ajudar na formação inicial dos alunos e que vai além de cumprir as exigências acadêmicas, possibilitando-nos uma ampliação no campo da formação enquanto professores. Diante disso, o estágio serve-nos enquanto oportunidade de relacionarmos teoria e prática, constatando que as mesmas são inseparáveis, principalmente no que tange ao processo de mediação do conhecimento junto ao trabalho pedagógico na escola.

Para Demerval Saviani teoria e prática são elementos distintos, mas fundamentais, ainda sobre elas, o autor assinala que “a prática é a razão de ser da teoria, o que significa que a teoria só se constituiu e se desenvolveu em função da prática que opera” (Saviani, 2007, p. 108).

Segundo Montenegro, Reis e Zinato (2006) a teoria e a prática possuem uma relação inseparável, constituindo-se, por

meio de uma dialética entre “[...]reflexão-ação-transformação, na práxis. Neste sentido, a práxis pode ser explicada como uma atividade humana sensível, e não apenas sob a forma de objeto ou de intuição” (Montenegro; Reis; Zinato, 2006, p. 3).

De fato, eu pude perceber que a relação entre teoria e prática é indissociável, e isso ficou ainda mais evidente quando eu comecei a fase de regência. A escola também foi um ambiente de trabalho muito bom e respeitoso tanto comigo quanto com alunos e professores que me permitiram se sentir mais à vontade e não preso e meus pensamentos.

A escola também pode ser vista como uma instituição complexa, que vai além do ensino de conhecimentos científicos. Ela é um espaço dinâmico, onde questões organizacionais, questões sociais e questões políticas se encontram e se entrelaçam.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

Em um primeiro momento o estágio como atividade teórica permite aproximar-se da realidade. Nessa concepção ele se afasta da compreensão de que seria a parte prática do curso e caminha para a reflexão a partir da realidade. Segundo Pimenta (2009, p. 183):

[...] uma atividade teórica de conhecimento da práxis dos professores que estão atuando como profissionais nas escolas, assim como decorre e é determinado pela práxis dos professores do curso de formação e pela práxis dos alunos enquanto alunos, que se preparam para exercer a sua práxis enquanto professores (Pimenta, 2009, p. 183).

Dessa forma, fica evidente que o estágio, ao contrário da visão recorrente, não é atividade prática, mas teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, pois é um dos componentes do currículo do curso de formação de professores.

A pesquisa pode ser compreendida como uma possibilidade de formação e desenvolvimento dos professores da escola na relação com os estagiários. De um lado, ela se traduz na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos em que os estágios se realizam.

Por outro lado, traduz-se na chance de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam, ao mesmo tempo, compreender e problematizar as situações que observam. Em outras palavras, o estágio constitui-se em espaço de investigação das práticas pedagógicas realizadas nas escolas.

Pavanello (2003) também aponta essas dimensões formativas da pesquisa e enfatiza que a ampliação dos conhecimentos dos professores em relação ao fenômeno educacional passa necessariamente pela consideração do papel da pesquisa na formação do professor.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

Segundo Dauanny, Pimenta e Lima (2019, p. 15):

Por muito tempo considerado a hora da prática, o estágio passa a ser considerado como aproximação da realidade; como uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis; como construção do conhecimento pedagógico que traz o estágio com pesquisa e como pesquisa. Essa trajetória conceitual leva o estágio a ocupar espaço central na formação inicial universitária do professor. A relação entre teoria e prática destaca-se como uma categoria fundante e que demarca a diferença entre as concepções de professor, de sua formação e em especial do estágio.

Com base nessa perspectiva, e somada as experiências vivenciadas no estágio, compreende-se que o estágio é um momento crucial para articularmos teoria e prática. A prática que

exercemos, assim como a prática da minha professora supervisora, ao que parece, é fruto das concepções teóricas que a formaram. Muitas das informações que ela pontuou na entrevista, puderam ser observadas em sua prática. Diante disso, faz sentido, o que dizem Lima e Pimenta (2006) sobre a relação de dependência e de diálogo que existe entre a teoria e a prática.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Por um lado, o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental é uma ferramenta muito importante para testar as capacidades mentais e psicológicas de uma pessoa que está estudando para se tornar professor de matemática. Além disso, se torna uma forma muito prática de ver direto a essência da educação no Brasil e como ela é de fato realizada, com seus pontos “positivos” e “negativos”. Diante disso, posso afirmar que o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, foi de extrema importância, visto que, me ajudou a ponderar alguns vícios que eu tenho, tanto de linguagem, como mentais.

No entanto, quando eu descobri de fato que almejava ser docente de matemática, sempre visei o ensino universitário, e isso ainda é meu principal objetivo. O Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental não tem tanta influência no quesito assunto, visto que a profundidade dos conteúdos percorridos na sala de aula do 6º ano C é bem diferente dos assuntos estudados para o mestrado em Análise Real.

Mas eu não desconsidero o estágio supervisionado de forma alguma. A teoria ligada com a prática, vulgo práxis, é de extrema importância para permitir que vivenciemos uma das realidades mais sofridas de uma história do Brasil. Segundo o censo do IBGE 2022, das 50 milhões de pessoas com idades entre 14 e 29 anos, dez milhões, ou seja, 20% delas, não tinham terminado alguma das etapas da Educação Básica. Acredito que os estagiários podem ser muito importantes no processo de

educação, pois podem ajudar em muitas coisas, trazendo suas vivências à sala de aula, somam bastantes coisas aos professores e em contrapartida podem tornar a aula mais dinâmica e divertida.

Procurei sempre iniciar minhas aulas por meio de questionamentos para trabalhar a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, e explicar o assunto por meio da interação, para permitir que pudessem articular o conteúdo explicado com outros acontecimentos presentes no cotidiano. Na verdade, cada aluno é um aluno, e cada turma é uma turma, como educadores precisamos saber como lidar com as diferenças, respeitando a individualidade de cada um.

A professora da turma teve fundamental importância no decorrer do estágio, pois além de me dar autonomia para desenvolver os conteúdos, se colocava à disposição para auxiliar nas dificuldades. Portanto, sei que o mais importante de tudo é ir além e, é isso que eu deixo para os futuros estagiários no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: não desistam, tentem terminar a todo custo, que os frutos vão ser colhidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação.** Porto Alegre: Artmed editora, 1998.

CEARÁ. **Documento curricular referencial do Ceará:** educação infantil e ensino fundamental. Fortaleza: SEDUC, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 12ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente** – A Teoria das Inteligências Múltiplas. 1995, p. 21.

KRASILCHIK, Myriam. **Prática de Ensino de Biologia**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 21^a. São Paulo: Cortez, 1994.

MALDANER, Djeisci Monique; SCHULZE, Tábata Vanessa; VESCOVI, Jéssica Paula. **A importância da observação no estágio supervisionado de língua portuguesa e literatura II**. II Colóquio de práticas docentes. Método e Metodologias do Ensino: teoria e prática em sala de aula. Unioeste. Paraná. 2017.

MONTENEGRO, Maria Eleusa; DOS REIS, Dalva Guimarães; ZINATO, Vitorina Angélica Montelo. A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA NO CURSO DE PEDAGOGIA. **Universitas FACE (substituída pela Universitas Humanas)**, v. 3, n. 2, 2006.

PAVANELLO, Regina Maria. A pesquisa na formação de professores de matemática para a escola básica. **Educação Matemática em Revista**, v. 10, n. 15, p. 8-13, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 8. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, nº 130, p. 99-134, jan. 2007.

CAPÍTULO 9

Trilhando caminhos no Estágio: entre desafios e satisfações de uma jornada sem fim

Isabel Silvânia de Lima

INTRODUÇÃO

O Estágio de Licenciatura é uma exigência determinada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), é uma peça essencial na grade curricular, consolidando-se como um componente fundamental para a conclusão do curso de graduação.

Em relação ao conceito de estágio, sabe-se que ele pode ser visto “[...] como campo de conhecimento que envolve, estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções sobre o ensinar e o aprender” (Pimenta; Lima, 2004, p. 61). Dessa forma, estágio supervisionado é uma oportunidade singular em que o discente pode manifestar sua criatividade, independência e caráter, revelando-se como um período propício para a aquisição de vivências e experiências práticas relacionadas a sua futura área de atuação.

O presente trabalho tem como objetivo relatar as atividades planejadas e realizadas durante a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino fundamental, componente obrigatório no curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM. A disciplina contou com uma carga horaria total de 136h/aulas distribuídas ao longo do período entre a escola ambiente de estágio e a universidade.

Na universidade as atividades aconteceram com debates de textos, partilha de experiências no estágio e apresentação de

uma aula para a turma, totalizando 68 horas aula. Na escola foram destinados 12 horas para o reconhecimento da escola e entrevista com o professor, 16 horas de observação, 08 horas para elaboração do plano de estágio, 12 horas de auxílio ao professor e 20 horas para a aplicação de regência totalizando 68 horas na escola.

A instituição escolhida para realização do Estágio Supervisionado foi a Escola Municipal Agrícola Padre Pedro de Alcantara de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Localizada na comunidade do Sitio Retiro, Zona Rural do Município de Russas, Ceará. Este estágio ocorreu no período de agosto a dezembro de 2023, sob a competente supervisão do professor Thiago Severiano de Oliveira. Após alinhar os horários com o professor supervisor foi estabelecido que o estágio aconteceria durante os dias de terça-feira e quarta-feira, com as turmas de 9º ano A e de 9º ano B.

Inicialmente a escolha por fazer o estágio na Escola Agrícola foi motivada pelo fato de ter cursado da creche ao 9º ano, na referida escola, a qual desempenhou um papel de extrema importância em minha trajetória educacional, marcando o início dos primeiros sinais de um grande sonho que, graças a Deus, estou trilhando agora. Retornar a essa instituição depois de alguns anos, não foi apenas nostálgico, mas, um momento de reconexão com as raízes que moldaram minha paixão pela matemática. Além disso, a localização da escola é próxima da minha residência, o que facilitou não apenas no percurso percorrido diariamente, mas, também fortaleceu o vínculo afetivo e familiaridade com a comunidade local.

Ao encerrar o Ensino Fundamental e iniciar o Ensino Médio em um ambiente diferente, tive a sorte de conhecer professores inspiradores que se tornaram referências ao longo dos anos e são referências até hoje. O sonho de ser professora de matemática, que surgiu desde a infância, agora está em processo de concretização, embora o caminho até aqui não tenha sido fácil,

mas está sendo prazeroso.

Voltar a essa escola depois de alguns anos foi gratificante, a receptividade da gestão da escola, dos funcionários e do professor supervisor foi notável, facilitando o alinhamento para a execução do estágio da melhor maneira possível e sem dúvidas as experiências obtidas estão sendo únicas.

Este relatório busca documentar não apenas atividades práticas, mas, as reflexões e aprendizados fundamentais para o meu crescimento profissional e pessoal como futura educadora de matemática. O presente trabalho vai ser um relato de como o estágio aconteceu, para tanto, dispomos da seguinte estrutura: sobre o Estágio Supervisionado em matemática no Ensino Fundamental; relato reflexivo de uma atividade exitosa desenvolvida nas regências; as contribuições do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental para a minha formação; e as considerações finais.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Como dito anteriormente, a primeira fase do estágio foi a etapa de reconhecimento do ambiente escolar e entrevista com o professor. Nesta etapa foram destinadas 12 horas, meu principal objetivo neste momento era familiarizar-me com os espaços que ocorreram várias mudanças ao longo dos anos, os funcionários e especialmente com os alunos que seriam parte integrante da minha trajetória como estagiária.

O processo teve início quando procurei a direção da escola para discutir a possibilidade de realizar meu estágio na instituição. A resposta positiva e receptividade do coordenador pedagógico foram essenciais para o desenvolvimento e conclusão dessa etapa. Sua disposição em auxiliar, fornecer as informações necessárias, e sua atenção criou um ambiente

acolhedor desde o princípio o que só reforçou a ideia de que escolhi a escola certa para a realização do estágio.

Em seguida iniciei o reconhecimento da estrutura da escola. Enquanto percorria os corredores e espaços observei as transformações ocorridas ao longo dos anos foi possível analisar e refletir questões como, a localização da escola e as marcas da comunidade que refletem na escola, as tantas memórias que o ambiente guarda assim como sugere Lima (2008).

Dessa forma, esse momento foi mais do que um reconhecimento físico, foi uma viagem nostálgica que reviveu memórias e histórias vividas naquele ambiente, o que trouxe uma saudade enorme. Contudo, esse passeio despertou um sentimento de tristeza diante das mudanças, especialmente pela ausência de alguns locais que foram parte do meu passado e hoje não estão mais lá. Como foi engraçado perceber que nós como seres pensantes estamos sempre confiantes que as coisas vão estar do mesmo jeito que deixamos e como é estranho perceber que o tempo passa para todos.

A escola é composta por 58 funcionários, 13 salas de aula, auditório, refeitório, 6 banheiros, sala de leitura, secretaria escolar e direção, além, de uma associação que desempenha um trabalho ativo na comunidade. A escola tem um quantitativo de 325 alunos distribuídos entre as turmas de educação infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Ensino Fundamental – Anos Finais.

Esse momento de reconhecer o ambiente escolar trouxe vários questionamentos, ao observar a estrutura da escola é possível refletir e pensar em quantas vidas foram transformadas neste ambiente e em como os educadores tiveram papel fundamental e importante nessa transformação.

A etapa seguinte foi a entrevista com o professor supervisor Thiago, realizada em seu horário de planejamento. Esse momento foi muito enriquecedor, cheio de aprendizado e proporcionou uma visão mais aprofundada do papel do

professor na educação. Com nove anos de experiência no magistério e formado em Licenciatura em Matemática, o professor compartilhou suas dificuldades e experiências em sala de aula, destacando, que apesar dos desafios, a profissão é gratificante.

Ao concluir a entrevista com o professor supervisor, foi possível refletir sobre a trajetória de um educador, perceber as dificuldades e os obstáculos existentes e que são enfrentados diariamente.

Estágio de observação

A segunda etapa do estágio foi dedicada a observação, durante esses dias tive a experiência de acompanhar o professor supervisor em suas aulas buscando construir uma base para a minha futura atuação pedagógica. Lima e Pimenta (2006) dizem que “muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, observando-nos, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser.”. (Lima; Pimenta, 2006 p. 7). Tal pensamento reflete diretamente no estágio, pois o estagiário é um aluno em busca de conhecimento.

Este período de observação me provocou uma série de questionamentos sobre as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação diariamente, além de uma reflexão sobre o papel do professor não só como responsável por ensinar conhecimento, mas como um guia, um amigo, uma inspiração e por vezes o porto seguro de seus alunos.

Diante disso, compreendi que além do domínio dos conteúdos acadêmicos, a conexão humana e empatia são fundamentais para criar um ambiente de aprendizado significativo. Afinal, nos dias de hoje é comum vermos humanos, mas não ver humanidade, entretanto nessa profissão se faz necessário ver pessoas como humanas além disso ver a humanidade em cada um.

Por conseguinte, surgiu a consciência de que como futura professora certas dificuldades que são geradas na sala de aula, por vezes não são aprendidas através dos conteúdos abordados na universidade. Tive a oportunidade de testemunhar situações em que o foco vai além dos tópicos acadêmicos abordados na universidade e como os educadores desempenham papéis fundamentais na vida dessas crianças. Conclui ainda que o professor se molda para a realidade de seus alunos, de sua sala de aula e da escola.

Ao fazer minhas observações busquei verificar as aulas do professor, o conteúdo abordado, a interação dos alunos e tentei identificar as dificuldades dos estudantes. A partir dessas observações consegui ter noção do nível dos alunos, as personalidades e as dificuldades individuais. Vale ressaltar que a observação aconteceu em duas turmas diferentes o que gerou experiências diferentes.

O contato direto com as distintas personalidades dos estudantes na sala de aula mostrou que o papel do educador precisa ir além da ponte de transmissão de conhecimento, ele deve nutrir relações de confiança e compreender as necessidades individuais de cada aluno. Os desafios que surgem, muitas vezes, extrapolam os limites dos planos de aula, exigindo sensibilidade e adaptabilidade por parte do educador.

Assim, este período de observação trouxe ideias sobre as complexidades do ambiente escolar, reforçou a ideia de que a formação do professor deve abranger não apenas a competência técnica, mas também a capacidade de cultivar conexões humanas significativas, pois, para ser um professor fascinante devemos buscar metodologias, mas além disso, devemos buscar a sensibilidade.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor

A terceira etapa deste processo de estágio, foi o processo

de planejamento das regências com o professor supervisor. Nesse momento de planejamento os professores dedicam tempo para preparar aulas, o que é tão fundamental no cotidiano de um educador.

No momento de planejamento ao lado do professor, foi discutido diversas abordagens e algumas estratégias para montar uma aula, discutimos o possível calendário para o restante do ano letivo, e a sequência de conteúdos que ainda seriam abordados. Por conseguinte, determinamos os conteúdos, os dias e a abordagem das aulas para as minhas regências.

Por fim, esse momento de acompanhar o planejamento de alguém que já está há algum tempo no magistério foi crucial para a minha formação, para tirar dúvidas existentes e para assim eu moldar e ter uma noção de como fazer um planejamento. Além disso, compreendi que existem várias maneiras de realizar esse momento, cabe ao educador encontrar a maneira mais eficaz e adaptável.

As dificuldades existentes são perceptíveis, pois são muitos pontos a considerar no momento de planejar uma aula. Todavia, o planejamento constitui de uma parte importante e essencial na vida do educador, entretanto, no momento da execução as coisas podem não sair como planejado, assim, observei que é necessário ter uma abordagem flexível e se ajustar rapidamente as estratégias para tornar a aula mais produtiva possível.

Para a futura profissional que pretendo ser, esse momento trouxe ensinamentos únicos, entre eles, entender as dificuldades referentes ao planejamento e a importância de saber utilizar as metodologias certas para atender as necessidades dos alunos. Além do mais, foi possível enfatizar a importância de manter uma mentalidade positiva, reconhecendo que em alguns momentos é necessário pensar rapidamente e adaptar o plano de aula em tempo real para aumentar a produtividade e eficácia da aula.

Auxílio ao professor.

A terceira etapa do estágio foi o momento de auxílio. Esse momento foi destinado para auxiliar o professor em sala de aula. O processo de auxiliar os alunos aconteceu de maneira natural e a relação construída com os alunos foi de extrema importância para realização dessa etapa.

Esse processo passou mais rápido do que esperei e aconteceu de forma sincronizada com as aulas do professor supervisor. Após, a explicação do conteúdo eu ficava com a parte de ajudar os alunos e tirar dúvidas sobre as questões, em alguns momentos optei por resolver questão no quadro, visando familiarizar os alunos com minha abordagem explicativa. Além disso, em alguns momentos ajudei o professor a aplicar prova e, posteriormente ajudei a corrigir, com o objetivo de saber e compreender como funciona esse processo avaliativo.

Esse período de auxiliar o professor supervisor, foi de extrema importância e desempenhou um papel crucial na construção da minha base profissional, pois foi auxiliando o professor e ajudando os alunos de forma individual que consegui adentrar mais um passo nesse mundo educacional. Além disso, compreendi a importância de criar um ambiente acolhedor para que se sintam à vontade para expressar suas dificuldades, tal análise, surgiu do fato de que, os alunos têm suas dúvidas individuais e que muitas vezes eles têm muito receio de expressar para toda a turma por medo dos comentários, mesmo o professor tornando esse momento e o ambiente mais natural possível, ainda é perceptível a vergonha que eles têm.

Além disso, foi observado que o professor Thiago tem um jeito único de se moldar as situações e explicar o conteúdo de diversas maneiras. Sendo assim, nesta etapa conseguir perceber que eu sou capaz de me moldar e me adaptar a dúvida de cada aluno. Outro ponto importante, é que essa etapa intensificou minha visão crítica sobre o processo avaliativo. Assim, consegui confirmar que avaliação baseada em provas afeta os alunos

negativamente e prejudica o psicológico das crianças. Essa experiência reforçou meu posicionamento em favor de métodos mais abrangentes. O impacto de auxiliar o professor e conviver com essas crianças foi muito intenso e gratificante. Por fim os ensinamentos e experiências adquiridos até aqui, tornam-se cada vez mais importantes para o longo processo de construção da minha carreira profissional.

Regência de sala e aplicação do projeto didático

A quinta e última etapa do projeto de estágio foi o desenvolvimento das regências. A etapa de regência é o momento em que o estagiário ministra aulas para a turma e por seguinte é avaliado pelo professor supervisor.

A fase das regências foi um momento único de trabalhar os conhecimentos adquiridos até aqui. Esse processo mostrou-se extremamente importante. Inicialmente o planejamento visava não apenas cobrir o conteúdo de acordo com o cronograma estabelecido, mas assegurar que a abordagem estivesse alinhada à realidade e ao contexto dos alunos. Os conteúdos abordados nas regências foram cuidadosamente escolhidos e foram direcionados para revisões de provas e baseados nos descritores das provas externas.

Esse momento foi gratificante. A turma demonstrou interação, participaram das aulas aproveitando a oportunidade para esclarecer dúvidas. Ao longo das regências foi possível trabalhar com materiais didáticos diferenciados e em alguns momentos consegui a participação de alguns alunos para resolver questões na lousa e explicar seus raciocínios para a turma. Vale destacar ainda a receptividade e empatia da turma, que apesar de enfrentar suas próprias dificuldades, acolheu o processo com entusiasmo. O desempenho desses alunos merece reconhecimento, pois conseguiram superar os desafios com dedicação e esforços evidentes. Entretanto, ressalto ainda que embora as turmas fossem tranquilas ainda foram possíveis

encontrar alguns alunos que de certa forma tentam tirar o foco da turma e a paciência do professor. Com tudo esse processo foi tranquilo e enriquecedor.

O que ficou de aprendizado desta etapa é que o professor desempenha um papel enorme na vida das crianças e isso causa grande impacto. Afinal, o profissional da educação pode ser substituído em seu cargo, mas jamais no coração de seus alunos e na sua maneira de ensinar. Ao observar os estudantes empenhados em tirar dúvidas, superar os desafios e expressar gratidão pela atenção recebida reforçou a importância do papel do educador. Cada olhar de gratidão e elogio pela maneira como conduzo as aulas e acolho os alunos serviu de estímulo para buscar aprimorar minha prática docente de forma a se adaptar à realidade dos meus alunos.

Por fim, essa etapa das regências transcendeu a aplicação de métodos de ensino e tornou-se um capítulo importante na minha formação. Esse processo fortaleceu meu entendimento da importância de unir a teoria à prática, além disso, reforçou meu compromisso com uma educação transformadora e centrada no aluno.

Momento de estudo e reflexão na universidade.

Os momentos dedicados ao estudo e reflexão na universidade foram de extrema importância para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional. Nesse contexto, o processo de aprendizagem acontecia semanalmente, com o professor orientador disponibilizando textos que necessitavam de uma síntese e comentários críticos, baseados em nossa visão pessoal sobre os temas abordados. Por conseguinte, os textos eram discutidos em sala de aula, proporcionando um debate rico de aprendizados e experiências.

Logo após o debate sobre os textos, havia o momento de partilha de experiências onde cada aluno contava um pouco sobre como foi sua semana de estágio. Outro momento

importante nesse processo de estudos foi atividade sugerida pelo professor orientador onde cada aluno deveria apresentar uma aula demonstrativa para toda a turma.

Inicialmente gostaria de destacar a relevância das trocas de experiências relacionadas ao estágio. Tal interação trouxe a percepção de que as dificuldades na educação são muitos. Acredito que a partilha de vivências proporcionou um ambiente acolhedor e empático, o que foram elementos fundamentais para conclusão desse estágio.

Por fim, vou trazer um momento especial nesse processo que foi a participação de um aluno do curso de matemática e que já trabalha na área. Ouvir suas palavras e suas experiências da realidade educacional vivenciada por ele foi extremamente significativa. Para minha formação, trouxe uma sensação real de que o processo é desafiador, mas vale a pena. Afinal, é integrando a teoria e a prática que podemos fazer uma educação diferente. Além disso, o ensinamento que ficou nesse processo de troca de experiências é que, não existe uma receita pronta e acabada para ser professor, pois é no processo de adaptação, na vivência e na prática diária que vamos moldando e construindo nossa própria maneira de ensinar. Como já dizia Paulo Freire “Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (Freire, 2000, p. 79).

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação.

Neste tópico falarei um pouco de uma atividade desenvolvida no estágio nas turmas de 9º ano A e 9º ano B. Na minha concepção essa atividade foi bem-sucedida podendo ser considerada a atividade exitosa nesse processo de regência. Essa atividade teve como objetivo abordar de maneira abrangente alguns descritores cobrados nas provas externas como Sistema

Permanente de Avaliação da Educação Básica (SPAECE), do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Sistema Municipal de Avaliação do Ensino Fundamental (SMAEF). Foram trabalhados com habilidades/descriptores dessas avaliações pois as referidas turmas de estágio estão em processos de avaliações externas. Nesta aula exploramos transformações geométricas no plano, a identificação de triângulos por meio de ângulos, cálculo de ângulos, e por fim algumas propriedades dos polígonos.

Inicialmente a atividade foi idealizada não apenas com a intenção de revisar e ensinar conhecimentos, mas também proporcionar um momento de interação eu e a turma. Com o objetivo de ter maior participação dos alunos tentei buscar uma estratégia na qual envolveu uma abordagem mais dinâmica, promovendo não apenas a assimilação de conceitos, mas também a participação engajada durante atividade.

Além disso, a atividade foi realizada em grupo com objetivo de ressaltar a importância do trabalho em equipe, proporcionar a oportunidade de ajudar os coleguinhas com dificuldades. Por fim, o objetivo era enriquecer o processo de aprendizado e cultivar valores no ambiente educacional.

Elementos que nortearam atividade.

O processo de planejamento da aula, com o objetivo de alcançar o melhor desempenho possível, revelou-se um desafio enriquecedor. A elaboração de planos de aula, a busca pela metodologia mais eficaz e a adaptação ao público-alvo são tarefas que, muitas vezes, estão além do cotidiano do licenciando.

No entanto, compreendo que essa experiência é necessária, uma vez que, nos próximos dias seremos nós estagiários, os professores, e a habilidade de planejar se tornará parte essencial da rotina. Durante esse processo, cada etapa do planejamento foi cuidadosamente considerada. Desde a

definição dos objetivos educacionais até a escolha das estratégias de ensino, cada decisão foi tomada com base na compreensão do perfil dos alunos e nas necessidades específicas da turma.

Ademais, a busca pela melhor metodologia envolveu uma análise criteriosa das diferentes formas de abordagem, a fim de promover um ambiente de aprendizado dinâmico e eficiente. Devo ressaltar ainda que a orientação do professor Thiago foi essencial nesse processo. No Quadro 1 abaixo está um pouco do que foi planejado:

Quadro 1 – Resumo da prática

Série/Ano		9º ano
Unidade temática		Geometria
Objeto de conhecimento		- Simetrias de translação, rotação e reflexão. - Triângulos: construção, condição de existência e soma das medidas dos ângulos internos.
Habilidade		(EF08MA18) Reconhecer e construir figuras obtidas por composições de transformações geométricas (translação, reflexão e rotação) (Ceará, 2019, p. 447). (EF07MA24) Construir triângulos, usando régua e compasso, reconhecer a condição de existência do triângulo quanto à medida dos lados e verificar que a soma das medidas dos ângulos internos de um triângulo é 180° (Ceará, 2019, p. 448).
Objetivos	Docente	- Revisar o conceito das simetrias de translação, rotação e reflexão. - Mostrar o que acontece com figuras ao aplicar essas simetrias. - Revisar as características do triângulo e sua classificação em relação aos lados e ângulos. - Calcular o valor dos ângulos internos e verificar se eles somam 180° . - Aplicar o jogo de cartas como atividade - Corrigir as questões das cartas.
	Aluno	- Compreender o conceito de translação, rotação e reflexão. - Compreender e saber identificar o que acontece com as figuras ao aplicar simetria e qual simetria foi aplicada. - Classificar os triângulos de acordo com os ângulos e

		lados. - Verificar se os ângulos internos somam 180° - Resolver as questões em grupo que estão no jogo de cartas. - Falar sobre as dificuldades e dúvidas que mais persiste nesse tipo de questão.
Materiais necessários		- Pincel - Apagador - Quadro Branco - Jogos de cartas impresso
Procedimentos/ instrumentos de avaliação		- Avaliação vai se dar por meio da participação na correção da atividade, participação e interação no momento de resolver a atividade e principalmente pela resolução no caderno.
Duração		2 horas aula

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desses pontos e materiais, consegui elaborar um plano que resultou em uma aula com um desempenho superior em comparação às anteriores. Nesse sentido, o conteúdo foi ministrado de maneira mais eficaz, e todas as atividades planejadas para o dia foram devidamente desenvolvidas. Essa abordagem permitiu uma maior compreensão por parte dos alunos, garantindo que os objetivos propostos fossem atingidos.

Desenvolvimento da atividade

A aula iniciou as 13:00 horas como de costume. Ao chegar na sala o professor supervisor fez a acolhida e conversou com a turma avisando que naquele dia eu ministraria a aula. Por seguinte, conversei um pouco com a turma e estabeleci acordos prévios visando o bom andamento da aula como por exemplo, ficar apenas no seu grupo e evitar levantar da cadeira, manter o silêncio em respeito as outras turmas que estavam tendo aula na sala ao lado.

Vale ressaltar que essa atividade foi desenvolvida nas duas turmas de 9º anos, mas esse relato vai ser baseado na experiência da turma do 9º ano A. Logo em seguida, pedi para

que a turma formasse grupos e que cada um fosse composto por até cinco participantes. Dessa forma, foram formados 4 grupos de 5 pessoas totalizando assim 20 alunos. Os grupos foram nomeados de grupo 1, grupo 2, grupo 3 e grupo 4.

Figura 1: Registro da aula



Fonte: Acervo da autora.

Logo após, expliquei a proposta da atividade, que consistia na distribuição de cartas contendo perguntas nas quais algumas eram de um nível conceitual mais fáceis e outras mais difíceis, cada participante do grupo recebia uma carta e essa carta deveria passar por todos os participantes. Assim, as questões deveriam ser discutidas e respondidas em grupo, não tinha tempo determinado deixei os alunos a vontade em relação ao tempo, mas fiquei a todo momento circulando pela sala para ver se eles realmente estavam fazendo. Na figura 2 a seguir, tem-se exemplos de cartas utilizadas:

Figura 2: Algumas das cartas utilizadas no jogo



Fonte: Acervo da autora.

Quando o grupo terminava todas as questões eles me devolviam as cartas e eu entregava novas cartas para eles, assim as cartas foram passadas por todo os grupos. Cada carta continha uma pergunta e uma premiação, estimulando a participação e a competição saudável entre os grupos, foram um total de quarenta cartas para circular entre os grupos.

Durante o desenvolvimento da atividade, foi notável o empenho e o trabalho em equipe. As questões que eles tinham dúvidas eles iam me chamando e logo eram esclarecidas. Em algumas situações em que as dúvidas demandavam uma atenção especial, optei por uma explicação com mais passo a passo. Dessa forma, tentei explicar os conteúdos partindo de raciocínios iniciais. Essa abordagem revelou-se eficaz, uma vez que permitiu que os alunos assimilassem o conteúdo de maneira mais completa, facilitando a resolução das questões.

Devo ressaltar que os alunos estavam muito empenhados em resolver as questões e a todo momento era possível ouvir, “tia terminei”, “tia quero mais cartas”, “tia tira uma dúvida aqui”. Nesse processo de trocar as cartas e tirar dúvidas o tempo passou rapidamente e logo chegou a hora de corrigir as questões feitas.

A avaliação do desempenho ocorreu por meio da observação durante a execução da atividade e da pontuação obtida após a correção das questões. A correção se desenvolveu da seguinte maneira, com todas as cartas em mãos eu sorteava uma carta aleatória e perguntava qual dos grupos tinham feito, eles me respondiam quem tinha feito e logo em seguida eu pedia para que alguém do grupo explicasse o raciocínio que foi utilizado para resolver as questões. Por conseguinte, eu corrigia a questão na lousa e eles marcavam a pontuação no caderno das questões que iam acertando.

Outra coisa a destacar nesse processo de correção foi que nas questões que os alunos errassem eu perguntava qual raciocínio eles tinham utilizado e a partir disso eu corrigia o que eles haviam errado visando que eles entendessem o que tinha

errado para não cometer o mesmo erro novamente. Devo ressaltar que esse momento de correção foi rico de experiências e que os alunos participaram de maneira engajada e em alguns momentos foi possível trazer alguns alunos para explicar a questão na lousa.

Por fim, o tempo passou rapidamente e faltando cinco minutos para tocar o sino, pedi que eles contassem a pontuação para ver o grupo ganhador, o grupo ganhador foi o grupo três. No fim expliquei que todos eram vencedores por terem conseguido concluir a atividade e superar suas dificuldades e assim todos ganharam a premiação que era um chocolate.

Reflexões sobre a atividade

A atividade se desenvolveu de acordo com o planejado. Entretanto, isso não quer dizer que foi fácil. A profissão de educador é muita ampla e complexa, meu primeiro desafio nessa missão foi fazer o planejamento da aula e utilizar uma abordagem com base no que foi observado no estágio que mais se adaptaria aos alunos sem mudar a realidade que eles estão inseridos.

A metodologia adotada foi marcada em tirar dúvidas e explicar pausadamente os conteúdos. Criar esse ambiente acolhedor para dúvidas foi primordial, pois assim consegui envolver todos os alunos e tornar o ambiente acolhedor para tirar as dúvidas. Ao longo do estágio busquei criar laços com os alunos buscando ganhar a confiança deles, essa ação foi essencial para o momento de ministrar as regências pois consegui que até os mais “bagunceiros” participassem da aula.

Esse processo de estagio trouxe para minha vida um pensamento baseado na ideia de Lemov (2011) que, um bom ambiente escolar é aquele que o professor tem controle para com sua turma ao mesmo tempo que o aluno tem liberdade para determinadas coisas, onde a gestão é o suporte para manter esse controle, onde a influência do professor leva o aluno a aprender

cada vez mais participando e realizando as atividades proposta sem mesmo considerar as premiações e que principalmente que o aluno se engaje e se sinta parte do ambiente em que está inserido. No decorrer das regências em especial nesta aula, busquei implementar essa ideia, concluindo assim que no momento em que vivi esse processo essa ideia é eficaz e deve ser colocada em prática em outras turmas e ambientes educacionais.

Perspectivas para futuras aplicações

Para futuras aplicação desta atividade, vislumbro a adição do uso de data shows, para que no momento da correção todos os grupos consigam acompanhar qual questão está sendo corrigida considerando que algumas questões não foram passadas por todos os grupos, assim o uso desse recurso seria benéfico e tornaria uma correção mais dinâmica e inclusiva.

Outra consideração relevante envolve o tempo destinado a correção. Pois, com a empolgação das crianças brincando e resolvendo as questões ficou pouco tempo destinado para a correção das cartas e para tirar dúvidas restantes. Além disso, observando o dinamismo e engajamento dos alunos, percebi que uma ampliação na quantidade de cartas disponíveis seria proveitosa.

Apesar de terem sido oferecidas 40 cartas, a adição de mais questões ampliaria a variedade de temas discutidos pelos grupos, enriquecendo a diversidade de aprendizado, além do mais, seria interessante que os grupos anotassem as questões que eles mais tiveram dúvidas na hora da resolução. Essas adaptações visam aumentar a eficácia da atividade, garantindo um ambiente ainda mais propício para uma aprendizagem participativa.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

As experiências vivenciadas na escola neste processo de estágio foram essenciais para o início da construção da minha carreira profissional. Ao começar a conviver no ambiente escolar, notei que a bagagem de um professor deve ir muito além do que é visto na universidade. Como futuros educadores devemos ter em mente que o processo percorrido é difícil, mas que devemos ter sempre pensamento positivo de que no fim tudo dar certo.

Diante de todas experiências vividas até aqui e todo aprendizado adquirido, posso dizer que percebi que é no ambiente escolar que os licenciandos tem uma vivência direta com a prática pedagógica, é no ambiente escolar que reconhecemos que ter uma boa bagagem de conhecimento específico de matemática não é suficiente para dar aula. É no ambiente escolar que compreendemos que tudo muda, os alunos mudam, a escola muda, a direção escolar muda e o ambiente e contexto social também mudam. Ou seja, se ao decorrer do tempo tudo muda o educador deve ter sempre consigo que o ensino é mutável, e que é necessário buscar e fazer essas mudanças para que assim o ensino não se torne uma coisa mecanizada.

Por fim, a partir do estágio como momento de formação da/ e para prática, pude perceber diante de minha experiência que ao decorrer do meu magistério tenho que ter em mente que preciso me adaptar as situações, entender o contexto social na qual o meu campo de trabalho esta inserido e entender as personalidades dos meus alunos, para que assim eu consiga me adaptar e me moldar da melhor forma para a realidade.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

No ambiente universitário os discentes têm uma visão distorcida do que é o estágio vendo apenas como mais uma disciplina obrigatória da grade curricular que deve ser feita para receber seu certificado ao fim do curso ou mais uma disciplina

para aplicar todas as técnicas, conhecimentos e direitos do que pode ou não fazer no ambiente escolar. Entretanto, ao entrar no ambiente de estágio, é ideal cultivar um olhar mais crítico e reflexivo, pois o estágio além de ser um campo ideal para aplicar a teoria e a prática deve ser visto ainda como um campo de pesquisa.

O estagiário ao entrar no ambiente escolar deve ter o olhar voltado não somente para compartilhar seus conhecimentos, mas um olhar crítico reflexivo sobre a realidade em que a escola está inserida (Dauanny, Lima; Pimenta, 2019). Por experiência própria, a transição da universidade para a escola trouxe consigo uma série de questionamentos que na minha graduação não tive a oportunidade de responder ou até mesmo de ser mencionado.

Por exemplo, como que eu vou avaliar um aluno? Como compreender que o aluno precisa de ajuda e, como auxiliar? Como identificar problemas de transtorno de aprendizagem? Como encontrar a metodologia correta? Como tornar os alunos mais participativos? Como a direção intervém e participa na vida dos estudantes? Além disso, como agir em sala de aula em situações anormais do dia a dia?

São vários questionamentos que o currículo da universidade não dispõe, mas que no campo de estágio podemos buscar sanar e pesquisar sobre esses assuntos. Afinal, antes de sermos professores devemos nos colocar no lugar de aluno e lembrar o tipo de professores que queríamos ou não ter.

Por fim, nessa vivência de estágio como campo de pesquisa e a prática não apenas fortalecem a formação acadêmica como prepara os estudantes para serem profissionais que buscam, soluções que contribuem para melhoria do ambiente que estão inseridos. A pesquisa capacita os futuros professores a enfrentarem desafios e prepara para a complexa realidade que os aguarda, e que novamente vai além de um diploma ou uma boa bagagem de conhecimentos.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

O estágio por vezes é considerado atividade prática, entretanto faz-se necessário abordar que o estágio assim como todas as disciplinas abordadas na universidade deve ter caráter prático e teórico, pois é na prática que vemos a importância da teoria, é na prática que percebemos que não estamos tão capacitados como imaginávamos.

Por muitas vezes, os estagiários veem como uma bagagem recheada de conhecimentos entretanto, não sabem como ensinar esse conhecimento para alunos da Educação Básica, por isso deve existir uma teoria, entretanto a prática deve estar unida a teoria, pois é quase impossível trabalhar a teoria separada da prática e ter um bom desempenho.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Sem dúvidas o processo de estágio proporcionou uma experiência única e uma perspectiva diferente da Educação Básica, especialmente no Ensino Fundamental. Ingressar nesse ambiente sob a supervisão atenciosa de um profissional, alguém disposto a acolher minhas dúvidas e auxiliar no enfrentamento de desafio do dia a dia, foi fundamental para a construção da futura profissional que pretendo ser. Além disso, antes que minhas dúvidas fossem sanadas por completo o tempo passou rapidamente e o estágio terminou.

Essa experiência na prática possibilitou uma vivência única, pois precisamos vivenciar para entender o processo. Além disso, foi possível compreender e analisar por outra perspectiva as amplas dificuldades existentes na educação, a dinâmica em sala de aula e os desafios diários enfrentados pelos educadores.

Com efeito, a orientação recebida durante o estágio ajudou a consolidar o conhecimento adquirido na universidade e experiências da prática pedagógica. Ao iniciar esse estágio estive

imersa às indagações que foram surgindo no processo, entretanto ao concluir esse estágio percebi que, vivemos no grande estágio que é a vida, tal como diz Lima (2008) e assim vamos ser sempre estagiários. Dessa forma, as dúvidas nunca vão ser cessadas por completo, elas sempre vão existir e ainda mais, as possíveis respostas para as mesmas vão estar em constante transformação.

Analizando todas as experiências vividas neste processo e olhando para meu futuro, minha intenção é dedicar-me à área educacional, especialmente no âmbito da Educação Básica. Após a conclusão do curso de Licenciatura em Matemática, tenho planos de buscar uma pós-graduação, visando aprofundar meus conhecimentos e procurar a melhor maneira de lidar com meus futuros alunos.

Reconheço ainda a importância de continuar o aprendizado e do aprimoramento profissional para oferecer uma educação de qualidade, pois é notável que a educação, as escolas, os alunos e a sociedade estão em contante transformação o que se faz necessário está se moldando e se reinventando a todo momento.

Por fim, considero a possibilidade de tentar concurso na área de matemática como uma forma de garantir uma trajetória profissional estável. Essa busca por oportunidades de trabalhos sólidos e desafiadores continuaria não apenas para o desenvolvimento da minha carreira, mas também para a promoção de uma educação de excelência.

Em resumo, o estágio não apenas forneceu uma visão prática da Educação Básica, mas também solidificou meu compromisso com a profissão docente e estou determinada a continuar me aprimorando, buscando novos conhecimentos e enfrentando desafios que a carreira de educador apresenta, sempre com a missão de impactar positivamente a vida dos estudantes.

REFERENCIAS

CEARÁ. **Documento curricular referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. (2019). A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, (3). 2019. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4274>

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

LEMOV, D. Criar uma forte cultura escolar. In: LEMOV, D. **Aula nota 10 - quarenta e nove técnicas para ser um professor campeão de audiência**. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Póiesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 8 ago. 2023.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]*. 2008, vol.08, n.23, pp.195-205. ISSN 1981-416X. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 8 ago. 2023.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAPÍTULO 10

Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: um laço de união capaz de proporcionar experiências necessárias para o início de uma identidade profissional

Tamiris Paula de Moura

INTRODUÇÃO

De início, considero a disciplina de estágio um divisor de águas, algo que já ponderava antes, mas posso confirmar após cursar o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, tive a oportunidade de obter aprendizados e experiências que contribuíram diretamente no desenvolvimento da minha visão como licencianda, por estar em contato direto com os alunos e vivenciar momentos únicos neste amadurecimento acadêmico.

A escola concedente do meu estágio foi a Escola de Ensino Infantil e Fundamental José Alves de Moura, na qual estudei parte da minha infância, em específico, até o 3º ano do Ensino Fundamental, sendo este um dos motivos para a ter escolhido como possível local de estágio. Com o consentimento da diretora e a acolhida da professora supervisora, feito a partir de uma carta de apresentação e preenchimento do termo de compromisso, houve, em seguida, o reconhecimento da escola, o que incluía conhecer sua estrutura, algo que me trouxe enormes lembranças, encontrei detalhes que permaneceram, porém, também houve mudanças.

Após conhecer a professora supervisora, Maria José de Freitas de Oliveira Moura, que aceitou a enorme tarefa de me conduzir neste período, conversamos e, ao analisar os horários de suas aulas, o único possível para a acompanhar, em sala, era na terça-feira, das 13h às 17h, com as turmas de 6º e 7º anos, e o

planejamento, que viria posteriormente, na quinta, das 13h às 15h.

Além de definir os dias e os horários, realizei uma entrevista com perguntas para a professora, já como outro requisito do estágio, posso dizer que a vejo como uma ótima profissional, visto que, de início, já fui informada que ela não era formada em matemática, e sim em química, mas pelo que relatou, sempre se identificou e estuda bastante para ensinar aos alunos com segurança, algo que comprovei ao longo do estágio.

Resumidamente, pude notar que todo o funcionamento da escola ocorre com harmonia entre os funcionários, desde gestores, corpo docente, porteiro, até às cozinheiras, há um laço de convívio que vai além do profissionalismo, visto que, todos mantêm uma amizade, fato que deve ser fortificado por ser uma escola pequena e com uma quantidade limitada de profissionais, inclusive, muitos docentes lecionam mais de uma disciplina.

Além disso, especificamente, pude notar que sempre há uma recepção dos alunos no portão de entrada, realizada normalmente por gestores, como a diretora, a coordenadora pedagógica e a agente administrativa, algo que acompanhei e realizei durante meu estágio. A esse respeito, segundo Lima (2008), há muitas lições aprendidas nesta chegada dos alunos, por ser um momento que nos oportuniza reflexões e questionamentos, já que, para compreender o que ocorre no interior da escola, é preciso saber o que ocorre na comunidade, detalhes que passam despercebidos, como preferências, costumes e até a transição de pessoas e transportes em frente à escola. Enfim, existe uma abrangência de circunstâncias que fazem toda a diferença, até mesmo a observação dos impactos da sociedade atual na entrada da instituição escolar e o modo em que se dá o controle desta chegada, entre muitas outras minúcias.

Dessa forma, há muitos ensinamentos para se aprender, dentre algumas lições do estágio, pode-se destacar que a experiência em campo é de grande significado na criação da

identidade profissional do graduando, como citado anteriormente, parte desde as lições ligadas à localização da escola e seu impacto no ensino da escola. Entretanto, há outras lições indispensáveis, relacionadas com as lições aprendidas no papel e no dia a dia, projetos pedagógicos, interação de saberes etc.

Com isso, podemos concluir que o estágio tem como base a investigação acerca de ações pedagógicas, práticas institucionais e trabalho docente. É um período passageiro, com término antes mesmo de conseguirmos responder às perguntas iniciais, pois logo surgem mais desafios acadêmicos, fazendo com que o foco seja mudado. Todavia, ainda segundo Lima (2008, p. 196), “somos sempre estagiários da vida”, então, sempre há novas oportunidades de aprendizado para agregar cada vez mais em nossos conhecimentos.

Além de tudo dito, posso acrescentar que recebi influências durante minha vida escolar que me fizeram seguir este caminho da licenciatura. Desde o Ensino Fundamental tive excelentes professores de matemática, o que acrescentou quanto a minha afinidade com a disciplina. Já no Ensino Médio, tinha pensamentos de ingressar em uma universidade que envolvesse diretamente a área de exatas, por este motivo e por conta da localização, optei pelo curso de Licenciatura em Matemática, uma vez que, também tomava à frente, ensinando, quando colegas de classe tinham alguma dúvida. Enquanto isso, na graduação, já tive novas experiências, como ministrar minicursos, não só para os discentes da matemática, algo que foi somando ao meu caráter de futura licenciada.

Portanto, este relatório tem como objetivo expor os acontecimentos e aprendizados desenvolvidos durante meu estágio, abordando as etapas de reconhecimento, entrevista com o professor, observação, elaboração do plano de estágio, auxílio ao professor, regências e também uma reflexão sobre o estudo na universidade. Além de apresentar uma aula significativa que

ministrei neste período, relatando o planejamento e a aplicação, e finalizando com uma abordagem sobre teoria e prática, juntamente com considerações acerca do estágio e perspectivas de futuro.

SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecimento da escola e entrevista com o professor

Esta foi a primeira etapa presencial do estágio, exceto pela carta de apresentação e termo de compromisso. O professor coordenador da disciplina nos disponibilizou alguns arquivos que deveriam ser preenchidos ao longo do progresso de estágio, dentre eles, temos um referente ao reconhecimento da escola, que serviu de orientação acerca dos tópicos fundamentais, para colher as informações precisas, iniciando pelos dados daqueles que fazem parte da gestão escolar, especificando seus dados e suas funções.

Seguindo com as informações essenciais, questionei sobre o quantitativo de professores em cada área, inclusive em cada disciplina, no qual percebi que muitos dos professores estão em mais de uma área, incluindo a minha professora supervisora, ela ensina matemática e ciências. O tópico seguinte foi o que demandou mais tempo, tratando-se da estrutura da escola, algo que não foi um problema, pois, tínhamos 12h destinadas a esse reconhecimento, então fiz minuciosamente, aproveitando para visitar e questionar.

De início, acerca da estrutura da escola, encontrei muitas semelhanças, comparado à época em que estudei nesta instituição. Algumas mudanças notei de imediato, como o portão de entrada dos alunos, além da gestão, o diretor já não é o mesmo, mas muitos dos docentes e dos gestores permaneceram, mostrando sentimentos de saudades e admiração ao me reencontrar.

Ao longo do reconhecimento da estrutura, notei que existiam muitas mensagens de boas-vindas, assim como bonecos, corações, frases e outros desenhos coloridos, grande parte direcionada ao ensino infantil, visto que, a escola comporta alunos desde a educação infantil até os anos finais do Ensino Fundamental. Assim, já pude perceber o quanto a escola se empenha em acolher esses alunos e posso dizer que também fui muito bem recebida, já me permitindo a criação de um laço com a escola concedente, algo fundamental para o bom desenvolvimento do estágio.

Após este reconhecimento estrutural, houve um momento com a professora supervisora, onde realizei as perguntas da entrevista, arquivo também disponibilizado pelo professor coordenador da disciplina. Ao decorrer da entrevista, descobri que a professora é graduada em licenciatura em química e em administração pública, mas sempre teve uma afinidade com matemática, relatando não ter se graduado neste curso por falta de oportunidades, inclusive, ainda pretende. Exerce o magistério desde o ano de 2009, adquirindo experiências tanto em escolas públicas quanto particulares, onde narra as diferenças entre as duas.

Com relação ao seu planejamento, afirma sempre utilizar o mais adequado à aula, partindo desde o conteúdo, até o cronograma escolar a ser cumprido, sempre focando no objetivo de aprendizagem. Alega que a metodologia de ensino deve alcançar o maior número possível de alunos, com base neste pensamento, busca fazer uso de objetos da própria sala de aula, dentro da realidade escolar, e situações que os alunos possam realizar em casa também, pois, assim, terá um maior interesse por parte dos alunos.

Quanto aos processos avaliativos, faz uso do quantitativo, qualitativo e somativo, sendo uma avaliação difícil, por considerar o nível de cada aluno e o progresso individual. Tem uma visão positiva com relação ao seu processo profissional,

hoje, julga-se como uma professora mais madura e segura, estudando sempre antes de cada aula, buscando meios e formações para se qualificar a cada dia, a fim de lecionar corretamente para seus alunos. Além de tudo, finaliza retomando que a matemática não é tão desafiadora assim, não a vê como algo complicado, pelo contrário, gosta de estudar e estar em constante aprendizado nesta área.

Portanto, posso dizer que me senti ansiosa desde o primeiro contato, pois, significa adentrar em um novo meio repleto de diversos conhecimentos, ou seja, será um ambiente que contém aprendizados distintos daqueles trabalhados na universidade. Esta afirmação se estende para a entrevista com a supervisora, que ganhou minha admiração a cada nova resposta dada, visto que, consegue manter o bom ensino dos alunos, mesmo sem ter formação na área de exatas, isto é, revela o quanto se esforça para realizar suas regências com excelência.

Estágio de observação

Esta é uma fase de enorme significância no estágio, é um passo muito importante e que deve ser trabalhado da melhor forma possível, notando os mínimos detalhes. É nessa etapa que ocorre sua inserção em sala de aula, ou seja, os estagiários entram como uma pessoa estranha em meio a semana rotineira dos alunos, alguém novo que não faz parte do círculo de convivência da turma. Dessa forma, é necessário tomar um certo cuidado com a impressão que transmite, pois, em algumas semanas será o momento das regências, até lá o ideal é não causar uma aversão explícita aos alunos.

Estava muito curiosa, pois queria notar a diferença entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, pois, já convivo em turmas do Ensino Médio, mas é a primeira vez em uma turma de Ensino Fundamental. Além disso, seria a primeira oportunidade para apenas observar e estudar todos os comportamentos em sala de aula, isto é, com os olhos de uma acadêmica em

licenciatura. Considerei, no início, a linguagem usada pela professora um pouco avançada, mas também figurativa, auxiliando na compreensão dos alunos, mas não tinha nenhum norte sobre os níveis das turmas, que me surpreenderam ao longo do estágio, sempre se mostraram bastante participativas.

Havia, em média, 18 alunos no 6º ano e 24 alunos no 7º ano, nos dias de observação. A maioria das aulas envolvia correção de atividades, nas quais os discentes insistiam para resolverem no quadro, encontrei este traço em ambas as turmas, o que, suponho, deve ser algo trabalhado e instigado pela professora supervisora. Durante essas observações, sempre realizava anotações no caderno acerca do comportamento da professora e dos alunos, notando aqueles que mais participavam, aqueles mais brincalhões, ou na maneira como era chamada a atenção dos alunos.

Neste período, houve momentos distintos, onde pude comprovar um pouco sobre os métodos que a professora supervisora relatou no momento da entrevista, exemplificando, em uma regência, em específico, o assunto era área de figuras planas. A supervisora pediu que os alunos calculassem a área de uma cerâmica do chão, logo, todos se animaram e se juntaram para realizar o cálculo. Nessa situação, pude perceber que não era preciso algo tão grandioso para envolver essa turma.

Enquanto isso, meu primeiro contato com a turma do 7º ano me deixou um pouco apreensiva, os alunos já não eram tão infantis, alegando estudarem apenas por serem obrigados e com um caráter mais “revoltado”, algo que consegui desmistificar durante as outras etapas do estágio. Como dito anteriormente, já realizavam pedidos para a professora, solicitando permissão para resolver no quadro, ela concedia e orientava a turma por meio de perguntas norteadoras acerca do conteúdo em específico. Também houve momentos que os alunos interagem mais comigo, realizando perguntas e pedindo auxílio na atividade, a supervisora disse que não havia problema, então,

serviu para uma melhor aproximação.

Dessa forma, posso dizer que tive vários momentos com as turmas, que ao passar dos dias iam cada vez mais se acostumando com a minha presença, já me recebendo com demonstrações de afeto, como sorrisos e abraços, até conversando comigo ao final das aulas. Enfim, foi uma etapa necessária para contribuir na minha inserção como estagiária e na minha visão como aluna da licenciatura, visto que, ainda não tinha experiência com alunos do Ensino Fundamental.

Elaboração do plano de estágio, planejamento das regências e projeto didático com o professor

Tive encontros realmente importantes, visto que, agora havia o trabalho envolvendo a realidade da sala de aula. Logo de início, não houve muitas dúvidas da minha parte, quanto ao preenchimento do plano de aula, visto que, já havia tido este contato, inclusive em disciplinas como didática e, posteriormente, em uma apresentação obrigatória na própria disciplina de estágio, onde recebi ótimas orientações. A supervisora prontamente me auxiliou quando havia algum impasse, pois me sentia um pouco apreensiva quanto à metodologia, por ter passado apenas um período curto de tempo com os alunos.

Logo, sempre elaborava o plano de aula na presença da professora, que me deixou bastante livre quanto à questão da metodologia e, como notei, no período de observação, os alunos gostam muito de participar resolvendo no quadro, logo, sempre realizava algumas recapitulações rápidas, assim como ocorria nas aulas e também por conta do livro, que trabalhava muito diretamente, tendo maior foco nas resoluções de exercícios.

Assim, considero o planejamento uma etapa extremamente importante, pois é nela que ocorre toda uma reflexão sobre como abordar determinados assuntos, ou maneiras de facilitar no momento das regências. Nesses

momentos, também era crucial estar com a supervisora, já que, haveria um melhor norte dos métodos que poderiam ser desenvolvidos, por conta de toda a relação construída entre ela e os alunos, ou seja, toda as interações entre o professor e os alunos, o torna responsável por conhecer o nível de cada um, assim como suas dificuldades e capacidades.

Posso dizer que foi um grande desbloqueio em minha futura carreira, pois, já tenho experiência em sala de aula, mas apenas com alunos do Ensino Médio. Desde o meu terceiro semestre do curso de graduação, participo de programas estudantis disponibilizados pelo Governo do Estado do Ceará, o que me permitiu este contato com a sala de aula, até mesmo realizando regências. Entretanto, não havia questionado aos alunos sobre o desejo de resolver no quadro, isto é, até esse momento não havia presenciado ocasiões em que os alunos, da Educação Básica, independentemente, se voluntariavam para ir ao quadro, notei que pode ser um método realmente eficaz.

Assim, com o decorrer dos planejamentos, fui ficando cada vez mais espontânea quanto à questão de expressar minhas opiniões, já que, havia determinados assuntos que poderiam ser trabalhados de forma mais descontraída e, ainda, mantendo o rigor teórico necessário. Logo, como sempre fui muito criativa, tive algumas sugestões para ambas as turmas, além de optar pela aplicação da metodologia rotação por estações em uma das regências, as quais a supervisora admirava e auxiliava nos detalhes para inserção em sala.

Portanto, não há como negar o quanto evolui profissionalmente e o quanto essas experiências foram construtivas, uma vez que, não há textos suficientes para recompensar esse contato minucioso com outros professores, abordando detalhes que antes eu não conseguia ver, além de visões distintas de alguém visivelmente mais experiente. Enfim, sou imensamente grata por essa evolução, algo único que não há como substituir e que significou muito para o meu crescimento

acadêmico.

Auxílio do professor

Existe uma abrangência de sentimentos que ocorrem nesta etapa, pois é onde, normalmente, há os primeiros contatos mais diretamente com os alunos. Diferente da observação, na qual não há muita interação entre nós, estagiários, e os alunos, no auxílio, a partir das minhas experiências, houve o envolvimento em muitos momentos, como assessorar uma dupla de alunos na confecção de um trabalho, situação que possibilitou determinada aproximação, algo positivo quando se trata de convívio escolar.

Em um dos momentos proporcionados pelo auxílio, não estávamos em sala de aula, o que acarretou um momento mais livre, os alunos, já acostumados com minha presença durante a observação, conversavam animadamente comigo. Fiquei bastante contente com essa interação, algo que já vinha cultivando desde a etapa de observação, como também por meio de conversas nos intervalos.

Também tive um auxílio não planejado, mas que também foi bastante importante para o meu estágio, foi durante a aplicação das avaliações bimestrais, nas quais pude notar que ainda não há problemas envolvendo o uso do celular, algo já comum quando se trata de alunos do Ensino Médio. Ao final, houve a entrega do trabalho e o recolhimento da prova, neste momento, auxiliei alguns alunos que haviam errado questões do trabalho.

Enquanto isso, no 7º ano, iniciaram a aula bastante agitados, mas ficaram atentos quando a professora me pediu para resolver uma questão do trabalho, já que foi uma que nenhum dos alunos havia conseguido resolver. Posteriormente, descobri que havia uma semelhante na prova, fiquei um pouco nervosa por ser a primeira ação na frente desta turma e da minha professora supervisora. Depois desse momento, alguns ainda tiraram dúvidas antes da avaliação. Havia sido a primeira vez

que eu presenciava aplicação de avaliações bimestrais no Ensino Fundamental.

Também houve um dos auxílios que, infelizmente, não estava na presença dos alunos, visto que a professora supervisora pediu para que eu confeccionasse dois trabalhos escolares, contendo os conteúdos do terceiro bimestre, para ajudar na nota daqueles que não alcançaram a média. Para essa construção, usei bastante do que observei, agora já tendo uma noção de como as turmas acompanhavam os conteúdos da professora. Enfim, são situações que necessitam de cautela e uma evolução, isto só ocorre se houver um mínimo de esforço.

Regência de sala e aplicação de projeto didático

A etapa de regência foi uma das mais desafiadoras, sendo, também, um processo evolutivo, visto que, no meu primeiro dia de regência, iniciando com duas aulas no 6º ano, sinceramente, posso dizer que foi desanimador, mesmo que eu tenha construído um laço com eles durante a observação, não foi suficiente para manter a atenção dos alunos. Entretanto, no 7º ano, os alunos ficaram bastante animados quando souberam que seria eu e, diferente do 6º ano, a maioria estava me ouvindo e respondendo quando eu perguntava.

Realizei exemplos e o restante da atividade foi realizada pelos próprios alunos, que resolviam no quadro animadamente, juntamente com a ajuda dos demais, eu orientava na organização das ideias e instigava os alunos que estavam sentados mais atrás, aqueles mais dispersos, dessa vez eu conseguia um retorno, por exemplo, em uma das questões havia um piso feito de lajotas brancas e pretas, pedi para eles contarem e logo recebi uma resposta.

Com base nos resultados obtidos, resolvi realizar algumas abordagens distintas, com o intuito de colaborar na regência e, conseqüentemente, contribuir na compreensão dos alunos. Dessa forma, na segunda regência, por conta do conteúdo

trabalhado no 6º ano, medidas agrárias, foi possível confeccionar fichas com imagens de áreas rurais, contendo, ao lado, o esquema de transformação de medidas de áreas e uma pequena situação-problema para converter a área dada em metros quadrados, diretamente relacionada com a parte conceitual da aula, onde trabalhei a teoria, algo que todos gostaram, compartilhando entre eles as figuras e as situações-problema. Enquanto isso, no 7º ano, fiz uso da metodologia de rotação por estações, envolvendo o conteúdo de regra de três, também recebendo muito entusiasmo por parte dos alunos.

Também ocorreu de ministrar correções de atividades e da avaliação bimestral, no 6º ano e no 7º ano, nessas situações, sempre buscava a participação dos alunos, tanto realizando perguntas quanto auxiliando no momento que pediam para solucionar no quadro. Essa prática foi adotada em ambas as turmas, ela é bastante explanada e praticada nas aulas de matemática, pude notar isso no período de observação e, ainda, a professora supervisora orientou que seria um ótimo método para envolvê-los nas resoluções, até mesmo como intuito de desenvolver habilidades sociais e matemáticas, visto que, seria possível corrigir e auxiliar imediatamente caso surgisse algum erro nos cálculos.

Além de tudo, ainda apliquei dois trabalhos envolvendo conteúdos do terceiro bimestre, como uma maneira de ajudar aqueles alunos que não atingiram a média determinada. Assim, eu realizava exemplos com situações-problema semelhantes às questões do trabalho, mostrando as propriedades necessárias e como deveria ser resolvida a questão referente. Como de costume, buscava a participação dos alunos através de perguntas e até mesmo convidando para resolver no quadro. Como era um trabalho, eu efetuava a breve recapitulação e aguardava eles resolverem a questão referente ao mesmo assunto, auxiliando de perto quando necessário e orientando em qual página poderiam pesquisar.

Por fim, posso dizer que foram experiências únicas e novas para a minha futura carreira, onde passei por momentos que marcaram minha vida acadêmica significativamente, contribuindo diretamente para um amadurecimento e evolução. Posso dizer que é de extrema importância para o licenciando, momento de pôr em prática tudo o que foi planejado com a professora supervisora e estudado na universidade.

Momento de estudo e reflexão na Universidade

Durante a parte inicial do estágio, era necessário realizar a leitura de textos abordando temáticas deste período, após esta leitura, nós, discentes da disciplina, deveríamos escrever uma síntese do texto e um comentário crítico contendo alguma passagem que nos impressionou. Tais comentários eram discutidos em encontros semanais, onde, também, cada discente realizava seu ponto de vista acerca do texto, algo que gerou enormes discussões, tanto positivas quanto negativas, visto que, nem sempre havia uma concordância com o que o texto abordava.

Além desses momentos também realizamos um encontro com o coordenador pedagógico de uma das escolas da cidade, além de coordenador também é professor da mesma escola. O tema principal deste encontro foi acerca do Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), que, inclusive, pude ver pela primeira vez impresso, visto que, fazia uso apenas da forma digital. Neste encontro, houve muita sinceridade acerca dos sistemas seguidos pelas escolas, assim como as motivações por conta das avaliações e outros pontos delicados e essenciais para a nossa formação.

Por fim, também posso relatar acerca de uma regência obrigatória realizada por todos nós, discentes, na qual a avaliação era feita pelo professor orientador e um aluno escolhido por meio de sorteio. Esta avaliação foi realizada de maneira minuciosa e detalhada, de maneira que influenciava

diretamente na nota atribuída, parte da aprovação na disciplina. Apesar da rigorosidade, pude aprender muitos detalhes acerca dos requisitos necessários para uma excelente regência, como a interação com a turma, que deve ser feita realizando questionamentos, além disso, também nos foi alertado sobre a organização do quadro, ou gestos proibidos, como apagar o quadro com a mão.

RELATO REFLEXIVO DE UMA ATIVIDADE EXITOSA DESENVOLVIDA DURANTE AS REGÊNCIAS

Apresentação

Optei por uma atividade que se referia a uma adaptação do jogo de tabuleiro batalha naval, desenvolvida e aplicada na turma de 7º ano, contendo os conteúdos de plano cartesiano e regra de três. A motivação, para a realização desta atividade, foi por relatos da professora supervisora, cuja afirmava constantemente que a localização de pontos no plano cartesiano ainda era uma das principais dificuldades da turma, mesmo se tratando de uma habilidade de anos anteriores.

Dessa forma, após a avaliação bimestral, a professora supervisora orientou que agora seria feita uma revisão nos conteúdos que os alunos tiveram mais dificuldade e cometeram mais erros nas avaliações internas. Aproveitando a oportunidade, fiz algumas pesquisas e encontrei uma atividade envolvendo batalha naval, mas estava em um nível muito baixo, pensei a respeito e comecei a desenvolver a atividade exitosa escolhida, questionando a supervisora quanto à sua aprovação e sugestões.

Elementos que nortearam a atividade

Abaixo é possível encontrar a parte mais objetiva da atividade, sua etapa técnica, contendo os mínimos detalhes necessários para seu desenvolvimento. O momento teórico que

deve ser ministrado pelo docente antes de aplicar a atividade exitosa, extremamente importante para que se obtenha sucesso na execução. Como dito anteriormente, a atividade exitosa contém os conteúdos de plano cartesiano e regra de três, como mostra o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Resumo da prática.

Série/Ano		7º ano.
Unidade temática		Geometria e Álgebra.
Objetos de conhecimento		- Plano cartesiano: coordenadas cartesianas (1º quadrante) e representação de deslocamentos no plano cartesiano. - Problemas envolvendo grandezas diretamente proporcionais e grandezas inversamente proporcionais.
Habilidade(s)		(EF05MA14) Utilizar e compreender diferentes representações para a localização de objetos no plano, como mapas, células em planilhas eletrônicas e coordenadas geográficas, a fim de desenvolver as primeiras noções de coordenadas cartesianas. (Ceará, 2019, p. 425) (EF07MA17) Resolver e elaborar problemas que envolvam variação de proporcionalidade direta e de proporcionalidade inversa entre duas grandezas, utilizando sentença algébrica para expressar a relação entre elas. (Ceará, 2019, p. 439)
Objetivos	Docente	- Revisar como localizar pares ordenados; - Mostrar conversão através da regra de três; - Apresentar a regra de três por meio de situações-problema; - Orientar os estudantes na solução de situações que envolvem regra de três.
	Aluno	- Relembrar como localizar um par ordenado; - Entender os processos usados para solucionar uma regra de três; - Realizar as resoluções das situações-problema.
		- Lousa; - Pincel; - Apagador; - Duas folhas de ofício contendo em sua parte frontal

Materiais necessários	o tabuleiro da batalha naval juntamente com alguns questionamentos, o verso destas folhas deve conter outro tabuleiro, desta vez em branco, simbolizando o território adversário, ao lado das orientações para a atividade exitosa; - É necessário um pequeno enredo para contextualizar a batalha naval e os conteúdos que serão utilizados, é melhor que este enredo seja impresso.
Conhecimentos prévios	Quadrantes; Coordenadas de pontos.
Procedimentos/ instrumentos de avaliação	Através da participação no momento da recapitulação dos conceitos e nos exemplos realizados no momento da aula. Também por meio da participação durante a gincana, na escolha dos pares ordenados e nos cálculos realizados pelo grupo.
Duração	2h.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como destacado na apresentação do motivo para a aplicação desta atividade, afirmei tratar-se de uma regência envolvendo revisão de conteúdos, em específico, aqueles onde houve mais dificuldade por parte dos alunos. Assim, também ocorreu de precisar trabalhar novamente conceitos de anos anteriores, como foi mostrado no Quadro 1, em habilidades, na qual necessita-se do conhecimento das noções de coordenadas cartesianas, trabalhado no 5º ano, mas que a turma ainda continha algumas dúvidas.

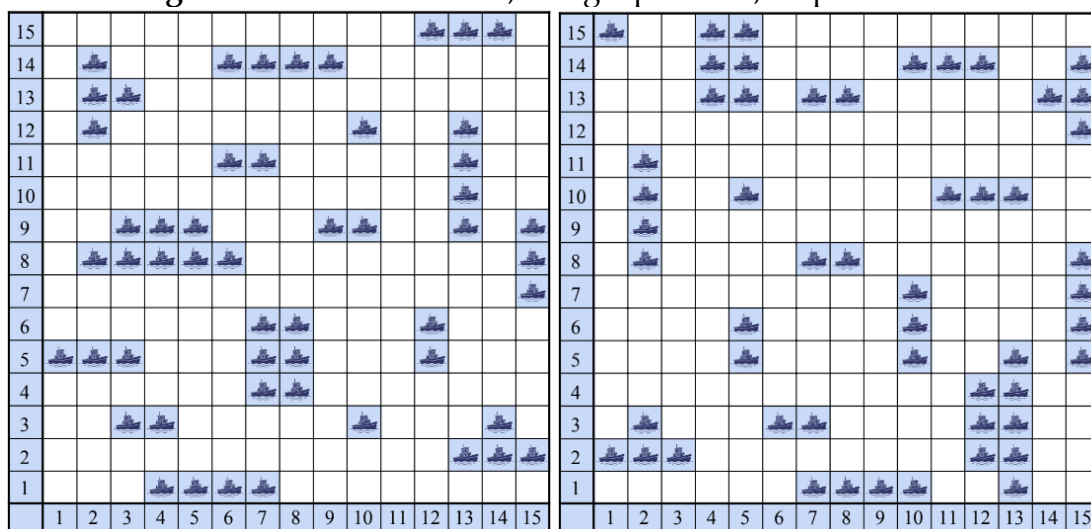
Além do mais, como era preciso praticar alguns exercícios antes, assim como uma recapitulação conceitual, seriam necessárias duas horas para esclarecer assuntos trabalhados de forma a contribuir no aporte teórico dos alunos no momento da prática. Nesse sentido, foi destinada cerca de uma hora para essa revisão e a outra para orientação da atividade, auxiliando quando houvesse incertezas entre os alunos.

Além disso, outro elemento essencial para esta atividade, é a confecção dos tabuleiros, este momento diz respeito a uma

etapa presente no momento do planejamento. De início, uma batalha naval consiste em um tabuleiro onde há uma linha numérica e uma coluna alfabética, ou vice-versa. Todavia, para entrar no contexto desejado, alterei essas informações, manipulando um tabuleiro quadrado onde havia apenas coordenadas numéricas, ambas partindo do 1 e alcançando o máximo de 15, de maneira semelhante ao primeiro quadrante do plano cartesiano.

Como a batalha naval é um jogo entre dois oponentes, com o intuito de afundar as embarcações adversárias, então, optei por dividir a turma em dois grupos, sendo necessário confeccionar dois tabuleiros, realizei este passo fazendo uso do *software* Excel, pois era de fácil manipulação, tanto para manter as colunas e linhas simétricas quanto para a transferência das embarcações. Para ser uma disputa justa, produzi tabuleiros com a mesma quantidade de embarcações, 53, mas com disposições distintas, como mostra a figura abaixo.

Figura 1 – Tabuleiros 1 e 2, dos grupos 1 e 2, respectivamente



Fonte: Elaborado pela autora.

Desenvolvimento da atividade

Confira a seguir os passos necessários para a realização da atividade exitosa.

PASSO 1: RECAPITULAÇÃO DOS CONTEÚDOS

Inicialmente, fiz uso da lousa e do pincel para revisar o conteúdo de plano cartesiano, abordando os eixos e como localizar um par ordenado no plano, realizei exemplos de pontos para melhorar na compreensão, buscando a participação deles durante a escolha destes pontos.

Além disso, também dediquei tempo para a resolução de algumas situações-problema sobre regra de três, abordando o modo de resolução, para, posteriormente, executar alguns exemplos deste conteúdo, instigando a colaboração dos discentes para solucionar parte das lições.

PASSO 2: DIVISÃO DA TURMA EM DOIS GRUPOS.

Como dito anteriormente, a batalha naval é um tabuleiro para dois oponentes, adaptando para a sala de aula, pedi para que formassem dois grupos, anotando no quadro o nome de cada integrante.

PASSO 3: ENTREGA DAS FOLHAS DE OFÍCIO

Agora, com todos já divididos, entreguei, para cada grupo, uma folha de ofício, onde na parte frontal havia um dos tabuleiros da Figura 1, necessariamente, o grupo 1 deve ficar com a folha de ofício contendo o tabuleiro 1, enquanto o grupo 2 deve receber a folha contendo o tabuleiro 2.

PASSO 4: LEITURA DO ENREDO

Após a repartição, fiz a leitura de um enredo que criei, na etapa de planejamento, com o intuito de contextualizar e mesclar a batalha naval com o conteúdo de regra de três. Confira o enredo:

“Os piratas costumam navegar em grupo, onde as embarcações permanecem sozinhas ou em equipes. Existem dois grupos rivais que estão em conflito, grupo 1 e grupo 2, arremessando 5 bolas de canhão consecutivamente e aguardando o ataque inimigo, na tentativa de afundar as embarcações de seu adversário para roubar suas moedas.

Sabe-se que cada embarcação carrega dois baús com moedas de ouro, em cada baú há cerca de 8.500 moedas de ouro, que pesam 4,4 gramas cada uma, além disso, 1 grama de ouro vale 315,12 reais.

A disposição frontal da atividade do grupo 2 é semelhante, alterando apenas para o tabuleiro 2, que não deve ser compartilhado com o grupo 1, ou vice-versa. Assim, neste passo, todos devem preencher as perguntas de acordo com o enredo lido no passo 4.

PASSO 7: LEITURA DAS ORIENTAÇÕES NO VERSO DA FOLHA DE OFÍCIO

O verso da folha de ofício é o mesmo para ambos os grupos, no qual encontram-se seis orientações fundamentais para o jogo e um tabuleiro totalmente em branco, representando o território inimigo. Confira as orientações abaixo:

1. Selecione um capitão para mirar nas embarcações;
2. A localização de cada navegação é obtida pelo par ordenado (x, y) e deverá ser marcada no plano pelo capitão;
3. Cada um dos piratas do grupo realizará cinco arremessos consecutivos;
4. Marque um X em todo local que a bola de canhão acertar o território inimigo;
5. Pinte o quadrado quando conseguir afundar uma embarcação;
6. Conte quantas embarcações inimigas o grupo conseguiu afundar.

Tais orientações são as mesmas para ambas as equipes e estão contidas no verso da folha de ofício, como mostra a figura abaixo.

Figura 3 – Folha de ofício (verso)

Ataque a embarcação de seu inimigo e veja quanto ouro consegue roubar!

Este é o território inimigo, existem embarcações espalhadas por todo lado.

Orientações para ataque

- Selecione um capitão para mirar nas embarcações;
- A localização de cada navegação é obtida pelo par ordenado (x, y) e deverá ser marcada no plano pelo capitão;
- Cada um dos piratas do grupo realizará cinco arremessos consecutivos;
- Marque um X em todo local que a bola de canhão acertar o território inimigo;
- Pinte o quadrado quando conseguir afundar uma embarcação;
- Conte quantas embarcações inimigas o grupo conseguiu afundar.

Ao final da batalha

Quantos baús conseguiram? _____.

Quantos reais conseguiram afundando as embarcações inimigas?

15															
14															
13															
12															
11															
10															
9															
8															
7															
6															
5															
4															
3															
2															
1															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

Fonte: Elaborado pela autora.

PASSO 8: CONTAGEM DOS BAÚS E DAS EMBARCAÇÕES

Por fim, quando todos os integrantes do grupo realizarem os cinco arremessos, será o fim da batalha, sem necessidade de mais tentativas. Dessa forma, finalizo a atividade exitosa com dois questionamentos, sendo eles:

1. Quantos baús conseguiram?
2. Quantos reais conseguiram afundando as embarcações inimigas?

Reflexões sobre a atividade

Acredito que as revisões eram necessárias para aplicação desta atividade e, por conta de todo o contexto trabalhado, durante a aplicação, os alunos nem mesmo percebiam o uso da matemática no pequeno confronto. Eu acompanhava e marcava cada par ordenado, conferindo se realmente estavam localizando corretamente, algo confirmado quando os próprios alunos anunciavam quando o grupo oposto afundava ou não suas embarcações. Quando havia algum equívoco entre as coordenadas era preciso intervir rapidamente, lembrando que

o ponto deveria ser (x, y) , compreendido de imediato, pois havíamos revisado antes da dinâmica.

Exceto pela animação exagerada, quando acertavam as embarcações do outro grupo, a atividade ocorreu de maneira simples e tranquila, uma vez que, estavam entusiasmados pela vitória, aplicando de modo rápido o que havia sido trabalhado. Como cada integrante do grupo precisava mencionar cinco arremessos, equivalente a cinco pares ordenados, foi fácil observar quem estava participando, auxiliando no meu processo de avaliação.

Após a aplicação da atividade, eu e a supervisora concluímos que houve um melhor entendimento dos alunos, em específico, quanto ao plano cartesiano, foco conceitual que motivou a criação desta prática. Ao trabalhar fazendo uso do jogo de tabuleiro pude notar o entusiasmo da turma, além da contribuição na visualização dos pontos no plano cartesiano, que, no contexto dado, era equivalente às embarcações, compreendido rapidamente por eles, até mesmo paravam para analisar onde seria o outro par ordenado, tentando apanhar aqueles próximos aos acertos anteriores.

Entretanto, cada grupo ficou com apenas uma folha de ofício, com o intuito de contribuir no trabalho em equipe, em parte funcionou, planejavam estratégias juntos, principalmente quando chegava o momento da seleção dos arremessos, no qual cada um do grupo deveria escolher cinco pares ordenados. No entanto, pelo grupo ser grande, foi perceptível a falta de interação entre alguns alunos, que permaneceram apenas observando durante grande parte da atividade, possivelmente por não haver uma comunicação tão íntima entre todos, visto que, é notável a existência de grupos com amigos mais próximos dentro de uma sala de aula.

Além de tudo, infelizmente, ainda houve alunos que preferiram não participar da dinâmica, sendo necessário passar uma atividade diferente para eles, algo que não estava

relacionado com o conteúdo abordado na atividade exitosa. Assim, alguns dos que notei ter certa dificuldade, não conseguiram aproveitar essa oportunidade de aprendizado, mesmo sendo uma aula com “recursos diferentes”.

Perspectivas para futuras aplicações

Sugiro que para uma futura aplicação desta prática, cada aluno do grupo receba uma folha de ofício, como na Figura 2 e 3, com isso, todos estariam acompanhando cada arremesso e praticando a localização dos pontos no primeiro quadrante do plano cartesiano. Entretanto, também devem ser entregue folhas de ofício com os tabuleiros para aqueles que não desejam participar dos grupos principais, poderia até mesmo selecionar objetivos distintos, algo que possam resolver individualmente, como selecionar vinte embarcações e escrever suas coordenadas no caderno.

Além disso, algo que não sei se funcionaria com tanto êxito, até pensei em englobar na prática, mas tive um certo receio por estar sendo avaliada como estagiária, que seria a escolha de músicas relacionadas ao tema de pirata, pois trata-se de um confronto entre dois grupos, o que tornaria um pouco mais realista e contribuiria em determinados momentos, já que, em alguns instantes, havia silêncio durante alguns minutos, referentes ao tempo em que estavam planejando o próximo ataque.

Por fim, outra sugestão seria fazer uso dos demais quadrantes, dependendo do nível da turma, como já sabia do histórico e do impasse quanto a esse conteúdo, não optei por adicionar os demais quadrantes, auxiliando apenas na repetição da prática de pontos envolvendo ambas as coordenadas positivas, mas é algo que pode ser explorado e utilizado em adaptações futuras.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM

MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A MINHA FORMAÇÃO

O estágio como momento de formação da/ e para a prática

A partir dos Estágios Supervisionados, há a visualização das diversas mudanças necessárias para enfrentar os obstáculos encontrados no momento de lecionar. Dessa forma, parti da reflexão sobre o contexto, para possibilitar abordar a construção da carreira docente atualmente, que necessita de saberes diretamente relacionados à prática.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), determina compromissos individuais e sociais no desenvolvimento educativo. Segundo ela, há situações, já no século XX, que afetam no ensino, como o avanço científico e a economia, ocorrido de maneira desigual e causando um impacto negativo na sociedade, fazendo-se necessária a criação de novas políticas educacionais (Lima, 2008).

Com isso, é cobrado dos docentes novas maneiras de trabalhar em sala de aula, por conta de problemas sociais, de forma a contribuir na educação, buscando torná-la mais adequada. Assim, procurei me atentar e discutir com a supervisora sobre os métodos de ensino, já que, é justamente no estágio, onde deve ser realizada uma investigação e análise das atividades, sendo um período de grande importância para a nossa formação docente.

Durante meu estágio, havia situações em que a professora utilizava objetos e situações presentes na escola concedente, algo próximo à realidade dos alunos. Assim, ao chegar na etapa das minhas regências, também realizei tais relações, justamente por estar relacionando o conceito trabalhado como um meio que contribui diretamente na compreensão dos alunos, sem utilizar algo fora da realidade social da escola.

No entanto, também encontrei muitos obstáculos ao longo dos procedimentos referentes ao estágio, assim como menciona

Lima (2008), pode-se ser citada a realização do mesmo durante o período letivo, todo um trabalho complexo, em um semestre, o que acaba dificultando na aprendizagem de conhecimentos presentes nesta experiência de estágio. Ainda nesse quesito, concordo com Lima (2008) e posso reforçar a aproximação de duas instituições de ensino, ambas com o objetivo de colaborar em nossa formação, entretanto, entre a universidade e a escola estamos nós, estagiários, aflitos entre alcançar os objetivos acadêmicos e adquirir novas aprendizagens para nossa formação.

Com base nisto, considero, tal como Bourdieu (2003), a escola como um espaço de poder, assim como as universidades, o que possibilita notar a grande abrangência do estágio, juntamente com suas práticas. Além disso, Bourdieu (2003) afirma que sempre existirá padrões nas instituições de ensino, o que pude perceber durante este período, algo que, se não tivermos conhecimento sobre, pode acarretar complicações sérias e dificuldades neste período, visto que, segundo Bourdieu (2003), neste momento, ocorre, na escola de Educação Básica, a união de culturas distintas, tanto dos alunos quanto dos formadores e estagiários.

No que diz respeito a ensinar e aprender, posso afirmar que não há uma fórmula pré-determinada, uma vez que, a docência se constrói a partir das práticas em sala de aula, interligadas com a teoria, cada nova situação agrega na formação do professor. Com o estágio, pude presenciar as minhas primeiras experiências no Ensino Fundamental – Anos Finais, que contribuirá diretamente na minha profissão, visto que, tive o máximo de aprendizagens profissionais possíveis disponibilizadas pela escola, uma vez que, por Lima (2008), houve o envolvimento de muitos contextos, como cultura, etnia, idade, relações de trabalho, dentre outros pontos.

Dessa forma, posso dizer que encontrei muito dos requisitos abordados durante esse tópico, principalmente por

estar estagiando em duas turmas, é perceptível a diferença de pensar e agir. Contudo, tais desafios encontrados contribuíram diretamente em minha formação, visto que, observei e planejei de acordo com o ambiente e as disposições escolares.

O estágio como momento para aproximar a pesquisa da prática

Hoje, posso afirmar, assim como Pimenta e Lima (2010), que o estágio docente deve ser além de uma experiência técnica, deve ser alterado para considerar o professor um sujeito de conhecimento, possível apenas se englobar novas práticas no ambiente escolar, diretamente relacionadas com a realidade. Para o professor intelectual crítico reflexivo, em específico, a docência deve ser exercida de forma que não haja a separação entre a teoria e a prática, que se refere à intenção e à ação do docente (Pimenta, 2009; Lima, 2012). Assim, para esta concepção de professor, temos que sua atuação é práxis, que, segundo Lima (2012), diz respeito à transformação do natural, humano e social.

Além disso, como contempla Giglio et al. (2011), aponto que, neste período de estágio, presenciei a realidade docente e as normas governamentais presentes no ambiente escolar, algo que permite, a nós, graduandos, e ao professor da universidade, notar a complexa realidade escolar das instituições concedentes do estágio, fazendo com que este período seja de extrema contribuição para a formação do licenciando.

Para Pimenta e Lima (2010), a teoria, neste período, disponibiliza meios e métodos para explorar e questionar as ações docentes, uma vez que, as teorias são instáveis por conta das diferentes realidades. Para Pimenta (2009), este seria o momento de o graduando notar a práxis presente nos profissionais e formar sua própria práxis para atuar quando formado, assim, também me atentei ao estágio como uma atividade de investigação, não somente como um período de prática.

Portanto, temos que o estágio é uma maneira de evitar a

separação entre a teoria e a prática, algo que relato como experiência, por conta do uso de pesquisas que realizei nesta disciplina, que, segundo Pimenta e Lima (2010), é por meio delas que há um melhor entendimento das realidades existentes nas escolas. O estágio, a partir de pesquisas, procura compreender e analisar as ações pedagógicas executadas no ambiente escolar. Este pensamento é reforçado por Pavanello (2003), que julga essencial a pesquisa para obter uma formação docente adequada.

Ainda nesta visão, assim como para Manrique e Lüdke (2008), pude notar que a pesquisa, em conjunto com os desempenhos práticos e do estágio, me possibilitou assimilar os procedimentos de aprendizagem, além de permitir uma independência na análise da realidade das escolas. Enquanto isso, Ghedin (2006), assinala que no estágio deve ser exercida a prática-teoria-prática, concordo e acredito ser essencial para este período, uma vez que, compreendi entendimentos oriundos da ação, por meio do aperfeiçoamento de teorias diretamente relacionadas com contextos reais, ou seja, sociais, históricos, políticos, entre outros.

Para autores como Ghedin (2006), Lima (2012) e Fiorentini (2004), o estágio como pesquisa, para o professor intelectual crítico reflexivo, deve ser baseado na investigação e no graduando como indivíduo de aprendizagem neste processo. Tais investigações têm como foco as situações-problema que atingem as escolas e possíveis soluções feitas juntamente com a universidade, sendo fundamental a relação entre o estagiário, o professor da universidade e o professor supervisor da Educação Básica.

Assim, a pesquisa no estágio contribuiu muito para a minha formação, uma vez que, me permitiu obter um caráter investigativo, realizando buscas por jogos e atividades que auxiliassem em um melhor desenvolvimento das situações que vivenciei no estágio. Neste quesito, pode-se citar o surgimento de duas concepções de professor, o reflexivo e o pesquisador, na

qual, para a primeira concepção, temos, para Donald Schön (1992), que o profissional formado apenas com as disciplinas da grade curricular e a aplicação do estágio como um período prático, não tem conhecimento suficiente para responder aos problemas enfrentados diariamente por docentes.

Portanto, podemos concluir trazendo à tona, novamente, o foco do estágio, discutido em Dauanny, Lima e Pimenta (2019), sendo este, um período de formação intimamente ligado à produção teórico-prático, objetivando a mudança da visão do professor como um docente técnico para um profissional reflexivo, baseado na sua transformação social pedagógica. Em outras palavras, no meu período de estágio supervisionado, presenciei uma aproximação com a realidade escolar, sendo de caráter teórico, visto que, realizei um apanhado de saberes acerca da profissão docente.

O estágio como possibilidade de articulação entre teoria e prática

Segundo Lima e Pimenta (2006), o estágio não é uma simples execução de instrumentos, como é visto comumente. Entretanto, compreendi essa etapa como um campo de conhecimento, onde ocorreu uma interação do curso de matemática com o âmbito social, visando o desenvolvimento de práticas educativas, sendo uma possibilidade de tornar o estágio uma atividade de pesquisa. Todavia, o estágio ainda é, frequentemente, visto como a parte prática dos cursos, onde há muitas afirmações de que a execução da profissão é aprendida na prática.

Adentrando na discussão acerca da teoria e prática, temos que, havia uma redução aos estágios, fazendo com que se tornasse insuficiente no quesito de práticas escolares, sendo necessária uma união da teoria e prática. Primeiramente, segundo Lima e Pimenta (2006), afirma-se que o professor é capaz de interferir na realidade social, com isso, esta profissão é

considerada uma prática social, atividade compreendida em duas condições, a prática e a ação.

Segundo Sacristán (1999), a prática seria todo um modelo de educar, diretamente relacionada com as diretrizes da instituição, ou seja, esta prática é institucionalizada, enquanto isso, a ação seria a maneira de agir em geral, considerando seus pensamentos, valores, relacionamentos, entre outros, isto é, refere-se diretamente ao sujeito, ou, neste caso, ao próprio docente.

Sintetizando, por Pimenta e Lima (2006), pode-se dizer que a ação, de forma filosófica, está atrelada ao cumprimento de tarefas que apresentam objetivos, finalidades e meios. Portanto, a ação pedagógica será justamente as ações realizadas coletivamente no ambiente escolar com focos pré-determinados. Pode acontecer do docente não ter certeza dos objetivos relacionados às suas ações, por conta dessas situações que é essencial haver uma reflexão na e das ações pedagógicas, sendo função das teorias selecionar os meios e métodos mais adequados para o estudo desse procedimento reflexivo.

Diante dessas exposições, podemos retornar ao estágio e discutir sua relação com teoria e prática, algo que observei e pratiquei durante o período na escola, principalmente através dos encontros com a professora e as regências nas turmas. Nesta perspectiva, posso dizer que o estágio funcionou como um aproximador da realidade, distanciando a ideia de disciplina prática do curso, visto que, seu foco agora é refletir com base na realidade vivenciada por nós, estagiários. Ainda nesse ponto, Pimenta (1994) inclui a importância da práxis, que se refere à transformação da realidade e seu uso objetiva a superação da separação entre teoria e prática.

Assim, enfatiza-se a importância da experiência e reflexão nos momentos em sala de aula, considerados situações de aprendizados, pois será nessas ocasiões que o professor encontrará soluções, construindo conhecimentos. A reflexão da

atividade, feita anteriormente, acerca das minhas observações durante a prática da batalha naval, e as perspectivas apontadas logo em seguida, são ótimos exemplos, é fundamental realizar este momento durante e após as regências, pois é a partir dele que podemos observar toda a influência da atividade pensada, se surtiu como planejado, se poderia melhorar, se foi eficaz e assim por diante.

Portanto, Schön (1992) enaltece a prática no estágio, mas que envolva a reflexão, para que seja possível questionar e chegar nas soluções dos obstáculos enfrentados diariamente, assim como abordei anteriormente quanto ao não desejo dos alunos de participarem, sendo criadas teorias para essas situações em sala, onde o professor passa a ser visto como um produtor de saberes, formando uma epistemologia da prática docente e adentrando na questão de professor pesquisador, pois utiliza sua experiência com objetivo de encontrar respostas.

Todavia, segundo Giroux (1990), não basta uma mera reflexão dos momentos em sala de aula, necessita-se refletir sobre a influência da realidade social, como, por exemplo, os motivos para os alunos não participarem da atividade que apliquei.

Dessa forma, o estágio seria um momento de pesquisa, não universal, pois cada escola porta realidades sociais distintas que influenciam diretamente nas ações do docente, mas como uma maneira de contribuir nas pesquisas e construção de possíveis projetos, já norteando outros estagiários, e até docentes, neste contato com a escola. As diferentes realidades escolares são fatos notados quando houve uma troca de relatos de experiências dos demais discentes que estão realizando o estágio, pois sempre estão apresentando aspectos distintos, até mesmo em escolas do mesmo município.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Como evidenciei na introdução, o estágio é, na minha concepção, um divisor de águas, pois tive diversas experiências e sentimentos desde o início desta disciplina, mas, que acrescentaram em minha formação, logo, julgo extremamente essencial a etapa de convívio com as turmas. No decorrer do tempo na escola, surgiram muitos laços com os integrantes, inclusive com os alunos, que, após me conhecer, me recebiam com abraços e sorrisos, além de convidarem para futuras comemorações da turma.

Assim, pude presenciar a funcionalidade da escola e adquirir conhecimentos que não era possível obter apenas em linhas de textos, porém, também pude aplicar muito do que foi discutido na universidade. Dessa forma, posso afirmar que sempre há uma relação entre a parte teórica e a prática, visto que, para o sucesso do estágio, foi necessário receber orientações tanto do professor orientador quanto da professora supervisora, explorei e analisei cada informação antes de chegar às conclusões tomadas ao longo deste período.

Com isso, a escola concedente do estágio consiste em um campo de conhecimentos, uma vez que, contempla um apanhado de informações e situações que estão presentes nas entrelinhas da licenciatura. Nos fazendo refletir sobre e, concluir que a formação de licenciatura não é apenas ministrar uma aula, é mais do que surgir à frente de uma sala de aula e realizar uma exposição conceitual, engloba toda uma síntese construída e com uma pequena prévia desta no estágio.

Este estágio possibilitou meu primeiro contato com o Ensino Fundamental, apesar disso, já tenho experiências com alunos do Ensino Médio, por conta de programas disponibilizados pelo Estado, o que não me impediu de evoluir profissionalmente com o estágio atual. Me esforçarei ao máximo para finalizar a graduação com excelência, exercendo com afinco o que estou estudando, não deixando de lado minhas responsabilidades docentes. Caso houvesse alguma

oportunidade de permanência na licenciatura, teria uma preferência para o Ensino Superior, mesmo me dando muito bem com os adolescentes neste período em que leciono.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli e outros. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CEARÁ. **Documento curricular referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. (2019). A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, (3). 2019. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4274>.

FIorentini, Dario. A didática e a prática de ensino mediadas pela investigação sobre a prática In ROMANOWSKI, J., JUNQUEIRA, S. (Orgs). **Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente**. Curitiba: Champagnat, 2004. v. 1, p. 243-257.

GHEDIN, Evandro. A articulação entre estágio-pesquisa na formação do professor-pesquisador e seus fundamentos. In BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Formação de educadores: artes e técnicas –ciências e políticas**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

GIROUX, Henry A. **Los profesores como intelectuales – hacia una pedagogía crítica del apredizaje**. Barcelona / Madrid. Paidós.1990.

GIGLIO, Celia Maria Benedicto. et al. Residência Pedagógica: diálogo permanente entre a formação inicial e a formação contínua de professores e pedagogos. In: GOMES, M. de O. (Org.) **Estágios na formação de professores**: Possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 15-46.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. Poíesis Pedagógica**, Goiânia, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 8 ago. 2023.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2008, vol.08, n.23, pp.195-205. ISSN 1981-416X. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416X2008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 ago. 2023.

MANRIQUE, Ana Lúcia; LÜDKE, Menga. O estágio em cursos de Licenciatura: qual reflexão? Que conhecimentos? In **VII Seminário Redestrado** – Nuevas Regulaciones en América Latina. Buenos Aires. 2008. p. 1-19.

PAVANELLO, Regina Maria. A pesquisa na formação de professores de matemática para a escola básica. **Educação Matemática em Revista**, v. 10, n. 15, p. 8-13, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1994.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

SCHÖN, Donald. “Formar professores como profissionais reflexivos”. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ORGANIZADORES



**FRANCISCO WAGNER
SOARES OLIVEIRA**

Professor adjunto do Curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, centro da Universidade Estadual do Ceará. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) (2023). Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (PGECM/IFCE) (2019). Graduado em Licenciatura Plena em Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Canindé (2017). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e História da Matemática (GPEHM/UECE).



**MARIA CRISTIANE
MAGALHÃES BRANDÃO**

Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal do Ceará (2002), mestrado em Matemática pela Universidade Federal do Ceará (2004) e doutorado em Matemática pela Universidade Federal do Ceará (2014). Atualmente é professora assistente da Universidade Estadual do Ceará atuando principalmente nos seguintes temas: curvatura, riemannian submersions, superfície, parabolicity e curvas.

ORGANIZADORES



**WANDERLEY DE OLIVEIRA
PEREIRA**

Possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (2011), Mestrado em Matemática pela Universidade Federal do Ceará (2013) e Doutorado em Matemática pela Universidade Federal do Ceará (2018). Sua área de estudo é Geometria Diferencial. Atualmente é Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, centro da Universidade Estadual do Ceará.



**ANA CAROLINA
COSTA PEREIRA**

Ana Carolina Costa Pereira possui graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual do Ceará, mestrado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pós-doutorado em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como docente adjunta do curso de Licenciatura em Matemática e do Programa de Pós-graduação em Educação, ambos da Universidade Estadual do Ceará; e do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Ela é líder do Grupo de Pesquisa em Educação e História da Matemática (GPEHM) e editora do Boletim Cearense de Educação e História da Matemática (BOCEHM). Tem experiência na área de Educação Matemática, com ênfase em História de Matemática, atuando principalmente na formação de professores de matemática e na interface entre história e ensino de matemática.

AUTORES



**LETÍCIA DE SOUZA
CASTRO**



**MARIA SOLENE PEREIRA
DE OLIVEIRA**



**FRANCISCO NARCÉLIO
NUNES DOS SANTOS**



**TALITA MEDEIROS
MENDES**



ALAN GOIANA MAIA



LAISA MOURA CHAVES



**MARIA JANIKELLY
DA SILVA MAIA**



LEANDRO COSTA MOURA



ISABEL SILVÂNIA DE LIMA



TAMIRIS PAULA DE MOURA

PROFESSORES SUPERVISORES



**Maria Francinete
de Freitas**

Professora da E.M.E.F. Evaldo Holanda Maia
Atua na Educação Básica há 39 anos
Fez a supervisão dos estagiários:
Maria Solene Pereira de Oliveira
Leandro Costa Moura



**Fernando Freire
da Silva**

Professor da E.M.E.F. Evaldo Holanda Maia
Atua na Educação Básica há 5 (cinco) anos
Fez a supervisão do estagiário:
Alan Goiana Maia



**Maria José de Freitas
de Oliveira Moura**

Professora da E.E.I.F. José Alves de Moura
Atua na Educação Básica há 14 anos
Fez a supervisão das estagiárias:
Letícia de Souza Castro
Tamiris Paula de Moura



**João Paulo
de Andrade Nunes**

Professor da E.M.E.F. Evaldo Holanda Maia
Atua na Educação Básica há 11 anos
Fez a supervisão do estagiário:
Francisco Narcélio Nunes dos Santos

PROFESSORES SUPERVISORES



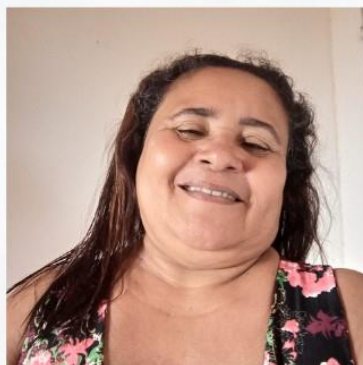
**José Luís
Nunes de Freitas**

Professor da E.E.F. Padre Joaquim de Meneses
Atua na Educação Básica há 22 anos
Fez a supervisão da estagiária:
Talita Medeiros Mendes



**Thiago
Severiano de Oliveira**

Professor da E.M.E.I.E.F. Padre Pedro de Alcântara
Atua na Educação Básica há 9 (nove) anos
Fez a supervisão da estagiária:
Isabel Silvânia de Lima



**Luziene
Sousa de Aquino**

Professora da E.E.I.F. Unidade Escolar NH-6
Atua na Educação Básica há 28 anos
Fez a supervisão da estagiária:
Maria Janikelly da Silva Maia

$$X_{1/2} = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$



$$X^2 + px + q = 0$$



$$X_{1/2} = -\frac{p}{2} \pm \sqrt{\left(\frac{p}{2}\right)^2 - q}$$



$$X = 6 - 2y$$

$$X + a = b$$

$$f(x) = \tan x$$

$$f(x) = \sin x$$

ISBN 978-655492051-3



9

786554

920513



Editora
UNIESMERO